

"De algum modo, o indivíduo e a opinião constituem dois pólos opostos. A opinião em face dos indivíduos representa um papel de regulação, de constrangimento; corresponde porém à conveniência de ordem social; depende de fatores indicadores da estrutura, das tendências de uma determinada sociedade ou de um grupo social. Sob pena de se marginalizar, o indivíduo deve ajustar-se à opinião, subordinar-se às suas exigências, aos seus desejos, aos seus apetites ou, pelo menos, formalizar suas apetências e objetos de tal maneira que a satisfação dos mesmos seja aprovada ou tolerada por essa opinião. Por conseguinte, o que aprende a exprimir e a conhecer dos seus desejos representa a soma do aspecto socializado. Todo o acervo de noções, embora provisoriamente sem utilização nem aplicações pessoais, adotado pelo indivíduo, através da opinião, constitui a indispensável moeda de troca ou mesmo, eventualmente, funciona como modelos e veículos da ação."

difusão europeia do livro

AS ORIGENS DO CARÁTER NA CRIANÇA

HENRI WALLON

difusão europeia do livro



HENRI WALLON

AS
ORIGENS DO CARÁTER
NA CRIANÇA

Os Prelúdios do Sentimento de
Personalidade

Tradução de
PEDRO DA SILVA DANTAS



DIFUSÃO EUROPEIA DO LIVRO

Rua Bento Freitas, 362 — 6.º

Rua Marquês de Itu, 79

SÃO PAULO

1971

Copyright by
Presses Universitaires de France, Paris
Direitos exclusivos para a língua portuguesa:
Difusão Européia do Livro, São Paulo

PRÓLOGO

As três partes componentes dêste livro constituem a reprodução de três estudos vindos à luz do seguinte modo: o primeiro, na *Revue de Cours et Conférences*, em 1930, representado por sete artigos; o segundo e o terceiro, publicados no *Journal de Psychologie* (novembro-dezembro de 1931 e de 1932). Além disso, tais partes nada mais são do que o resultado de cursos proferidos na Sorbonne durante os períodos de 1929-30 e 1930-31. O texto passou apenas por discretos retoques quanto à forma e foi subdividido em capítulos. Algumas notas, simples referências ou notas explicativas, três capítulos, ou seja: êste prólogo, a conclusão da primeira parte e as conclusões gerais, constituíram as achegas dêste volume.

A reunião em volume de artigos ou coleção de trabalhos escritos, a princípio com a intenção de terem, mais ou menos, vida própria, apresenta vantagens e inconveniências. Em geral, revelam-se as primeiras na sua maior diversidade de concepções e na maior facilidade para o tratamento de cada tema de modo atual. As inconveniências talvez residam, de um lado, na falta de unidade e na dispersão e, do outro, nas repetições ou redundâncias.

A unidade dêste livro deve-se, contudo, à harmonia das idéias que nêle se contêm. Todavia, a unidade da apresentação poderá encontrar uma garantia no fato de que a ordem em que tais idéias foram aqui desenvolvidas, lembra, mais ou menos, a unidade conceitual dos cursos dos quais foram extraídas. Quanto ao risco de repetições, o remédio teria sido recorrer a cortes e supressões: êste recurso não nos pareceu possível. Por certo, em sua composição, as três partes do livro apresentam uma espécie de paralelismo. O retôrno às fontes primá-

rias da vida psíquica representa o marco inicial de cada uma delas. Abeirando-se, muito embora nas mesmas manifestações, recorre cada uma de modo diferente a essas origens primeiras. De certo modo, e ao mesmo tempo, damos ênfase à substância comum de onde procedem as diferentes realizações da vida psíquica aqui estudadas, e às delimitações e diferenciações precocíssimas por elas suscitadas. Para maior evidência dessas manifestações, o melhor seria estudar cada uma delas em seu momento preciso.

Pois bem, qual é a utilidade desta reedição? Antes de tudo, vale a pena informar que se esgotaram os diversos números da *Revue des Cours et Conférences*, onde surgiram os artigos relativos à primeira seção desta obra. Além do mais, muitas das idéias nêles ventiladas, ou anteriormente, em *L'Enfant turbulent*, tais como: a distinção entre emoção e automatismo, a grande capacidade das emoções para criar associações condicionais, as relações do medo com o equilíbrio ⁽¹⁾, retomadas depois, umas e outras, por alguns autores, fizeram-me parecer oportuno lembrar, no seu conjunto, os fatos e as concepções que me induziram a semelhantes interpretações, as quais sempre se insinuaram como sua melhor demonstração. Finalmente, o enfeixe dêstes três estudos, lançados separadamente, realiza um nôvo conjunto. Pois, êles não se limitam a se justapor: completam-se mutuamente. E não só no sentido da incidência de cada uma dessas idéias em um dos três grandes aspectos alcançados pelas realizações psíquicas da criança durante os três primeiros anos, mas também pelo fato de revelarem os encadeamentos e concordâncias surgidas entre aquelas realizações.

Poder-se-á comprovar, com freqüência, nesta obra, a tendência a não estudar os fatos em série fechada, mas, antes, a encará-los em vários dos diferentes conjuntos dos quais podem participar. Por exemplo, o conjunto cronológico dos três primeiros anos, — conteúdo primacial dêste volume — é, aliás, estudado em suas relações com as origens do caráter. Nós o

(1) Quanto a esta última — as relações do medo com o equilíbrio, — foi o assunto discutido no mesmo ano, 1925, por nós em "*L'Enfant turbulent*" e por J. B. Watson, *Ped. Sem.*, XXXII, p. 328-348 e 349-371.

delimitamos em função dêsse conjunto mais amplo. Não obstante, outros ainda intervirão no decorrer dêstes capítulos: tais como, os do comportamento histórico da espécie humana; os do comportamento animal, os das gêneses e das regressões funcionais, os dos ciclos psicofisiológicos etc.

Contudo, o domínio próprio da psicologia da criança parece suficientemente vasto para atender aos mais ambiciosos. Afigura-se-nos difícil, no presente, alguém percorrer semelhante domínio na sua totalidade, razão pela qual seus exploradores não cessarão de lhes estender os limites. A pretensão, porém, de se fixar intimamente em um dêsses marcos, culminaria apenas com a redação de inventários, enumerações cronológicas e simples descrições.

Isso, por certo, seria um alvo jamais atingido. A colheita de fatos jamais é puramente mecânica; possui sempre um significado mais ou menos explícito. O fato em si não existe; é sempre regularmente modelado por aquêle que o verifica. Responde, desta maneira, mais a decalques e rotinas que à individualização clarividente de traços fornecidos pela experiência. Na realidade, um fato revela interêsse na medida em que é determinado, e só o será pelas relações com alguma coisa que o sobrepuja, ou seja, com um conjunto o qual, de alguma forma, possa ser incorporado. É, pois, um conjunto de fisionomia e definição peculiares e que, pelos seus elementos componentes, se liga a outros conjuntos mais elementares. Disto resulta que, confrontar um fato com todos os sistemas a êle relacionados, significa não sòmente tratá-lo consoante sua natureza, mas também considerar como melhor observador aquêle que souber utilizar o maior número de sistemas, de modo sucessivo, a fim de o individualizar e de o explicar.

A psicologia, certamente, constitui um dos domínios onde a excessiva divisão estanque dos fatos estudados acarreta inconveniências. Com efeito, à medida que seu objeto mais se distancia das condições elementares, — isto é, daquelas geralmente qualificadas de materiais, — para ingressar na apreciação dos conjuntos de qualificação mais particular, a ignorância reinante correntemente, no estudo dêstes últimos, o amputa de suas condições determinantes. Semelhante posição representaria, por exemplo, o desconhecimento, por exemplo, da unidade indissolúvel entre a criança e o adulto, entre o homem

e a sociedade. E, não obstante, a espécie não pode encontrar sua razão de ser senão no tipo adulto e a criança tende para o adulto como o sistema para o equilíbrio. Da mesma forma, cindir o homem da sociedade, opor, como aliás é freqüente, o indivíduo à sociedade, significa lhe descortinar o cérebro. Pois se o desenvolvimento e a configuração de seus hemisférios cerebrais constituem, por assim dizer, os elementos que seguramente estabelecem a distinção entre a espécie humana e as espécies vizinhas, êsse desenvolvimento e essa configuração devem-se ao aparecimento de campos corticais; a exemplo da linguagem, a implicar a presença da sociedade, como os pulmões de uma espécie aérea supõem a existência da atmosfera.

Para o homem da sociedade é uma necessidade, uma realidade orgânica. Não significa dizer que esteja toda organizada no seu organismo; da mesma forma inexiste nos centros de linguagem, um sistema qualquer de língua falada antes de sua aprendizagem. A ação se faz em sentido contrário. Da sociedade o indivíduo recebe suas determinações; são para êle um complemento necessário; propende também para a vida social como para o estado de equilíbrio. Obviamente, seria supérfluo o acréscimo da inexistência de sociedades sem os indivíduos que a compusessem, nem tampouco sociedades humanas sem o homem e a sua organização psicofisiológica. Temos aí um aspecto da questão do qual o psicólogo não tem aplicações úteis a extrair, constituindo o indivíduo o objeto de seu estudo.

Dificuldades surgem em razão dos conjuntos naturais nos quais a vida psíquica se inscreve não terem sido levados em consideração. Por certo aí reside a origem de oposições, como as do mecanismo e as da finalidade, diante dos quais tanto ruído se tem feito pois, afinal de contas, tudo não passa, talvez, de um banal artefato. Decapitar um sistema de suas condições de equilíbrio, através de um corte, significa admitir-se nos fragmentos um princípio íntimo que os leva a evoluir do interior, por uma espécie de autocriação. Entretanto, qual é o sistema entre os mais elementares, entre os entregues, comumente, às leis mecânicas da matéria, no qual a mesma operação não provocaria conseqüências semelhantes?

Nos fatos do desenvolvimento humano, como também nos fenômenos vitais, por certo, intervém uma dificuldade que talvez não lhes seja especial, sendo porém aí mais aparente: refe-

rirmo-nos à extensão das etapas ao se encaminharem para o estado de equilíbrio. Vistos numa espécie de câmara lenta tendem a se fragmentar em momentos ou realidades distintas. Tais etapas se justapõem em períodos ou em estados estáticos. Entre elas inexiste verdadeira continuidade. A duração, o tempo lhes são exteriores. O tempo na explicação das coisas assume uma noção abstrata, um absoluto, um simples veículo sem participação real ⁽²⁾.

A finalidade, provavelmente, representa a desforra dêsse tempo absoluto, por sua vez investida de um papel destinado a explicar aquilo que, estaticamente, é inexplicável. Papel autônomo e absoluto, pois não há medida comum com os demais fatores convocados para a explicação das coisas. Por conseqüente a oposição do mecanismo e da finalidade, dentro dos nossos sistemas de conhecimento, seria a conseqüência da dissociação, operada por tateios, do pensamento nas tomadas com o real, diverso e mutável entre as coisas possíveis de fixação em imagens ou em conceitos estáticos pelo pensamento e o tempo. Como as coisas que se encontram em processo de transformação contínua foram separadas do seu devir ficou êste substituído por uma simples sucessão. Mas em compensação o devir aparece como existente em si mesmo e como dotado do poder de autocriação, ou seja, o de criar, em definitivo, as coisas. Antinomia entre a realidade do ser e aquilo que dêle nos é cognoscível.

O pensamento, mediante sua ilusão constante, atribui à natureza das coisas as discordâncias devidas à imperfeição dos seus processos. Ao se tornar evidente o desacôrdo entre tais processos e as exigências do conhecimento, os mesmos são sempre revogáveis. É o exemplo que a física está em via de nos oferecer ao operar a revisão dos seus princípios.

Nossa época, talvez em todos os domínios do conhecimento, nos levanta problemas a exigirem revisão, em tudo se-

(2) Frédéric Rauh tivera a percuciente intuição da insuficiência que apresenta essa atitude em psicologia, ao se esforçar para definir os estados de "tendência". Suas definições, entretanto, são puramente verbais. Faltaram os fatos a êste precursor. Ainda hoje, é preciso reuni-los, isto é, antes de tudo reconhecê-los e os conceber. Ver: "*De la méthode dans la psychologie des sentiments*", Paris, Alcan, 1899.

melhante às distinções antigas ou categorias. No campo da psicologia isso se demonstra pela insatisfação de tantos espíritos, levando-os a incursionar nas áreas da metafísica. Ora, o pouco oferecido pela análise dessas especulações, representa exatamente as noções do dever criador e da participação dos conjuntos onde o homem, ao se adentrar em si mesmo, deveria descobrir as razões da existência. Escoimados dos impulsos místicos, são, precisamente, aqueles para os quais vimos que nos orientam as necessidades da pesquisa científica. Todavia onde a metafísica, enamorada pelo absoluto e pela imobilidade, opõe o ser ao conhecimento, a ciência essencialmente relativista se aplica à tessitura de novas relações entre todos os sistemas; nestes se reparte nossa experiência das coisas e da vida, a fundi-los, cada vez mais uns nos outros e, segundo a exigência de unificação para o conhecimento, apontada por essa obra, teremos de reformular ou abolir as antigas distinções ou categorias intelectuais, as quais, por certo, viriam se opor a essa colocação relativista.

Fazer estas constatações não significa apresentar uma solução. Sem embargo, a física dispondo de métodos rigorosos e já com um acervo de resultados bem mais controlados que as ciências biológicas e, sobretudo, psicológicas, constitui um exemplo de como são extremas as dificuldades apresentadas numa revisão dessa ordem. Tal consideração não implica no delineamento de um programa de pesquisas; pretende apenas indicar uma direção e responder aos que, num trabalho dêsse porte, se vissem seduzidos a realçar "digressões".

INTRODUÇÃO

O PROBLEMA DO CARÁTER

Os métodos da psicologia tradicional, cujas pesquisas são ainda muito tateantes, revelam-se insuficientes ao estudo da psicologia do caráter, embora para esta a da criança possa oferecer uma decisiva contribuição.

Durante muito tempo o estudo sistemático do caráter consistiu em decompô-lo na soma de qualidades ou propriedades prováveis e aptos a defini-lo. Submetê-lo a essa análise significaria tomá-lo em estado puro, como um conjunto estável, por assim dizer acabado. Os elementos, para os quais tende a análise, representam noções inteligíveis cuja fórmula verbal, deverá ser assaz corrente e consagrada a fim de responder, em cada consciência, a um julgamento aceitável ou a um motivo plausível. Os julgamentos relacionam-se, necessariamente, ao uso ou à moral, em geral aceita; a casuística social ou a de grupos, mais ou menos particulares e restrito se baseia nos motivos costumeiros dêsses julgamentos. Em definitivo, o caráter se reduz aos termos dependentes, muito menos do que é intrínseco ao indivíduo, do que da opinião.

De algum modo, o indivíduo e a opinião constituem dois pólos opostos. A opinião em face dos indivíduos representa um papel de regulação, de constrangimento; corresponde porém à conveniência de ordem social; depende de fatores indicadores da estrutura, das tendências de uma determinada sociedade ou de um grupo social. Sob pena de se marginalizar, o indivíduo deve ajustar-se à opinião, subordinar-se às suas

exigências, aos seus desejos, aos seus apetites ou, pelo menos, formalizar suas apetências e objetos de tal maneira que a satisfação dos mesmos seja aprovada ou tolerada por essa opinião. Por conseguinte, o que aprende a exprimir e a conhecer dos seus desejos representa a soma do aspecto socializado. Todo o acêrvo de noções, embora provisoriamente sem utilização nem aplicações pessoais, adotado pelo indivíduo, através da opinião, constitui a indispensável moeda de troca ou mesmo, eventualmente, funciona como modelos e veículos de ação.

No seu afã de autoconhecer-se o homem sabe, apenas, por conseguinte, aplicar a si próprio uma opinião, cuja origem nem se encontra nêle nem nos demais; tal opinião, porém, a todos é imposta, pelo meio social e, através dêste, pelas condições e formas atuais da existência social. Com freqüência, critica-se com ênfase a estreiteza do fundamento puramente individual do método introspectivo; critica-se a necessidade do mesmo de estendê-lo a quaisquer pessoas a fim de atingir as noções gerais; critica-se essa extensão, sem provas, graças à simples simpatia ou *Einfühlung*, daquilo que seria, em sua origem, uma verdade, irredutivelmente individual; pois bem, tais críticas perfazem uma censura inexata. Na realidade, seu prejuízo é bem maior. A introspecção parte não do indivíduo mas do que não é inerente, peculiar a alguém, porque obrigatório para todos. Pretende ela, nessa mentalidade, de certo modo imposta, achar as forças vivas do indivíduo, os fatores de sua conduta ou de seu caráter. Seria considerar os quadros nos quais a atividade busca se inscrever como a própria atividade e catalogar, sob um qualificativo opaco, uma realidade psíquica que, com freqüência, protesta, de modo singular, contra uma significação mitigada por um disfarce habitual.

O método inspira-se, precisamente, no dos esteriótipos populares segundo o qual as virtudes e os vícios são evocados graças às figuras alegóricas e emblemas inscritos nos espaços circunscritos saídos da boca dos desenhos em quadrinhos. Dispõe em derredor do indivíduo, como de um busto ou de uma estátua, outras tantas estátuas a personificarem seus méritos. Exemplifiquemos. Num monumento a TOLSTOI, sem dúvida, figuraria a Bondade. Entretanto, na realidade, tal evocação nos enganaria, em face do seu esforço para alcançar aquele sentimento.

O próprio escritor assim como seus próximos fizeram declarações sobre a sua vida; em razão daquele esforço, fêz sofrer, rudemente, seu círculo de amizades; comportava apenas asperezas insólitas sua doçura evangélica. Aprofundando-se mais essa apreciação, descortina-se uma espécie de ferocidade em alguns dos seus atos: no decorrer de uma caçada, por exemplo, ao encurralar a presa nêle irrompia uma contração facial e uma espécie de tremor de volúpia saciada. Sem dúvida, à semelhança das velhas lendas deve-se evitar a oposição do demônio ao anjo, porém é necessário reduzir ao mesmo fundo de sensibilidade seu gosto em constranger a criatura no círculo do bem e do mal. Em tôda piedade, dizia MICHELET, existe a crueldade. Ao se ler a obra de TOLSTOI surge a certeza de que êle não teria criado tal atmosfera de vida entre as suas personagens e, em cada uma delas, tanta vibração e tantos impulsos pessoais, se não houvesse, experimentado como que uma curiosidade aguda, que o tornava sequioso tanto do sofrimento, como da alegria alheia. Seu gosto pelo homem e pela vida ultrapassava as distinções entre a simpatia e a crueldade. Sob a banalidade da palavra, reveladora daquilo que a opinião conserva de um homem ou de uma obra, se dissipa precisamente o que poderia explicá-los: a realidade da ação psíquica, coisa aliás que essa palavra, em nenhum grau, poderia exprimir.

Ao estudar o desenvolvimento da inteligência e do conhecimento da criança ⁽¹⁾ defrontamo-nos com o mesmo erro do método precedente. Ainda lá poder-se-ia na aparência justificá-lo mais intensamente. Pois o desenvolvimento da inteligência, em grande parte, é função do meio social. Para que ela possa transpor o nível da experiência ou da invenção imediata e concreta, tornam-se necessários instrumentos de origem essencialmente social, como a linguagem e os diferentes sistemas simbólicos surgidos dêsse meio. Constituem seus objetivos a aquisição ou o desenvolvimento de noções e de conhecimentos existentes fora do indivíduo e que representam o patrimônio do grupo. Não seria, portanto, impossível *a priori* fazer a transmissão do patrimônio, do grupo para o indivíduo, de ma-

(1) Consultar: "Les Origines de la Pensée chez l'Enfant", 2 vol. P.U.F., 1945.

neira mais ou menos lateral. Aliás é crença comum possuir a verdade uma evidência própria e que a intuição dessa verdade possa ser fulminante e imediata. A prática pedagógica, em geral, ainda repousa nessa convicção. Erro flagrante, pois o mais simples e rotineiro de nossos conhecimentos exige do espírito uma forma particular de adaptação. O exemplo da criança nos mostrou não ser uma noção qualquer assimilável nem por si mesma, nem como vinda após outras noções que com ela formariam uma espécie de série complementar, uma cadeia de verdades, de conhecimentos, de conseqüências intelectuais. Não há simples questão de conteúdo. A compreensão tem condições mais profundas e não possui nenhuma semelhança aparente com o objeto particular do pensamento.

Os progressos impostos ao pensamento da criança dizem respeito a sua diferenciação em planos distintos, através dos quais se realizam tôdas as dissociações interpostas entre a experiência concreta e tais ou quais sistemas de representações e de símbolos ai superpostos pelo conhecimento. Enquanto permanece incapaz de operar as transposições facilitadoras da evolução do seu pensamento através dos campos povoados de símbolos; enquanto substitui ao campo das impressões sensíveis e atuais uma espécie de espaço ou de meio vital e virtual, permanecerá o pensamento refratário à compreensão das relações que podem servir para unir suas impressões, objetivá-las e explicá-las. Possui muitos graus essa aptidão de criação de um espaço mental, onde o espírito esteja livre para se orientar. Desde logo torna-se necessário estabelecer a distinção dêsses graus; certas lesões cerebrais mostraram as conseqüências advindas entre a percepção das relações que as coisas sustentam, efetivamente, entre si no espaço atual e o poder de lhes dar uma posição prescrita ou de tomar, ela mesma, uma direção definida⁽²⁾. Nesse momento a imagem deve preceder o fato. Ao percebido se opõe o que ainda é virtual. A orientação no espaço real depende da superposição de uma espécie de espaço mental. Este espaço mental é ainda mais necessário à formação de uma imagem que sobreviva ao objeto e o substitua, e ao estabelecimento de analogias entre as imagens, a fim de trocá-las por

(2) Consultar, entre outros, PIERRE MARIE e BEHAGUE, *Rev. Neurologique*, janeiro, 1919.

uma série de noções e de símbolos que fazem da experiência vivida o universo pensável. Esse progresso liga-se, realmente, ao desenvolvimento e à maturação dos centros nervosos, podendo, todavia, ser comprometido por lesões várias, como aliás, ficou revelado por análises recentes em meio aos fatos da agnosia, afasia e simbolismo⁽³⁾.

As crenças ou as modalidades de pensar verificadas na criança, as quais, num lance de uma lógica aventureira, podem lembrar certas concepções dos primitivos, indicam as etapas dessa evolução. Interessam menos pelo seu conteúdo que pelas supostas implicações existentes entre noções ou realizações mentais tornadas dissociáveis pelo pensamento adulto. A importância dos graus dessa diferenciação confere-lhes relevância, pois o pensamento bem pode se desenvolver, progressivamente, em operações distintas, e sua unidade nem por isso deixa de subsistir, primordial, essencial. O polimorfismo de suas aplicações a objetos variáveis torna-se viável, graças a um grau correlativo de organização. Por mais completo que se torne, pelo menos no indivíduo normal, o pensamento conserva sua coerência fundamental e, enquanto não se anclou definitivamente ou estorvado por um amontoado de estereotípias, há de manter seu poder de renovação e de adaptação. Por conseguinte, ao contrário das teorias realistas e atomistas, sensuálistas, e associacionistas, explica-se a atividade mental não por uma justaposição ou a coalescência de elementos, de início separados e múltiplos, a exemplo do que se verifica ao se partir de um pensamento já realizado nesses objetos, — mas, sim por uma espécie de desenvolvimento orgânico.

Em relação ao caráter, ainda são mais inaceitáveis as doutrinas antigas. Pois, em definitivo, o conhecimento tende a se uniformizar entre os indivíduos e a diversidade dos meios para assimilá-lo deve ser pesquisada entre os resultados que oscilam, necessariamente, em torno de uma norma comum; enquanto mister se faz entender por caráter o que, de modo exato, distingue os indivíduos, embora as suas condições de existência ou os resultados de sua atividade não pareçam muito diferen-

(3) Consultar GELB e GOLDSTEIN, citados por CASSIRER, no *Journal de Psychologie*, maio-junho, julho-outubro, 1929.

tes. Da mesma forma que a inteligência, o caráter não é composto de partes distintas, de átomos ou de radicais diversamente reunidos e combinados. Para cada indivíduo, ele constitui a maneira habitual ou constante de reagir, à condição porém de não se entender por modo de agir uma certa forma de reações, particulares e sempre semelhantes a si mesmas, mas antes uma espécie de parentesco latente, unindo as reações entre si, mesmo que seja através das circunstâncias e das mais variadas situações. Além disso, uma reação afirma os traços fixos do caráter ao tempo em que é capaz de modificá-los. Eis o domínio onde, de modo mais direto, surge a necessidade de encarar a personalidade total a *Ganzheit*, conforme STERN exige para todas as reações psíquicas, mesmo aquelas de aspecto indiferente ou episódico.

Com toda certeza, não se trata de se ater a essa noção de todo invisível da qual seria impossível extrair-se alguma coisa. Contudo, em função desse todo precisaremos encarar o caráter, uma vez que este, em cada manifestação, exprime, de modo preciso, a totalidade da pessoa. Em face das circunstâncias e situações exteriores ele representa o índice individual de cada um. Ora, tal índice não traduz uma pura abstração. Condições internas e pessoais existem a se defrontarem com as condições externas e objetivas, e estas só podem se tornar matéria de conhecimento quando reduzidas, elas mesmas, às condições objetivas. Logo, tornar-se-ia necessária a decomposição do todo em fatores distintos, o que, talvez, num certo sentido, fôsse contraditório. A menos que se não limite a uma mera descrição, a uma simples enumeração de qualidades e de propriedades, as quais vimos não oferecerem nenhuma relevância; a menos que se não restrinja a uma singela narração de traços particulares de reações habituais a permitirem superar o plano das manifestações concretas; pois bem, não se reduzindo apenas a isso, toda pesquisa em torno do caráter exige de nós a descoberta nêle, tal como se exprime, de fatores determinados.

Nesse sentido, o primeiro esforço consiste na pesquisa dos fatores fundamentais, dos quais o caráter poderia ser o reflexo. E por uma tendência natural em basear o mais complexo e o mais fugidio no que se afigura estável, consistente e objetivo, — da mesma forma que acreditamos basear a função na exis-

tência do órgão, — ao caráter, deu-se-lhe como alicerce o temperamento, a compleição fisiológica. Remontam a uma data muito distante os ensaios desse gênero. Algumas teorias, nascidas desses ensaios, atravessaram séculos e chegaram até nós, apenas modificadas: por exemplo, a teoria dos temperamentos sanguíneo, nervoso, fleugmático e melancólico. Entre a predominância de um certo tipo fisiológico e certo comportamento haveria identidade, de tal sorte que o tipo fisiológico comandaria o psicológico. Parte-se, em suma, dos mais elementares para se conseguir, por dedução ou combinação, as manifestações nas quais a personalidade total do indivíduo se exterioriza, ou por outras palavras, reduz-se o conjunto ao simples jogo dos elementos, hipótese insustentável em biologia e com maior razão, em psicologia, pois dois fatos essenciais se encontrariam, de certo modo, eliminados de golpe, isto é, o da adaptação ao meio e o da continuidade específica ou individual.

Sob uma forma mais recente, ou seja, a da simples correlação, as relações entre o temperamento e o caráter nesses últimos tempos ensejaram numerosos trabalhos. A princípio, as diferenças de temperamentos relacionavam-se às diferenças morfológicas. Tais correspondências foram estudadas, sistematicamente, entre outros, por KRETSCHMER, no seu livro "*Körperbau und Charakter*". Distinguiu ele, quanto à forma, quatro tipos: o pícnico, o atlético, o astênico, o displásico. Sob o ponto de vista psicológico, separou dois aspectos essenciais do caráter correspondentes numa forma mitigada às duas grandes categorias da patologia mental: a constituição esquizóide e a constituição ciclóide. Há falta de rigor nessa equivalência, visto como só a constituição esquizóide se abre em três tipos físicos, o atlético, o astênico, o displásico; enquanto que, entre o ciclóide e o pícnico, a coincidência seria mais relevante. Não é esse o momento de enveredarmos nos pormenores desses exemplos. Pretenderíamos tão-somente levá-los a verificar a inexistência de alguma razão, por assim dizer intrínseca, a postular a ligação entre si dos tipos físicos e psíquicos. Os que correspondem à constituição esquizóide, morfológicamente não são diferentes, mas com frequência opostos entre si; por exemplo, o atlético e o astênico. Apenas o lidar frequente com a constituição esquizóide, ora com o tipo atlético, ora com o astênico ou displásico, nos permite afirmar sua relação, a qual aliás, consiste numa mera correlação.

Limita-se a correlação a registrar um encontro mais ou menos repetido. E dessa repetição deduzimos a probabilidade do encontro. O índice dessa probabilidade estabelecerá o grau ou o valor de uma correlação entre dois fenômenos ou duas séries de fatos. A correlação existe quando um encontro ocorre com frequência superior à resultante de um simples acaso. Além disso, haverá correlação positiva ou negativa permitindo-nos tirar a conclusão de uma afinidade ou de exclusão recíproca das duas séries. Dessa forma, a antiga noção de causalidade eficiente dá lugar a uma noção de concomitância tódia relativa, uma vez que o índice de correlação pode se distanciar, mais ou menos, da unidade, que seria o quociente de uma concomitância constante, e descer abaixo de um nível correspondente ao do erro provável e, a partir do qual se tornará impossível afirmar-se a existência da correlação.

A necessidade dessa substituição revela duas razões. Primeiro, a complexidade dos fatos estudados em psicologia, a desafiar a análise. Apenas é possível atingirem-se resultados, mais ou menos globais ou parciais. Pretender resolvê-los nos seus fatores elementares levaria a regressões indefinidas às ordens de fatos, completamente heteróclitos e para os quais, temporariamente, é impossível a apreensão do pormenor, das reações recíprocas e do conjunto. Acrescenta-se porém a essa razão de ordem prática uma outra, mais fundamental. Trata-se da natureza dos fatos biológicos ou psicológicos. A explicação destes não poderia ser deduzida das leis próprias, regentes dos fatores elementares, nem das composições de força disso resultantes, pois a vida é adaptação. Na sua evolução, ela integra inumeráveis reações e influências exteriores e acidentais. Mesmo certas modificações, talvez, na aparência espontâneas e inteiramente novas, sejam a consequência de reações ou condições de existência que ainda não foram encontradas, donde a forçosa imprevisão das alterações mais tarde produzidas. Por outra parte, produzir-se-ão também, em psicologia, alterações no equilíbrio do sistema que, em biologia, culminam em mutações. É necessário ver a parte que cabe a esses acidentes e mutações. Por conseguinte, sendo possível fazer-se o inventário completo dos fatores elementares e combinar entre si suas consequências, o resultado a todo instante se alterará pela intervenção de uma eventual reação ou de uma mutação. Pois

tal inventário oferece apenas uma certa probabilidade. As possibilidades de variação súbita são ainda maiores em psicologia, na qual a adaptação constantemente enfrentará as condições muito mais instáveis e muito mais diferentes entre si. É pois da própria natureza da psicologia a substituição da noção da causalidade pela de correlação. E na psicologia, é o estudo do indivíduo, o estudo do que nele há de mais pessoal, — ou seja seu caráter, — que torna, na maioria das vezes, inevitável a pesquisa pura e simples de correlações.

Semelhante atitude porém não implica na afirmação de que as correlações devam se bastar a si mesmas. Ao contrário, é um progresso necessário, isto é, o de procurar, oculto por detrás de uma correlação, o fator ou as circunstâncias que o explicam; nesse caso, será o domínio de um fio a mais no enovelado da vida psíquica, será a aquisição da capacidade de lhe seguir a ação além dos únicos encontros proporcionados pela observação; com frequência, mesmo, fazer a previsão dos efeitos, ainda inéditos, ou reduzir à unidade tais fatos, até então oferecidos sob um aspecto discordante.

Por trás da correlação morfologia-caráter, por exemplo, alguns autores — PENDE foi um deles, — pretenderam reencontrar a ação ao mesmo tempo morfogenética e psicogênica das glândulas de secreção interna. Com efeito, conhece-se bem, não no pormenor, mas através de fatos determinados e relevantes, que tais glândulas comandam, de modo eletivo, o crescimento dos tecidos e a formação dos órgãos, assim como as disposições mentais e o comportamento do sujeito. A insuficiência tiroídiana acarreta, sempre, modificações no metabolismo geral, na circulação, na estrutura e aspecto do esqueleto, no metabolismo da pele e dos fânelos, por fim, diminuição e queda correlativas das funções psíquicas. A puberdade é um conjunto de transformações físiopsíquicas ligadas à atividade endocriniana das glândulas genitais. As notáveis experiências de PEZARD⁽⁴⁾ mostraram de como a castração e o enxerto podem conferir à galinha e ao galo não somente os atributos exteriores, tais como a crista e a plumagem, mas também o

(4) "Modifications périodiques ou définitives des caractères sexuelles chez les Gallinacées", *Annales des Sciences Naturelles*, 1922.

humor e os gestos do sexo oposto. Essa dupla manifestação, no campo somático e no campo psíquico, das ações endócrinas demonstra ser um fator fundamentalmente universal.

Não obstante a voga atual e as grandes esperanças dispensadas às teorias humorais, não se pode descurar o estudo direto dos demais fatores do temperamento e do comportamento. No início, serão estudadas as particularidades da vida vegetativa em geral, as funções reguladoras da atividade do sistema simpático ou autônomo. Suas relações com a atividade das glândulas endócrinas, em geral estritas, não as impedem de revelar no seu próprio campo formas de manifestações peculiares, e de entreter outras relações com efeitos dependentes mais diretamente da atividade psíquica. Nas relações interfuncionais, as funções mais intimamente associadas possuem conexões que lhe são inerentes, de modo a não poderem ser encaradas como simples réplica uma da outra, isto é, sob duas aparências e como que em duas línguas diferentes; eis porque o "paralelismo psicofisiológico" é uma noção artificial. Das duas funções, aquela cujas condições de existência dependem da outra, pertence, ao mesmo tempo, a um outro plano de organização; corresponde às necessidades superiores de adaptação e se propõe exercer sobre a outra uma ação reguladora, inibidora ou estimuladora segundo as necessidades. A estrutura e a história do sistema nervoso representa, exatíssimamente, por intermédio da espécie e, até certo ponto, também através do desenvolvimento de cada indivíduo, uma transposição das funções mais primitivas e mais elementares por aquelas cujo advento corresponde a meios de adaptação mais poderosos, mais sutis ou mais polivalentes. Em cada indivíduo, porém, o equilíbrio obtido pode oferecer, em cada estágio, certas diferenças, cujas repercussões não deixam de se fazer sentir no edifício inteiro de suas disposições e de sua conduta.

Particularidades cuja influência determinante sobre o caráter são apontadas por HELLMUTH BOGENG⁽⁵⁾: velocidade e ritmo espontâneo das reações, quer motoras e afetivas quer perceptivas e mentais; gênero usual do humor e da atividade; aptidão para realizar, mais ou menos profundamente, as expe-

riências e impressões da vida; grau variável de ligação e de aplicação suscitados em cada um pelos objetos da ação e os estímulos oriundos dessa própria ação, nascem do recesso do indivíduo e correspondem a êsse todo organizado, o qual, por graus, vai das mutações químicas à maior ou menor vivacidade das imagens e dos pensamentos.

Se algumas dessas funções conservam, em níveis aliás desiguais, a atividade do sistema nervoso sob sua dependência, elas o têm também como regulador, sendo possível na criança — como ensaiamos fazê-lo⁽⁶⁾ — seguir, simultaneamente, a maturação progressiva dos centros nervosos e a predominância sucessiva dos diferentes comportamentos. Essa sucessão, porém, não é rigorosamente comparável, de um indivíduo para o outro. Casos existem de retardamento e de precocidade que atingem essa ou aquela função; e tais diferenças de sincronismo, devidas a: insuficiências, por vêzes duráveis, por elas reveladas; formas de compensação ou de por vêzes por elas provocadas; hábitos com frequência definitivos por elas destacados, tudo isso nos impõe a possibilidade de, sob atos, cujos resultados tornaram-se exteriormente semelhantes, existirem mecanismos variáveis. Dessa maneira, a diversidade de tipos individuais pode surgir de um estudo genético da criança. Certos autores procuraram determinar no adulto — como outros tipos morfológicos — tipos de compleição motora, correlacionados com determinadas formas de caráter. GOUREVITCH, por exemplo, distingue cinco tipos: a debilidade motora de DUPRÉ, o infantilismo motor de HOMBURGER, a insuficiência extrapiramidal de HOMBURGER-GOUREVITCH, a insuficiência frontal de GOUREVITCH, a insuficiência cerebelosa de WALLON⁽⁷⁾.

No que tange a essas características dependentes da constituição própria do indivíduo, outros autores insistiram, de um modo especial, sobre situações em que se lhe torna necessário uma adaptação e sobre a maneira de o fazer. Na realidade, é tão impossível deduzir-se um comportamento de disposições por mais fundamentais e imperiosas que sejam quanto dedu-

(5) V.^e Conf. Internationale de Psychotechnique, C. R., pp. 78-82.

(6) *L'Enfant turbulent*, 1.^a parte.

(7) Para as lacunas e impropriedades apresentadas, a meu ver, por esta classificação — aliás muito interessante — consultar *Annales Médico-Psychologiques*, 1932, t. I, p. 122-145.

zir-se uma função dos fatores mais elementares por ela integrados. E quanto mais cresce, com a complexidade de uma atividade, a diversidade das circunstâncias a que tem de responder, menos é possível dissociar esta atividade dessas circunstâncias e encará-la isoladamente. Isto é, precisamente, o que se observa nas relações do homem com aquilo que GIESE⁽⁸⁾ qualifica de materiais por intermédio dos quais se realiza sua atividade. Segundo se trate: seja de sua vida cotidiana e nesta de sua atividade profissional ou familiar, de seus hábitos pessoais ou de costumes sociais; seja de situações novas e imprevistas, tais como incêndio, morte de um parente, perda da carteira, ganho na loteria ou, seja ainda, para o adolescente, de sua primeira cigarreira, o modo de reagir pode, no mesmo indivíduo, apresentar uma grande diversidade. Da mesma forma sua atitude em face dos diferentes objetos oferecidos à sua atividade mental: idéias, cultura, tradição, técnicas e conhecimentos de toda natureza; ou então em face de outros homens. A hostilidade, a simpatia, o desdém, a complacência que ele lhes testemunha de acordo com sua situação ou categoria social, e de acordo com as circunstâncias; suas maneiras de ser e o tom de suas conversações com cada um deles, aí estão outros tantos traços capazes de se combinarem diferentemente.

O caráter resultaria da soma desses elementos, ou antes, de sua repetição. Dir-se-ia a impressão deles na pessoa. Nesta vem atingir e a se fixar maneiras de reagir cuja explicação repousa no complexo indissociável formado pelas situações determinadas e pelas disposições do indivíduo. O ato de adaptação que os une entre si representa o fato inicial. Tudo mais não passa de análise. Em biologia, porém, existe um procedimento de análise que não corre o risco de dissolver as unidades essenciais: é o estudo genético dos seres e das funções. Por meio desse estudo verifica-se, particularmente, de como a criança, ao se desenvolver, elabora de etapa em etapa essa espécie de índice individual que se chama caráter.

(8) V.^o Conf. Int. de Psychotechnique, C. R., p. 83-90.

PRIMEIRA PARTE

O COMPORTAMENTO EMOCIONAL

CAPÍTULO I

AS PREMISSAS PSICOFISIOLÓGICAS DA VIDA AFETIVA

As situações às quais o indivíduo deve reagir ou se adaptar, estão entre os fatores essenciais do seu caráter; na criança, ainda bem pequena, não parece, entretanto, que já se possa falar em caráter. Pois é extremamente circunscrito o meio de suas relações, oferecendo-lhe apenas situações muito uniformes e de uma espécie pouco propícia às manifestações originais ou pessoais.

Se o caráter comporta uma certa constância nas maneiras de reagir, temos ainda aí uma condição difícil de ser encontrada na criança. Não somente porque o número das ocasiões a ela oferecidas e as experiências por que passou permanece muito restrito para ter conseguido nela gravar disposições particulares, mas também em razão da descontinuidade essencial observada em seu comportamento. Nada mais lábil que suas possibilidades ou veleidades de ação. Nada persiste nela e nada sabe prosseguir. A existência de temas que se repetem e dão a ilusão de uma certa constância é tão somente um sinal de penúria. Na realidade, é incapaz de desenvolver ou recordar tais temas. Suas aspirações são essencialmente intermitentes. Não podendo se manter, evoluir, nem progredir, desfazem-se tão logo se formem e são reduzidos por excitações semelhantes ou pela raridade e o rápido desaparecimento daqueles suscetíveis de os substituir. A incoerência apresentada pela conduta da criança decorre do fato de não ser observada na similitude de suas diversas manifestações, mas sim em sua sucessão bruta.

Por fim, durante seu crescimento, de modo sucessivo vê-se dominada por uma das funções prestes a nascer ou a se revelar. Pois, antes de se integrar em sua atividade, começa por preencher-lhe com suas variações e exercícios sem objetivo e sem fim. Parece fazer a prova de suas possibilidades em toda a extensão de seus mecanismos e de suas ligações: dessa maneira, sons produzidos pela mera ginástica dos aparelhos orais e fonatórios são indefinidamente modificados; o ouvido, ao ser despertado e educado por esses sons, logo assume a direção. Da mesma forma, a criança se compraz em realizar pequenas acrobacias no início da marcha a fim de conquistar o equilíbrio. Nesse momento, ao invés de disposições ou de preferências individuais, trata-se sobretudo de manifestações relacionadas com o desenvolvimento funcional. Eis que também do ponto de vista genético e analítico é lícito o reconhecimento das afinidades de uma função e a observação das reduções sucessivas através das quais ela recebe uma direção determinada e ajusta-se ao equilíbrio da personalidade em formação. As linhas de força tendentes a se delinear e atuantes na evolução ulterior do sujeito adquirem dessa maneira um maior realce quando encerradas nos traços fixos do caráter.

Além disso, inexistente etapa desprovida de coerência e de significação peculiares. As situações diante das quais a criança reage são exatamente as correspondentes aos seus meios. Algumas seguem apenas o crescimento e a extensão progressiva das outras. A cada idade corresponde um tipo de comportamento e todo comportamento se organiza em torno de certas atividades fundamentais, cujas leis aparecem de modo mais enfático, quando ainda isoladas e preponderantes, do que nas posteriores complicações da vida psíquica. O estudo da criança irá nos facilitar melhor decifração.

INAPTIDÃO DO LACTENTE PARA A ATIVIDADE DE RELAÇÃO

A observação de que o lactente, no início do seu desenvolvimento, é apenas apto para uma vida ou atividade puramente afetivas implica no enunciado de uma constatação banal e que só tem interesse quando reduzida a termos mais precisos. Sem dúvida a criança, pelo menos na espécie humana, permanece longos meses sem possível acesso à vida de relação. É tão

incapaz de manter, com o meio físico, relações ativas quanto o pinto na sua casca. Fazem-lhe falta ao objetivo não somente os movimentos de execução, os movimentos coordenados e apropriados, como também os indispensáveis a uma percepção correta do mundo exterior.

A vista, por exemplo, muito embora no primeiro plano dos sentidos necessários à distinção e direção entre as coisas, permanece durante muito tempo imprópria para a função. Por certo, desde o nascimento, os olhos reagem à claridade pela contração pupilar e pelo fechamento das pálpebras; voltam-se para as fontes luminosas cuja intensidade não os ofenda. Contudo, entre esse reflexo e a verdadeira fixação do olhar, reconhecível pela capacidade de se deter numa mancha luminosa com exclusão de outra, existe uma diferença apenas vencida depois do décimo dia. Aliás, até o décimo primeiro dia, PREYER⁽¹⁾ observou nos movimentos oculares e pálpebras uma incoordenação opondo, a todos os instantes, um obstáculo à fixação dos objetos. Os globos oculares ficam fixos e as pálpebras não se abrem ao mesmo tempo. Ainda ao cabo de um mês, abrem-se desigualmente e nem sempre simultaneamente. Durante os três primeiros meses, ocorre-lhes não mais seguirem o deslocamento dos globos oculares, salvo no seu movimento para baixo. Somente no 98.º dia haveria concomitância entre a elevação do olhar e o enrugamento da fronte. Em compensação, outras sinergias são mais precoces, podendo se produzir fora de propósito. Assim, da 2.ª à 6.ª semana, a contração pupilar, pouco importando sua causa, provoca a dos músculos ciliares, aumentando a curvatura do cristalino, assim como a contração dos músculos retos internos, fazendo convergir os olhos. Ora, esse conjunto acomodativo convém apenas à visão dos objetos próximos. No 23.º dia o olhar segue perfeitamente um objeto que se desloca e na 10.ª semana procura a origem de um ruído tão somente pelo movimento dos olhos.

Com efeito, os movimentos da cabeça tornam-se possíveis apenas mais tarde. Na 11.ª semana ainda está sujeita a pender de um lado para outro e não permanece firme; antes do 4.º, 5.º ou mesmo 6.º mês será incapaz de se orientar, com um

(1) *L'âme de l'enfant*, trad. Varigny, Paris, Alcan, 1887.

movimento contínuo, nas diferentes direções do espaço. A ação conjugada entre a cabeça e os olhos é, no entanto, tão necessária à exploração do campo visual a ponto de ser regulada por aparelhos especiais e corresponde aos sistemas primitivos de conexões nervosas. No sistema nervoso, esses centros de coordenação estão situados relativamente baixo, isto é, pertencem a etapas já recuadas da evolução e, por consequência, devem ser de um desenvolvimento um tanto precoce no comportamento do indivíduo.

A utilização e mesmo a percepção do espaço, conforme apurou W. STERN, estão na dependência estreita do movimento. Há correspondência exata de seus estágios. O espaço da criança permanece puramente bucal, enquanto não possuir movimentos coordenados, salvo, é claro, os da boca e dos lábios. Atinge ao consentimento do "espaço próximo" à medida em que se torna capaz de coordenar os gestos das mãos e dos braços; supondo-se, portanto, uma estabilidade e uma sinergia já suficientes dos ombros e do tronco. Enfim, a marcha lhe confere a capacidade de juntar, avaliar entre esses gestos os fragmentos de espaço próximo onde se desdobram seus atos de apreensão e de recusa, transformando-os, dêsse modo, em espaço único, no qual será possível a coexistência de todos os objetos. Antes, porém, dos quatro meses ainda não pode existir o espaço próximo por ela mesma visto, como ainda não é senhora dos movimentos que lhe permitam: a estabilidade do tronco; modificar a direção e a posição desses movimentos; virar-se ou se sentar, como se a tivessem colocado de face contra o chão, cama etc. Nessa idade de quatro meses, por um sincronismo sem dúvida não simples coincidência, a criança adquire a capacidade de regular sua própria posição no espaço; isso porque os reflexos labirínticos, até então livres do controle do cérebro, deixam de se produzir automaticamente, uma vez realizadas as condições periféricas; tais reflexos, cuja existência foi demonstrada por MAGNUS e KLEIJN, constituem sistemas de contrações, de atitudes, relacionados cada um com o sentido da impulsão dada ao corpo no espaço, isto é, movimento de translação para o alto, para baixo, para diante e para trás ⁽²⁾.

(2) Ver cap. VIII: "Psiquismo e Tono", deste livro, p. 125.

IMPORTÂNCIA DO SONO NO COMPORTAMENTO DA CRIANÇA

Durante o transcurso das etapas sucessivas do desenvolvimento, o lactente se encontra totalmente absorvido em vencê-las e, com toda evidência, as suas realidades e experiências não são as mesmas do adulto. A existência na sua vida psíquica de certa unidade e coerência deve-se, antes, à preponderância de influências ou de funções diferentes das que emergirão mais tarde. No acordo necessário entre suas reações e seus meios pode ocorrer que a debilidade dêsse meios revele consequências positivas.

Diante da insuficiência motora da criança a atenção se volta, como é óbvio, para o seu estado muscular. Com frequência obtêm-se pela pressão do plexo braquial, ao nível da axila, o cerrar do punho e câimbras através de diferentes excitações periféricas. Tais efeitos observam-se também na tetania, onde as funções tônicas do músculo, ou seja, a capacidade dos mesmos a entrarem em contração, se encontram exageradas. Enquanto, porém, na tetania a excitação mecânica e galvânica do músculo aumenta, no recém-nascido ela é fraca. Por conseguinte, a ausência de inibição produz o fenômeno do punho cerrado e a lentidão das reações musculares e a extensão do seu período latente se fusionam, resultando as câimbras. Com efeito, há algum tempo já as pesquisas de SOLTSMANN mostraram que a excitabilidade muscular é menor no recém-nascido, ou seja, é preciso maior intensidade da corrente para se conseguir uma reação. O gráfico do abalo muscular oferece uma elevação e uma queda mais lentas, mais morosas, um ápice menos brusco; revela sua curva mais rápida fatigabilidade. Por fim consegue-se a contração contínua do tétano com 16 a 18 descargas por segundo, enquanto são necessários 70 a 80 para o adulto. Segundo a observação de PREYER ⁽³⁾, os músculos do recém-nascido se comportam como os de um adulto fatigado. Sucumbe, efetivamente, à fadiga logo após a mamadura, ao choro ou tendo apenas sofrido as excitações sensoriais vindas do ambiente: uma criança de oito semanas tendo, num certo momento do dia, ouvido alguém tocar piano, dormia

(3) *L'âme de l'Enfant*.

seis horas, isto é, muito mais tempo que o habitual. A fadiga é a causa do sono. Este, no recém-nascido, seria ainda favorecido pela insuficiência da hematose, relacionada que está com seu fraco volume sangüíneo e sua respiração superficial, assim como pela grande quantidade de oxigênio solicitada pelos produtos da digestão láctea.

Assim, pois, no seu comportamento, o sono mantém um lugar de eleição. Ora, o sono não é aquela reação negativa ou neutra que habitualmente se pretende crer ⁽⁴⁾. Não constitui uma simples parada da atividade. Trata-se de uma função à qual correspondem centros nervosos localizados, precisamente, na mesma região onde se encontram os centros reguladores da nutrição tissular e do metabolismo, ou seja na face inferior dos hemisférios cerebrais, na região do infundíbulo. Traduz-se à maneira de um reflexo e sua ação se estende, ao mesmo tempo, aos centros da vida vegetativa, — circulação e respiração sobretudo, — e sobre os centros motores, nos quais essa ação não se limita a inibir. Na realidade, no sono calmo e repousante, a inércia muscular é relativa e muito variável. A atitude dos que dormem bem o revela. O recém-nascido retoma primeiro a posição encolhida, retorcida do feto; mais tarde esta posição persiste apenas em relação aos membros inferiores; em seguida, surgem atitudes reveladoras das mais variadas formas, apresentando, porém, habitualmente, uma certa constância no mesmo indivíduo e, por vezes, indicando peculiaridades familiares. Longe, por conseguinte, de serem consideradas indiferentes, visto poderem traduzir disposições ligadas à hereditariedade. Alguns psicólogos pretenderam vincular a atitude do dormente a diferentes tipos relacionados à compleição psicomotora: atitude encolhida, atarracada do ansioso ou inflada do homem cheio de confiança em si. Sem dúvida, em cada caso, trata-se de sistemas musculares diferentes a permanecerem em estado de contratura latente, em vigília.

Tôda atitude ou postura, no sono como na vigília, depende da atividade tônica, isto é, a atividade que empresta aos músculos um grau de consistência e uma forma determinadas; veremos, no decorrer deste estudo, qual será a sua importância

(4) Relatório de TOURNAY e LHERMITTE, *Rev. Neur.*, 1927, t. I, p. 751 e seguintes.

psíquica. Da mesma maneira que essa função tônica mantém o aparelho muscular nesses estados variáveis de acomodação, que traduzem as atitudes, o sono parece possuir uma ação análoga sobre os outros centros da atividade e, por exemplo, nos da vida intelectual. Daí, talvez, a diversidade encontrada entre os sonhos e os sonhadores. Todavia, o sonho está longe de representar toda a atividade mental do sono. É do conhecimento geral que a intenção de saber, ao despertar, uma lição mal aprendida na véspera contribui para que essa lição, durante o sono se fixe, efetivamente, na memória. Muitas ordens recebidas do próprio indivíduo ou de outro, entre as quais a de despertar na hora certa, são fielmente executadas pelo dormente. E quantos problemas encontraram solução durante o sono?

Na atividade de cada um o sono mantém um lugar especial. O ritmo de suas alternâncias com a vigília varia segundo as idades, como varia, aliás, segundo as espécies animais, nas quais com frequência está longe de responder ao ritmo nictemeral. Por certo estará muito mais propenso a variar entre os indivíduos infensos ao constrangimento dos costumes e da vida social. Todavia, por vezes, esse ritmo é dominado pelas exigências da atividade. De Napoleão e de outras figuras, conta-se que, em pleno trabalho conseguiam, voluntariamente, dormir a fim de buscarem um repouso fugaz, ou então para encontrar no sono a solução de uma dificuldade.

Pelo emprêgo dos hipnóticos, demonstrar-se-á a diversidade de ações que o sono é capaz de exercer nos diferentes sistemas funcionais; alguns oferecem um sono com resolução muscular completa, e outros com contraturas, isto é, um exaêro da ação tônica, possível de ser diversamente distribuída; outros parecem produzir um sono sem sonhos e alguns suscitaram sonhos de uma espécie determinada. É bem plausível que, sendo o sono um reflexo ⁽⁵⁾, suas diferentes variedades, dissociações e mesmo eficiências particulares possam ser obtidas graças a quaisquer excitações condicionais e, sobretudo, através de excitações psíquicas, seguindo métodos semelhantes aos dos hipnotizadores. Mesmo sendo um gênero de pesquisa

(5) Pavlov.

onde a ilusão e a fraude podem se imiscuir, nem por isso deixam de ser concebíveis.

Antes de ser mecanizado, como acontece, mais ou menos em razão das necessidades da ação, o sono na criança começa por ser uma das grandes funções, em torno da qual se organizam sua vida e sua atividade. Algumas vezes, no adulto, êle se torna preponderante. Em todo caso permanece um dos dois momentos essenciais de toda atividade. Se esta atividade se exaure faz-se mistér uma restauração; à sua fase catabólica deve corresponder uma anabólica. A relação, porém, dessas duas fases, segundo os indivíduos mesmo adultos, pode ser muito diferente. Levando-se em consideração os casos extremos e sem encarar as múltiplas combinações de ritmo, de nível, de duração relativa, de variações periódicas, chegar-se-á à conclusão de que o consumo tende, indefinidamente, a ultrapassar as reservas ou estas a se acumularem por excesso de sono ou de torpor. Em certos indivíduos, a sonolência está sempre a postos para compensar o esforço. O sono permanece, como na criança, o importante ordenador da existência. Constitui o sono uma das formas assumidas pelo instinto de conservação.

Talvez haja também interêsse em comparar a descendência dos grandes dormientes com a dos insones.

A) — AS REAÇÕES DE ORIGEM INTEROCEPTIVA

Quando não dorme, o recém-nascido mama, a menos que chore. Se não mama, não digere, e chora ao voltar a fome. Dessa forma, as funções de nutrição assumem no seu comportamento um lugar, pelo menos, igual ao do sono. O contraste é relevante entre a perfeição dos movimentos complexos e rigorosamente coordenados que executam ao pegar o seio, lábios, língua, abóbada do palato, faringe, e a agitação irregular de seus membros no espaço.

Não será exagêro salientar a natureza inata de alguns desses movimentos e o número de meses necessários para que, com outros, êle possa iniciar a aprendizagem. Estando uma criança a nascer e apenas com a cabeça aparecendo, PREYER verificou que a ponta de um lápis introduzida entre os lábios da mesma,

provocava um movimento de sucção com expressão de prazer, enquanto que, a cada uma das compressões devidas às contrações do trabalho do parto, correspondia uma fisionomia de sofrimento. Ele realçou, com rigorismo, a diferenciação dos reflexos provocada pelo toque na cavidade em suas diferentes regiões. O movimento de sucção produzido pela simples excitação dos lábios era desacompanhado de deglutição. Se a excitação incidia sobre a ponta da língua, seus bordos se põem em goteira, enquanto que os lábios se alongam em forma de tromba e as pupilas se dilatam indicando prazer; daí resultando a mímica correspondente, — segundo a expressão de PREYER — a sensação de “doce”. Se a excitação da língua vai até o meio de sua parte superior, os olhos se fecham, apertados, as narículas e os cantos da boca se elevam. Atingida a base da língua ou o palato, há esforço de vômito com a boca toda aberta, a língua projetada para diante, a laringe levantada, salivação abundante e a mímica correspondente à sensação de “amargor”, mímica nauseosa e enjoada do adulto.

Nesta descrição, o mais interessante não é o fato de simples reflexos ligados à progressão do bôlo alimentar aparecerem já carregados de significação afetiva, embora ainda vazios de conteúdo real: mas sim a natureza mesma dos movimentos produzidos. Os lábios se amoldam ao mamilo, a língua e o céu da boca sobre o jato do leite, o qual, por sua vez, alcançando a faringe provoca a deglutição. Tais contrações, atendendo à progressão do líquido absorvido, restringindo-se e se concentrando nêle são em tudo semelhantes às contrações do esôfago e às contrações peristálticas do intestino. Elas constituem uma forma mais diferenciada, como convém a esta extremidade do tubo digestivo que toma contato com o exterior. Por conseguinte, não nos surpreende possuírem essas contrações, desde o nascimento, a mesma perfeição que a motilidade de todas as vísceras.

Não obstante essa sucessão de atos segmentares e, de alguma forma, metaméricos, nada os impede de ser simultaneamente ou solidariamente modificáveis. Suas ondas de contração podem modificar o sentido, alterando a direção, segundo as impressões produzidas em certos e determinados pontos do tubo digestivo, transformar a deglutição em vômito. Aí está uma aptidão, que, no adulto, parece em acentuada regressão, talvez,

em parte consequência de inibições ligadas à decadência ou ao decôro. As regurgitações do lactente nada têm de excepcional e alguns idiotas, à semelhança dos ruminantes, continuam capazes de fazer voltar o conteúdo do seu estômago à bôca⁽⁶⁾. A excitabilidade de cada segmento está sob a dependência de outros: a repleção do estômago, por exemplo, abole ou altera a dos lábios e da língua, os quais não mais reagem ao contato ou apenas por reflexos de oclusão e de esquiva. Há efeitos a distância que se superpõem às excitações e reações locais. O tubo digestivo, a partir dos lábios até o ânus, se comporta como um reservatório de comunicações intermitentes com o exterior. Como tais, possuem excitabilidade e motilidade especiais, isto é, uma excitabilidade e uma motilidade estreitamente associadas. Esse tubo responde à distensão de suas paredes por uma contração tônica realizada no próprio local. Também possui uma sensibilidade intersegmentar, particularmente na extremidade bucal.

Como sustenta FREUD, existe na criança um período oral-anal. Durante muito tempo, ela levará todo objeto à bôca e provará todos êles com a bôca, da mesma forma que será atraída pelas dejeções transitadas por seu ânus. Bôca e ânus são, pois, a sede de sensibilidades que a podem absorver. Ela consumirá longas horas a succionar seu polegar e, se tais tentativas não forem reprimidas, chegará a introduzir no próprio ânus uma vareta ou a ensaiar fazê-lo em um dos companheiros. O gôsto que a criança experimenta por êsse gênero de sensações facilmente se transformará em curiosidade pelos seus órgãos e pelos do outro. Não existe, todavia, nenhuma razão para se dar uma significação erótica ao forte interesse que as sensibilidades orgânicas suscitam na criança: é a idade onde ela ainda é incapaz de reduzir ou camuflar os interesses ou as satisfações próprias por tudo aquilo que encontra no mundo das realidades objetivas. Sem dúvida, os prazeres que disso extrai, pelo fato de não serem limitados por outros, poderão se lhe afigurar mais tarde, a distância, como tendo sido pejados de todos os prazeres possíveis, inclusive o erotismo. Porém, se antes de toda diferenciação o prazer pertence, com efeito, a uma cate-

(6) A esta singularidade deu SEGLAS o nome de *mericismo*. Em *L'Enfant turbulent*, III Parte, encontram-se exemplos.

goria ímpar, constitui um abuso identificar-lhe as origens com uma de suas posteriores diferenciações.

O lugar, por assim dizer central, que a atividade do tubo digestivo ocupa no comportamento do lactente resulta, suficientemente, dos períodos pelos quais passa sua atividade entre a fome e a saciedade; das freqüentes manifestações digestivas que o absorvem, soluço, regurgitações ou cólicas; da capacidade, a princípio exclusiva, que possuem o seio ou a mamadeira para despertar na sua fisionomia e nos seus gestos a expressão do desejo, do contentamento; e, por fim de dirigir seus primeiros movimentos no espaço, os dos lábios à procura do mamilo, os das mãos, crispadas sobre o seio ou estendidas para a mamadeira. Evidentemente, à medida que vão surgindo outras funções, essa preponderância se apaga, e particularmente aquelas que a põem em relação com o meio exterior. Mas seu mútuo apagamento, segundo os indivíduos, pode ser variável. Algumas crianças fazem depender toda sua vida do tubo digestivo. As alternativas de seu humor, as fases de sua atividade, o nível de suas aptidões estão na dependência estreita das necessidades e satisfações alimentares. Aquilo que em todas é menos observável, e que no entanto apresenta interesse capital, são as participações variáveis do tubo digestivo nas manifestações da vida psíquica, sobretudo nas emoções. Não apenas esta ou aquela de suas reações tônicas, glandulares e sensitivas liga-se a esta ou àquela espécie de emoção, como também a qualidade e as consequências particulares de uma mesma emoção podem depender das reações digestivas, as mais específicas de cada indivíduo. Dessa forma, de estágio em estágio, as funções orgânicas entram nos sistemas de conexões, onde a influência por elas exercida sobre o temperamento e sobre o comportamento compensa a perda de sua autonomia.

A depleção da bexiga, incontrolada durante os primeiros meses, constitui um belo exemplo das complicações às quais a função se submete ao sair de seu isolamento e também de sua grande repercussão no comportamento do indivíduo. Isso quer dizer que o esfíncter se relaxa e as paredes se contraem assim que sua distensão se torna suficiente para provocar o reflexo. Em seguida, se desenvolve o poder de subordinar o instante da micção às contingências exteriores. Todavia, a partir desse momento a necessidade de urinar desperta na criança

uma agitação por vezes considerável e não consegue satisfazê-lo senão após muitos esforços e incertezas. Colocada em posição adequada a criança deve ser ainda solicitada por diferentes excitações sensoriais, particularmente auditivas, antes que a ação se localize, exatamente, no órgão interessado e que seja sustada a inibição. O espetáculo assume toda a sua amplitude com o cachorrinho, no qual a excitação se traduz por saltos, corridas, eventuais ganidos de inquietação até que, ao farejar, aqui e ali, parece enfim se aperceber da necessidade que o atormentava, no instante preciso em que começa a satisfazê-la. A micção aliada ao faro constitui uma de suas mais freqüentes manifestações de interesse. A necessidade de micção complica também na criança, e mesmo no adulto, os estados de expectativa, de incerteza, de ansiedade e por vezes de desejo. Mas, ainda aqui, parecem prematuras e forçadas as interpretações de FREUD. A sensibilidade da uretra, mais periférica e por conseguinte mais viva, mais diferenciada que a da bexiga, não tem, inicialmente, nada de erótico, ainda que com a sequência de excitações manuais, ela possa precocemente degenerar em espasmo venéreo, e, com o tempo, esse espasmo evocar impressões, imagens que aliás, freqüentemente no início são mais masoquistas que sexuais.

O grito é a primeira manifestação de vida do recém-nascido. Sinal de aflição, segundo LUCRÉCIO, diante da miséria da existência humana. Símbolo de angústia, cujo nascimento, que faz passar da existência aniótica para a aérea, seria para FREUD, o protótipo jamais superado pelas piores angústias da vida. Fisiologicamente o grito é um espasmo espiratório; acompanha o primeiro reflexo respiratório, no instante em que ao se separar da mãe, devem os próprios pulmões da criança lhe assegurar a hematose. Algumas vezes, esse grito é substituído pelo espirro, reflexo explosivo da árvore respiratória, cujo ponto de partida pode ser uma irritação da mucosa nasal, mas cuja causa principal é, como para o primeiro grito, a brusca queda da temperatura, à qual se submete a criança, ao passar do claustro uterino para o ar livre.

A respiração do recém-nascido permanece durante diversas semanas sem relação com as suas reações psíquicas. No início é de intensidade muito irregular, com pausas após cada cinco

ou seis atos respiratórios. Em seguida, ela torna-se alternativamente profunda e ligeira, e assume, enfim, uma periodicidade que parece corresponder a uma regulação puramente vegetativa. No entanto, apresenta em relação aos sons uma excitabilidade reflexa que precede o momento onde será, já na criança, a função mais sensível às variações dos estados psíquicos.

Para ela, o grito constitui o prelúdio à palavra. É contrangendo as paredes das cavidades respiratórias sobre o ar espirado, escalonando-se do diafragma aos lábios, que se produz o grito. E ao modelá-lo com uma extrema diversidade entre elas preparam a linguagem dos sons, entre os quais só terá que escolher. O espasmo inicial poderá se resolver e os centros que a evolução superporá às contrações viscerais darão aos movimentos da articulação uma agilidade de sucessão e de combinação que parecerá fazê-la distanciar, de muito, as contrações tônicas dos músculos respiratórios: contudo, de sua ação procederá a palavra. Esta filiação não é indiferente. Mostra como a expressão verbal, provendo o pensamento de símbolos indispensáveis, tem por substância a mesma motilidade plástica da qual são feitos o jogo das vísceras e o das atitudes. A proximidade da voz com o espasmo em certos casos, pode ser reconhecida. A medida que relincha o asno entra em contratura, de tal forma que seu grito acaba por se apagar num estado de crispação generalizada. Num indivíduo atacado de encefalite letárgica, observamos o mesmo fato; nêle, o mesencéfalo se encontrava mais ou menos privado de seu controle sobre os centros do tono: a palavra era, rapidamente, interrompida por um enrijecimento ampliado a cada emissão de som.

No mesmo sentido, interpretar-se-á uma observação de PREYER. Este observou parecerem os gritos da criança diminuir as sensações desagradáveis que podem lhe causar uma luz refulgente, uma substância amarga, sem contudo substituí-lo por um estado agradável. Qual poderia ser o mecanismo dessa influência anestésiante, senão o antagonismo que parece existir entre o hipertono e a sensibilidade às excitações periféricas? Voltaremos a esse assunto. Pois é um fato provavelmente capital no estudo da vida afetiva e na explicação das emoções. Eis porque importa realçar essas particularidades funcionais, desde sua primeira aparição e sob sua forma mais elementar.

B) — AS REAÇÕES DA ORIGEM PROPRIOCEPTIVA

O recém-nascido oferece pois um perfeito contraste entre sua atividade de relação, — aliás numa, — e sua atividade funcional, já em pleno exercício e cuja influência em seu comportamento é total. De um lado, gestos no espaço que se assemelham a simples descargas motoras, sem objetivo exterior. Doutro lado, sistemas bem harmônicos de contrações musculares, emprestam aos órgãos a forma e o grau de consistência necessários a fim de que os mesmos, dilatando-se, acomodem o conteúdo para comprimi-lo, expulsá-lo ou modificar o seu consumo. Num caso, inaptidão da sensibilidade a realizar a percepção dos objetos para os quais parece dirigida; noutro caso, união estreita da sensibilidade à contração cujo grau avalia. Pois a sensibilidade dos órgãos ociosos ou reservatórios, corresponde a seu estado de tensão ou de distensão, isto é, ao tono de suas fibras musculares. Atividade e sensibilidade tônicas encontram-se numa constante dependência mútua. A distância observada na motilidade da criança, entre a incoerência dos seus gestos exteriores e o pleno trabalho de suas vísceras, se verifica, portanto, entre o que SHERRINGTON chamou de sensibilidade exteroceptiva e sensibilidade interoceptiva. A oposição, porém, desses dois sistemas não implica serem eles totalmente heterogêneos e disjuntivos. No recém-nascido existem outras manifestações impossíveis de serem reduzidas a qualquer dessas duas sensibilidades, ou pelo menos uma atende aos órgãos produtores daquelas manifestações e outra atende à sua natureza. Entre a sensibilidade exteroceptiva e a sensibilidade interoceptiva, SHERRINGTON distinguiu uma terceira, a sensibilidade propioceptiva.

Diante do grito da criança a mãe, por conveniência, ao invés de amamentá-la, pode substituir seus gritos pelo sono e, assim de modo instintivo, a embala, lateralmente ou de cima para baixo, segundo uma ou outra dessas posições se mostram capazes de acalmá-la. Essas manobras outro efeito não possuem senão o de agir sobre a sensibilidade, cujo ponto de partida são os canais semicirculares e o labirinto, ou seja, uma ação direta sobre o aparelho do equilíbrio, elaborado para registrar a orientação variável do corpo e os seus movimentos de translação no espaço. As impressões ligadas ao exercício

dessa sensibilidade não são eficazes apenas no lactente; em certos idiotas, cuja vida de relação permanece nula ou rudimentar, elas assumem uma espécie de exclusividade rude e contribuem para que eles passem horas inteiras a se balançar ou a girarem sobre si mesmos freneticamente⁽⁷⁾. Tais impressões servem aos religiosos muçulmanos para, na vertigem, encontrarem o êxtase. Utilizam-se muitas danças sagradas, nas de aquiescência, nos diversos divertimentos como na gangorra, no carrocel, na montanha russa, no tobogan etc. Ainda não é ocasião para se investigar suas conexões afetivas, pertencentes a um nível ulterior de organização e de complexidade mentais⁽⁸⁾. Todavia, o número das invenções apropriadas para movimentá-las é um testemunho incontestável de sua influência nos estados e disposições psíquicas.

A sensibilidade propioceptiva, à semelhança das outras, não existe por si mesma. Ela, como as demais, tem sua razão de ser nas relações correspondentes. É mesmo consecutiva às reações que seguem às excitações labirínticas mas não é imediatamente subsequente a essas excitações. Por conseguinte, assemelha-se mais à sensibilidade visceral que a dos órgãos sensoriais, cuja excitação é origem direta de sensações. Assemelha-se ainda à sensibilidade das vísceras pela natureza das reações a que se liga, pois os efeitos de uma excitação labiríntica são variações do tono, cujo domínio, na realidade, não se limita às vísceras, aos aparelhos circulatório, respiratório, digestivo, gênito-urinário; na sua totalidade estende-se também ao sistema muscular, isto é, aos músculos do esqueleto: aqueles que efetuam os deslocamentos dos membros e do corpo no espaço. A esses movimentos de grande amplitude correspondem encurtamentos ou alongamentos bruscos e consideráveis da fibra muscular, contrações chamadas fásicas, sob muitos pontos distintas das contrações tônicas. Porém, os mesmos músculos revelam a sede de uma atividade tônica ou plástica, que lhes proporciona, a cada instante, um grau de consistência e uma forma em relação com as fases sucessivas do gesto executado ou que, interrompido o gesto, conserva o corpo na sua atitude

(7) Ver exemplos em *L'Enfant turbulent*, III Parte.

(8) Ver capítulo VI: *As origens e as formas da emoção na criança*, p. 95 e seguintes.

atual. As atitudes repousam na atividade tônica, assim como os movimentos das vísceras; motivo pelo qual SHERRINGTON fez do seu conjunto uma mesma função fundamental sob o nome de função postural.

Tão distintos quanto possam ser seus efeitos aparentes, distinta sua sede e variadas suas diferenciações, afinidades e uma solidariedade íntimas continuam a uni-los. Dessa forma podem se explicar muitos mecanismos da vida psíquica.

Assim as excitações do labirinto, ao provocarem modificações do tono, modificam, sem dúvida, a atividade visceral; mas são, sobretudo, a origem das atitudes que diferem com o sentido da excitação labiríntica. Desde o primeiro mês de vida, STERN observou que uma criança projeta os braços no ar como que à procura de apoio, no momento em que o pêso do adulto faz fletir, bruscamente, a cama onde ela está deitada ou mesmo ao ser colocada na banheira⁽⁹⁾. Entretanto, diz STERN, ela ainda jamais correrá o risco de cair ou de se afogar. Na sua opinião, o que independe da experiência só se pode explicar como um reflexo inato do medo. Mas essa interpretação, por certo, antecede o desenvolvimento real da criança. Ainda no 41.º dia, PREYER observou fato semelhante, sem que a criança despertasse⁽¹⁰⁾. Retirando-se, lentamente, o lençol sobre o qual estava deitada, seus braços se agitavam a princípio viva e simultaneamente para a cabeça, depois em sentido inverso. Igualmente W. FREEMANN⁽¹¹⁾ notou que o corpo de uma criança projetado no ar se enrijece, a cabeça se curva para trás, a coluna vertebral entra em extensão, as pernas se separam, os dedos dos pés e os braços ficam em abdução, os cotovelos ligeiramente fletidos, as mãos abertas, com os dedos separados. Essas atitudes correspondem às descritas por MAGNUS e KLEIJN com o nome de *Liftbewegungen*, movimentos de elevador; produzem uma queda ou uma elevação bruscas; a extirpação dos dois labirintos as suprime. Trata-se, pois, de simples reflexos labirínticos. Qualquer que seja sua semelhança com as manifestações exteriores do medo, pertencem a um período anterior. No feto já se pode obtê-los

(9) *Psychologie der frühen Kindheit*.

(10) *Idem*.

(11) *Encéphale*, fevereiro, 1924.

e sua aparição deixa de ser automática a partir do quarto mês. Isto é, sobrevêm nessa idade, atividades mais complexas, que as integram, controlam e podem inibi-las total ou parcialmente. Contudo, a ação inibidora suscitada, mesmo nesses casos, os transforma em componentes de reação global e com êsse grau de organização, reagem sobre a sensibilidade de conjunto e se tornam o princípio de certas emoções⁽¹²⁾.

A importância das atitudes, na expressão, como na orientação do comportamento e, pela sua repetição, na determinação do tipo individual, é de tal ordem que estudar os seus mecanismos reguladores significa remontar aos fatores elementares da vida psíquica. As excitações labirínticas podem modificá-los, não são porém as únicas a fazê-lo e sobretudo permanecem, numa certa medida, secundárias ou ocasionais, visto só serem percebidos através dessas próprias atitudes. No recém-nascido existe um reflexo, bastante complexo, cuja frequência numerosos autores notaram. É o bocejo. Sinal de enfado ou de lassidão no adulto, corresponde, entretanto, nos primeiros dias de vida, a estados puramente fisiológicos. PREYER vê nisso uma simples modificações respiratória, uma respiração mais profunda, subsequente e compensadora de uma série de inspirações superficiais. Entretanto, é o suspiro que, em semelhante caso, se produz para ativar a hematose. O bocejo, ao contrário, não é essencialmente um ato respiratório; consiste, sobretudo, na distensão próxima de uma ordem de funções bem diferentes. De contrações lentas e tônicas o bocejo tende a dilatar o tórax, imobilizando-o; sua ação interessa, igualmente, à nuca, à coluna vertebral e aos membros, os quais se põem em extensão forçada e realizam, mais ou menos, a chamada atitude de rigidez decerebrada. As pálpebras, secundariamente, se crispam sobre os globos oculares, cuja compressão é, por vêzes, acrescida artificialmente pelo auxílio dos dedos.

A sensibilidade, posta em ação nesse caso, é a das articulações, as quais passam por uma série de deslocamentos lentos ou espasmódicos e permanecem fixadas nas posições mais

(12) Consultar cap. VI: *As origens e as formas da emoção na criança*, p. 95 e seguintes; e o cap. III: *Natureza das emoções*, p. 55 e seguintes.

ou menos forçadas. É possível que essas variações generalizadas da sensibilidade articular provoquem estímulos numa atividade que se entorpece ou então liquídem certas impressões de prolongado constrangimento. O bocejo não se produz exclusivamente nos estados de lassidão e de combate ao sono, quer antes de dormir, quer ao despertar: com frequência sucede também à simples expectativa ou indica impaciência física. É provável que o bocejo, como a pressão dos globos oculares, frequentemente seu satélite ou, em certos indivíduos seu substituto, provoque modificação, à maneira do reflexo óculo-cardíaco, no equilíbrio das forças nervosas que regulam, por intermédio dos sistemas simpático e parassimpático, a atividade visceral e as funções vegetativas. Sua influência se deve, em grande parte, às impressões articulares pois, outros indivíduos podem substituir o alongamento total distendendo-se ou comprimindo-se até conseguir estalar as articulações dos dedos. Assim procedem para melhor se porem em ação no decorrer ou no início de uma tarefa constrangedora ou algo desagradável. Dêsse modo, a sensibilidade articular parece possuir uma influência estimuladora ou modificadora, em nossas disposições profundas. Provavelmente está também presente nas contorsões de algumas crises convulsivas ou emotivas, crise histérica, crise de desespero, crise de cólera.

Além disso, como o labirinto, comanda sistemas mais ou menos limitados de contrações, os quais como consequência integram-se em atividades mais complexas, sendo privados por conseguinte, de suas manifestações autônomas. Tais como os reflexos profundos do pescoço, cuja existência foi revelada por MAGNUS e KLEIJN nos animais amputados de seus cérebros e no feto. Mas é delas sobretudo, que depende o sentido das atitudes e, em consequência, intervêm em tôdas as situações psíquicas que sofrem sua influência. Na realidade, apenas os contatos variáveis das superfícies articulares e o relaxamento ou a tensão dos ligamentos que os unem ao tono dos músculos podem, combinando-se com as impressões ligadas, exprimir a posição recíproca do tronco, dos membros e de seus segmentos.

Essa sensibilidade, anônima normalmente, é subordinada; todavia, como toda função em seus primórdios, começa por se exercer independentemente e, no adulto, num momento oportuno, pode se tornar um tema de atividade. Incontestável

é a satisfação de toda criancinha ao sentir plena liberdade de ensaiar em múltiplas contorsões, o jôgo de suas articulações. Certos idiotas igualmente se entregam com tal incidência a semelhantes contorsões, que suas articulações acabam por se relaxar o necessário para se desconjuntarem à vontade. Enfim, no Oriente registramos, particularmente, danças tidas como uma sucessão lenta de atitudes requintadas, pondo em ação a sensibilidade articular como outras danças evidenciam as sensações de equilíbrio. O corpo e os membros em cada um de seus segmentos são atravessados por uma onda que os desloca, minuciosamente, e os manobra até o limite extremo das possibilidades articulares. Esses movimentos são comparados aos da atetose, definida por sua vez como uma sequência de atitudes em movimento. Ora, a atetose se produz em consequência de lesões nervosas isolando o pálido de suas conexões ópto-es-triadas. Portanto, é sempre à região sub-hemisférica do cérebro, que se reduzem as funções e manifestações preponderantes do recém-nascido, as quais virão a constituir o fundamento da vida afetiva do adulto.

C) — AS REAÇÕES DE ORIGEM EXTEROCEPTIVA

O comportamento funcional tal como se observa na espécie humana, no recém-nascido, é exclusivo de toda relação direta, ativa como o ambiente, com o espaço e os objetos ou as fontes de excitações com as quais é povoado. Sem dúvida pelos orifícios naturais se operam as trocas necessárias à vida; e por certo, também, o corpo ocupa seu lugar no mundo, lugar êsse por êle modificado à medida em que o jôgo de suas atitudes o faz mudar de forma. Tôdas essas reações porém se realizam como em circuito fechado. As contrações das vísceras à sensibilidade interoceptiva, atitudes segmentares ligadas à sensibilidade proprioceptiva não ultrapassam de modo algum as impressões que produzem e as quais, por seu turno, as medem, as regulam, as propagam segundo conexões em relação imediata e exclusiva com a própria função. A essa regra não escapam as excitações labirínticas. Ainda que resultem de deslocamentos no espaço, possuem ligação direta apenas com o pêso e com as ações derivadas, tais como a força centrífuga. Não oferecem, por conseguinte, nenhuma abertura para o

espaço exterior nem sobre seu conteúdo, e a sensibilidade que despertam, simples sensibilidade postural, permanece fechada sobre elas.

Existem várias repercussões interfuncionais. As funções não se restringem a manifestações sucessivas no comportamento, reagindo umas sobre as outras. Se a digestão estimula o sono, não se apaga, todavia, diante dele. Bem ao contrário: sua coexistência constitui uma espécie de colaboração contínua, uma série de modificações mútuas e íntimas. Não há variações respiratórias sem variações correlativas do pulso. O isolamento de início aparente de certas funções cede rapidamente lugar à mais sensível das solidariedades. Entretanto, dessas combinações ou sinergias funcionais nada poderia advir que superasse seu conjunto. Difícil conceber-se como poderiam ensejar formas superiores de organização psíquica, ou propícia à atividade de relação sem fatores superajuntados.

Por certo, através dos órgãos dos sentidos, o mundo exterior, fonte de excitações múltiplas, age sobre o recém-nascido. Em meio a vários autores, CANESTRINI, buscou determinar sua importância e precocidade relativas. Em ordem de importância surgem as sensações gustativas: os sabores salgados agitam, os açucarados acalmam, o amargo e o ácido provocam intensas reações motoras. As excitações olfativas, ao contrário, são mais ou menos inócuas. Segundo as regiões e o gênero de excitação, é variável a sensibilidade cutânea. Os lábios reagem, sobretudo ao contato. O frio provoca perturbações imediatas: distúrbios motores, lentidão da respiração e, por vezes do pulso, aumento do volume cerebral. O calor do banho produz uma excitação mensageira de todas as aparências da alegria. A sensibilidade visual limita-se às impressões luminosas. Desde o primeiro dia, seus efeitos são acentuados e se assemelham, quando bem intensas, aos do temor no adulto: aumento do volume cerebral, modificação e oscilação respiratórias, agitação ou, muito raramente, retorno à calma. Apesar da oclusão palpebral, sobrevêm até no sono e aumentam de intensidade com a repetição da excitação. As reações aos sons lembram as da atenção no adulto: lentidão da respiração que se torna irregularmente profunda, depois aceleração compensadora, maior frequência do pulso; aumento do volume cerebral. As excitações auditivas quando violentas como por exemplo as provocadas

por uma luz deslumbrante produzem reações simuladoras de pavor; moderadas, acalmam a criança agitada. Porém contrariamente às excitações visuais, em se repetindo, perdem, de modo gradual sua influência. Diante das excitações periféricas, a sensibilidade dolorosa é deveras obtusa.

Acalmia ou agitação generalizada, modificações do pulso, da respiração, do volume cerebral: são difusas ou funcionais todas as reações observadas. As comparações suscitadas por elas são de ordem afetiva: alegria, medo, atenção.

Dever-se-ia atribuir esses resultados, unicamente, ao método de CANESTRINI, ou seja, ao registro das variações de tensão cerebral ao nível da fontanela, do pulso e da respiração? Entretanto, na realidade, inexistente no recém-nascido reflexo local salvo, apenas, alguns de defesa tendo as mucosas como origem e cuja grande precocidade, sem dúvida, se deve ao fato de que eles dependem sobretudo da sensibilidade orgânica. Dessa forma, o contato do dedo com a conjuntura córnea, algumas vezes com os cílios, ou simplesmente o do ar soprado através de um tubo provocam a oclusão das pálpebras; o mesmo acontece com o da água, não antes porém da segunda semana e isso porque o recém-nascido traz consigo, ainda recente, uma impressão do contato com o líquido aniótico. Ao contrário, é em derredor da 7.^a ou 8.^a semana que a aproximação, ainda que pequena, da mão ou do dedo ao olho provoca o pestanejar. Ligeiro toque da mucosa nasal ocasiona, juntamente com um estremecimento generalizado, reações particularmente acentuadas na zona irritada: franzimento da fronte, piscadelas, espirro, lacrimejamento, (portanto, numa idade onde a criança ainda não chora), e mesmo o gesto de esfregar o rosto, ou seja, um reflexo orientado.

Todavia nada de semelhante produz uma excitação cutânea ou sensorial. Para o aparecimento de reação na pele é preciso que a região excitada esteja distendida: picadas de agulhas, suficientemente profundas para fazer surgir uma gota de sangue, segundo GENZMER não prococam quase nenhuma reação. A resultante de uma excitação cutânea se produz por vezes, a distância: por exemplo, a excitação da planta do pé só provocará uma careta. Muitas vezes se verifica agitação difusa e gritos. Os efeitos indiferenciados produzidos por um contato penoso são os mesmos provocados pela umidade, água ou frio.

No recém-nascido o ruído pode originar reações consideráveis, embora, para STERN a sensibilidade auditiva, seja a mais lenta a se manifestar: as pesquisas de FLECHSIG não têm revelado que, de todas as fibras sensoriais, as acústicas são, ao nascer, aquelas cuja mielinização (isto é, capacidade para funcionar) mais se retarda? Sem embargo, o próprio STERN, observou que, desde o segundo dia de vida, a criança se sobressalta diante de um ruído. Por certo, para a consideração dessas aparentes contradições impõem-se várias distinções. Após mais de vinte horas do nascimento a criança, por motivos mecânicos, pode ficar imune às excitações acústicas, isto é, o líquido que encheu, durante a fase fetal, as cavidades abertas do organismo, ainda não pôde ser completamente expulso da câmara timpânica pelos efeitos combinados da respiração e da deglutição. A data das primeiras reações auditivas, segundo os autores, é muito variável: para CHAMPNEY produzir-se-iam na quarta semana; para PREYER essa data é um limite extremo; e a criança que a transpuser, sem ainda ter reagido ao ruído, corre o risco de ser um futuro surdo-mudo. Para KUSSMAUL decorrem vários dias antes que a criança seja sensível aos mais violentos ou aos mais harmoniosos sons. FELBAUSCH viu recém-natos, já aos três dias, estremecerem durante o sono, em meio ao silêncio, ao ruído de palmas. MOLDENHAUSER observou outros reagirem, menos de doze horas após o nascimento, ao som estridente, elevado, ou discordante, emitido por um instrumento que lembra o cri-cri do grilo; GENZMER, graças a um pequeno sino, conseguiu resultados semelhantes e em crianças de apenas um ou dois dias. Contudo, como verifica CHAMPNEY, à primeira vista só provocam reações os ruídos acompanhados de vibração.

Por certo, nesses casos, se trata de excitações mais primitivas que as da audição propriamente dita. O sobressalto ou o tremor produzidos por ela são, em todo caso, reações globais, de um tipo seguramente arcaico. Com os músculos dos membros, elas põem em jogo, os do tronco, isto é aqueles que asseguram a posição em pé, cuja atividade é regulada pelos órgãos e centros do equilíbrio, os quais, por conseguinte, possuem funções sobretudo tônicas. Assemelham-se a essas sacudidas bruscas com as quais os peixes reagem aos estímulos do seu aparelho otolítico, e também àquelas produzidas, quando

a invasão súbita do sono vem, sem transição, liberar os centros tonígenos de todo controle. Na vigília do adulto, o sobressalto também pode reaparecer, seja de certos estados de distração e de devaneio, os quais, à semelhança do sono, suspendem, mais ou menos, a sinergia da atividade psíquica e das reações somáticas; seja, em seguida a excitações emotivas, cujos efeitos, durante muito tempo, reduzidos e reprimidos acabaram por acumular nos centros subcorticais, uma intensa energia, libertada ao menor choque: ora sob a forma ainda de sobressaltos e de tremores repetidos, ora sob a forma mais livre de convulsões tônicas. As crises emotivas ou histéricas, observadas particularmente durante a guerra, com frequência têm essa origem⁽¹³⁾. As sacudidas e sobressaltos plenamente presentes nessas crises aproximam-se das descargas tônicas do recém-nascido e justificariam a definição dada à histeria, ou seja, uma regressão ao estágio de manifestações infantis.

Ao lado do simples estremeamento, as excitações auditivas produzem também, na musculatura, reações prolongadas, de intensidade variável, mas sempre de aspecto penoso e difuso; diversas crispções faciais, dos membros, do tronco ou mesmo brusca resolução muscular, estados de hiper ou hipotonia, aos quais LOWENFELD reconheceu, em certos casos, os caracteres do choque nervoso. De fato é interessante a evolução por ele traçada desses caracteres, no curso das idades sucessivas do lactente. Muito embora, por volta do segundo mês, ele tivesse podido pormenorizar cerca de quarenta reações elementares, o seu número não ultrapassa 16 no 8.º mês, tendendo sua duração a decrescer a partir do terceiro mês. A essa redução no espaço e no tempo correspondem a aparição e a preponderância gradual de reflexos bem diferentes. Com efeito é entre a 3.ª e 4.ª semanas que os olhos, depois a cabeça, começam a se orientar na direção do ruído, como a lhe buscar a origem. Basta apenas ser a excitação mais intensa para que, ainda durante muito tempo, se reproduzam as reações tônicas e difusas do tipo arcaico. Portanto, existem entre os dois sistemas substituições recíprocas, isto é, antagonismo e não filiação. Trata-se de duas formas de atividade cuja significação é, realmente,

(13) Henri Wallon, *Année Psychologique*, XXI, p. 215-236; XXII, p. 143-166; *Journal de Psychologie*, janeiro-abril, 1920.

diferente. A atividade correspondente à vida de relações e que deve estar ligada à sensibilidade exteroceptiva, consiste, necessariamente, em reflexos orientados e localizados.

Significa que o movimento retorna à região excitada se se trata de contato, e para a fonte de excitação se se trata de excitação visual, auditiva ou olfativa. Orientação e localização não se somam ao reflexo, pois lhe são inerentes. Delas depende a existência do reflexo; daí admitir-se, com PIÉRON, estarem inscritas nos centros nervosos ao mesmo tempo que o reflexo.

Mas, na espécie humana, é deveras relevante que o aparecimento desses reflexos seja precedido por um período de reações cujos caracteres são bem opostos. Ao invés de retornar para o local da excitação, elas são difusas e, por vezes, se produzem, a distância. Frequentemente são obtenção é mais violenta ou mais fácil na criança adormecida que na acordada. Consistem mais em sacudidelas ou estados de rigidez, do que em gestos. Provocam também, algumas vezes, fenômenos inversos. Pois há excitações cujo efeito é a supressão súbita de toda agitação. Assim, notou PREYER que em seu filho, entre o terceiro e o sexto mês bastaria tocar-lhe a orelha, para suspender, instantaneamente as reações mais violentas e os mais vibrantes gritos. Ao se debater no banho, a mesma excitação revela idêntico resultado, mesmo quando não mais gritava. Dêsse modo, torna-se impossível invocar a surpresa, que teria experimentado ao perceber, diferentemente, os seus próprios gritos, no momento em que uma excitação exterior se exercia na sua orelha. Aliás em outras crianças a excitação deve incidir, não sobre a orelha, mas sobre uma outra parte do rosto. Após seis meses, esse gênero de excitações perde todo poder. Portanto, pertencem a um sistema de sensibilidade e de reações temporário. Não obstante, em que circunstância virá a se tornar, ocasionalmente, eficaz? Nas antigas manifestações de histeria por exemplo, as famosas zonas histerógenas ou inibidoras da crise não foram senão um puro produto de sugestão, ou mesmo a própria sugestão, frequentemente, não encontrou seus temas na revivescência de sensibilidades abolidas? Por fim essas sensibilidades tonígenas ou toníprivas, observáveis nas primeiras idades da vida, não possuem alguma semelhança ou parentesco com os reflexos de imobilização descrita

por RABAUD nos insetos e aos quais o estudo das emoções nos dará a oportunidade de voltar?

Se a predominância da atividade tônica sobre o comportamento, segundo VAN WOERKOM, é sinônimo de regressão, se ela deduz, mais ou menos momentaneamente, o indivíduo ao estágio onde o lactente estava exclusivamente submetido às impressões orgânicas e só dispunha de reações tônicas, restaria por conseguinte explicar porque no homem esse período precede, durante tão longos meses, a atividade de relação. Na realidade, tudo se relaciona com sua evolução ulterior, com as fases acrescidas no seu desenvolvimento àquelas onde pararam as espécies inferiores. Não podemos entretanto nos limitar à banal verdade de que organismo é tanto menos senhor de suas funções, desde o momento do nascimento, e uma função menos apta a exercer-se quanto mais amplos os progressos e maior a variedade de adaptações diversas comportadas pelo seu porvir, ficando, por conseguinte, reservado à experiência um papel mais decisivo: se a tanto nos limitássemos estaríamos deixando de lado o problema essencial. O que é preciso encarar são as prováveis relações entre a fase afetiva cuja importância no homem mede-se pela sua duração e o desenvolvimento de aptidões ulteriores encontradas entre as mais características da espécie humana.

Admite-se com frequência a existência do aperfeiçoamento e da filiação contínuas desde as primeiras até as mais elevadas manifestações observáveis no adulto. Aos balbucios do início sucederia uma atividade cada vez mais desligada e complexa, cada vez melhor adaptada, cada vez mais informada. De certo modo, da agilidade nasceria a inteligência, do automatismo o conhecimento. Mas em meio às primeiras reações difusas do recém-nascido e de seus primeiros momentos orientados no espaço, vimos a presença de uma dualidade de natureza e de antagonismo. Da mesma forma, nós o veremos entre os mecanismos motores que o colocam em relação com o meio e sua atividade intelectual entre seus automatismos e sua atividade intencional ou voluntária.

CAPÍTULO II

AS FORMAS DE ATIVIDADE DE RELAÇÃO AUTOMATISMO E REPRESENTAÇÃO

Na maioria das espécies, desde o nascimento, se produzem movimentos que colocam o animal em condições de reagir segundo seus apetites e necessidades, às diferentes circunstâncias do meio. Por certo em um nível relativamente baixo, como na ameba, existe identidade entre as mudanças de forma e a locomoção; entre os movimentos de relação, como no estado da "gástrula", onde as próprias contrações da cavidade do organismo apertam seu conteúdo e o fazem evoluir no meio líquido. A atividade de relação e a atividade postural possuem pois, originalmente, uma raiz comum. Nas espécies onde as duas funções estão já profundamente diferenciadas, os mecanismos locomotores podem, de improviso, atingir a precisão e a maior diversidade. É, por assim dizer, ao sair do ovo que o pintinho bica, a exemplo da galinha, ao se deslocar em todas as direções do espaço. A quase instantaneidade de seus êxitos já permitiria eliminar a hipótese de imitação, ou seja, essas operações complicadas que supõem o conhecimento ou a imagem do modelo, a capacidade de lhe ajustar seus próprios gestos e de utilizá-los como meio de alcançar para si mesmo os fins reconhecidos semelhantes aos por ele buscados. Todavia uma experiência banal mostra o gesto de bicar produzindo-se no pintinho, logo após ter deixado a casca, isto é, isento de toda possibilidade de imitação, se em uma placa sonora desferirmos pequenas batidas com a ponta de um lápis. É suficiente, portanto, uma excitação sem conteúdo representativo ou, pelo menos, sem re-

lação com o fim e o objeto do ato, para que este se realize em toda sua complexidade.

Essa organização do ato, anterior à experiência, é a característica mais relevante de automatismo, ou antes dos automatismos naturais, dos automatismos que o indivíduo herda da espécie. Sobre a independência aparente em face da experiência serve, muita vez, de fundamento para a crença de que ele, por si mesmo, é cego e um simples mecanismo de engrenagem inteiramente montada; daí a necessidade da intervenção da inteligência para adaptá-lo às circunstâncias imprevistas e, a da vontade para manejar as ordens.

Entre o automatismo gravado no organismo e as realidades exteriores precisar-se-ia o liame da representação, da intenção. Assim seria a imagem uma prévia condição da ação adaptada. Suporia a ação uma descontinuidade, uma pluralidade primitiva, e a necessidade de articular entre si, termos essencialmente distintos e dissociados.

Entretanto o automatismo é apenas uma adaptação em todos os seus graus e no seu princípio. Não é possível qualquer uma de suas manifestações sem um ajustamento de todos os instantes às condições mutáveis do meio e às da própria ação. Na marcha, o passo é a acomodação do pé e do equilíbrio ao solo, às irregularidades ou desnivelamentos, e ao porte, às resistências que ela encontra. Seria pura abstração distinguir na marcha a parte do mecanismo e a das circunstâncias exteriores. Abstração, sem dúvida, ordenada pelas exigências da representação, incidente sobre objetos circunscritos e não podendo delimitá-los sem os destacar de suas condições e relações naturais. Após havê-los fixado sob forma estática e acabada, outra coisa não faz senão apô-los, como um todo fechado às suas próprias relações. O mesmo acontece com o organismo e com as possibilidades diversas ligadas à sua organização. A representação realiza um sistema que parece, de alguma forma, se bastar e esperar a ocasião de manifestar o que ele é e aquilo que contém. Na realidade, sua própria organização só se explica através das circunstâncias às quais lhe é dado reagir. São dois termos complementares cujo conjunto é contínuo e indissociável. A reação, para se produzir, exige condições, sendo que umas pertencem ao meio e outras à substância viva.

Dentro de sua unidade ela resulta quer de umas, quer de outras, qualquer que seja a parte, mais ou menos, considerável de umas ou de outras.

Com efeito, entre as duas, a relação pode variar e, com o progresso da organização, o centro de gravidade deslocar-se do meio para o organismo. Para um ser pouco diferenciado, as influências exteriores determinarão o sentido e a intensidade de suas reações. Inversamente, o organismo muito evoluído terá integrado tantas condições das quais resultará o ato que parecerá ser ele quem regula quase sozinho a oportunidade, a orientação e a extensão do mesmo: entretanto o liame não é desfeito e toda reação corresponde a um campo de forças, unindo num mesmo circuito seus motivos ou meios externos e suas condições orgânicas. Uma escola de psicólogos alemães, os teóricos da forma ou *Gestalt*, exprimiram, muito bem, a continuidade essencial dos atos que suscitam no ser vivo as realidades ambientes. Cada um deles possui como que uma estrutura particular e por assim dizer original, a depender da situação total, isto é, do conjunto constituído a cada instante pelas circunstâncias exteriores e internas. Seria artificial introduzir entre os dois uma distinção, mesmo puramente verbal. Tais circunstâncias tão estritamente se fundem no ato suscitado que se torna impossível dissociá-las; pois não surgem do mundo exterior ou do organismo quaisquer condições inertes que se afrontam e se combinam mas sim condições que se suprimem reciprocamente e reúnem a possibilidade de um determinado conjunto. Do mundo exterior, a parte a entrar na reação é a que pode responder a certas disposições do sujeito, despertando-as ao mesmo tempo. Inversamente tais disposições chegam a se revelar pelo fato de terem encontrado seu objeto, de terem sabido suscitar-lo. Interromper o círculo, decompô-lo em objeto, sujeito, fim e meios, é suprimir o essencial.

Nos casos concretos, aparece melhor a firmeza dessas descrições. KOEHLER ⁽¹⁾, em particular, mostrou como elas podem se aplicar ao comportamento no entanto já muito complexo dos macacos superiores e como elas dão a êsse comportamento a mais satisfatória explicação. Entre eles e a presa

(1) *L'intelligence des singes supérieurs*, trad. Guillaume, Alcan, 1927.

cobiçada, seu desejo cria como que um atrativo que preludia sua apropriação. Todavia, surgindo um obstáculo à apropriação da presa através das reações imediatas ou usuais, parece que as linhas de força que unem o sujeito ao seu objetivo se deslocam e fazem ingressar em seu campo, sucessivamente, objetos ou circunstâncias, os quais, de súbito, irão realizar uma estrutura de apropriação entre o animal e a presa. O desvio ou o instrumento assim utilizados, evidentemente, surgiram, em função da atração exercida no animal pela presa. E também em virtude de sua aptidão a integrar numa mesma percepção um campo mais amplo ou mais diverso, integração essa variável não somente dentro de uma espécie mas igualmente de indivíduo para indivíduo, segundo seu nível de organização psíquica. Quaisquer que sejam os tateios utilizados pelo animal e através dos quais, com o andar do tempo, tenha adaptado seus processos, não possuíram, evidentemente, no início, nenhuma individualidade objetiva. São o que são em razão da estrutura na qual entraram. Para o futuro apenas conservarão a espécie de familiaridade e de conveniência recíproca persistente entre objetos ou circunstâncias anteriormente unidas pelo uso.

Ao se tratar de operações de rotina, e não de inovações impostas por um obstáculo levantado diante do desejo do animal, com mais forte razão, as circunstâncias diversas da ação são despidas de toda individualidade. Com efeito, basta se encarar um automatismo, não mais através do crivo de nossas distinções correntes, mas nêle mesmo, para se averiguar que realiza a fusão total do movimento, de seus instrumentos e de seu objeto. O fato é tanto mais relevante se se trata de automatismos adquiridos. Não merecem o nome de automatismo senão no momento em que se torna impossível a delimitação entre a ação do corpo e as reações do objeto ou dos instrumentos. O bom cavaleiro se prolonga em seu animal e sente os movimentos dele continuados nos seus. A hábil fazedora de tricô se prolonga em suas agulhas e até mesmo em suas malhas. O pianista treinado coloca sua sensibilidade mais no teclado do que nos dedos. Ou melhor, nem cavalgadas, nem malhas, nem teclado, mas um sentimento de ação indivisível, no qual estão como que dispersos e indiscerníveis. Sem dúvida, à primeira vista, é preciso contar com o objeto, o instrumento

e mesmo o ato insólito. No dançarino bisonho o passo a executar é tão estranho quanto a bicicleta o é para aquele que não sabe montá-la. Existe, por certo, nesse caso, dualidade inicial. Nesse exato instante não podemos estudar por qual sucessão de imagens e de impressões, substituíveis umas pelas outras, teria sido essa dualidade inicial progressivamente reduzida e, por fim, apagada no movimento puro ou antes numa espécie de melodia cinética. Todavia, não entra em nosso objetivo estudá-lo aqui. O retorno, entretanto, das imagens relativas ao objeto, ao instrumento ou ao modelo, não pode se produzir, uma vez adquirido o automatismo, sem o suspender ou nele causar embaraços. Representar-se a posição dos dedos nas teclas e dos pés nos degraus é correr o risco, mais ou menos certo, de claudicar ou tropeçar na execução de um trecho musical ou na descida de uma escada.

Entre a representação e o automatismo, há incompatibilidade radical e mútua exclusão. Constitui pois um contra-senso o fazer emergir da adaptação motora ou do automatismo a atividade mental, operante sobre representações. Existem aí dois níveis de atividade, duas etapas distintas, cujos efeitos, correm de fato o risco de se contrariar, como aliás é muito freqüente no homem. O automatismo que realiza a adaptação do indivíduo às circunstâncias atuais existe de improviso no animal ou pelo menos seu pleno exercício é problema, mesmo nas espécies superiores, de apenas algumas horas ou alguns dias. Na espécie humana aparece bruscamente um período preliminar de imperícia total.

Sem dúvida, é preciso levar em conta o fato de que toda ordem nova de atividade, ao se instaurar, reduz, imediatamente, o campo onde se exerciam as formas anteriores de atividade, subordinando-as com freqüência, quase total, a ponto de perderem uma parte considerável de sua autonomia. Assim se verifica com o automatismo ao se desenvolver a motilidade chamada voluntária ou intencional. A esse respeito a diferença entre o homem e o cachorro, por exemplo, é das mais categóricas.

A destruição das circunvoluções motoras, onde se localizam os centros motores que superpõem aos automatismos a ação do córtex cerebral, é no cachorro rapidamente compensada; após alguns dias de movimentos incertos, seus automa-

tismos readquirem integridade completa. No homem, ao contrário, as lesões que prejudicam definitivamente, seja o córtex motor, seja o feixe de projeção, trazem como resultado, uma hemiplegia, suprimindo de maneira durável a possibilidade de todos os movimentos automáticos e voluntários. Os automatismos, anteriormente sob a dependência exclusiva dos núcleos subcorticais, que formam sob o nome de sistema ópto-estriado uma espécie de cérebro inferior, cessam portanto de poder se efetuar com o concurso do córtex, à medida que aumentam o papel e a importância da atividade cortical. Não constitui surpresa se os automatismos da criança não se exercerem enquanto o córtex, cuja maturação é longa, não lhe fornece o apoio necessário.

Todavia essa constatação não resolve, de forma alguma, os problemas levantados pelo antagonismo existente entre a representação e o automatismo. Quais as influências que levaram o harmônico e coerente sistema de automatismo, isto é, o sistema de adaptação imediata às circunstâncias atuais, a se deixar superar? Que influências, em seguida, o fizeram, de modo gradual, reduzir e dominar-se por uma atividade, talvez desenvolvida por uma progressiva exclusão das reações imediatas sobre o mesmo? Que influência teria sofrido essa atividade para acrescentar ou substituir às circunstâncias atuais razões para agir, totalmente alheias à situação? Pois é a ação das representações responder a objetos, muitas vezes bem diferentes dos oferecidos pela realidade do momento. E na medida que elas se resolvem com atos, fazem prevalecer sobre as situações reais aquelas ainda puramente virtuais. O homem, por assim dizer, se acha entre duas superfícies de estímulos. Por intermédio da periferia sensorial, o meio dele solicita atos de adaptação ou de apreensão imediatas. Mercê do córtex cerebral, desenvolve o mundo da representação, das situações ideais, dos motivos inaturais. Se sua conduta se exime progressivamente do império exclusivo de uma sofre a ascendência cada vez mais dominante da outra; isso acontece certamente, porque a segunda lhe oferecerá meios de certo modo mais poderosos e seguros de adaptação e de conquista.

Para agir útilmente sobre o meio, vale mais pensá-lo que o experimentar. O pensamento contém mais realidade, mais objetividade que a impressão. Entretanto, representa o termo

de uma evolução longa e cujas etapas podem parecer incoerentes e contraditórias, de vez que, em particular, o que sabemos do pensamento primitivo nos parece estar em perfeito desacôrdo com as leis do conhecimento do mundo físico. Assim pois, para realizá-lo, tornou-se inevitável que não estivesse o pensamento, em nenhuma de suas etapas, em oposição aos interesses atuais do homem, ou melhor, que os favorecesse. O aspecto heteróclito dessas transições talvez faça parecer menos paradoxal o fato do pensamento, cujas formas atuais tendem a oferecer do universo uma realização, ao mesmo tempo ideal e objetiva, ir buscar suas origens longínquas em funções que parecem encerrar estritamente o homem em si mesmo, ocupando-o com as suas próprias atitudes.

Todavia, precisamente dessas atitudes surgiu um primeiro esforço de intuição subjetiva e de consciência, como, aliás, não seria possível esperá-lo senão da atividade postural e de sua plasticidade essencial. As emoções competirá a tarefa de nos mostrar a que ciclo de atividade e de novas adaptações contribuirá essa nascente sensibilidade.

CAPITULO III

NATUREZA DAS EMOÇÕES

A. — O PARADOXO DAS EMOÇÕES

As emoções têm ensejado teorias diversas, contraditórias entre si, não parecendo nenhuma delas estar de acôrdo com os fatos. Entretanto, partem tôdas de um princípio comum, aliás causa dessas contradições. Tais teorias ligam a emoção à atividade de Relação com o único critério possível de avaliação de sua utilidade ou de sua nocividade como se apenas considerassem na evolução e na adaptação do homem as suas relações motoras com o meio ou sua representação intelectual das coisas. Em sua atividade efetiva, uma espécie de finalismo, deveras estrito e imediato, só retém êsses dois têrmos, e os une, os ajunta, supondo-os em continuidade direta, enquanto que um fragmento apreciável de vida os separa, exatamente o fragmento onde se desdobram as emoções.

O contraste entre as exigências de uma atividade precisamente acomodada às circunstâncias e os efeitos da emoção é de tal forma que uma comparação nos conduz, necessariamente, a êsse dilema: ou a emoção é, em essência, uma perturbação, uma degradação da atividade e, nesse caso, o lugar por ela ocupado no plano das reações biológicas é o da doença, o lugar pelo menos de vícios a contrariarem o jôgo normal das funções; ou então possui a emoção entre essas funções a sua razão de ser. Tornar-se-á, dessa maneira, necessária a explicação de suas manifestações nocivas ou perturbadoras, que constantemente a acompanham.

Dessas duas opiniões contrárias, a primeira foi adotada por J. R. KANTOR⁽¹⁾. Os distúrbios motores que surgem com a emoção: tremor, rigidez, ou lassidão muscular, incerteza, falta de medida nos gestos; os distúrbios dos sentidos, da vista e da audição principalmente, cujo campo se estreita, se obnubila, é percorrido por impressões ilusórias ou deformadas; os distúrbios de julgamento que alteram profundamente as proporções da realidade, das situações, dos efeitos e das causas; sem falar de agitação visceral e glandular: disritmia ou suspensão dos movimentos cardíacos e respiratórios; salivação ou extrema secura da boca; espasmos do esôfago, do estômago, do intestino; retenção ou evacuações alvinas etc., etc. — tôdas essas desordens ligadas à emoção possuem, manifestamente, o condão de pôr em plena desordem as aptidões e a continência do indivíduo, a ponto de KANTOR afirmar ser quimérico e mesmo absurdo querer-se encontrar quaisquer afinidades entre essas atividades organizadas que são, por exemplo, o automatismo ou os instintos. A emoção só se compõe de reações dissociadas, lacunares, desproporcionadas, caóticas, entre as quais é inútil procurar a menor sistematização. Entre elas inexistem mesmo emoções distintas, a oferecerem a mais leve coerência ou especificidade. São, pois, simples turbilhões de conglomerados ou reuniões dos mais anárquicos e dos mais diversos.

Todavia é evidente o exagêro dessa posição desesperada. Colide, choca não somente a linguagem e a experiência corrente, veículos capazes de estabelecer a distinção entre o medo, a cólera, a tristeza, ou a alegria, mas também as comprovações da clínica e da fisiologia, as quais, por sua vez, reconheceram, em cada espécie de emoção, um determinado grupo de sintomas ou melhor, uma síndrome particular; entre êsses sintomas, surpreendem-nos mecanismos ou combinações mais ou menos sistemáticos; e por fim, dominando êsses mecanismos, a presença de centros coordenadores, cuja excitação artificial no animal, permitiu obter, precisamente, tôdas as manifestações da cólera ou do medo⁽²⁾. Mas o caráter organizatório das

(1) *Psychological Review*, XXVIII, 1 e 2, 1921, p. 19-42; 120-140.

(2) Conforme mostraram, em particular, no animal, as experiências de Pagano.

emoções, — implicando uma espécie de finalidade biológica — torna desconcertantes suas intervenções intempestivas na motilidade de relação.

O problema não escapou a DARWIN, e no seu livro sobre a "Expressão das Emoções", esforçou-se por descobrir em cada um de seus efeitos um motivo utilitário, mas de uma utilidade inatural, pertencente a uma das etapas impostas à espécie pela evolução.

Na emoção permanecem reunidos os remanescentes dos comportamentos anteriores, à semelhança do que se verifica nas camadas geológicas onde persistem os testemunhos fósseis das idades revolutas. Todavia tais resquícios, na emoção, se encontram em estado de revivescência atual; e alteradas as circunstâncias, por certo complicarão o curso regular da atividade, impondo-lhe inúteis desvios e opondo-lhe obstáculos. Seria, por assim dizer, a evolução vista às avessas. O traço incisivo das etapas vencidas é o correspondente de uma sucessão de progressos que levam a transpor etapas evolutivas.

O infortúnio dessas explicações é o caráter manifestamente artificial. O artificialismo de tais explicações atribui a cada pormenor da expressão emotiva um fim e uma utilidade frequentemente bem inverossímeis; interpretam artificialmente todos êsses pormenores como antigos gestos, mais ou menos atrofiados, que teriam pertencido, outrora, à motilidade de relação. E para muitos dêles, para a efusão das lágrimas por exemplo, há uma transposição, que fez passar ao segundo plano, até as desconhecer, as relações essenciais com a atividade orgânica, visceral ou glandular.

A importância dessas reações orgânicas é entretanto aparente, a ponto de nas teorias modernas da emoção, constituir questão fundamental a explicação do mecanismo ou da razão dessas reações. Aqui ainda se defrontam a tendência para justificá-las por sua utilidade e a propensão a só ver uma torrente de efeitos inúteis ou incômodos. A de W. JAMES, a mais simplista dessas teorias, deve sua voga, sem dúvida, à sua maneira paradoxal. "Não se chora porque se está triste, mas se está triste porque se chora". Limitar-se a inverter dessa maneira, a ordem dos termos é admitir sua oposição como legítima e aceitar como fundamentada a dualidade das reações e do estado mental. Com toda certeza a atitude de DESCARTES foi mais

científica. Ao admitir como vontade de Deus o paralelismo do pensamento e da extensão, pôde, desde logo, realçar com rigor as modalidades concomitantes de uma e de outra realidade. Se por essa ocasião, sob uma notação puramente estática dos efeitos orgânicos ou mentais da emoção, não suspeitara ainda DESCARTES o jogo combinado das funções e das situações nos diferentes níveis da adaptação psíquica, pelo menos não rompera seu acôrdo indissolúvel, e não reduzira ao estado de epifenômeno inerte as impressões ou motivos psíquicos que constituem um estímulo tanto quanto um resultado da emoção. Por certo, revela sentido deveras ambíguo dissociá-la, como procedeu W. JAMES, em manifestações periféricas e em repercussões centrais; pois entre os órgãos e seus centros há — decorrência de sua unidade funcional, assim como do seu desenvolvimento, — simbiose íntima. A aceitação desta atitude, em particular diante da emoção, implica no desconhecimento da interpretação estrita da sensibilidade e do movimento, — caráter essencial das funções por ela organizadas e na negação implícita do desempenho do seu papel na evolução psíquica.

As relações que o fisiologista americano CANNON⁽³⁾ reconheceu entre as manifestações exteriores da emoção e as modificações orgânicas são de natureza particular. Graças ao auxílio de diferentes experiências, mostrou-nos como o sangue de um animal irritado, ao ser transfundido para um outro, neste provoca efeitos aparentes de cólera e mostrou igualmente como se obtêm efeitos semelhantes através de uma descarga de adrenalina no sangue. A adrenalina orgânica é uma secreção das glândulas supra-renais e mais particularmente da sua parte medular. Na economia seu efeito é ativar as reações vegetativas comandadas pelo sistema ortossimpático, um dos dois sistemas antagonistas componentes do sistema simpático ou autônomo, ou seja o sistema nervoso diretamente relacionado com as funções orgânicas. Por conseguinte, as emoções repousam na atividade das glândulas endócrinas, — supra-renais e tireóide principalmente; os produtos de secreção dessas glândulas, veiculadas pela corrente circulatória, quase instantaneamente em todo o organismo, asseguram a simultaneidade das reações in-

dispensáveis à explosão emotiva. A glicose em frações apreciáveis é libertada no sangue e nos tecidos, a fim de prover ao considerável consumo energético; simultaneamente, os brônquios, ao se dilatarem, ampliam o campo da hematose aumentando, por conseguinte, a rapidez e o volume das oxidações, enquanto que a circulação é ativada pela maior intensidade das contrações cardíacas. Por outro lado, todos esses efeitos canalizam-se em favor exclusivo dos centros nervosos de tal forma que os vasos periféricos, ao se contraírem, provocam o refluxo do sangue, e o aparelho digestivo vê-se como que entregue à inibição.

De certo modo, a ação da adrenalina representa uma causa única. Reações existem admiravelmente combinadas para desenvolverem ao máximo as possibilidades da ação e ao mesmo tempo localizar a sua sede nos órgãos considerados, por excelência, como os da atividade diferenciada, da adaptação exata, deliberada, inteligente. E como resultado, temos a emoção, isto é, a ação mais confusa, a mais desordenada, a mais subversiva de nossas relações com o meio. A teoria de CANNON simplifica muitas vezes em demasia as manifestações viscerais da emoção no sentido de melhor salientar sua admirável disposição; além disso, tal teoria seria insuficiente para explicar a diversidade das emoções; todavia a rigorosa acomodação por ela concedida às condições orgânicas da emoção ressalta melhor, por contraste, a maneira como seus efeitos exteriores diferem de reações que se harmonizariam verdadeiramente aos reclamos do momento e do meio.

Uma outra teoria, também de um fisiologista, LAPICQUE, se opõe à proposta por CANNON. Ao invés de culminar na atividade de relação, parte dela. Ao invés de a imaginar bem adaptada, supostamente à imagem de suas condições orgânicas, êle a vê toda perturbada pela intervenção, precisamente, das reações orgânicas. Ao invés de encarar a energia como produzida pelo organismo em proveito do sistema nervoso, êle a mostra fugindo do sistema nervoso para invadir o organismo. Sua explicação, ao invés de química, é física. Baseia-se em leis de excitabilidade nervosa.

O influxo nervoso — aferente ou eferente — transmite a excitação dos órgãos aos centros nervosos ou dêstes para aquêles. No intervalo, seu circuito de certo modo é complicado,

(3) *Bodily Changes in pain, hunger, fear and rage*, New York and London, Appleton, 2.^a edição, 1929.

atravessa mais ou menos neurônios e transpõe mais ou menos sinapses. A semelhança das cronaxias guia o influxo no seu trajeto, oferecendo-lhe os elementos descontínuos através dos quais êle se propaga. Na realidade, a excitação entre elementos de diferentes cronaxias não pode se transmitir.

Em outros termos, a eficácia da excitação, depende de uma dupla condição. Não basta que alcance uma certa intensidade; é preciso que ela se produza num determinado tempo. Estão longe porém de serem as mesmas para todos os elementos nervosos e para todos os órgãos as condições de tempo. O tempo que deve durar a excitação, ou cronaxia, varia com os sistema de funções. Não é o mesmo, por exemplo, para os aparelhos — músculos e neurônios, — que concorrem à flexão ou à extensão dos membros. Essa diferença explica o prosseguimento, sem desvio, da excitação, assim como, à exclusão de qualquer outra, se produzem exatamente as contrações musculares requeridas pelo ato no momento de sua execução. As diferenças de cronaxia podem ser consideráveis e o são, sobretudo, entre os músculos que atendem à vida da relação e aos músculos das vísceras. Para o gastrocnêmio da rã, a cronaxia é de três décimos milésimos de segundo; para as fibras do estômago desse animal é de meio segundo ou mesmo de um segundo.

Esse desvio viria, por assim dizer, impedir que a excitação passasse de um sistema para o outro. Contudo, segundo LAPICQUE, a emoção, de fato, seria devida à invasão do aparelho vegetativo e das vísceras pelas excitações oriundas dos centros nervosos que presidem à vida de relação. Quando, com efeito, a intensidade da excitação aumenta suficientemente, as diferenças de cronaxia tendem a se abolir, e o influxo nervoso derrama sobre outros o exágere de um aparelho funcional. No homem, sobretudo, o desenvolvimento do encéfalo, e especialmente dos hemisférios, é de tal monta, que tornaria possível uma liberação de energia de elevada intensidade, permitindo que a excitação transponha tôdas as sinapses, sem considerar as diferenças da cronaxia, provocando dessa maneira uma agitação difusa, na qual reações orgânicas e viscerais se misturam aos movimentos de relação, nestes lançando a confusão. Por conseguinte, os enganos da emoção representariam o resgate do alto nível alcançado pelo crescimento dos centros nervosos,

e particularmente dos centros superiores — o que à primeira vista parecerá paradoxal, pois que a incontidência emotiva não é de superioridade mental. Ao contrário, parece que juntamente com a massa cerebral, aumentam não só a quantidade de energia bruta, mas a diferenciação, a subordinação hierárquica das funções e, por conseguinte, o controle das mais elementares pelas mais elevadas. Ora, a emoção está longe de se propagar a partir das funções correspondentes às formas mais evoluídas da atividade mental, em direção às mais primitivas origens do psiquismo; ao contrário disso, ela nasce e se desenvolve na esfera das impressões e dos apetites mais próximos da sensibilidade orgânica ⁽⁴⁾.

Embora adotando esta teoria, PIERON dela faz outra aplicação a ponto de resultar uma significação bem diferente e das mais interessantes. Ele opõe os dois comportamentos possíveis do caranguejo no qual uma pata se encontra aprisionada. Em condições normais para a sua liberação irrompem esforços de locomoção e de tração. Porém em presença do polvo, êle amputa a pata aprisionada. Esta última operação parece exigir um consumo considerável de energia nervosa e não pode ser repetida duas vezes consecutivamente. Isso seria um efeito de emoção. Esta reação, exatamente localizada e perfeitamente ajustada ao fim, não se assemelha entretanto às descargas difusas e nocivas de energia, cujo mecanismo LAPICQUE procura demonstrar. Todavia difere radicalmente também dos movimentos executados no espaço no ato da fuga e do desembaraço. Ela incide sobre o próprio organismo, em sua configuração e mesmo em sua integridade. Testemunha uma aptidão funcional, ausente, evidentemente, na maior parte das espécies ou pelo menos daquelas que mais se aproximam do homem, po-

(4) Recentemente Lapique encarou a possibilidade de alterar sua teoria. Apoiando-se nos trabalhos da senhora Lapique, segundo os quais seria o tálamo o responsável pelas alterações das cronaxias; assim, supôs Lapique que entre o domínio dos músculos motores e o das vísceras o influxo nervoso, em virtude de sua massa, não mais passaria por efracção mas sim graças à intervenção do tálamo. Disto, pois, resultaria o seguinte: 1.º, as emoções são reações organizadas; 2.º, seu mecanismo corresponde à atividade de centros situados na região opto-estriada. Por fim, uma terceira pergunta à qual também ensaiamos responder: quais são a natureza e a função próprias da emoção?

rém cuja procedência original pertence, sem dúvida, às reações exercidas pelo organismo sobre ele mesmo e por meio das quais modifica sua forma, a dos órgãos e até os tecidos ou a composição de seus humores. Ligá-la à emoção não é reconhecer entre esta e as funções propriamente orgânicas ou posturais afinidades fundamentais.

B. — A EMOÇÃO PRIMITIVA. O RISO E O CHORO

O exemplo de certas reações, ainda primitivas, mostra, na realidade, que os efeitos mais claramente ligados à emoção têm o seu ponto de partida, não na vida de relação e nas formas de atividade ou nos centros correspondentes mas sim, no domínio postural, estendendo-se êste, segundo SHERRINTON a toda a atividade tônica do organismo, ou seja, às funções viscerais e ao jôgo das atitudes visíveis.

Por volta do 6.º ou 7.º mês a criança se torna sensível às cócegas. Suas reações anteriores permaneciam locais ou parciais: o toque da córnea provocava a oclusão das pálpebras; o toque no ventre, a simples contração dos músculos abdominais; o do pé suscitava um esbôço de riso, como notou PREYER, desde o segundo mês, porém de um riso incipiente e logo desfeito, à maneira de um reflexo isolado e instantâneo. O aparecimento da cócega se produz na época onde todo um conjunto de reações, que até então parecia surgir de modo autônomo, é como que reduzido ou abolido. É a idade em que as excitações auditivas não provocam mais que uma agitação limitada a 16 ao invés de 40 reações elementares⁽⁵⁾. É igualmente aquela onde o toque de certas regiões parece despojado da capacidade de suspender os movimentos da criança. E essa inibição se limita, neste momento, a seguir o destino de todas as reações primitivas, não mais se produzindo por elas mesmas à medida que as integram os sistemas mais complexos de atividade. Com efeito, nesse momento, essas paradas de movimentos, por queda ou excesso de tono, ao invés de estar, como no início, sob a dependência exclusiva, necessária, inevi-

(5) Ver Cap. I: "C) As reações de origem exteroceptiva", página 30.

tável de certas excitações periféricas, entram nos conjuntos, cujas manifestações variáveis correspondem a uma diversidade muito maior de situações, quer íntimas quer exteriores. E é a êsse título que podem reaparecer, no curso de certas emoções. A aptidão à cócega é pois um estágio onde já aparece, no comportamento, sistemas organizados de reações. A cócega é um deles. INSABATO⁽⁶⁾ que a estudou a considera a forma primitiva e ainda indiferenciada da emoção.

A cócega em questão não é aquela de fácil provocação em si mesmo ao se aflorar a pele; apesar de seu caráter afetivo de coceira, se aproxima pelos seus efeitos muito mais de sensibilidade de relação que da sensibilidade orgânica. Pois a impressão assim produzida permanece, exatamente, em relação com a excitação externa, inalterável enquanto esta persistir; porém que vai enfraquecendo pouco a pouco desde que cessa a excitação, tal como acontece com uma imagem de traços cada vez mais esmaecidos, mas sempre idênticos a ela própria. A impressão permanece localizada com relação à excitação. Os reflexos por ela provocados não nascem *in loco* e não se difundem, gradualmente, para as regiões ou os sistemas circunvizinhos. Ao contrário, acionam grupos de músculos, com frequência muito distantes, por exemplo os da mão direita, para um prurido da coxa esquerda; orientam para o lugar da excitação, e seu resultado não é o de estendê-la, de propagá-la, mas o de suprimir-lhe a causa ou abolir seus efeitos.

De outra natureza é a cócega tônica ou emotiva. Impossível provocá-la em si mesmo. A sensibilidade por ela despertada não é uma sensibilidade periférica e constituída para o conhecimento das variações sobrevindas no ambiente; não é a sensibilidade da pele nem a dos órgãos sensoriais que aí se encontram. Obtém-se por uma fricção dos planos profundos e tanto melhor quanto a excitação interessa regiões onde são abundantes e firmes as inserções dos músculos nos ossos ou nas aponevroses: planta do pé, cavado axilar, nuca, costelas e dorso, abdome, cavado poplíteo. Por consequência trata-se de uma sensibilidade que se origina nos tendões, nos ligamentos, nas aponevroses, no perióstio, exatamente como a sensibilidade

(6) *Riv. di Pat. ner. e mentale*, novembro 1921, vol. XXVI, p. 121-167.

articular ou sensibilidade segmentar, isto é, como a sensibilidade de onde resulta o sentido das atitudes.

Do mesmo modo que os reflexos ligados à sensibilidade articular são posturais, ou seja, tônicos, asseguradores do equilíbrio do indivíduo e da estabilidade de todas as posições, sucessivamente tomadas, assim, igualmente os efeitos da cócega são também contrações tônicas. Dêsse modo nascem espasmos no local da excitação e com esta desaparecem, sem a persistência de qualquer imagem; todavia, a pouco e pouco, adquirem-na se a excitação é continuada e, acabam por se estender não somente aos músculos vizinhos mas a todo o aparelho da mímica e aos aparelhos viscerais, em particular, aos da circulação e da respiração. A estreita dependência recíproca da sensibilidade e da contração, que caracteriza a atividade tônica favorece a ampliação progressiva dos espasmos, agindo à semelhança de uma avalanche, exagera a excitação em proporção aos efeitos produzidos e estes em proporção à excitação, de tal forma que esse crescimento contínuo culmine finalmente, numa crise de superabundância.

Na realidade, o sujeito titilado, com frequência, depois de um espetáculo pleno de reações reciprocamente contrárias, exteriores de fuga ou de resistência íntimas devidas à própria cócega, apresenta, — no caso dessas reações o arrebataram — uma série de sacudidelas irregulares, de contorsões tendentes a lhe fazerem assumir a atitude conhecida sob o nome de decerebrada ou atitude obtida no animal em virtude da amputação do cérebro. A atitude em arco de círculo é idêntica à crise histérica e também à atitude em opistótipo da criancinha em paroxismo de cólera: a nuca e o dorso estão escavados pela contração dos músculos extensores. Tal atitude, provavelmente, se produz toda vez que há supressão total do controle e das inibições exercidas, no estado normal, nos centros tonígenos ou quando a excitação atinge, nesses centros, seu ponto culminante.

Nesse momento os efeitos da cócega se transformam em um riso violento, explosivo, de aspecto mais orgânico do que psíquico, riso de origem abdominal, comparado por INSABATO ao do histérico e ao da criancinha. Pois o riso que, primeiro, desabrocha na face, que parece regulado pelas impressões psíquicas e a estas devem suas modulações, aparece somente mais tarde. Apenas aos três anos PREYER o distingue no

seu filho, bastando-lhe ouvi-lo para o discernir nitidamente do riso primitivo, ainda sobrevivendo e produzido não somente quando a criança é titilada mas quando quer rir em harmonia com os adultos sem perceber o sentido de sua alegria.

Ao riso provocado pela cócega, frequentemente misturam-se lágrimas a marcar o momento em que o prazer experimentado atingiu os limites do sofrimento. Em seguida o diafragma, contraindo-se por sua vez, faz com que irrompam os soluços. Esses choros e esse riso espasmódicos lembram os observados em alguns casos de amolecimento cerebral, quando o controle das esferas psíquicas e dos centros corticais não mais se exerce, a não ser imperfeitamente, sobre os centros do cérebro médio. Em vista disso, acontece então aos soluços e ao riso irromperem, por si mesmos, ou pelo motivo mais fútil, e, de súbito, se confundirem ou se substituírem numa espécie de violência toda física e incoercível.

Sem dúvida, ainda sob um aspecto muito orgânico, a cócega provoca, pois, toda uma gama de efeitos, correspondendo cada um deles às manifestações capitais de emoções, a seu tempo, nitidamente diferenciadas. Permite o reconhecimento de sua origem e natureza comum. Revela, de modo esquemático, a progressão e o mecanismo dessas manifestações. Após uma fase de antagonismo, mais ou menos prolongada, os gestos no espaço que tendiam a suprimir a causa da excitação, são definitivamente suplantados por espasmos cúmplices, que deixam o organismo à sua mercê. Seus efeitos se propagam através de ondas de contração, as quais por certo, multiplicam o tono e o prazer um pelo outro, até ultrapassar sua capacidade limite. Então abrem-se as torrentes do riso. Estas porém não serão suficientes para liquidar o excesso de tono no caso do prosseguimento da excitação. O espasmo compromete o aparelho das funções orgânicas — em particular o da respiração. E por sua vez irrompem os soluços para dar vazão ao hipertono visceral. Além disso, desde o início das carícias, o brilho dos olhos e do olhar, a aceleração do pulso, a salivação, a umidade da pele e demais efeitos menos visíveis, associando-se às contrações do tronco e dos membros confirmam a estreita dependência da emoção em face de todo o sistema postural, ou seja, reações tônicas musculares e viscerais, reações vegetativas e glandulares.

Uma série de observações de fácil contróle demonstra que o riso e os choros são uma manifestação, uma descarga de tono e possuem suas condições imediatas na vida vegetativa. Ao estalar o riso, os músculos se amolecem perdendo seu poder de resistência, o esforço se desfaz, a preensão e o equilíbrio se afrouxam, os objetos caem das mãos, o pé que tropeça ou o menor empurrão provocam queda e o hipotono, alcançando as vísceras, contribui para que o esfíncter vesical deixe fluir a urina. OPPENHEIM⁽⁷⁾ conheceu dois doentes, sem manifestações aparentes de lesões nervosas, nos quais o riso induzia a um estado de resolução muscular tão completo a ponto de fazê-los cair em síncope. O retórno à consciência e à atividade dèsses doentes era rápido e total e sem conseqüências desagradáveis. De vez que o acesso sobrevinha sempre em seguida a um riso perfeitamente motivado não estaria pois a epilepsia em causa. Do mesmo modo não se poderia admitir, como em outros doentes, tratar-se de síncope consecutiva a distúrbios respiratórios ou circulatórios nos quais o riso fôsse o agente causal, pois não sòmente inexistia sinal dèsses distúrbios, como também as modificações respiratórias, presentes no acesso do riso e produzidas por si mesmas, não provocavam síncope. Enfim esta sobrevém apenas após o riso de origem psíquica e jamais em seguida àquele provocado por cócegas. Pensamos que isso acontece porque, sendo a cócega uma desencadeante de tono, as descargas dèste seriam então, sem cessar, compensadas, e dessa forma não poderiam atingir aquêlê grau de hipotonia total que se traduz por uma síncope.

Além disso as circunstâncias favoráveis ao espocar do riso são: ou aquelas cujo resultado é elevar o nível do tono ou as que abaixam seu limiar de descarga. Êle se produz nos momentos de contenção muscular ou mental. Por vèzes o riso, eclode inesperadamente, incoercível, desmedido, convulsivo, o *fou rire* dos franceses, como por exemplo, o de mocinhas que, se apoiando em si mesmas, mantêm elevados e firmes os punhos para estender um lençol pesado; ou estala nas crianças obrigadas a se conterem, quando em presença de pessoas imponentes ou em situações solenes. Certas condições fisiológicas desfavoráveis ao esforço, isto é, à acumulação e ao acionar do tono,

(7) *Monatssch. f. Psych. und Neur.* V, p. 242 e seguintes.

fazem-no, ao menor choque, desencadear sacudidas de riso. Os primeiros momentos de uma digestão copiosa consideram suscetíveis de agrado tôda ocasião de rir, todo gracejo, por medíocre que seja. É rigorosa a dependência entre o riso e o equilíbrio vegetativo do momento. Podem se influenciar, seja pela exclusão, seja pelo apêlo recíprocos; torna-se impossível num certo grau de incompatibilidade mútua, e a mesma situação, ao invés de riso, provoca reações exatamente inversas.

A experiência corrente registra o fato do choro proporcionar alívio e tranqüilidade. É a crise benéfica cuja chegada é observada em certos casos de pungente sofrimento. Sòmente as lágrimas podem relaxar o embaraço que constrange o esfôfago, obstruindo-o, a garra que aperta o coração e torna o pulso tenso e a câimbra que imobiliza a respiração. Com os soluços, existe como que uma liberação caótica de forças contidas, em seguida um abrandamento progressivo das funções e dos membros. À medida que a hipertonia das vísceras se resolve em sacudidas espasmódicas, os vasos se distendem e de nôvo o sangue afluí à periferia, a respiração se amplia, as lágrimas correm, logo silenciosas e calmas, as glândulas segregam, a bôca se umedece, a garganta se afrouxa, a deglutição reaparece, os membros reencontram uma espécie de abandono e de frouxidão. À semelhança do riso, o choro é uma liquidação de hipertono, mas o do riso envolve sobretudo os músculos do esqueleto, enquanto o do choro se localiza nas vísceras. Dêsse modo a emoção, seja qual fôr a sua nuance, possui sempre como condição fundamental variações no nono dos membros e da vida orgânica.

C. — O ANTAGONISMO DAS SENSIBILIDADES AFETIVA E PERCEPTIVA

A oposição entre as reações emotivas e as pertencentes à atividade de relação se traduz no fato de ser impossível o indivíduo provocar em si mesmo a cócega profunda, tônica, emotiva. Ao contrário cada qual pode, à vontade, despertar em qualquer região da sua própria pele a impressão localizada de coceira correspondente a um roçar de pêlos ou de tegumentos. Paralelamente cada um pode escutar o seu próprio

canto ou fazer desfilar no seu campo visual todos os objetos a êle trazidos pela mão. É mesmo provável originar-se a percepção diferenciada dos objetos e do mundo exterior das impressões conferidas pelo indivíduo a si mesmo. A princípio não sabe distinguir e individualizar senão as excitações de sua autoria, podendo a seu talante, reproduzi-las ou modificá-las. Entre o universo e êle é imprescindível o veículo mediador de sua atividade, a fim de ensinar-lhe as significações sensoriais que lhe permitirão dissociar e decifrar a realidade global e mutável das coisas⁽⁸⁾.

Entretanto, de súbito, os movimentos que ligam sua sensibilidade a excitações ou a objetos definidos, abolem as ondas tônicas que difundem a impressão recebida no organismo. Para a pessoa, é impossível provocar em si mesma os efeitos da cócega, como se para tanto bastasse a inibição da imagem precisa do gesto e da excitação, — suscetíveis de provocá-los; além disso, também, em tôdas as regiões do corpo percorridas habitual e livremente pela mão, os toques, mesmo de outrem, perdem o poder de nelas desencadear a cócega. Com excessiva freqüência recebem impressões, de origem e de natureza conhecidas de tal forma que não assimila, instantaneamente, as sobrevindas, de golpe, e de fonte estranha. Nada mais conveniente para mostrá-lo do que a comparação entre a palma da mão que, sendo instrumento de quase todos os contatos consigo mesmo, torna-se a região mais refratária à cócega, e a planta do pé, que permanece a região mais cosquilhenta, embora seus contatos sejam de todos instantes e ainda mais freqüentes que os da mão. Todavia, êles apenas regulam o equilíbrio da posição vertical e da marcha. Absorvidos exclusivamente pelo circuito do automatismo, jamais foram sobrepostos a outros contatos nem comparados com um objeto. Vindo, pois, a se produzir uma impressão desligada do automatismo, sem uma imagem própria para reduzi-la, nada, portanto, a impedirá de despertar no local as reações tônicas originárias da cócega. É a única solução viável.

Dessa maneira, a sensibilidade de relação deve conquistar seu domínio em face da sensibilidade orgânica. Em tôda a

(8) Consultar *L'Enfant turbulent*: "Le stade sensori-moteur", Parte 1, cap. II.

parte onde se instala, e graças às imagens relacionadas ao mundo exterior, ela abole as reações locais, capazes de suscitar e propagar a sensibilidade íntima. De certo modo, tende a suprimir o *écran* das disposições puramente subjetivas, interposto entre o objeto e a ação. Quando porém ausente essa sensibilidade de relação, reencontram-se, sempre, as manifestações da sensibilidade orgânica, elementar e primitiva. Entre ambas existe uma espécie de incompatibilidade, tão bem revelada graças às investigações de HEAD. Ao sectionar um nervo cutâneo do antebraço, êle comprovou que a anestesia resultante, ao invés de ser absoluta, incide apenas nas sensações que parecem atender às qualidades dos contatos ou dos objetos; ao mesmo tempo, porém, surgia uma sensibilidade particular, interna, confusa, considerável e sem relação com as impressões de fora, ainda que agentes externos, tais como o frio, o calor, a umidade sejam capazes de exacerbá-la ou acalmá-la. Por certo ligada às reações dos tecidos e dos órgãos, tais como as variações locais da circulação, ela possui sempre um caráter afetivo. Dolorosa, acompanha-se mais ou menos de angústia. E nos momentos de possível satisfação, parece ampliar a impressão geral de euforia e de confiança. É recíproca a influência por ela exercida nas variações de humor, pois modifica-se não somente no grau, mas até na qualidade, pelas alterações de humor, enquanto são das mais estranhas as suas causas.

HEAD denominou-a sensibilidade "protopática" para indicar ao mesmo tempo seu caráter de sensibilidade primitiva e suas afinidades afetivas. Opôs-lhe a sensibilidade "epicrítica", segundo a qual diferenciamos as qualidades e conhecemos as coisas. A "protopática" corresponde às sensibilidades íntero e próprioceptiva de SHERRINGTON; a epicrítica, a sensibilidade exteroceptiva. Por conseguinte, a denominação de HEAD, baseada em experiências diferentes das de SHERRINGTON, possui o mérito de não estabelecer entre os três tipos de sensibilidade como que uma diferença inicial de objetos e de órgãos, mas sobretudo de realçar o antagonismo constante da sensibilidade que se dirige para a percepção e a sensibilidade por meio da qual se exprimem, simultaneamente, a vida funcional e a vida afetiva.

Durante a guerra houve muita oportunidade de se verificarem os caracteres da sensibilidade protopática, graças aos casos

de ferimentos que seccionavam um nervo e reproduziam, por conseguinte, a experiência feita por HEAD, em si mesmo⁽⁹⁾. Todos esses caracteres tendem a confirmar a dependência dessa sensibilidade a um sistema, na realidade bem diferente daquele correspondente à vida de relação. A natureza das impressões por ela transmitidas, as influências por ela sofridas, seus modos de propagação, sua distribuição mostram sua ligação à atividade do simpático, ou seja, ao aparelho nervoso controlador das funções tônicas, viscerais e vegetativas. Difunde-se, assim, por toda parte do organismo, e atende às suas mais íntimas reações. Todavia, as manifestações das lesões cerebrais que atingem a cama ótica são também semelhantes às do simpático. É portanto provável, como aliás HEAD sustentou, estarem os centros da sensibilidade simpática contidos na cama ótica. Tal localização, de fato, oferece muito interesse. Pois a cama ótica, graças a diversos de seus núcleos, pertence à região que constituiu porção primitiva do cérebro, mais tarde recoberta pelos hemisférios, suplantando assim várias de suas funções. Se a sensibilidade orgânica e afetiva mantém centros no cérebro médio, enquanto as demais sensibilidades emigraram ou se desenvolveram na cortiça dos hemisférios, é, pois, em razão, não somente de sua anterioridade, mas também de permanecer relativamente independente e conservar — com certa autonomia — um papel distinto daquele entregue às funções exclusivamente corticais, isto é, à percepção e ao conhecimento.

D) — SIGNIFICAÇÃO PSICOBIOLOGICA DAS EMOÇÕES

O estudo fisiológico das manifestações intrínsecas à emoção suscita um problema de organização. Se entre essas manifestações existe mais que simples afinidades de origem e de natureza, ou melhor, se dessas afinidades surgiu uma forma particular de comportamento, será lícito admitir-se que, no sistema nervoso, organizaram-se formas correspondentes de conexões anatômicas, nele se dispondo como centros especiais.

(9) HEAD e RIVERS, *A human experiment in Nerve-Division Brain*, vol. XXXI, 1908, p. 323.

O relacionamento de cada conjunto ou sistema de funções a um momento do desenvolvimento cérebro-espinhal e às formações anatômicas correspondentes seria a melhor fórmula para se conhecerem as grandes etapas e o plano geral da vida psíquica. Por lhe ser justamente oposto, esse método muito difere daquele que tornara suspeita a própria expressão de "localização cerebral". Os antigos localizacionistas pretenderam atribuir, no sistema nervoso, uma sede para as faculdades ou para os elementos psíquicos através dos quais supuseram realizar-se a atividade mental. Todavia, batizá-las como circunvoluções ou neurônios não bastava para transformá-las em coisas diferentes de rubricas puramente verbais ou termos de uma simples análise ideológica. E atitude bem diversa é investigar para recontrair, por intermédio de crescentes complicações do sistema nervoso, a organização progressiva dos sistemas funcionais, que abriram caminho no comportamento da espécie. Nos dois casos, os resultados são inversos.

Colocar uma etiqueta em cada parte do cérebro como sede de uma faculdade particular ou como reservatório de uma categoria determinada de imagens, é dividi-lo em compartimentos, é dele fazer um mosaico estereotipado, inerte, incapaz de explicar os fatos de suplência e de adaptação, fatos esses revelados à saciedade pela atividade psíquica. Ao contrário, estudar o aparecimento sucessivo dos centros e sua hierarquia, é comprovar, não apenas uma simples estratificação de funções, independentes umas das outras, mas sim sua mútua independência. Pois uma fórmula nova de comportamento extrai suas origens de possibilidades preexistentes e deve, por conseguinte, se constituir às custas de reações anteriores, organizando-as diferentemente. Dessa maneira, ela lhes imprime suas próprias direções e a elas se substitui em suas manifestações, abolindo umas e levando outras para novos sistemas de relações. Ao mesmo tempo, entra em concorrência com as anteriores fórmulas de ação e, se não consegue suplantá-las, há compromisso ou repercussões recíprocas, a ponto de ser necessário, a propósito de cada uma, contar com o conjunto das outras.

Portanto, localizar não significa mais isolar; ao contrário, é melhor definir as conexões de cada centro e de cada sistema funcional. Isolar por intervenções anatômicas, como têm feito os experimentadores, conduz à constatação de que um sistema,

antes capaz de funcionar isoladamente, já não pode alcançar senão manifestações patológicas, isto é, contrárias às necessidades de uma atividade útil e bem adaptada. Já tivemos ocasião de verificar que uma lesão das circunvoluções motoras ou de seus feixes, conferindo aos centros do automatismo sua primitiva independência, torna-os, no homem, incapazes de funcionar. Veremos o mesmo mecanismo explicar porque as emoções, no auge do seu paroxismo, não apresentam senão efeitos nocivos e prejudiciais. Não podendo existir uma fusão rigorosa entre as atividades vegetativas e as de relação, em razão das diferenças de origem, meios e manifestações de ambas, tendem as emoções, cada vez mais, a reconquistar para si, a total atividade do sujeito; na ocorrência, porém, de uma supressão transitória de tudo aquilo que não as constitui, não pode entretanto, suprimir a existência comum e a necessidade atual das formas prevalentes no comportamento e das que dispuseram seus próprios mecanismos para seu uso. Por isso, a partir desse instante, a emoção só será compatível com os interesses e a segurança do indivíduo se souber se compor com o conhecimento e o raciocínio, — seus sucessos, — ou seja se, em parte, deixar-se reduzir.

Na realidade, o lugar mantido pela emoção entre os diversos sistemas de reações depende do estágio em que se situam, no sistema nervoso, os centros a ela correspondentes. A propósito da cócega, INSABATO distingue três etapas. Na primeira, que vai até o 6.º ou 7.º mês, a criança revela apenas reflexos locais, reflexos tônicos de defesa, os quais, por assim dizer, permanecem dissociados e não provocam reação total. Numa segunda etapa a cócega — primeiro esboço de emoção — enseja reações generalizadas ao riso e aos soluços, sem considerar o local da excitação, desde que esta seja suficientemente intensa e prolongada. Por fim, a cócega perde sua violência primitiva e só se produz quando a zona excitada é daquelas em que a impressão não se traduz, instantaneamente, em imagem e percepção.

Essa última etapa marca o momento no qual o córtex cerebral, cuja atividade, indispensável à percepção, substitui as próprias reações às dos centros onde se organizam e se coordenam as reações tônicas e a sensibilidade afetiva. A mielinização das fibras do córtex, necessária para que se dê a passagem

do influxo nervoso, na realidade, no desenvolvimento da criança é mais morosa do que a dos centros subcorticais, os quais por sua vez, na evolução da espécie, precederam o córtex cerebral. O estágio em que a cócega, ou seja a emoção ainda indiferenciada, sucede às simples reações tônicas, corresponde à maturação do sistema formado, ao mesmo tempo: 1.º, pela cama ótica onde, juntamente com os centros da sensibilidade protopática, encontram-se sediados alguns outros centros da vida vegetativa, de estreita participação nas emoções; 2.º, pelo corpo estriado, centro de numerosos automatismos sobretudo dos que traduzem, exteriormente, as emoções. Finalmente no período de simples reações tônicas do sistema opto-estriado, ainda sem condições para funcionar, é o pálido — em cujo núcleo conexões estreitas se estabelecem entre o corpo estriado e a cama ótica — que domina as reações do recém-nascido. O pálido se interpõe entre o corpo estriado e os centros subjacentes da atividade tônica. Certas lesões do pálido provocam a atetose cujo parentesco vimos com a função das atitudes e com as contorsões que põem em ação a sensibilidade articular. A ruptura dos feixes que ligam o pálido a certos núcleos, situados mais abaixo, provoca perturbações do tono, em particular algumas formas de hipertonia. O pálido parece, pois, representar um centro regulador do tono e das funções dele dependentes. Sua estreita subordinação anatômica em face da cama ótica e do corpo estriado — centros das emoções — corresponderia bem ao caráter essencialmente tônico das emoções.

Existe, pois, todo um sistema organizado de centros cerebrais, reguladores das manifestações da emoção. Ao excitar certas regiões do corpo estriado, pôde PAGANO obter no cão recém-nascido os efeitos do medo ou da cólera, segundo incidisse a excitação no terço anterior ou no terço posterior do núcleo caudado. A supressão do córtex, por ablação cirúrgica, ou anestesia do animal pela cloralose, não os impediu de produzir aquelas emoções. Começam, assim, por ser completamente independentes dos sistemas funcionais que virão a se desenvolver com as partes mais recentes dos hemisférios. E ao se estabelecer a subordinação, deve permanecer bastante frágil, pois as conexões entre o córtex e o sistema opto-estriado parecem assaz indiretas. Apenas a cama ótica permuta fibras

com o córtex cerebral; o corpo estriado não as recebe senão na cama ótica.

O lugar mantido pelas emoções no comportamento da criança, a influência por elas exercida no comportamento do adulto, mais ou menos explicitamente ou em surdina, não é, pois, um simples acidente, uma simples manifestação de desordem. Organizadas têm, ou tiveram, a sua razão de ser. O momento por elas registrado na evolução psíquica corresponde ao estágio ocupado por seus centros no sistema nervoso. O desempenho do seu papel na conduta do homem parece demonstrado pela relativa autonomia de seus centros.

CAPÍTULO IV

AS EMOÇÕES NO COMPORTAMENTO HUMANO

O fato de se reconhecer nas emoções o caráter de reações organizadas e de possuírem no sistema nervoso centros reguladores e coordenadores de suas manifestações, impõe-nos a pergunta: que utilidade têm no comportamento da espécie ou pelo menos que papel desempenharam durante a evolução da espécie? Pois é biologicamente impossível conceber-se um desacôrdo radical entre a estrutura ou as funções do ser vivo e as suas condições atuais ou passadas de existência. Entretanto, no homem, as emoções parecem entrar em conflito com as duas formas de atividade que o colocam em relação ao meio permitindo-lhe, por conseguinte, a êle adaptar-se ou modificá-lo a seu talante; tais formas de atividade são: a capacidade de reagir às condições exteriores através de movimentos harmônicos e a capacidade de representação das realidades do mundo exterior. Tratar-se-á de contradição aparente ou se fará necessário buscar-se em outra parte, isto é, numa terceira forma ou processo de adaptação ou de ação, a razão de ser das emoções?

A. — ANTAGONISMO DAS EMOÇÕES E DO AUTOMATISMO

A presença constante na emoção de reações antagônicas à correta execução ou mesmo à simples possibilidade de movimentos invalida a hipótese de uma ligação, por assim dizer, orgânica entre os movimentos úteis, indispensáveis a uma dada

situação e as consequências da emoção. Senão vejamos: aceleração, suspensão ou arritmia das funções respiratórias e circulatórias, com impressão freqüente de sufocação ou de síncope; espasmo ou relaxamento, híper ou hipo-secreção do tubo digestivo nos seus diferentes segmentos, com impressão de bola na garganta e sufocação, fraqueza ou desconforto epigástrico, cólicas abdominais; contrações freqüentemente dolorosas ou hipotonia de tôdas as vísceras de fibras lisas; retração ou afluxo periféricos do sangue e, em ambos os casos, distúrbios mais ou menos acentuados da sensibilidade e da motilidade. Enfim, no aparelho locomotor, tendência aos espasmos ou à resolução muscular. Tremores do medo, do desejo, da cólera ou da alegria. Em todo êsse cortejo de reações orgânicas, torna-se bem difícil o reconhecimento, mesmo do modo mais indireto das condições favorecedoras das reações do indivíduo no meio.

Entre as duas espécies de reações, existe, ao contrário, uma espécie de exclusão recíproca ou alternância. É assim dêsse tipo o exemplo de DEWEY citado por RAUH⁽¹⁾: "da juventude, êle recorda um combate, durante o qual tivera apenas a percepção, extraordinariamente viva, da figura de seu adversário, como de um foco hipnotizante para sua tividade guerreira. A cólera precedera o combate, o orgulho lhe sucedera, o período intermediário fôra vazio de emoção." No caso de perigo iminente o automatismo, igualmente, antecipa a emoção e, uma vez passado o perigo, esta revelará os seus efeitos, aí então e, com freqüência, o indivíduo os deixa se desenvolver com uma certa complacência. Ocorrendo porém a superação do automatismo pela emoção, esta o perturbará ou até mesmo o abolirá completamente. A guerra nos ofereceu o ensejo de observar dois efeitos totalmente inversos do medo. Num caso havia *ictus*. O indivíduo se desmoronava diante do pavor. Em outras palavras, era como que súbita e totalmente abandonado pelas suas forças. Seus músculos vazios de consistência, não mais podiam sustentar o corpo nem tampouco fazê-lo conservar uma atitude qualquer. Um completo desfalecimento do tônus provocava, com a inércia física, freqüentemente também a obnubilação dos sentidos e da cons-

(1) *De la méthode dans la psychologie des sentiments*, Alvan, 1899.

ciência. Num grau mais atenuado, o medo "quebra as pernas", obriga-o a sentar-se, amolece os braços, prostra o indivíduo. Ainda aí temos uma manifestação de hipotonia.

Noutras ocasiões havia *raptus*. O indivíduo se sentia como que empolgado pelos seus movimentos, seja na direção do combate seja na da fuga. Sem dúvida nesse momento, a adequação dos gestos, às circunstâncias sucessivamente encontradas, era, com freqüência, tão exata, tão eficaz quão possível. Os obstáculos eram evitados ou removidos com a mesma operosidade, a mesma ausência de hesitação, verificáveis nos automatismos utilizados diante da ameaça iminente do perigo. Todavia, como em todo automatismo, o círculo da hesitação e do movimento parece excluir a participação pessoal do indivíduo, isto é, a intervenção simultânea das imagens relacionadas aos motivos ou aos meios de agir e dos estados nos quais se combinam a sensibilidade e as reações intrínsecas da emoção. Mal persistia um vago sentimento da ação e dos incidentes encontrados após o combate ou após a fuga. Por vêzes somente alguns lapsos de claridade disseminados indicariam os raros instantes de retôrno a si mesmo, os momentos nos quais, rompendo o automatismo, uma circunstância particular suscitaria uma atitude de compaixão, de cólera, de terror, de mera surpresa; além disso abriria uma fenda através da qual, deslizaria uma imagem da situação, evocando-se uma reflexão, uma reminiscência qualquer.

Noutras ocasiões também a emoção se substitui ao automatismo de modo mais orgânico e mais maciço. Tivemos a oportunidade de publicar⁽²⁾ a observação de um soldado, vítima de um *raptus* durante um bombardeio; com o correr do tempo, ao se repetirem, espontaneamente e sem motivo, êsses *raptus* ensejavam fugas a ponto de ter sido afastado do serviço. De volta à casa dos pais, ao sentir chegar a necessidade de evasão, deixava-se amarrar. Nesse momento, porém, suas crises procursivas se transformavam em crises de convulsões tônicas, reproduzindo os efeitos da emoção paroxística ou da crise histerica. O aparelho muscular que, no homem, se tornara o da estação vertical ou do equilíbrio — em particular o aparelho dos músculos vertebrais — era, inopinadamente,

(2) *Journal de Psychologie*, junho 1922, p. 551-556.

dominado pelos espasmos em extensão e as expansões bruscas observadas no lactente nos seus instantes de desconforto, os quais no adulto parecem reviver uma forma de reações musculares há muito abolidas pelas necessidades da atividade locomotora. Da mesma forma tem-se verificado, por diversas vezes, que um obstáculo imposto à fuga ou à luta os transforma, imediatamente, em crise convulsiva. É possível, também, observar-se esse fato nas crianças nervosas, perseguidas por seus camaradas: caem, de súbito, no chão, sacudidas por tremores ou espasmos. A substituição da corrida pelas convulsões se faz sem transição. Entre essas duas maneiras de reagir, nada existe de comum.

Assim pois a emoção, longe de se confundir com o automatismo — suposição, aliás, daqueles que reduzem o medo aos movimentos da fuga ou a cólera aos do combate — cerceia-lhe todo meio de se produzir enquanto não fôr por ele eclipsado. Pode, igualmente, interromper o curso do automatismo, bastando que uma circunstância venha, em seguida, reanimá-la; por exemplo, quando ele se choca contra um obstáculo momentaneamente intransponível, ou ainda, em consequência do aumento contínuo e de alguma forma espontâneo da excitação. A emoção pode, então, ou permanecer senhora do terreno e desenvolver seus efeitos viscerais e tônicos sob a forma mais violenta e mais exclusiva, ou tornar possível a intervenção de imagens e de motivos: desgosto do assassinato, vergonha da fuga, provocadores de uma mudança total dos gestos e da conduta. Sem embargo, a representação assim introduzida pela emoção a suprime, abole as manifestações orgânicas sem as quais não existiria. Mais ou menos abatido pela lassidão, porém calmo, “desembriagado”, o indivíduo apenas sabe ruminar os pensamentos ou as lembranças. Embora na realidade a emoção chegue a franquear a representação, entre ambas se verifica o mesmo gênero de incompatibilidade existente entre a cócega e a exata percepção ou a previsão da excitação.

B) — ANTAGONISMO DAS EMOÇÕES E DA REPRESENTAÇÃO

Na realidade para o seu desenvolvimento a emoção terá de obliterar a sensibilidade exteroceptiva ou epicrítica, falsear ou

abolir o jôgo das representações. Embora ocupando o organismo com reações opostas à atividade de relação, o abalo víscero-muscular que propaga e impõe a emoção se acompanha de impressões também em conflito com a percepção das coisas exteriores; subjetivas tôdas elas, essas impressões de força ou de angústia, de aflição ou de impulso, de impotência ou de impetuosidade, representam a ressonância imediata de elos presos às modificações da respiração, da circulação, aos espasmos do tubo digestivo e das vísceras, às câimbras ou ao relaxamento muscular. Envoltos nessa onda de sensibilidade protopática, a imagem das coisas se apaga, chegando a insensibilidade às excitações exteriores a tal ponto que, por vezes, nem mesmo as mutilações são mais sentidas. O outro encolerizado em breve conhece apenas o seu arrebatamento; esquece os verdadeiros motivos dessa cólera e perde a noção daquilo que o envolve. O que pode conservar de idéias e de pensamentos outra coisa não é senão o reflexo mais ou menos fantástico de suas veleidades emotivas. Abandonando-se aos transportes máximos do seu furor, opera-se, então, uma obnubilação total da percepção e da inteligência. O medo, mais violento por ser mais cego e mais intenso à realidade, procede da mesma forma para criar fantasmas, os quais outra coisa não são senão uma intuição do próprio medo, projetada nas três dimensões do espaço. Aí está a matéria de tôdas as invenções terríficas encontradas no folclore ou na alma crédula dos poltrões.

Com exceção dos recursos físicos, sobretudo farmacodinâmicos que permitem a suspensão das manifestações orgânicas da emoção, o método mais adequado para reduzi-la é opôr-lhe a atividade perceptiva ou intelectual. Todo aquele que observa, reflete ou mesmo imagina, abole em si o distúrbio emocional. Não nos livramos da emoção tão-somente por tê-la reduzida às suas justas proporções, mas bem mais ainda pelo fato de nos termos esforçado em representá-la. A emoção se apaga mesmo que tenhamos buscado a mais patética representação. Para GOETHE exprimir sua inquietação numa narrativa, num poema, implicava em afastá-la de si, ou seja suprimir as reações orgânicas que a faziam sentir no íntimo. Uma amargura, ao ser narrada, perde ao mesmo tempo seu colorido visceral e puramente emocional. A diversão intelectual pode, aliás, não ter nenhuma relação com o motivo da emoção, basta apenas que a substitua por representações, importando muito pouco a natureza das mesmas. Não

ceder às emoções significa a aquisição da capacidade de lhes opor a atividade dos sentidos e da inteligência. Escapar aos terrores de um bombardeio revela o hábito de não interromper uma leitura, uma carta, uma conversa, o polimento de um anel ou a pesquisa minuciosa de traças nas vestes. Por certo, na falta de ocupações motoras — meio fácil porém, com frequência, também frágil — o apegar-se o mais rápido possível às lembranças ou idéias constitui a maneira de opor a atividade de relação à atividade emocional. A preponderância habitual da percepção e do pensamento sobre a emoção é conseguida graças à serenidade de espírito. A emoção, ao contrário, é o apanágio dos que mais sofrem, ou mesmo dos que cultivaram sua sensibilidade orgânica ou subjetiva, por egoísmo pusilânime, diletantismo ou refinamento estético. A penúria e a fragilidade da vida intelectual da criança têm como contrapartida necessária uma grande emotividade.

Se a emoção só se produz com a supressão do automatismo e da atividade de representações, de modo inverso sobrevém a emoção, quando é moroso o surgimento do automatismo e da representação. A excitação não devolvida imediatamente à atividade de relação, quer sob a forma de movimento, quer sob a forma de imagem ou idéia, não terá onde repercutir salvo na atividade propriamente orgânica e postural. Ao estudar o estado de expectativa em indivíduos obrigados a responder, através de reações de escolha, a estímulos variáveis, MORAND⁽³⁾ viu se manifestar a emoção, cada vez que havia hesitação no movimento a executar ou na emissão da réplica. Segundo JANET a emoção é um modo de reação difuso e inferior, diante de circunstâncias imprevistas que colocam em embaraço os hábitos e o discernimento. A incerteza do homem, colhido de surpresa, se torna em reações emotivas, por certo, não necessariamente por intermédio da timidez, mas pelo efeito direto de uma incitação a reagir sem saída atual na vida de relação.

Eis aqui a causa essencial das manifestações emotivas. Com efeito, consegue-se provocá-las ao multiplicar ordens ou questões ao indivíduo, sem dar a este tempo para obedecer ou responder, isto é, sem lhe permitir traduzir em gestos ou em idéias

(3) *Année psychologique*, XXI, 1914-1919, p. 1-78.

os estímulos que o acometem. Por vêzes é um método aplicado para exasperar um subordinado. Da mesma forma pode-se excitar um cão até a mais evidente exasperação, por uma sucessão de ordens, as quais o impedem, de cada vez, de realizar o ato precedentemente ordenado.

C) — PASSAGEM DA EMOÇÃO À ATIVIDADE DE RELAÇÃO E INVERSAMENTE

Poder-se-ia pois admitir que, a despeito do seu antagonismo com a atividade de relação, — sob os dois aspectos: movimento e representação — a emoção não deixasse de aumentar em alguns casos o efeito útil de sua reação. Como mostrou CANNON, o abalo íntimo e total do organismo que lhe corresponde liberta uma quantidade maciça de energia, a qual se desfaz em automatismos, com a condição, entretanto, de conseguirem superar as reações viscerais e tônicas. As variações do tono também podem colocar o aparelho muscular em estado de tensão favorável a uma maior celeridade e intensidade das contrações. Finalmente, sua distribuição pode tornar mais fáceis ou mais iminentes no aparelho muscular determinadas manifestações oportunas de atividade pois essa distribuição se confunde com a diversidade das atitudes que apóiam a execução de cada movimento ou que o preparam. Os corredores que aguardam o sinal da largada mantêm-se na postura da qual o impulso deve irromper com seu máximo de rapidez e de vigor, de onde mesmo, com frequência, parte prematuramente êsse impulso — tal é a tensão que o mantém em potência.

Todavia, se por acaso a expectativa se prolonga, o limite da preparação será ultrapassado; e o hipertono se transformará em câimbras, generalizando-se aos grupos musculares, dessa forma ancilosando o movimento previsto; por fim, tal como na emoção, êsse hipertono se resolverá em tremor. Dêsse modo, as reações tônicas, provocadas pela emoção, só se tornam aproveitáveis pela atividade de relação, com a condição porém de não serem difusas e globais, mas de realizarem sistemas de atividades motoras relacionadas com os movimentos a executar. A passagem da emoção ao automatismo pode se operar através dêsse mecanismo. Os autores, lidando com casos semelhantes,

O caso citado por FÉRÉ é um belo exemplo de semelhante associação. Trata-se de uma senhora que, estando à mesa ao saber da morte da filha, foi acometida de vômitos, experimentando depois o desejo de vomitar toda vez que se encontrava em presença das mesmas iguarias que comia por ocasião da triste notícia. Graças a êles adquiriu o poder de provocar os espasmos devidos, primitivamente, à emoção, pela exclusiva razão de terem sido confundidos entre as suas manifestações. Dessa forma devem ser explicadas as várias repugnâncias surpreendentes, as numerosas impressões personalíssimas na vida corrente, todas elas sem relação aparente com seu objeto, como a todos nós pode ocorrer experimentar. Um banal encontro entre um incidente qualquer e uma emoção é o suficiente para que esta se ligue definitivamente ao incidente e para que a faça renascer ao se auto-reproduzir o encontro, apesar da diversidade de situações. Dessa maneira, o sentimento de angústia ou aflição pode envolver a música mais alegre se a mesma fôra ouvida num momento de inquietação e de dor.

Há alguns anos ao referir êsse poder de assimilação, pertencente à emoção, reconduzimo-lo ao mecanismo dos reflexos condicionais⁽⁴⁾. Sob êsse nome PAVLOV descreveu efeitos análogos. Mostrou de como a reação fisiológica ligada a uma certa natureza de excitação, como à sua causa "incondicional ou absoluta", torna-se igualmente provocável mercê de uma excitação qualquer, contanto que as duas excitações se produzam simultaneamente. A simples concomitância das duas faz participar a segunda do poder da primeira, tornando-se, por conseguinte, causa condicional da reação. Assim sendo, o som, que foi durante um certo número de vezes associado à exibição de um naco de carne, tornar-se-á capaz de suscitar, no cão, as mesmas reações de desejo, as mesmas contrações da garganta, as mesmas secreções salivares e gástricas que o próprio pedaço de carne.

Tal exemplo indica qual a área de obtenção dos reflexos condicionais mais primitivos: no domínio das funções orgânicas e das reações afetivas, ou seja precisamente naquele de onde as emoções procedem. Estudando com o auxílio de excitação periférica e particularmente do frio local, verificou-se que um

reflexo cuja inervação depende do sistema simpático — tal como de todas as funções orgânicas — está integrado, como muitas outras reações de origem primitivamente periférica, entre as manifestações da emoção: isto é, o reflexo pilo-motor ou do eriçamento dos pêlos, reconhecido por A. THOMAS como sendo igualmente suscetível de se reproduzir graças ao mecanismo dos reflexos condicionais. Para as lágrimas, secreção transformada quase exclusivamente num sinal de emoção, DUNAS é de opinião que, em não sendo possível se chorar à vontade, existem, todavia, meios indiretos de as fazer fluir: basta tão-somente, nos momentos de emoção, associá-las a uma circunstância ou a um gesto, uma carranca ou esgar por exemplo, cuja evocação ou execução sejam viáveis, mesmo fora de toda verdadeira emoção. Em outras palavras, fazê-las entrar no sistema de reflexos condicionais. Enfim, J. B. WATSON ensaiou realizar, experimentalmente, numa criança de onze meses, a produção condicional de uma emoção, associando a um ruído terrífico a presença de um rato, de tal maneira que êste se tornasse, em seguida, à semelhança dos ruídos, causa de pavor. Experiências semelhantes são, aliás, deveras delicadas para se conduzir e se controlar, em razão da extrema afinidade existente em toda espécie de emoção por toda excitação concomitante, tornando-se muito difícil a delimitação e enumeração seguras das condições ou das influências presentes na experiência.

E) — A AÇÃO DO TIPO EMOCIONAL

As relações porventura existentes entre a emoção e as circunstâncias exteriores são pois do tipo condicional. Ao invés de ser especificamente determinada nos seus efeitos pela excitação ou pela representação do objeto e da situação, a reação se produz por assim dizer, por ela mesma, de modo global e indiferenciado. Em lugar de ser orientada para o mundo exterior e de se diversificar segundo o caso e o acontecimento, tende a se realizar completamente, pouco importa o incidente que a provoque, submergindo gradualmente a clara noção da realidade sob ondas de contrações e de sensibilidade íntimas. Dessa forma é o oposto de uma ação discriminativa e bem adaptada. Por conseguinte, responderia de fato, seja às situações insólitas ou desmedidas, perturbadoras da experiência adqui-

(4) Ver *L'Enfant turbulent*, p. 52 e seguintes.

rida e do discernimento, seja por falta de nitidez ou da rapidez na aptidão em conceber o real. Mas então na iminência de se produzir errado, ela o faz tão logo sobrevenha uma das circunstâncias, mesmo fortuitas, que a têm, precedentemente, acompanhado. A emoção poderia, pois, pertencer a um estágio de comportamento no qual permanecendo limitado o poder conceitual cumpre, entretanto, reagir a tempo.

Na realidade, o gênero de ligação existente entre estímulo e reação, estabelecida pela emoção, se encontra naquilo que, sob o nome de superstições, pode se opor aos liames e noções inspiradas da causalidade experimental. Parece bem repousar na emoção a relação mais ou menos mística entre a necessidade de certa reação ou prática e determinado acontecimento ou condição. Sem dúvida concede-se à tradição uma grande parte. Todavia é tanto maior a atuação desse gênero de tradição pelo fato de seu poder ser exercido sobre pessoas mais emotivas, mais habitualmente dominadas por sua sensibilidade subjetiva e por suas reações orgânicas ou nas circunstâncias mais convenientes ao desenvolvimento da emoção. A credulidade supersticiosa retoma seu vigor nos momentos de apreensão e de dor. E, mesmo na ausência de toda tradição, ser-nos-ia muito difícil ou penoso considerar como indiferentes, e sem elos recíprocos, circunstâncias diante das quais uma emoção profunda ou violenta, momentaneamente, as reuniu. Dessa maneira explica-se nosso culto, do qual não se exclui o terror, por certos objetos ou lugares, testemunhos que foram de nossas emoções. Poder-se-ia, provavelmente, fazer depender deles o retorno da desgraça sofrida ou evitada. À sua presença ou à sua imagem, permanece ligada a emoção prestes a renascer. A não conclusão do seu desenvolvimento deve-se ao fato de lhe serem adversos o momento ou a ambiência. Contudo, impedida efetivamente de se concretizar, pode ainda se exprimir sob a forma de pressentimento ou presságio.

Na criança, as relações tecidas pela emoção estão longe de possuir essa solenidade; pertencem à vida cotidiana. Diante delas a criança chega a dar impressão de saber manejar a causalidade. Na sua excitação de alegria, se por acaso são embalados, simultaneamente, o seu berço e o boneco suspenso acima de sua cabeça, é possível estabelecer-se entre esse incidente e seus movimentos uma ligação condicional, de tal natureza que,

à vista do objeto balançado, estimula as sacudidelas musculares, tradutoras e entretenedoras da alegria da criança. Pois atribuir a um lactente a noção de efeito a distância do qual seus próprios gestos seriam a causa, e a intuição, mesmo vaga, do mecanismo que faz dele o autor do movimento transmitido ao objeto, é incontestavelmente supor-lhe uma capacidade de análise e combinação mentais em visível oposição com seu atual comportamento. Assaz variáveis podem ser os resultados introduzidos, por meio de reações condicionais, nas aptidões da criança. Sem embargo, um laço de simples concomitância os une à agitação, primeiro global da qual eles são o efeito, e, quando uma modificação qualquer na situação dificulta a produção dessas reações, a criança muito decepcionada se aquieta. Da mesma forma, seria prematuro atribuir à intencionalidade e à malícia as cóleras das quais é tomada diante da aproximação da mãe para que esta a leve ao seu seio. O mecanismo é muito mais primitivo. Foi elaborado pela própria mãe, que associou, freqüentemente, às cóleras da criança a satisfação de ser carregada e levada por ela, fazendo assim do ato destinado a acalmá-las o seu mais poderoso estímulo.

F) — A AÇÃO SOBRE OUTREM

Aqui intervém uma outra forma de ação, ou seja aquela exercida sobre outrem ou por meio de outrem; essa forma permite explicar a emoção de um modo mais completo, o que, aliás, não aconteceu com os esforços infrutíferos de diferentes autores nas tentativas de quererem ajustar as manifestações de emoção às necessidades da ação sobre as coisas e no meio físico. Porquanto em geral não têm sido levadas na devida conta essas reações tônicas ou posturais que, com freqüência, antes parecem criar obstáculos ao jôgo dos movimentos e dos automatismos do que favorecê-los. Em todo caso, são reações peculiares.

Esta distinção entre as manifestações específicas da emoção e os automatismos, a nosso ver fundamental no processo explicativo das emoções foi confirmada de maneira mais categórica pelas experiências recentes de CANNON⁽⁵⁾. Este opôs

(5) *American Journal of Psychology*, 1929, 69, p. 84.

o comportamento do gato em presença do cão ameaçador, antes e depois de lhe ter extirpado a dupla cadeia de gânglios simpáticos que formam uma espécie de patamar entre os centros cérebro-espinhais das funções simpáticas e os órgãos inervados pelo simpático. Após sua excisão, o gato continuava a reagir através de gestos de defesa ou de ataque, com, entretanto, menos vigor e impulso; mas o eriçamento dos pêlos e da barba, que constituem a fisionomia típica do gato encolerizado estava totalmente abolido. Com efeito, o reflexo pilo-motor depende da inervação simpática, assim como também o das vísceras. Se mediante os trabalhos de CANNON a ação visceral é indispensável na emoção, para fornecer as reações do automatismo a energia necessária, que significação, pois, teria a horripilação, suprimida sem que os automatismos o sejam? Seria insuficiente dizer que ela se produz em razão de antigas sinergias funcionais, ainda atestadas por uma dependência comum em face do sistema simpático. Porque inútil ou mesmo nociva, ela se teria eliminado, com muitas outras reações destituídas de objeto. Muito ao contrário, manifestações mais ou menos próximas da horripilação e que, como ela, parecem não possuir outra utilidade senão a de realizar o hábito e o aspecto da emoção, têm no sistema nervoso centros destinados a coordenar e a diversificar seus efeitos; sua importância torna-se maior nas espécies superiores e, no homem, a expressão das emoções atinge seu grau mais elevado de complexidade e diferenciação.

Deve-se isso às reações posturais, motivadoras de um sistema de comportamento que, partindo das atitudes e disposições suscitadas em cada um pela diversidade das situações, parece ter servido às relações dos indivíduos entre si. E de certo modo, ao favorecer os esforços coletivos e a vida em sociedade, elas tornaram possíveis as elaborações mentais, cuja fonte não pode ser o indivíduo entregue a si mesmo. Por isso a emoção servia de transição entre o puro automatismo, que permanece subordinado aos estímulos sucessivos do meio, e a vida intelectual, que, procedendo por representações e símbolos, pode fornecer à ação motivo e meio diferentes dos do instante presente e da realidade concreta.

CAPÍTULO V

A EXPRESSÃO DAS EMOÇÕES E SEUS FINS SOCIAIS

A íntima dependência recíproca existente entre as contrações e a sensibilidade tônica constituiu a razão inicial do papel que a atividade postural representará, particularmente por intermédio das emoções, na evolução psíquica. No momento em que se produz, a contração enseja a sensação e dela recebe um novo estímulo. Entre as duas inexiste intervalo, como entre a excitação periférica e o reflexo. Estreitamente conjugados, êles se desenvolvem ao mesmo tempo, e se especificam uns aos outros. Dessa maneira se explica serem elas o primeiro complexo sensitivo-motor a captar a atividade e a atenção da criança⁽¹⁾. Esta pode seguir-lhe, gradualmente, as variações combinadas, e o interesse adquirido pela criança por êsse complexo a leva, com freqüência, a prolongar ou a reproduzir uma atitude, como se dela procurasse extrair uma impressão, intuição, ou significação. As atitudes não somente oferecem à sua sensibilidade o mais acessível tema, mas potencializando os gestos exigidos pela situação, será primeiro por seu intermédio que a criança irá adquirir o sentimento das situações a elas impostas. Essas situações, em si mesmas, também parecem constituir um objeto de contemplação para a criança que as realiza.

Nas emoções é particularmente aparente êsse duplo caráter de ação e de intenção combinados. As reações posturais que as compõem parecem, de resto, representar como que o espetáculo de si mesmas. Em toda emoção existe uma espécie de narcis-

(1) *L'Enfant turbulent*, Parte 1, cap. I.

sismo inevitável e espontâneo. Não se trata somente do caso das mais humanizadas emoções, como a tristeza, a qual dir-se-ia alimentar-se de suas próprias manifestações e desenvolver-se modulando-as. Os gemidos oriundos de uma dor tenebrante apresentam variações, entonações, ritmos diferenciados, consequência de uma incontestável dramatização e revelação de um gênero de consciência latente. Aliás bem primitiva, visto manifestar-se ainda nos momentos de completa obnubilação perceptiva e mental quando o indivíduo não revela mais nenhum sinal de conhecimento e parece totalmente absorvido pela expressão do sofrimento. Não obstante, através desses gemidos parecem ser colhidos ou pesquisados os últimos ou os primeiros indícios de sua sensibilidade renascente ou declinante. Sua repetição, sua insistência, sua estudada diversidade provavelmente traduzem um esforço para que elas mesmas sejam experimentadas, escutadas ou apreendidas. Nas mais sinceras demonstrações de cólera também não deixa de assistir e consentir aos seus próprios efeitos, como se fôsse um depoimento de sua violência, e nisso parece existir uma espécie de íntima justificação.

Existe uma incessante reciprocidade entre a atitude (ou ato-expressivo) e a sensibilidade ligada a esse ato ou atitude. Esta reciprocidade torna harmônicas a diversidade dos efeitos peculiares a cada espécie de situações (ou de disposições) e a matizada intuição dessas disposições. Opera, ao mesmo tempo, no meio dessas reações — as mais subjetivas de todas — como que um desdobramento, cujas consequências convergem para um mesmo resultado de capital importância. De um lado, as próprias manifestações, ao se tornarem objeto de consciência, acabam por se impor ao espectador mais ou menos da mesma forma, quer seja ele o autor dessas manifestações, quer as veja se desenrolarem diante dele. De outro lado, a consciência dessas manifestações, embora sendo a do próprio indivíduo tende a se identificar com a de um outro espectador, eventual ou imaginário.

Na realidade a distinção entre si e o outro, se adquire de modo progressivo. Na criancinha essa distinção é mínima a ponto de parecer, a todo instante, repercutirem em suas reações as do seu ambiente e de participar da sensibilidade envolvente. Ela se apaga ainda mais nos momentos de emoção. Conhecer-se exclusivamente a si mesmo como testemunha basta, amiúde, para fazer abortar as próprias emoções. A criança

que caiu só chora sua dor ou seu medo, ao saber estar sendo ouvida; mas se escuta sozinho essas manifestações, as lágrimas logo cessam. Na solidão a cólera pouco se exterioriza e dura quase nada. Os soluços se duplicam ou recomeçam ao se aproximarem pessoas compassivas, ou estimuladas pelo pensamento de que alguém conhece ou saberá do nosso sofrimento. A emoção necessita suscitar reações similares ou recíprocas em outrem e, inversamente, possui sobre o outro um grande poder de contágio. Torna-se difícil permanecer indiferente às suas manifestações, e não se associar a esse contágio através de arrebatamentos do mesmo sentido, complementares ou antagônicos. As emoções eclodem com larga facilidade e intensidade nas grandes multidões pois nessa ocasião fica abolida mais facilmente, em cada um, a noção de individualidade.

Acredita-se que esse caráter contagioso e coletivo da emoção teve uma importância decisiva, não somente na própria evolução do homem, como na sua história, a ponto de ter sido, sistematicamente, cultivado, graças às práticas e ritos ainda hoje encontrados nas populações primitivas. Nas cerimônias, nos jogos, danças — elementos presentes a tantos atos da vida pública ou individual —, é fácil o reconhecimento dos próprios simulacros apropriados a despertarem em todos os participantes, debaixo de formas e meios rigorosamente determinados, uma excitação e transes correspondentes às diversas variedades de emoção. Nas mesmas circunstâncias e ao mesmo sinal desencadeador conseguir que todos realizem, simultaneamente, os mesmos ritmos, os mesmos gestos, as mesmas atitudes, significa, na realidade, uniformizar ao mesmo tempo que desenvolver, os efeitos da emoção; é provocar identidade de reações e comunhão de sensibilidade entre todos. Dessa maneira, cada um se une aos demais pelo gênero de manifestações que o revelam o mais imediatamente a si mesmo. Graças às suas modificações mais íntimas e personalíssimas incorpora-se ao grupo, ao invés de se justapor simplesmente a outros indivíduos. E o grupo, organizado diretamente a partir do organismo de cada um de seus elementos, torna-se por sua vez algo de orgânico e real. Adquire assim a capacidade de desempenhar seu papel na evolução do homem ⁽²⁾.

(2) Ver a III Parte.

Com efeito, na história das espécies, o viver em grupo constitui antes uma etapa que uma particularidade. Até pois essa etapa, o essencial da atividade consiste na aquisição dos melhores automatismos para que cada um triunfe diante das situações apresentadas. Todavia, o grupo baseia-se na colaboração e não num simples ajuntamento. Nos primórdios, a impossibilidade de associação dos indivíduos nos seus esforços pela existência, através do conhecimento do meio e das dificuldades a serem resolvidas em comum, concita o grupo a levá-los, todos juntos, à ação. Ora, no estágio em que as situações ainda sobrepujam as capacidades conceituais de cada um, a ação deve poder se produzir por contágio e graças a um ímpeto comum, por um reflexo condicional e o simples sinal de uma circunstância que lhe fôra, anteriormente, associada. Aí estão precisamente, como vimos, as características da emoção.

Dessa forma se explica sua posição no comportamento humano e a razão de ser dos centros de coordenação no sistema nervoso para atender a essa organização funcional. A emoção serviu, de fato, a essa forma de adaptação consistente na ação em comum. Ajudou poderosamente à constituição do grupo. Mas em contrapartida, êste também lhe imprime sua marca desde a sua eclosão. As manifestações de cada um dos membros do grupo pertencentes ao sistema de reações essencialmente orgânicas, nem por isso deixaram de ser reguladas, muito cedo, pela ação do grupo. Remontar às mais antigas formas de emoção implica a descoberta do seu aspecto ritualístico. Reaparece êsse aspecto nas pessoas frustradas e nos casos em que ela retorna à sua primeira intemperança inicial. Liga-se de certo modo, não somente à história da espécie, mas à das raças e à dos povos. Entre o europeu, o asiático e o africano, as diferenças de expressão emotiva são de tal monta que, ao indivíduo ainda dominado por seu próprio tipo de emotividade e incapaz de o superar, os de um outro tipo não podem inspirar simpatia; com freqüência, mesmo, êles lhe causam um mal-estar, traduzido em fobia.

A expressão das emoções acompanhou, portanto, a espécie em sua evolução, e pôde superpor aos centros subcorticais da emoção os da mímica, localizados no córtex cerebral, tal como os da linguagem. Em relação aos planos sucessivos da vida

mental, a emoção a tal ponto se refina que nos oferece hoje uma gama de manifestações das mais orgânicas às mais delicadas nuances da sensibilidade intelectual. Na criança, reconhecem-se as etapas dessa ascensão. Os choros e o riso desta se iniciam no abdome antes de aflorarem na fisionomia e, enfim, de o aclarar ou de o ensombrecer silenciosamente. A bôca é a região ativa de sua fisionomia, enquanto que, no adulto cultivado, esta se transfere para os olhos e a fronte. Ao mesmo tempo, a emoção se espiritualiza. Outra coisa não faz, entretanto, senão participar do progresso da vida mental. Ao fornecer à vida coletiva suas primeiras possibilidades, torna viável a vida mental.

Alguns supõem que entre a experiência direta e o conhecimento das coisas, vieram se interpor, como lente deformante, as superstições do primitivo e o egocentrismo da criança; que a interferência embaraçosa dos estados afetivos pôde apenas impedir a difusão da própria adaptação motora em representações do mundo. Seria acreditar-se na correspondência literal, exata, de nossas idéias com o real; seria conceder-se pouca atenção à sucessão dos sistemas através dos quais o pensamento modificou, progressivamente, suas atitudes e suas concepções. Sem dúvida são decepcionantes as informações colhidas de suas origens, visto como as primeiras categorias utilizadas para dispor e ordenar os objetos da experiência em conceitos, ao invés de serem inspirados segundo as relações entre as coisas reconhecidas pela prática, parecem querer impor à natureza as distinções correspondentes à organização dos clãs ou dos grupos sociais ⁽³⁾. Entretanto, se a consideração do grupo dominou a da natureza, deveu-se ao fato de ser o grupo, precisamente, o ponto de partida indispensável de toda atividade coletiva. Ora, sem esta, nada de conhecimento, nada de linguagem, nada de simbolismo possível ⁽⁴⁾. Assim pois, se a emo-

(3) Henri Wallon, *Journal de Psychologie*, XXIX, 1-2, 1932, p. 112-145.

(4) Não se trata aqui de afirmar a anterioridade do grupo sobre a emoção e sobre a linguagem ou vice-versa. O homem é ao mesmo tempo um animal que fala e que vive em sociedade. A aptidão à linguagem inscreve-se em seu organismo, sendo a capacidade de linguagem um dos traços essenciais da espécie humana. Mas a existência da linguagem é inconcebível sem a existência da

ção ritualizada representa, sem dúvida, algo no advento da atividade simbólica, se parece preludiar as manifestações as mais decisivas da vida e da alma coletivas, nesse caso é mister encará-la como um elo intermediário entre o automatismo e o conhecimento.

sociedade; mais ainda, sem a existência de sociedades duráveis. Ao contrário, concebe-se a existência de sociedades sem linguagem. Entretanto, a existência da linguagem e de suas modalidades corresponde necessariamente a tipos determinados de sociedades. Quanto à expressão emocional, ela constitui uma etapa anterior à linguagem neste triplice sentido: inscreve-se num estágio inferior, e portanto mais primitivo, do cérebro; não constitui uma aptidão especial de espécie humana; e, finalmente, corresponde a um tipo gregário de ação e de sociedade, isto é, a um tipo relativamente inferior e primitivo.

CAPITULO VI

AS ORIGENS E AS FORMAS DA EMOÇÃO NA CRIANÇA

Para harmonizar as manifestações individuais da emoção, e realizar a unidade da sensibilidade e da ação entre todos os membros do grupo, a intervenção precoce das influências sociais só se produz, de modo eficaz, na medida em que essa intervenção se dispõe: a) desenvolver os efeitos espontâneos; b) facilitar a passagem entre algumas formas ou um certo grau de excitação e determinados aspectos de reação global; c) selecionar em meio às conexões fornecidas pelo comportamento funcional as que melhor servirem ao contágio da emoção. No nosso ambiente o riso e os soluços de tal maneira se tornaram sinônimos de alegria e de tristeza que nos dão a impressão de terem existido sempre para os exprimir. Segundo os casos, outras reações ainda podem ou realçar simplesmente disposições orgânicas ou exteriorizar certas disposições afetivas. O bocejo, por exemplo, é, ora uma reação fisiológica, ora uma demonstração, aliás contagiosa, de enfado. No restabelecimento do equilíbrio térmico, o calafrio pode se produzir sob a influência do frio, da febre ou do terror. Por fim outros espasmos, como o soluço, combinam-se, freqüentemente, aos efeitos da emoção, sem porém terem sido adaptados para servir de expressão às emoções.

O exemplo da cócega nos mostrou através de que mecanismo uma excitação periférica, idêntica a si mesma, provoca, de modo sucessivo, o riso e os soluços, ou seja, manifestações correspondentes a dois estados opostos da sensibilidade afetiva. Assim, faz-se mister que essa excitação, graças à sua repetição, desenvolva mais tono de tal forma que, momentâ-

neamente, seja impossível ao organismo resolvê-lo em reações imediatas ou suportar sua tensão em elevação. Dessa maneira, todos os efeitos componentes da emoção têm origem periférica ou visceral. No jôgo porém dos reflexos condicionais êsses efeitos podem se vincular às mais variadas circunstâncias, com a condição de se encontrarem associados à excitação incondicional, em número ponderável de vêzes, sendo êsse número tanto menos elevado quanto maior fôr a intensidade da emoção. Assim, os motivos provocadores desta podem pertencer a uma ordem de estímulos bem diferentes de sua causa habitual; ao invés de físicas, as emoções podem depender de situações ideais e, por conseguinte, das que o ambiente social impõe ao indivíduo ou daquelas ligadas ao seu próprio desenvolvimento psíquico.

Alcança os mesmos resultados a transferência da emoção para uma espécie de comunidade, mais ou menos fundamental ou fortuita, feita mercê de categorias de objetos ou de situações, unidas na sensibilidade ou no espírito de cada um. Na aparição e entre as manifestações da emoção, uma parte ponderável cabe à história do indivíduo e à sua raça. Daí, certamente, a dificuldade do reconhecimento das circunstâncias de onde inicialmente dependia. Assim o medo do escuro, apesar de sua extrema generalidade, passível de ser aceito como um efeito natural ou pelo menos definitivamente aceito pela espécie, não foi apurado nas crianças observadas por PREYER e STERN, as quais por sua vez foram cuidadosamente imunizadas contra as brincadeiras ou narrativas capazes de fazê-lo surgir. Dessa forma, para se apreender a emoção em *statu nascendi* se faz necessária a observação da criança desde a sua primeira idade.

Sem dúvida, ela corresponde a um estágio de coordenações interfuncionais não anterior ao 6.º ou 7.º mês. Sem embargo, as fontes de sua procedência são observadas desde o nascimento, e diferentes autores ensaiaram defini-las. Por razões, sobretudo finalistas, W. LANGDON BROWN⁽¹⁾, considera a dor como a sensibilidade primordial. Dependendo do sistema simpático, cujo tipo ainda arcaico revela a anterioridade de funcional sôbre o sistema cérebro-espinhal, essa sensibilidade

(1) *Encéphale*, outubro 1922, p. 477.

de primitiva não possui poder discriminativo, mas suas reações são imediatas, amplas, explosivas e correspondem aos casos de grande urgência. Temos aí observações *a priori* as quais poder-se-iam aplicar a tôdas as reações emotivas, qualquer que fôsse a nuance das mesmas. Em apoio a essa opinião STERN⁽²⁾ invoca motivos de aparência mais positiva e mais singular. No nascimento, as causas de mal-estar dominariam as do conforto, devido às mudanças provocadas pela adaptação à vida aérea das funções circulatória, respiratória e nutritiva. Em seguida, e de modo progressivo, operar-se-ia, ao mesmo tempo que uma diferenciação nos estados afetivos, uma passagem gradual às manifestações do bem-estar e, enfim, por volta do 6.º mês, os choros não mais viriam interromper, salvo em raros e breves intervalos, os murmúrios com os quais se exprime a alegria de viver, de nutrir-se, de sacudir as perninhas, de assustar-se, e de admirar as fisionomias queridas.

Esta descrição parece atender apenas ao aspecto exterior da emoção. Aos motivos de desconforto inicial poder-se-ia, também, opor um número elevado de motivos de bem estar; e PREYER elaborou precisamente, uma lista dêstes⁽³⁾: o apaziguamento da fome, o ato de pegar o seio, o sabor adocicado do leite, a tepidez do banho, o ato de enxugar, o de despi-la e as gesticulações que acompanham êsse ato, a claridade moderada, e, um pouco mais tarde, o bem-estar causado por um objeto que, lentamente, se desloca diante de seus olhos. A ser verdade que nos primeiros dias ou nas primeiras semanas as manifestações de sofrimento — aliás, seguindo as crianças numa proporção muito variável — sobrepujam as do prazer, por certo, deve-se isso, menos à abundância ponderável de seus motivos respectivos que às facilidades encontradas pelo mecanismo do sofrimento no organismo do recém-nascido.

A) — TONO, ESPASMO E MOVIMENTO

A partir das primeiras horas de vida é bem significativa a oposição entre as expressões ou manifestações de bem-estar

(2) *Psychologie der frühen Kindheit*, Leipzig, Quelle Moyer, 1921.

(3) *L'âme de l'enfant*, trad. Varigny, Alcan, 1887.

e as de desconforto. Sob a influência de impressões agradáveis: mamadura, banho quente a 35 graus, moderada luminosidade, os olhos se abrem completamente; um pouco mais tarde, as comissuras labiais se elevam como num ligeiro sorriso e ao se tornar intensa a satisfação, os membros inferiores se agitam como se pedalassem no vazio. Tem-se a ilusão de que a fisionomia e o corpo se dilatam sob uma onda de tono, a qual atingindo um certo nível se resolve em movimentos, de tal maneira que se mantenha um equilíbrio constante entre a excitação e o tono, e entre este e as descargas musculares.

As sensações desagradáveis provocam efeitos exatamente inversos. A fome, a necessidade de dormir, a umidade, o frio, uma posição incômoda, vestes apertadas, um foco de luz demasiadamente intensa, faz que as pálpebras se apertem, a boca se crispe e a criança chore. Há espasmo mais ou menos generalizado. Espasmo e dor parecem unidos. Na incidência de um feixe de luz muito vivo no olho da criança, irrompe câimbra da íris; no entanto, como assinalou FORSTER⁽⁴⁾, se houver paralísia da íris, inexistirá espasmo ou sofrimento. A causa do mal-estar é o hipertono, a não ser que encontre meios de se resolver em manifestações equivalentes de atividade. Todavia na criancinha é das mais singelas a atividade motora e sensorial, enquanto é preponderante a função tônica. Uma vez que a excitação, por seu grau ou por sua natureza não pode, imediatamente, se resolver em atividade muscular ou perceptiva, constitui, dupla razão para que não se produzam espasmos ou reações de sofrimento; pois a atividade intelectual ainda não pode ser assunto para consideração.

Já vimos diversos exemplos de manifestações espasmódicas provocadas pelo exagêro de intensidade ou de duração da excitação. Quando por volta da 3.^a ou 4.^a semana, a criança, já sabe reagir ao ouvir um som, virando os olhos e a cabeça em direção do mesmo; um som violento far-lhe-á reaparecer a contratura brusca generalizada dos primeiros dias. Prolongando-se a excitação da cócega, desenvolver-se-á um tono impossível de ser resolvido pelo riso, o espasmo tornar-se-á penoso, ganhará as vísceras e só se liquidará em soluços. Na

ausência de um obstáculo ou de outra condição qualquer, o automatismo de fuga deixa de manter a atividade ao nível da excitação, daí o aparecimento das convulsões. Por pouco que a excitação se assemelhe a um motivo de ordem psíquica, a mesma progressão de efeitos pode revestir um aspecto psíquico. Entre a 17.^a e a 30.^a semana, a criança começa a estender as mãos e os lábios na direção dos objetos que a envolvem, como se os mesmos despertassem seu desejo. Dentro em pouco o desejo de pegá-los se liga claramente a êsse gesto. Se a criança consegue agarrá-lo, o contato do objeto com as mãos e os lábios, e os subseqüentes reflexos de preensão e de sucção, assim como as manifestações e a atividade de que êsse objeto passa a constituir o tema, oferecem à excitação inicial uma saída satisfatória. Entretanto, se o objeto não pode ser apreendido pela criança ou não lhe é entregue, os gestos de alegre apetência não são mais suficientes para liquidar a elevação crescente da expectativa. Os espasmos aparecem sob a forma com que habitualmente surgem na primeira idade: endurecimento em extensão do tronco, ou epistótono, contratura do aparelho respiratório e gritos.

A sucessão desses efeitos, como os da cócega, possui uma constância, de certa forma mecânica. Corresponde a uma lei muito primitiva de equivalência entre o grau de excitação e o tono, a qual pode: ou induzir uma atividade própria a esgotá-lo gradualmente, ou acumular-se em excesso, até se traduzir em contraturas e espasmos. Em meio a êsses efeitos é fácil reconhecer-se os da emoção. Pelo mecanismo dos reflexos condicionais, tornam-se, rapidamente, um veículo de ação sobre o ambiente, o qual precede, sem dúvida, a idade da deliberação ou da intencionalidade e cuja origem é puramente fisiológica. O mesmo quanto à criança que puxa os pais pela mão a fim de ir passear, e encontrando resistência por parte deles, se contrai gradualmente e termina por rolar no chão em convulsões de cólera. Em muitas outras circunstâncias nas quais os gestos também não correspondem à intensidade da excitação nem à expectativa suscitada, a atividade jovial se transforma em contratura penosa e, finalmente, em crise emotiva.

(4) *Monatssch. Psychol. und Neurol.*, 1919, p. 306 e seguintes.

B) — TONO, SENSIBILIDADE EFETIVA E ATIVIDADE DE RELAÇÃO

As relações da excitação e do tono consideram os efeitos próprios da criança e da emoção. Diversos autores salientaram com que rapidez, na criança, às lágrimas sucede o riso. Segundo STERN⁽⁵⁾ isso se deve à descontinuidade da vida mental da criança por ele atribuída à falta de tendências diretoras ou à fragilidade dessas, particularidade fácil de controlar nas manifestações de seu pensamento ou de sua imaginação. Invoca também STERN uma causa de aparência menos intelectualista e que, por conseguinte, melhor se ajustaria às reações dos primeiros meses e mesmo nos primeiros anos: é a instabilidade, a variabilidade das atitudes e a ausência de hábito firme, que fazem freqüentemente de uma mesma impressão a origem imprevisível dos mais contraditórios efeitos: alegria, medo ou cólera. Na realidade, nós mesmos insistimos⁽⁶⁾: a respeito dos sinais de assínergia observados até os 3 e mesmo 5 anos; sobre suas relações com a extrema labilidade das atitudes físicas e da acomodação mental; sobre a rápida renovação e sobre o caráter, com freqüência, explosivo das subseqüentes disposições e reações efetivas. Existe porém uma razão, ao mesmo tempo, mais particular e mais fundamental, para a rápida mudança do riso em lágrimas, da excitação motora em espasmos emotivos; trata-se da desproporção, na criança, entre a penúria de suas reações e a intensidade da excitação, é o fácil aparecimento do hipertono e das crises hipertônicas.

Os efeitos dependentes da mesma causa, sob uma aparência paradoxal, correspondem ao mesmo princípio da emoção: ao constante antagonismo da onda emotiva e de tudo aquilo pertencente à vida de relação. Afinal de contas é o que fôra descrito como diletantismo da dor, como algofilia, ou como apetência a mortificações físicas. GROOS⁽⁷⁾ nota com que freqüência a própria criança se entrega a manobras onde a dor constitui o único alvo aparente. Isso a faz parecer responder a uma necessidade muito difusa de experimentar e, particular-

mente, de auto-experimentar impressões que sejam intensas. Para explicá-la, GROOS se limita a reunir alguns fatos que lhe parecem do mesmo gênero mas para os quais propõe motivos bem diversos; por exemplo a ininterrupta propensão a provocar os efeitos de uma dor cuja iminência é de certa forma obsedante, a tocar no dente doente, a cutucar uma ferida, a excitar um torcicolo com movimentos contrários da cabeça — todos esses gestos traduziriam uma espécie de curiosidade experimental voltada para si mesma. Lembra ainda que determinados doentes sofrem, em si mesmos, mutilações verdadeiramente inconcebíveis, a menos que se lhes suponha um baixo limiar de sensibilidade. Fala em masoquismo. Considera a excitação sexual companheira de semelhantes casos. Também acredita numa espécie de esporte, num exercício da vontade, num esforço para reduzir em si a sensibilidade à dor. Enfim, GROOS realça que, para naturezas contidas, nas quais o gosto da ação é pouco desenvolvido, o jogo com o sofrimento pode conduzir a uma espécie de divisão na consciência: por detrás do eu sofredor parece se esconder um outro, transformador da dor em delícias.

A curiosidade em provocar os mais agudos efeitos da sensibilidade e abaixar o seu limiar; a atração sexual da humilhação, a atração do triunfo esportivo sobre a dor, o exercício da vontade e a dissociação autocontemplativa da consciência, simplesmente justapostos, constituem explicações não somente parciais e díspares, mas contraditórios, a menos que essas aparentes contradições correspondam aos diferentes momentos de um antagonismo do qual as idéias por nós propostas sobre a emoção constituem uma demonstração contínua.

As sevícias que a criança ocasionalmente exerce sobre si mesma são elevadas, numa certa categoria de anormais, ao limiar da fúria e por isso receberam o nome de "cruomania". Caracterizam-se por golpes vibrados com os punhos contra o crânio ou as órbitas, por batidas da cabeça contra o chão ou contra as paredes, por mordidas profundas: freqüentemente amarra-se a criança a fim de impedi-la de se contundir gravemente⁽⁸⁾. Em caso semelhante há sempre desequilíbrio entre as funções de relação — obscurecidas ou obtusas — e a atividade postu-

(5) *Monatssch. Psychol. und Neurol.*, 1919, p. 306 e seguintes.

(6) *L'Enfant turbulent*, p. 11, cap. I.

(7) *Spiele d. Menschen*, p. 198 e seguintes.

(8) Ver exemplos em *L'Enfant turbulent*, III Parte.

ral, cujos efeitos orgânicos, tônicos, protopáticos tendem, na ausência de toda redução, a uma preponderância exclusiva. Em certas formas de demência o conflito, ao se desenvolver gradualmente, pode ser dos mais aparentes, em consequência de uma limitação progressiva dos interesses e das reações que estabelecem o traço de união entre o indivíduo e o ambiente ⁽⁹⁾. Na proporção que fica alheio a seu ambiente o doente mais se dedica a absorver-se por suas atitudes, seus esgares, suas apetências e funções orgânicas, podendo, também, se bater num frenesi crescente. A criança que se apalpa e, dessa maneira excita-se a si mesma, é levada por sua própria evolução a substituir, nas partes do corpo acessíveis à mão, a sensibilidade protopática pela sensibilidade epicrítica. O demente seguindo essa evolução em sentido inverso parece querer retardar o recôbro da segunda sensibilidade ao estimular aquilo que pode substituir graças a violências proporcionais ao seu obscurecimento crescente. A "cruomania" pode também, em certos idiotas, oferecer o espetáculo de uma ambivalência, nada excepcional, no decurso ou nas manifestações da vida afetiva. Procedendo por acessos, ela parece alimentar e levar ao paroxismo a excitação emotiva ou, ao contrário, exerce sobre ele uma ação resolutiva, como se predominasse, alternadamente, o tremor exaltante dos golpes recebidos ou a diversão periférica, diversão conhecida em suas origens e prevista em seus efeitos.

Existem casos nos quais o papel revulsivo representado pelas excitações periféricas em face do paroxismo emotivo revela uma espécie de nitidez experimental. Tal acontece quando a intensidade, em elevação, do hipertono emotivo corre o risco de atingir uma suspensão total das funções que relacionam o indivíduo à ambiência. Aí estão certas crianças cuja cólera as levou à asfixia e à síncope em razão de contratura generalizada e fixação dos músculos respiratórios, às quais no entanto, enérgicos estímulos periféricos reduzindo as contraturas fizeram recuperar os sentidos. Mecanismo exatamente sobreposto a este foi descrito por RABAUD ⁽¹⁰⁾ entre certas variedades de insetos, recebendo o nome de reflexos de imobilização. A contratura generalizada que os coloca em estado de morte apa-

rente é, como o hipertono emotivo, provocada por excitações relacionadas com a sensibilidade orgânica ou segmentar, excitação incidente, sobre o tórax ou sobre a inserção das asas; tal contratura, ao contrário, se reduz por excitações comprometidas com a sensibilidade de relação: excitações que incidem, por exemplo, na extremidade das patas. Tudo aquilo que limita a sensibilidade de relação tende a favorecer a contratura de imobilização: obtém-se, com facilidade extraordinária, o reflexo de morte aparente nas borboletas cujos olhos foram ofuscados por fuligem. O equilíbrio entre o que pertence à vida de relação e o domínio da atividade tônica ou postural encontra-se pois na dependência constante do seu antagonismo — fato, aliás, inicial e fundamental.

Assim se explica que, ao se desenvolver, a emoção parece amiúde exacerbar a necessidade de suportar em si mesma sofrimentos de intensidade crescente. Muitas crianças e até mesmo adultos, movidos pela cólera, são levados a se morderem, a se arranharem e a desferirem golpes contra si mesmos. Entre o desespero e o ato de arrancar os cabelos, existe uma ligação consagrada pela linguagem popular, após o ter sido pelos ritos fúnebres, a cuja imagem fisiológica também parece ser a necessidade de reduzir os espasmos da angústia por um despertar bastante violento da sensibilidade periférica. O eclodir primitivo das emoções e a frequência das revulsões periféricas foram, simultaneamente, limitadas no adulto de nossos dias, pelo hábito da ação refletida e pelo maior domínio de si mesmo; todavia, nos casos de angústia patológica tais manifestações ainda podem ser observadas. LAIGNEL-LAVASTINE e DELMAS ⁽¹¹⁾ estudaram o caso de uma melancólica que, ao fazer uma tentativa de suicídio por estrangulamento, sentira, de súbito, os espasmos por ela sofridos, se resolverem em descarga motora; a partir de então adquirira o hábito de apertar o pescoço violentamente não mais com a intenção de se estrangular mas sim para conseguir a redução dos seus espasmos.

Muitos alienados ao se mutilarem fazem-no para conter a onda de angústia que os envolve e, exceção feita dos casos de automutilação demencial, a pseudo anestesia desses doentes é uma anestesia secundária relacionada ao paroxismo ansioso:

(9) Ver *L'Enfant turbulent*, III Parte, obs. 53, p. 392-394.

(10) *Journal de Psychologie*, dezembro de 1920, p. 865-877.

(11) *Journal de Psychologie*, 1921, p. 587.

além disso, traduz a neutralização recíproca entre a sensibilidade periférica e o hipertono. Essa é a razão pela qual, a excitação tendente a resolver o espasmo assim como este tende a reabsorver os efeitos da excitação devem, movidos pela concorrência, crescer simultaneamente. Na realidade, diversas práticas imputadas habitualmente à humildade e ao desejo de castigar o corpo e a carne, não são uma conseqüência da humildade, mas sim uma reação de defesa contra a angústia, origem íntima dessa humildade. Era de mortificação física a religião ansiosa de PASCAL.

As várias formas de equilíbrio e de relações, por vezes estabelecidas entre o domínio postural ou do tono e a atividade de relação, informam das aparentes oposições observadas nos efeitos da excitação emocional do qual as explicações contraditórias de GROOS nos forneceram um testemunho. O contraste da anestesia periférica e do gosto pelas mais agudas sensações corresponde à ânsia de sobrepujar pela intensidade da explicação revulsiva a elevação do hipertono ansioso, que obnubila ou elimina a sensibilidade de relações. O contraste existente entre o ardor esportivo em provocar o próprio sofrimento e a necessidade de se humilhar corresponde à dupla atitude daquele que se tortura e cujo interesse pode se dirigir, mais ou menos segundo o momento, para o agente ou para o paciente. O contraste entre o esforço da vontade e a passividade contemplativa se explica pela passagem da sensação bruta na esfera das representações, onde se torna, por um ato psíquico, um objeto para a atividade mental. A dissociação é o resultado da representação que abole as repercussões afetivas do sofrimento e a opõem ao indivíduo. "No extremo sofrimento existe — diz o escritor LEON WERTH⁽¹²⁾ — uma alegria semelhante àquela de uma criança no circo... Está em nós, mas ao romper nosso equilíbrio habitual, supera-nos e a nós se impõe, como o mais tangível e provocante espetáculo". A ação e diletantismo da dor se combinam no esforço para mantê-la no estado de representação. Quanto ao quinhão de sexualidade que pode se misturar à angústia constitui êle, na realidade, um fato de observação. A excitação sexual se encontra em numerosos melancólicos, os quais buscam no espasmo ve-

néreo um exutório para o hipertono de que sofrem. Assinalamos de como o onanismo é freqüente nas crianças escorregadas pelo ambiente e que vivem, habitualmente, em constrangimento e apreensão⁽¹³⁾. Na medida em que se mescla de ansiedade a mais banal expectativa pode se matizar de erotismo. Isso porque o ato venéreo se coloca ao lado do riso e dos soluços, entre os espasmos capazes de liquidar uma exagerada sobrecarga tônica.

C) — TONO E TIPOS DE COMPORTAMENTO AFETIVO

A recapitulação das diferentes maneiras, segundo as quais pode se resolver o tono, permitir-nos-ia no esboço de uma primeira classificação das emoções o estabelecimento de uma distinção entre tipos diferentes de compleição fisiopsicológica. Ao estudar a alegria e a tristeza DUMAS⁽¹⁴⁾ as colocou em oposição, correspondendo uma a um aumento, e a outra a uma falta de atividade funcional e motora. As emoções, segundo a oposição por elas ocupadas em relação à alegria e a tristeza, se dividiriam em hiper e hipostênicas. Entretanto, a esta divisão faz-se necessário acrescentar um corretivo. A carência de atividade não deve ser encarada no sentido de uma simples diminuição. A titude contraída do melancólico, no qual DUMAS estudou a tristeza, seu pulso fraco, duro e tenso, sua respiração irregular e ofegante não são sinais de inércia, mas ao contrário, de contratura, isto é, de hipertonia. Ao mesmo tempo que há diminuição ou melhor inibição de suas reações motoras ou mentais, existe acúmulo de tono inaproveitado. O inverso se verifica na alegria onde parece que, entre a atividade postural e a atividade de relação, o circuito permanece amplamente aberto e de tal forma que suas reações recíprocas são instantâneas e livres. A alegria seria também menos caracterizada pela exuberância das manifestações motoras que pela manutenção de um equilíbrio exato entre as flutuações posturais e a atividade de relação. Existem alegrias tranqüilas. É preciso, além disso,

(12) *La Maison-Blanche*, Paris, Fasquelle, 1913.

(13) *L'Enfant turbulent*.

(14) *La Joie et la Tristesse*, Paris, Alcan.

distinguir o prazer da alegria. Pois o tono não se gasta apenas em movimento, como a alegria; exaure-se, também, em manifestações tônicas, em espasmos, os quais, segundo seu grau crescente de tensão e de retenção, podem se traduzir em satisfação insípida, em intensa alegria ou em sofrimento.

Permanente ou pelo menos habitual, um tipo determinado de relação entre as disposições íntimas dependentes das funções orgânicas ou posturais e a atividade sob cada uma de suas formas atende a um tipo correspondente de compleição fisiopsicológica. Dessa maneira, a passagem fácil da excitação ou da imagem para o ato, feita através de atitudes maleáveis e de um tono dútil, traduz-se, simultaneamente, por tendências eufóricas, constante animação, vivacidade e flexibilidade na adaptação ao ambiente. Ao contrário, quando entre a excitação ou o desejo e os gestos ou os pensamentos correspondentes parece se interpor uma espécie de enrijecimento generalizado, o retardamento ou a parada consecutiva da atividade e das idéias se acompanham, habitualmente, de ansiedade e de apreensão. Em certos indivíduos verifica-se a passagem alternada de estados de facilidade alegre ou de inibição triste; tais efeitos contrários parecem ter uma origem comum e serem devidos à utilização ora fácil, ora lenta do tono, à sua distribuição corrente em atitudes geradoras de atividade ou ao seu viscoso acúmulo em toda a economia, ou seja na dos músculos do esqueleto ou na dos músculos das vísceras. Assim, a constituição denominada ciclóide por KRETSCHEMER estaria em relação com a regulamentação, por assim dizer, autônoma da atividade tônica. Talvez a alternância ou a constância dessas disposições opostas ligue-se ao antagonismo funcional que parece regular a vida vegetativa e se refletir no sistema nervoso por oposição do simpático e do parassimpático. Em todo o caso a preponderância permanente ou alternada de umas sobre as outras depende de causas nas quais as influências psíquicas carecem de ação; impõem-se à vida mental sem se deixar modificar por essas influências psíquicas. Estão, por assim dizer, situadas num plano mais primitivo e mais profundo.

Bem diferentes são as manifestações, igualmente tônicas, observadas nos emotivos propriamente ditos. Possuem, ao contrário, relações íntimas com a excitação, desta procedem, desenvolvem-na e por ela são desenvolvidas. No emotivo é

fácil reconhecer-se uma sensibilidade amplamente aberta aos influxos orgânicos, às impressões obscuras e confusas tradutoras das modificações viscerais, das disposições e das atitudes pessoais do indivíduo. Essa sensibilidade retém até mesmo das impressões recebidas do exterior, sobretudo, o matiz afetivo; recolhe-as e as propaga sob a forma de um abalo, a impulsionar no organismo ondas debaixo das quais a primeira excitação fica como que submersa, desfigurada. Ao invés da imagem e do conhecimento nasce a emoção. Esta se alimenta, principalmente, de si mesma em consequência da mútua e imediata repercussão, mantida entre a motilidade tônica e a sensibilidade postural.

Todavia existem dois tipos de emoções, ou melhor de emotivos, segundo predomine a tendência ao espasmo ou a tendência à autocontemplação, correspondentes, respectivamente à motilidade e a sensibilidade emotivas. Se é o espasmo que domina, a contratura alcança até os aparelhos da vida vegetativa e enquanto a consciência, exclusivamente investida de impressões orgânicas, se obnubila de modo gradual, há ameaça de síncope ou de crise convulsiva. Na grande maioria dos adultos e mesmo nas crianças é na autocontemplação que a influência exercida pela vida social sobre a emoção supera o espasmo. A autocontemplação tem a dramatização como consequência imediata. A eferescência motora se transforma em gestos expressivos, por vezes em crise convulsiva, quando a crise pode ter um grande efeito de demonstração ou de intimidação e mais freqüentemente em simulacros mais ou menos rituais ou estereotipados que entretêm e desenvolvem a emoção. Pois, de uma parte, o próprio movimento pode ser fonte de excitação orgânica por seu ritmo, pelo seu grau de aplacamento e de descarga: os estados de frenesi aos quais podem atingir as danças rituais disso constituem a prova. Doutra parte, as gesticulações da emoção se fixam a todo instante em atitudes repetidas ou prolongadas que lhe dão uma imagem dela mesma. Enfim, podem suscitar situações, peripécias mais ou menos imaginárias ou reais, que lhe fornecem motivos exatamente apropriados às necessidades do seu desenvolvimento. Ainda que se desenrolando no espaço como os movimentos que se relacionam com o mundo exterior e pertencendo como eles à atividade física dos músculos, elas possuem uma significação e um resultado inversos, pois têm por lei única refletir e esti-

mular as disposições do indivíduo, enquanto que o automatismo se molda exclusivamente segundo os alvos exteriores da atividade.

Ao oposto dos emotivos estão os indivíduos nos quais todo estímulo externo ou íntimo evoca, instantaneamente, imagens ou reflexões, visto como entre elas e o abalo orgânico das emoções há, conforme vimos, incompatibilidade funcional. E não é somente o pensamento intelectual e preciso, mas também o pensamento imaginativo, são os hábitos de devaneio que desviam a emoção. À medida em que se alimenta de imagens, o sentimento se opõe à emotividade. O sentimental difere do emotivo exatamente como o raciocinador. A despeito de assimilações devidas sobretudo, sem dúvida, ao vocabulário que coloca nas mesmas rubricas tudo aquilo que é afetivo e tudo que parece proceder das mesmas nuances afetivas, a observação mostra que entre o comportamento e o temperamento do sentimental e do emotivo existem distinções fundamentais. O sentimental inicia a cadeia cujos elos subseqüentes são o imaginativo e o sonhador até o raciocinador.

Encontram-se, na criança, êsses diferentes tipos. Um ou outro pode predominar, mas, salvo circunstâncias particulares, as manifestações de cada um não são ainda exclusivas e sistemáticas, como amiúde se tornarão no adulto. Pode suceder que o prazer de chicanar ou o devaneio, por vezes, tornem uma criança completamente inacessível, por momentos, à emoção. Não existe pois criança que, em condições normais não apresente por ocasião da incontinência emotiva, explosões súbitas de crises emotivas. Além disso, depende muito do educador a multiplicação ou não dessas explosões, pois tornam-se facilmente, pelo mecanismo do reflexo condicionado, um meio de ação sobre o ambiente. A fácil resolução do tono, não somente em emoções, mas em atividade, como no ciclóide em período de excitação, é uma característica da infância. É mais raro seu acúmulo por retenção. Entretanto, há crianças habitualmente ansiosas e consecutivamente travessas⁽¹⁵⁾; outras, também, cuja angústia pode se desenvolver consideravelmente sob a influência do ambiente. Sempre repelidas ou maltratadas, conhecem algumas que apresentavam uma passividade devida ao

constrangimento, e cuja fisionomia de traços cansados não mais possuía, à guisa de expressão, senão ligeiras crispações de aspecto antipático, sendo seu mutismo censurado como um sinal de indiferença ou de duplicidade, sua ausência de choro como sinal de insensibilidade, seu onanismo como uma prova de vício. Somente após diversas semanas de solícito tratamento, vimos se tornarem possíveis as crises de soluços. Ao mesmo tempo, o onanismo também desaparece. Além disso já assinamos sua maior frequência nas crianças cujo pai ou mãe contraem um novo enlace e que, por causa disso, se vêem preteridas pelos filhos do segundo casamento.

(15) Ver *L'Enfant turbulent*, II Parte, p. 267 e seguintes.

CAPÍTULO VII

ESTÍMULOS ORGÂNICOS E DIVERSIDADE DAS EMOÇÕES

Na diferenciação das formas emocionais intervém, não somente a relação entre a intensidade da excitação e a resolução de seus efeitos, mas também a diversidade de suas origens orgânicas. No adulto, sua determinação pode ser difícil, em consequência dos reflexos condicionados e das transferências, as quais terminaram por fazer depender a emoção de motivos muito distantes e radicalmente diferentes de suas origens. Todavia, na criança, ela obedece ainda a seus estímulos naturais ou incondicionais.

A) — CARÍCIAS E PRAZER

Nas primeiras idades da vida e nos primeiros estágios do desenvolvimento psíquico, na criança de algumas semanas e nos idiotas de nível bem baixo, já se observa sob a influência das carícias, uma agitação muito viva, contorsões, como que relinchos e latidos, uma aceleração do pulso e da circulação periférica, um maior brilho do olhar, uma ligeira salivação, em resumo, todo um cortejo de manifestações em geral relacionadas ao prazer. A sensibilidade em ação se assemelha à estudada na cócega. Propaga-se com as ondas de contração por elas despertadas em todo o corpo. Essa sensibilidade muitíssimo solicitada pelas carícias excessivas pode chegar a crises prolongadas ou entrecortadas e a reações de sofrimento.

B) — MOVIMENTO E ALEGRIA

O movimento é uma outra fonte de impressões agradáveis. Pelas correspondentes sensações no aparelho muscular e articular, ele desperta uma excitação traduzida, como sob a ação de carícias íntimas, por uma exaltação de gestos, frêmitos, sonoridades guturais, ou um balbucio, exatamente comparáveis à expressão de alegria. Esta nasce com a facilidade dos movimentos. A convicção disso nos é dada ao apreciarmos a criança no banho: a agitação dos seus membros sustentados pela água, numa idade na qual ela mesma não o poderia fazer, possui todo um aspecto de satisfação esufiante. Os mesmos efeitos aparecem quando, desembaraçada de sua roupinha repousa bem apoiada, na cama. Mais tarde, o objeto que lhe agrada não pode despertar alegria sem produzir, simultaneamente, uma grande excitação motora, a qual não poderia ser assimilada, pelo menos de um modo total, a gestos antecipados de apropriação, visto como muitas vezes esses gestos a fazem derrubar o objeto que acaba de apanhar. Da mesma forma, ainda aos 3 ou 4 anos, a criança nos seus brinquedos se divide entre os movimentos de realização e os movimentos de entusiasmo. Se faz bolinhos ou constrói um forte, o entusiasmo, freqüentemente, predomina sobre a realização, e de muito boa mente incumbe outra pessoa da realização, para melhor se entregar a seus transportes e às cambalhotas de entusiasmo. A excitação do movimento pode também ter os mesmos efeitos que a do prazer e das carícias. Segundo ZIEGLER, em todos os animais à procriação antecede-se um período de agitação.

C) — SENSIBILIDADE E REAÇÕES DE PRESENÇA

Uma terceira forma de sensibilidade, também bem primitiva, é aquela por nós chamada de *prestance*. Corresponde ao despertar de atitudes em relação com o aproximar a presença de outro. Existe claramente, no animal, não sendo pois, estranha aos fatos da fascinação. É pelo menos admissível considerar o mecanismo da acomodação postural tão frágil quanto necessária e espontânea para o ser vivo a reação que o leva a se manter

instantaneamente preparado para os gestos relacionados com a individualidade ou a espécie que se lhe avizinha. Sob a insistência de um olhar ou sob a impressão de constituir para um terceiro um objeto de atenção, é possível que ambos se tornem desajeitados. Irrompe o descontrôle lançado no sistema de atitudes. Além disso, o efeito produzido é variável; e certamente haveria meio de classificar os indivíduos segundo o tipo de desordem por eles apresentadas em semelhantes casos.

Com frequência, os gestos, a marcha, a própria posição erecta tornam-se menos seguras. O indivíduo, bruscamente, fica canhestro, deixa cair o que traz, duvida de seu equilíbrio, pondo-se a tremer. Revela também sinais evidentes de assínergia ou seja precisamente, uma insuficiência do aparelho que, a todo instante, regula a divisão do tono necessário à manutenção de uma atitude, à sucessão das que asseguram a conservação do equilíbrio à medida que se desloca o centro de gravidade ou que se modificam os estímulos exteriores, e por fim à execução mantida, graduada, medida, precisa, de cada movimento⁽¹⁾. Essa incerteza do equilíbrio e da atitude se confunde — não tardaremos a verificá-lo — com o gênero de incitações orgânicas motivadoras do medo.

Em outras ocasiões a função tônica — sustentáculo das atitudes — é sempre a alterada, ora por falta, ora por excessos. A queda do tono em alguns revela algo de sistemático. Produz um estado de resolução muscular e de obnubilação mental que em geral parece ser um meio de defesa ou de oposição a fim de poupar o esforço impôsto pela presença ou pelas exigências do outro. Crianças existem que se entorpecem diante de uma solicitação enérgica e pessoal à sua atividade mental ou à sua compreensão, uma vez que estejam frente a frente com o professor ou com aquele que tem o hábito ou a pretensão de exercer um constrangimento sobre a inteligência ou sobre a conduta dessas crianças⁽²⁾. Em outra parte descrevemos esse gênero de comportamento correspondente a um certo tipo psicomotor. Neste caso, porém, trata-se de uma rea-

ção diferenciada tendo por causa uma espécie particular de relações entre o indivíduo e seu ambiente. Com muita frequência, ao se sentir objeto de uma atenção insistente, produz-se o efeito habitual às excitações cuja intensidade ou duração sobrepujam as possibilidades atuais da reação. Desenvolve-se então um estado de hipertono com espasmos viscerais e sentimento de angústia. O *trac*⁽³⁾ é típico desse estado. Não obstante essa elevação do hipertono também pode se relacionar à penúria das reações disponíveis, à inferioridade do desenvolvimento psíquico.

A sensibilidade ao olhar ou à presença de outro, no lactente, é já bem aparente. Ao sentir a aproximação de alguém, suas pernas e braços se agitam, tal como ocorre em seus acessos de alegria. Assim que essa aproximação se torna um pouquinho prolongada, continuando a excitar a criança, sem nada trazer para satisfazer o erotismo sensitivo-afetivo despertado ou para dêle desviar, essa criança imediatamente se inteiriza, com as costas encurvadas, lançando gritos. No idiota do mais baixo estágio, as reações provocadas pela presença de outrem estão entre as primeiras produzidas⁽⁴⁾. Seja indigência de ação, seja tendência do espasmo, fato freqüente tanto no retardado como na criança, essas reações traduzem rapidamente, e muitas vezes de golpe, o excesso de excitações no movimento. Certos idiotas, tão-logo olhados, emitem urros, soluços, fixam-se em atitudes de defesa, de retração ou de ameaça. Acontece que a atitude de presença espontaneamente, ou por se ter a aproximação do estranho transformado em contato, resolve-se em fuga ou, ao contrário, em carícias ou gestos propiciatórios. Todavia, ainda com maior constância, a veemência dos gritos, a contratura, a obstinação das atitudes aumentam à medida que a atenção posta na criança se faz mais precisa, mais próxima e mais premente. Em geral, comete-se o contra-senso de procurar reduzir por um suplemento de atenções o que constitui intolerância pela atenção de outrem. Os aspectos revestidos por essa intolerância são de três espécies: a simples oposição ou negativismo, a angústia, o medo e a cólera.

(1) Consultar Henri Wallon, "La Maladresse", *Journal de Psychologie*, janeiro 1928, p. 61-78.

(2) Exemplos em *L'Enfant turbulent*, III Parte.

(3) *Trac*: estado de apreensão que se apodera, em geral, do ator, do orador etc., no momento de entrar em cena (Nota do tradutor).

(4) Exemplos em *L'Enfant turbulent*, *ibid*.

D) — EXCESSO DE ESTÍMULOS E CÓLERA

Como já referira DESCARTES⁽⁵⁾, sob o nome de cólera reúnem-se maneiras de ação diferentes entre si, quer do lado visceral, quer do lado motor. Sem dúvida, deve-se a unidade do vocábulo àquilo que a semelhança das situações tende a arrebatá-la da diversidade das reações elementares e individuais, quando o modo do comportamento possui uma significação social, como é o caso das emoções. Excitações de diversas origens culminam na cólera. Esta sobrevém quando seus efeitos tônicos excedem às possibilidades reais da atividade liquidadora.

Dessa forma, o incômodo sentido em presença de outrem se transforma, facilmente, em exasperação. As relações das pessoas entre si parecem ligadas à cólera. Esta, por uma espécie de animismo mais ou menos primitivo, transforma-se em furor contra os objetos. Aliás, êsse animismo faz parte da emoção, na medida em que esta deixa de ser um conjunto de reações puramente orgânicas para se tornar um modo de comportamento, com a condição entretanto de que a eficácia dêste e sua razão de ser criem uma espécie de ambiente interindividual superpondo às reações sensório-motoras do automatismo correntes de ação coletiva.

Assim, pois, faz parte da natureza da emoção, reagir diante das coisas como se fôssem pessoas e reconhecer intenções em todo encontro fortuito ou mecânico de circunstâncias. Em cada surgimento de emoção ou durante o seu domínio habitual do pensamento — a exemplo dos ansiosos, apaixonados e perseguidos — ela provoca animismo, ou seja uma forma de regressão mental.

A cólera porém resulta também de excitações mais estritamente corporais, incluindo entre estas as que, antes de se tornarem excessivas, foram carícias ou agitação jovial. O prazer experimentado pelas carícias se transforma de modo rápido em irritação. Um cão durante muito tempo acariciado passa a rosar e a mostrar os dentes. Da mesma forma gritam, se debatem, buscam morder, crianças cujos pais se obstinam em mimá-las, esperando dessa maneira, cessar a exasperação por êles

(5) *Traité des passions.*

despertada e entretida através das carícias. Essa progressão nos efeitos, ao inverter sua tonalidade afetiva, pode, além disso, vir acompanhada de variações semelhantes nos estímulos. Em seus momentos de satisfação, alguns idiotas possuem o hábito de roçar de modo suave a fisionomia, os braços ou o corpo, batem-se fortemente, quando descontentes ou em cólera. Muitas vezes também, o tocar de modo leve e gradual se transforma em golpes sobre si mesmo e os guinchos de prazer em vociferações irritadas. Existe uma espécie de estímulo recíproco entre a necessidade de experimentar sensações sempre mais fortes e a de utilizar, para produzi-las, uma energia sempre crescente. São dois fatores cujos efeitos se conjugam. Entretanto, a origem dos mesmos pode ser distinta. A violência progressiva dos golpes, por certo, parece dirigida pela expectativa de impressões sempre mais vivas. Contudo, mesmo que se volte para outros o frenesi das carícias, pode espontaneamente, degenerar em maus tratos e os beijos se transformarem em mordidas — o estímulo nascendo, portanto, do próprio ato.

Da mesma forma a excitação produzida pelo movimento pode ultrapassar a alegria e dar lugar à cólera. Havendo uma espécie de oposição entre as manifestações da alegria e da cólera, entre elas haverá também parentesco. Em determinados idiotas, nos quais as borrascas emotivas se sucedem espontânea e aparentemente sem motivo, são as manifestações de exaltação jovial e de exaltação colérica que se alternam. A passagem gradual de uma para outra também se observa em outros que têm a mania quando sentados, de balançar o tronco de diante para trás e de trás para diante. Enquanto o ritmo for lento e o balanceio moderado, a fisionomia permanecerá aberta, as exclamações serão alegres. Entretanto com a aceleração do ritmo e o frenesi crescente dos movimentos, a voz se torna rouca, sibilante, furiosa, os olhos ficam brilhantes e maus, a fisionomia ameaçadora, a saliva lhes flui pelos lábios, a criança cospe como que despeitada. Aliviada bruscamente, recomeça a se balançar, primeiro de modo suave, depois numa violência progressiva, as mesmas fases se repetindo indefinidamente. Mesmo no indivíduo normal o movimento que tiver um fim recreativo pode chegar a uma necessidade fisiológica de cólera. ERASME DARWIN, falando de um de seus amigos, contou que após ter montado a cavalo evocou, livremente, motivos para se encolerizar, para se compensar da fadiga. Sem ser, habitual-

mente, procurada de maneira tão deliberada, a cólera irrompendo, assim nas mais simples ocasiões, é com frequência a consequência de um exercício violento. Na criança aborrecida por um dia de brinquedo, uma crise de cólera pode constituir o indispensável prelúdio a um sono reparador.

Indivíduos existem cujo trabalho desenvolve a irritabilidade, ao invés de suavizar suas necessidades de atividade. Sem dúvida, quer seu temperamento que o movimento desperte mais tona, incapaz de ser por ele resolvido e que o ato, ao ser executado, não elimine as atitudes que o fizeram surgir. Em outros termos, são indivíduos nos quais a acomodação postural sobrepuja as necessidades, as possibilidades, ou as realidades da ação: impacientes, antecipam as tarefas a resolver; inquietos, entregam-se à ação com exagêro de preparo e competência na execução; inaptos que, sentindo-se carentes tanto na esfera motora como na mental, de meios próprios para utilizar suas fantasias íntimas, traduzem assim, sua impotência em irritação e em cólera. Também existem atividades e ofícios nos quais dominam a expectativa, a vigilância, o preparo e a previsão sobre a realização efetiva. Um exemplo bem simples é o proverbial mau humor dos cozinheiros, cuja causa não é outra senão a apontada (6).

A cólera pode se desenvolver em duas direções opostas: centrípeta ou projetiva. Ora ela parece voltar seus golpes contra o próprio indivíduo, ora se desencadeia contra o ambiente. Já tivemos ocasião de ver qual é a dupla significação dos golpes desferidos no próprio sujeito. Ao espasmo emotivo podem servir seja como equivalente, seja de alimento periférico. Provavelmente, a cólera se reacende e torna a se elevar sob os golpes que o indivíduo inflige a si mesmo como se vindos de outrem e ao mesmo tempo atende ao seu frenesi de golpear. Sua violência porém não é eficaz senão ao se exasperar com a exacerbação do espasmo íntimo, de outra forma este,

(6) Exemplo contrário é o do pintor de paredes que, trepado em sua escada, com o busto inflado, executando com o braço amplos movimentos cadenciados, cada um dos quais produz um efeito sobre a parede, canta enquanto trabalha. Sob este ponto de vista, valeria a pena estabelecer-se uma psicologia das profissões. Isto, aliás, não deixaria de apresentar bastante interesse para a orientação profissional.

ao abolir toda sensibilidade, abole inclusive as manifestações da cólera quando submetida a uma contratura total. De tal modo que os golpes são, ao mesmo tempo que um alimento, um revulsivo. Ao provocar as reações de cólera, esses golpes abrem caminho para a excitação íntima. Como vimos, a cólera, em muitos casos, é resolutive.

A cólera centrípeta é aquela onde domina a angústia. Mais freqüente na criança que no adulto, na mulher que no homem, visto encontrar-se mais próxima de suas origens orgânicas. A cólera projetiva, constituída de reações contra o meio, faz participar a ambiência de suas manifestações, exterioriza-se em cenas mais ou menos expressivas, podendo exercer uma ação de intimidação no ambiente; trata-se pois de uma forma mais socializada, mais evoluída. Embora freqüente no idiota e aparentemente precoce na espécie, a cólera não obstante é uma reação organizada, a ponto de PREYER dizer não a ter observado em sua filha antes do décimo mês!

E) — INCERTEZAS POSTURAS E MÊDO

O medo, assim como as demais emoções, se origina de reações elementares, cujo ponto de partida é a sensibilidade orgânica. Entretanto, trata-se de reações diferentes daquelas sobre as quais se desenvolve, por exemplo, a cólera. Há alguns anos, indicamos a relação por assim dizer específica, existente entre as reações de equilíbrio e o medo (7); mostramos como, a pouco e pouco, seus efeitos e seus motivos se reduzem a uma privação de equilíbrio, a uma brusca incerteza sobre a atitude a assumir. Em seguida foi a mesma opinião, pelo menos parcialmente, defendida por diferentes autores. WATSON (8) notou que desde o nascimento a falta súbita de apoio e ruídos violentos provocam os diversos reflexos de medo. Ainda em nossos dias PIEPER (9) assimilava as reações primitivas do medo aos reflexos labirínticos, e BLONSKY (10) ao in-

(7) *L'Enfant turbulent*.

(8) *Ped. Seminar*, XXXII, 1925, p. 328-348 e 349-371.

(9) *Jahrbuch f. Kinderheilk.*, 1926, Bd. III.

(10) *Arch. f. gesamte Psych.*, Bd. 71, 4, 1929.

terrogar crianças sobre as suas mais antigas recordações de medo, apurou que em sua maioria elas as relacionavam às impressões de queda e de dor.

Assinalamos — ao relembrar as observações de PREYER e STERN a respeito dos gestos do recém-nascido, quando, no banho, este se entrega a seu próprio peso ou quando a cama cede sob ele — que esses gestos se confundem com os reflexos labirínticos de MAGNUS e KLEIJN. No estremecimento que nele provoca um ruído violento, mostramos uma reação tônica dum tipo arcaico e cuja causa, numa idade em que as fibras acústicas não se encontram mielinizadas, parece antes imputável ao tremor do som que ao próprio som, à solidariedade entre os aparelhos auditivo e labiríntico antes que ao ouvido propriamente dito. Faz parte do estremecimento a brusca oclusão das pálpebras. Quanto aos outros reflexos oculares passíveis de observação desde as primeiras semanas, sob o choque da surpresa, revelam-se como movimentos mais ou menos rápidos de lateralidade, não possuindo, realmente, características de um reflexo visual; todavia, estão muito próximos dos produzidos por uma excitação dos labirintos. Por vezes mesmo, são suficientemente rápidos para lembrar o nistagmo. O tremor que PREYER pôde observar nas primeiras horas de vida, é, como o nistagmo, um distúrbio a depender — seja do aparelho labiríntico, seja dos centros reguladores do tono. Enfim, a súbita imobilização, consecutiva a uma impressão brusca ou surpreendente, — observada por STERN entre o 3.º e o 6.º meses, por PREYER na 22.ª semana, — e a pausa de alguns instantes que precede mais tarde as reações do medo, em particular após uma queda, são efeitos completamente análogos à suspensão de gestos e de gritos, de fácil verificação no recém-nato, ao ser abaixado ou erguido rapidamente; à suspensão da atividade observada no pássaro colocado de papo para o ar. Trata-se de reflexos de imobilização de incontestável origem labiríntica. Podem, ora fixar o indivíduo na atitude vigente, como no caso descrito por PREYER: dêsse modo se exprimem o terror, pânico e horror; ora levar à resolução muscular o hipotono: é o ictos do medo. Entre os acidentes físicos mais propícios a produzi-los citamos por exemplo as quedas, as de cavalo sobretudo, ou seja, acidentes onde o brusco deslocamento no espaço precede a dor, por isso o torna insensível, razão pela qual é o

único a poder explicar essa supressão de atividade motora, postural e mental.

Na criança, a importância das sensações em relação com as reações do equilíbrio e com as excitações labirínticas, pode se medir, como já vimos, pela influência nela exercida pelos movimentos do balanço e do embalo do berço. No adulto avalia-se a sua afinidade com o medo pelo número de brincadeiras baseadas nas impressões do medo cujo dispositivo consiste em provocar excitações labirínticas: montanhas russas, carrocéis, tobogãs etc. BLONSKY observou como, na criança, o medo de cair parece anterior a toda experiência; antes mesmo de qualquer ensaio para andar, ela quer ser apoiada. Entretanto as relações do medo e do equilíbrio são bem mais surpreendentes, ao se tratar de adultos sofrendores de medo sem causa aparente, de medo patológico; pois o efeito mais comum desses medos é o de fazer retrogradar para um equilíbrio e de torná-lo motivo de apreensão. A agorafobia é a mais geral e fundamental das fobias, o medo dos espaços vazios, o medo de cair quando o olhar não encontra o objeto no qual seja possível se amparar para evitar a queda temida. A agorafobia é uma regressão às formas infantis, às origens do medo. Traz ela a dúvida, a incerteza nas atitudes da postura de pé e da marcha. Pode mesmo chegar à estasia-abasia, ou seja a impossibilidade de andar, de manter-se de pé, e isso como resultado da incerteza. De outra parte, ela se liga a toda dúvida incidindo no domínio das atitudes. Em particular, suas manifestações estão em conexão estreita com as que podem suscitar a incerteza na atitude a assumir em presença de outro. Tal dúvida pode conforme vimos, provocar, exatamente, os mesmos efeitos que a agorafobia: distúrbios do equilíbrio, tremor, marcha ebriosa, assinergia e canhestria dos movimentos.

Oriundo das excitações relativas às rupturas do equilíbrio, o medo liga-se a toda perturbação sobrevida no domínio das atitudes. Encontra-se aí sua causa essencial. Também por motivos aparentemente fúteis pode ele se produzir, embora circunstâncias que interessam de perto à segurança pessoal da criança a deixem indiferente. Animais cuja única presença lhes deveria parecer temível até dois anos e meio ou três anos, podem não despertar nela nenhuma reação de temor; todavia, ficaria apavorada se, contra seu hábito viesse a ver sua mãe

usando luvas ou com um chapéu na cabeça. Como registrou STERN, não é a total novidade de um objeto ou de uma situação que pode amedrontá-la, é o misto do conhecido com o desconhecido, é a alteração do familiar feita através de um pormenor, por uma circunstância imprevista, ou o súbito reconhecimento, num conjunto novo para ela, de um pormenor que lhe é habitual. PREYER cita diversos fatos explicáveis dessa maneira, ainda que lhes dê a cada um uma interpretação particular e puramente episódica. Além disso, a criança apavorada ao ver a mãe de luvas e de chapéu é também aquela que se assusta quando sua mãe, ao pressionar seu brinquedo, dêste extrai um som; que olha cheia de interesse e de seriedade um grupo de bacinhas e se desvia, gritando, ao vê-los sugar a teta da mãe; que não se assusta ao ver um cão vindo em sua direção, mas sim ao vê-lo nos braços de sua babá; o tinido de um vidro a deixa indiferente, mas enche-a de medo o som agudo extraído do vidro ao se esfregar o seu bordo com os dedos úmidos, ao passo que, nessa mesma ocasião, o ruído do trovão a faz rir. E para mostrar que o temor do que é insólito existe também no animal, PREYER lembrava o medo do seu cavalo: ao pôr o pé no chão, preparando-se para atirar na caça o animal se encurvava perto dele.

STERN ofereceu diversos exemplos de que o extraordinário por si só não basta, mas que deve se encontrar em algo bem conhecido da criança. Dessa maneira, a criança não se intimida diante do Papai Noel senão no momento em que, na voz dessa figura simbólica, reconhece a do pai. Um estranho a inquieta tanto mais por ser suscetível de lhe lembrar determinada pessoa do seu ambiente, sem contudo, deixar-se totalmente assimilar por ela. Invertendo os termos, trata-se de um caso idêntico àquele dos pais que amedrontam a criança através de uma vestimenta inusitada, ou ao reaparecerem diante dela depois de uma ausência prolongada. Então, segundo a expressão de STERN produz-se um tipo de luta entre o insólito e o comum, e desta surgirá o medo. Contudo, além de ser algo abstrata, sua fórmula não é aplicável a todos os casos relacionados por STERN, daí vê-se compelida a selecionar outras que lhe sejam mais apropriadas. Por exemplo, o temor que assalta a criança, quando a irmã, brincando perto dela, súbitamente é colocada a seu lado, na banheira, decorreria do

fato de vê-la deixar, de súbito, sua esfera de contemplação, para entrar em sua esfera de ação. O medo que a criança manifesta quando uma melodia, por ela seguida com trejeitos de alegria, se extingue por uma nota prolongada indefinidamente, explicar-se-ia pelo isolamento dessa nota por sua gradual oposição ao conjunto do qual participa, pelo seu aspecto extraordinário. Entretanto, observável já entre 2 e 7 meses, tal efeito deve ter origens mais primitivas, mais toscas, pois naquela idade a criança é deveras incapaz de ultrapassar sua impressão atual, de reunir os momentos sucessivos de sua percepção, de reter a imagem dos instantes acontecidos e de lhes comparar o momento presente, para ser sensível ao seu isolamento em face dos conjuntos.

Entre todas essas causas de medo existe, com efeito, identidade fundamental. Para reconhecê-la basta reduzir essas causas a seu mecanismo psicológico. Se um objeto completamente novo não causa pavor, deve-se isso ao fato da acomodação postural decorrente de sua percepção, produzir-se sem obstáculo nem conflito, sobretudo na criança inexperiente, sem hábitos nem lembranças. Se o objeto mais familiar é o mais indicado para despertar o medo, ao se apresentar sob um aspecto desusado, é que a atitude habitual colide com aquela que suscitaria o aspecto novo desse mesmo objeto. Impedindo-se, mutuamente, de se realizar, elas lançam o distúrbio no domínio postural. O mesmo obstáculo recíproco entre as atitudes correspondentes à esfera de contemplação é a esfera da ação, quando a criança primeiro desligada de sua irmã pelas paredes da banheira, a vê bruscamente dentro da banheira, ao seu lado. E o som que se prolonga indefinidamente pode produzir, mesmo no adulto, um sentimento de angústia; tal acontece, não porque esse som se isola do conjunto, de uma melodia por exemplo, mas em razão de se manter em suspenso e sem resolução; a expectativa por ele provocada também fica sem previsão de resolução, visto como mantém aquele que o escuta numa incerteza profunda, num desequilíbrio total a ponto de perturbar até sua respiração; além disso, interrompe sua atividade e incapacita o espírito para se fixar, para realizar uma fórmula, um estado de acomodação, uma atitude definida. A atitude a tomar se esquia, causando impressão semelhante àquela que alguém sente quando o chão lhe foge sob os pés.

Ainda aqui é pois a um deperecimento no domínio das atitudes e no do equilíbrio a que se deve o medo.

Ligado ao jogo das atitudes, o medo é suscetível de apresentar diversos graus e diversas formas. Sob o seu aspecto mais grosseiro e mais rude, responde às situações catastróficas a ponto de ultrapassar os nossos recursos motores ou conceituais e de tornar impossível qualquer comportamento; exatamente o mesmo acontece àquele que tendo perdido seu ponto de apoio vê proibido todo esforço de equilíbrio. A confusão, então, tem algo de absoluta, confunde-se com a vertigem; o medo tende à abolição de toda atividade ao desfalecimento total do tono, ao ictos.

O medo pode também traduzir o conflito entre duas atitudes inconciliáveis e o estado de incerteza ou de suspensão penosa que disso resulta. Nesse caso supõe um hábito, uma pré-adaptação desarticulada pelo evento. Ora o sujeito é surpreendido de improviso nos seus hábitos; ora ele se engana na sua expectativa. Portanto é possível ignorar, por completo, o eventual risco ou prevê-lo e temê-lo; por vezes, mesmo, considerá-lo como muito mais provável que a eventualidade contrária. À medida que o medo se desloca da surpresa causada pelo acontecimento imprevisto para o temor do acidente temido, ele é menos pavor que fobia, e os efeitos hipertônicos da angústia substituem os estados de hipotonia ou de catalepsia correspondentes aos casos de pavor e de terror.

Ao falar sobre o medo estimulante, autores como STANLEY HALL concebem necessariamente o medo hipertônico, ou seja, o conseqüente a uma certa expectativa. A mulher temerosa de seu marido ou de seu amante, a criança reccosa de seus pais podem experimentar um certo prazer, pelo fato de nêles renascer o gosto pelas aventuras, desenvolvido no homem primitivo pelas suas apreensões contínuas e permanentes. Contudo o mecanismo muito mais imediato explica semelhantes efeitos. Toda expectativa se acompanha dum estado de tensão tônica, aumentada à medida que se prolonga e que se transforma em angústia. A resolução desse hipertono conforme vimos pode se resolver em espasmos de prazer, em orgasmo venéreo, como em certos melancólicos. O mesmo ocorre com a mulher temerosa de ser surpreendida pelo marido ao lado

do amante, e com a criança que no seu ambiente vive em constante apreensão.

O hipertono pode se escoar também em manifestações diversas de emoções agradáveis ou de atividade. Daí nascem as brincadeiras, tão freqüentes na criança, nas quais o medo parece se transformar em divertimento; brincadeira de se desviar um tapa, brinquedo de esconde-esconde. Seu prazer é proporcionar a expectativa. Uma surpresa inesperada, diz Groos, com muita justeza, não representa um objeto de brinquedo. A expectativa porém é diferenciada, indica um acontecimento previsto, uma adaptação prévia, uma atitude adotada em vista deste evento. Haverá prazer se o mesmo for conforme à atitude ou à expectativa. A criança para evitar decepção exige habitualmente de sua companheira um comportamento de acordo com um jeito estritamente determinado⁽¹¹⁾. Um resultado contrário à sua expectativa a coloca rapidamente de mau humor.

Em definitivo, só haverá brinquedo no caso de se realizar o acordo do acontecimento com essa expectativa diferenciada, isto é, a atitude prévia. Há angústia, pesar ou despeito, quando o fato é contrário à expectativa. Há medo quando, por falta da atitude prevista, o evento torna impossível uma outra atitude.

F) — EMOÇÕES DE DESDOBRAMENTO ESPETACULAR

A partir dos estímulos orgânicos, fonte das emoções fundamentais, suas conseqüências evoluem e se diferenciam sob a influência da sensibilidade por elas acionada e dos estímulos exercidos pelo ambiente social nessa sensibilidade. A preponderância primitiva das reações orgânicas tende assim, de modo lento a se apagar diante das impressões experimentadas pelo

(11) Eis um fator a ser devidamente considerado na explicação das "regras do jogo". Sua significação contratual e recíproca, invocada por Piaget de maneira exclusiva, muitas vezes é apenas secundária. Ver PIAGET, *Le jugement moral chez l'enfant*, Alcan, 1932.

indivíduo e a se subordinar às mesmas. À medida que mais se humaniza, uma emoção propende, pois, a se tornar mais espetacular; e quanto mais cultivado é aquele que a sente mais o espetáculo de exterioridade se inclina a se tornar íntimo. Certas emoções não começam mesmo a existir, com sua nuance específica, senão a partir do momento em que o indivíduo que as experimenta se capacita a presenciá-las numa espécie de desdobramento íntimo e já não tem necessidade de exibi-la a outrem para realizar-lhe pessoalmente o patético, tal é o caso da tristeza.

Diferentes autores a fazem caminhar *pari-passu* com a alegria como se entre elas existisse um exato paralelismo. Entretanto, suas origens pertencem aos diversos planos da vida psíquica. Na criança, enquanto a alegria nasce com o livre desabrochar do movimento, a tristeza aparece relativamente tarde; além disso, inexistente no idiota; com o retraimento do horizonte psíquico do indivíduo é a tristeza uma das primeiras emoções a se tornar coibida; tal retraimento deve-se quer à abolição da sensibilidade de relação pela angústia do espasmo; quer por degradação de suas aptidões mentais, de sua inteligência, da imaginação; enfim, é de todas a mais evoluída, a mais socializada. Nenhuma foi tão bem emoldurada pelas influências coletivas. Exaltada, regride às formas rituais, o que não se verifica com nenhuma outra. Assistir-se a certas lamentações fúnebres é o suficiente para aí se reconhecer um som de melopéia de atitudes prostradas, estáticas ou sagradas e processos dramáticos, impossíveis de possuírem todos eles origens ou intenção puramente individuais.

A dor pode permanecer individual. Não existe tristeza sem compaixão por si mesmo, isto é, sem um ponto de vista sobre si mesmo, ou seja, a concepção dos outros. O indivíduo, imerso na tristeza, de fato reconhece em si mesmo a implicação da existência dos outros. Ela anuncia ou deixa entrever as diversas alternativas por meio das quais a criança aprende a delimitar sua noção de outrem e a da própria pessoa. Eis uma etapa decisiva a ser por nós estudada mais tarde ⁽¹²⁾.

(12) Ver a III Parte.

CAPÍTULO VIII

PSIQUISMO E TONO

O comportamento da criança antes de um ano apresenta dois traços particularmente surpreendentes. De uma parte, é a imperícia total de suas relações com o exterior, sua impotência em efetuar por si mesma qualquer um dos atos, os mais imperiosos, para seu bem-estar e sua subsistência; a necessidade indispensável da presença de outrem para cada uma de suas exigências. De outra parte, o desenvolvimento e a maturação muito precoces de suas manifestações afetivas — acompanhamento exclusivo de todas as suas veleidades.

Essa simultaneidade pode ser encarada como um simples encontro, imputável a causas puramente negativas ou mecânicas. A falta de toda outra atividade deixando o campo livre para as reações orgânicas e afetivas, estas não poderiam proceder de outro modo senão ocupando todos os instantes livres onde a criança não se encontra em repouso. Quanto à anterioridade do comportamento afetivo em relação aos demais, dever-se-ia explicá-lo pela sucessão que, de modo mecânico, segue o crescimento do organismo. As razões dessa sucessão ainda não precisam ser muito aprofundadas a fim de não termos de nos interrogar sobre se o próprio crescimento não teria fixado as condições mecânicas hoje observáveis, ao estabelecer as etapas na ordem em que melhor se ajustavam às condições, em presença das quais o desenvolvimento da criança a foi colocando sucessivamente.

Pois é possível uma segunda atitude. Consideram-se suas inaptidões práticas e a exuberância de suas reações afetivas como componentes de um conjunto. Haveria compensação

das primeiras pelas segundas. Por conseguinte, a questão proposta é a de saber o papel representado pela afetividade no comportamento, para dêsse modo, suprir a impotência da realização e eficiência pessoais. Fazer o outro participar da satisfação de nossas necessidades não significaria fazê-lo interessar-se pela nossa sensibilidade? Com efeito, as manifestações afetivas ou emotivas têm um poder que lhes parece essencial, a ponto de seus efeitos se colocarem entre os primeiros sinais da vida psíquica, verificáveis no lactente a sorrir diante do sorriso materno e a chorar ao ouvir alguém chorar. Por intermédio das reações que a exprimem, a emoção de um torna-se a do outro, sem haver necessidade de outro motivo a não ser essas próprias reações. Dessa maneira, a emoção isenta de toda relação intelectual, estabelece uma comunhão imediata dos indivíduos entre si. Assim, pois, convém às situações e aos grupos nos quais as noções conceituais são impossíveis ou desprovidas de vigor. O único meio de expressão de que dispõe o lactente em face do ambiente é a emoção; representa o elo de ligação das ações gregárias; constitui a utilização ritual nas sociedades primitivas ou nas reuniões religiosas, para corporificar e fortalecer as realizações ou os arroubos coletivos.

Todavia, remontar às origens dessa capacidade seria ainda reconhecer um outro papel ao fator emotivo. As relações inter-individuais, possíveis graças a ela, pressupõem em cada indivíduo a estreita combinação do gesto expressivo e da sensibilidade correspondente. Também seria desnaturá-la supor-se, à moda de W. JAMES, que a sensibilidade é um simples epifenômeno das reações periféricas ou, ao jeito da psicologia tradicional, que o gesto é um meio de linguagem para a sensibilidade. A concomitância lhes é essencial. O desenvolvimento das mesmas é, a todo momento, recíproco. É graças a essa acomodação, ao mesmo tempo motora e mental, a essa plasticidade indivisível, que a emoção pôde iniciar a consciência.

O desempenho do papel da emoção na vida psíquica é devido ao domínio particular da sensibilidade e do movimento, donde aliás ela surgiu — ou seja, o domínio da sensibilidade e das reações posturais. O domínio das atitudes, isto é, de uma atividade muscular mais relacionada com o próprio corpo que com os objetos exteriores. Tal distinção corresponde a

já relacionada por SHERRINGTON para a sensibilidade proprioceptiva e exteroceptiva. CANNON igualmente propôs dividir a motilidade em propriolectiva e exterolectiva. A motilidade propriolectiva baseia-se na contração tônica dos músculos, enquanto a exterolectiva resulta de suas contrações fásicas, ou seja, de seus encurtamentos rápidos. A função tônica, ao contrário, mantém a todo momento o músculo na forma por ele assumida e lhe confere grau variável de consistência. Ao se exercer em todos os músculos do corpo, essa função regula, a todo instante, suas diferentes atitudes. Os estados de hipotonia, de hipertonia ou de espasmo, origem das emoções, são devidos às variações locais ou generalizadas do tono. Pois às modificações dêste e das atitudes ligam-se as da sensibilidade afetiva. Entre ambas, existe reciprocidade de ação imediata. Dessa maneira, as emoções se especificam e se intensificam.

A) — OS ASPECTOS PATOLÓGICOS E EXPERIMENTAIS DO TONO

Uma vez lembrado isto, não seria oportuno examinar, após o papel do tono nas emoções, qual a sua natureza e se esta concorda com os efeitos que nós lhe imputamos? Na ausência desses elementos, não ficaria comprometida, em seus fundamentos, a teoria das emoções aqui propostas? A objeção merece, na realidade, especial atenção visto como a natureza do tono se presta a contradições. Não obstante, para a obtenção de tal resposta, precisar-se-ia começar por levantar uma questão de método, que discute as relações da função com seus fatores elementares. Dever-se-ia por isso reduzi-la a condições determinadas e imutáveis? Ou suas realizações não constituem, por assim dizer, o fato essencial, em relação ao qual os elementos seriam intercambiáveis e modificáveis? Em outros termos, a natureza ou a definição dos elementos dominam as realizações da função? Ou não existirão certas discordâncias ou disparidades que ela resolve ao se realizar?

O estado atual da física nos oferece um exemplo admirável dêste problema. Entre o efeito a explicar e os elementos que servem para explicá-lo, existe tão pouca homogeneidade

fundamental que o único liame revelável pelas matemáticas é uma ligação de probabilidade. Além disso, torna-se necessária, para dar conta dos efeitos observáveis, a coexistência, nos elementos, de fatores até o presente inconciliáveis. Estado provisório? As necessidades ontológicas do nosso espírito talvez exijam que assim o julguemos, todavia sua atividade eurística a isso parece se acomodar.

Sob uma forma muito mais concreta, o polimorfismo do tono, em seus diferentes empregos, nos mostrará a desnecessidade de ir dêle para eles, mas sim inversamente, do fato para as condições, da função para seus meios, ou para seus órgãos ⁽¹⁾, do conjunto para as partes. Pois o poder determinante se acha naquilo que se realiza e não no que serve para realizar.

A maior diferenciação, ou seja a funcional, feita na atividade motora é a existente entre a atividade proprioceptiva e a exteroceptiva. Ainda as confunde o movimento ameboide: neste, a locomoção se deve às alterações de forma da massa protoplasmática. No estado de gástrula, a coisa se passa ainda desta maneira, isto é, restringendo-se as paredes do corpo em torno do conteúdo, à moda de um reservatório contrátil, provocam seus deslocamentos no meio líquido. Em seguida e de modo gradual, faz-se a distinção entre as funções plásticas e a cinética. Representa tal distinção a consequência de uma diferenciação concomitante entre as condições fisiológicas e orgânicas correspondentes a cada um? Ou essas condições, ao invés de serem específicas e determinantes, são suscetíveis de variar com os diferentes graus ou formas de função? A resposta nos será dada pelo estudo do tono, na diversidade de sua utilização e de seus mecanismos.

A primeira teoria, a de BOTTAZZI ⁽²⁾, de coerência e lógica clássicas, estabelece a diferenciação a partir do fundamento. Existiriam no músculo dois órgãos confundidos, respondendo um à função cinética, ou exteroceptiva, o outro, à função tônica ou plástica. As miofibrilas, ou substância anisótropa dos músculos estriados, são o órgão do encurtamento

(1) Assim, por exemplo, certos insetos aquáticos, após a amputação de suas patas dianteiras, utilizam as antenas como se fossem patas.

(2) Expusemo-la em *L'Enfant turbulent*.

muscular e, por conseguinte, dos movimentos executados pelos membros no espaço. O sarcoplasma, onde as miofibrilas se banham, é a substância mantenedora dos músculos na forma por eles assumida. Na inervação se encontra essa dualidade de órgãos. Duas espécies de fibras nervosas incidem nos músculos: fibras com mielina, oriundas do sistema cérebro-espinhal, a innervarem as miofibrilas; fibras amielínicas, pertencentes ao sistema da vida vegetativa ou sistema autônomo, que innervam o sarcoplasma.

O dualismo prossegue, enfim, nas condições energéticas das duas atividades. Ao tempo em que o metabolismo das funções exteroceptivas constitui uma oxidação de hidrocarbonados, os trabalhos de PEKELKARING e HOOGENHUYZE revelaram outro metabolismo partindo dos albuminóides para chegar à formação de creatina e de creatinina: teríamos então o metabolismo específico da função tônica. O metabolismo dos albuminóides seria tão econômico quanto é fraca a relação do rendimento do trabalho no metabolismo com os hidrocarbonados. Ao invés de uma excessiva despesa calórica, ele se acompanha de resfriamento. Portanto, conviria, evidentemente, a uma atividade contínua, a exemplo do que acontece nas atitudes que, sem cessar, devem resistir à ação da gravidade ⁽³⁾.

(3) Inútil insistir aqui sobre o papel dessas duas funções químicas na contração muscular. Segundo as pesquisas de diversos bioquímicos que, embora de comum acordo trabalharam isoladamente, as relações dessas funções seriam inversas daquelas admitidas pela teoria dualista da contração muscular. O ácido láctico dependente do ciclo hidrocarbonado, longe de ser a fonte da contração fibrilar, estaria presente na miofibrila apenas em porção insignificante. É a hidrólise do ácido creatinofosfórico (fosfagênio) que se deve a brusca explosão da energia que coloca o músculo em tensão, levando-o, por conseguinte, a realizar seu trabalho mecânico. O papel da fermentação láctica parece ser tão-somente o de fornecer a energia necessária à ressíntese do fosfagênio, às expensas da creatina e do ácido fosfórico. Quanto à oxidação, intervém apenas para, de uma parte completar a ressíntese do fosfagênio e, doutra parte, para tornar possível a ressíntese do glicógeno, às custas do ácido láctico. De acordo com a excelente fórmula de L. GÉNEVOIS, "a análise química do músculo isolado mostra, entre a oxidação e o trabalho muscular, pelo menos duas reações químicas acopladas uma na outra, como rodas dentadas, de um lado, mas também, por outro lado, completamente independentes". Cf. *Le travail humain*, setembro, 1933, p. 313-320.

Segundo a função dominante em cada um deles, há nos músculos um desenvolvimento variável do aparelho miofibrilar e do aparelho sarcoplástico. Os músculos vertebrais e os mastigadores são os que suportam a ação da antigravidade (anti-gravity). Igualmente nêles, e sobretudo na criancinha e na crise histérica, dominam os espasmos das crises emotivas: ranger os dentes, trismo, tremor dos maxilares, contorsões da nuca e do tronco. A composição desses músculos é diferente e, nos roedores, se revela pela coloração vermelha escura. Entre essas duas funções justapostas nos músculos de modo simples, a colaboração nas ações comuns justapostas nos músculos de modo simples, a colaboração nas ações comuns seria assegurada através dos centros escalonados na medula, no mesencéfalo, nos núcleos subcorticais e até na córtex cerebral.

Esta teoria, em moldes clássicos, nos permitiria deduzir os efeitos das premissas; certos fatos, infelizmente, vêm contrariá-la. Nem toda contratura, por exemplo, isto é, nem toda hipertonia se acompanha de resfriamento. Ao contrário da contratura no hemiplégico, a da síndrome de Parkinson provoca uma produção de calor e um dispêndio de energia, a ponto de fazê-la caracterizar-se essencialmente, segundo FROMENT, por um estado de fadiga muscular. Sem embargo, seria possível, num caso como no outro, que a hipo e a hipertonia fôssem explicáveis por ações super-ajuntadas à ação muscular: imobilidade e distúrbios circulatórios no hemiplégico, excitação das funções vegetativas no parquinsoniano.

Os eletromiogramas possuem uma significação muito mais decisiva. Ao se contrair, o músculo desenvolve correntes de ação registráveis graças a galvanômetros sensíveis, tais como o de EINTHOVEN⁽⁴⁾. Para os músculos de fibras lisas, onde a contração sarcoplástica é a única em jogo, a corda sofre um simples desvio. Nas contrações voluntárias dos músculos de função cinética, pondo em jogo essencialmente o aparelho miofibrilar, a corda registra oscilações em número aproximado de 50 por segundo. É o ritmo conhecido sob o nome de ritmo de PIPER. Ora, essas oscilações se acentuam nas contrações que provocam o deslocamento dos membros. Nas contrações de

(4) Atualmente abandonado, em favor do oscilógrafo catódico, muito mais sensível.

atitude, ou seja, as corridas no próprio lugar, também se produzem as oscilações. Observam-se, em particular, na catatonía, na qual o indivíduo conserva, de modo automático, as posições dadas aos diferentes segmentos do corpo e em virtude de se achar desengastada da função cinética, a das atitudes parece funcionar por conta própria.

Essa sobreposição da função miofibrilar à função tônica decorre, com evidência, das análises da contração muscular realizadas por LANGEAN. Mostrou este experimentador existir o encurtamento muscular, isto é, a ação cinética apenas no momento da contração de todos os feixes musculares e naquele em que suas contrações são sincrônicas. Há simples tono, ou seja, contração no local, quando inexistente sincronismo entre os feixes e quando nem todos entram em ação. O movimento se intercala entre um período tônico de intensidade crescente e outro de intensidade decrescente. No início, produzem-se contrações isoladas, esparsas na massa muscular; outras se sucedem cada vez mais numerosas e compactas, porém ainda não sincrônicas. Em seguida, sendo o movimento executado por uma contração sincrônica de todos os feixes, as contrações fasciculares prosseguem, porém assincrônicas e cada vez menos numerosas.

Existem, pois, dois componentes do tono, um plástico, outro contrátil. Embora distintos, são estreitamente combinados; o tono plástico, entretido e regulado por fibras nervosas dependentes do sistema vegetativo, sendo, porém, seu núcleo de origem medular o mesmo do tono contrátil. Por ser mais fraco, é habitualmente mascarado pelo tono contrátil. Graças, porém, aos diferentes tóxicos, é possível dissociá-los. Entre os estímulos aos quais reagem existem alguns mais específicos a um que ao outro. O tono plástico se influencia sobretudo pelas incitações interoceptivas vindas, principalmente, do intestino, da bexiga, dos órgãos genitais. Outras, originárias do labirinto, possuem notável ação sobre o tono contrátil. Reage também o tono às influências providas do próprio músculo, ou seja, influências idio-musculares; as influências proprioceptivas cujo ponto de partida se encontra nas articulações, nos ligamentos, nos tendões e que atendem ao jogo das atitudes. Por fim, sofre a ação de impressões exteroceptivas, em especial, das sediadas na pele e na retina.

Ao mesmo tempo modelado pelas variações que se produzem tanto no ambiente como nas vísceras e na atividade própria do indivíduo, o tono é, dessa forma, bem constituído para servir de sustentáculo à vida efetiva. Todavia, indispensável às manifestações ou funções que o modelam ao utilizar ou diversificar os efeitos que pode fornecer, não poderia, evidentemente, dar conta de todos êsses efeitos. Encarado nas suas diferentes utilizações, isto é, naquilo que constitui o objeto mais direto de nossa experiência e de nossas observações, parece mesmo diferenciar-se em tono de várias espécies.

Por isso mesmo, distinguem-se: um tono residual, ou do músculo em repouso; um tono ortostático, assegurado da posição vertical e cuja superfície de excitação periférica é a planta dos pés; um tono do equilíbrio ou labiríntico; um tono explosivo, correspondente aos movimentos em preparo; um tono de sustentação que segue e apóia gradualmente os movimentos no curso da execução; um tono catatônico, ou conservador de atitudes. Entretanto, a diversidade de seus caracteres não nos autoriza a justapô-los, simplesmente, como se dependessem todos de uma natureza ou essência particular. Outro tanto, então, teríamos de fazer, ou seja, justapor como entidades diferentes, a água corrente do moinho, a água em vapor da caldeira, a água condensada sob forma de gelo. Contudo, mesmo que essas propriedades assim tão diversas da água, e tão opostas, encontrassem explicação nas condições físicas por ela sofridas, é nas reações suportadas pelo tono que é preciso reduzir-se a determinação de seus diferentes aspectos, por vêzes tão contrastantes.

Para essa pesquisa foram empregados métodos de análise onde se encontram, mais ou menos estreitamente combinadas, as observações anátomo-clínicas e a experimentação. O problema primacial consistiu em reconhecer sob que forma o tono é evidenciado por uma lesão ou por uma seção localizada num determinado nível do eixo cérebro-espinhal.

Dessa maneira, estabeleceu-se a princípio uma grande divisão baseada na tríplice correspondência do nível ou sede da lesão, da forma que apresenta a hipertonia e dos órgãos de onde a excitação tônígena extrai sua origem. Na presença de uma lesão medular a excitação dos tegumentos, em toda a região do corpo situada abaixo da lesão, provoca um lento movi-

mento de extensão no membro excitado e de flexão no membro simétrico: a contratura é então chamada de cutâneo-reflexa. Se a lesão atinge o cérebro médio — o mesencéfalo — é o jogo das articulações que suscita a contração muscular; fixa os músculos num grau de encurtamento para o qual o movimento os trouxe: trata-se, então, de uma contratura pósturo-reflexa. Enfim, nos casos de lesão do feixe piramidal, ou seja, do feixe que transmite às células motoras da medula, os estímulos oriundos do córtex cerebral, a hipertonia muscular se reforça pela percussão dos tendões correspondentes: é a contratura tendíneo-reflexa.

Em cada um desses três casos diferem os caracteres da contratura. De modo particular, os da contratura piramidal e da contratura pósturo-reflexa ou parquinsoniana parecem se opor entre si, traço por traço. Os músculos atingidos pela contratura piramidal são, quase exclusivamente, os dos membros e com uma intensidade tanto maior quanto sua atividade é mais especialmente cinética ou exteroefectiva; tende, pois, a se pronunciar mais nas extremidades. Ao contrário, a contratura parquinsoniana compromete os músculos da postura vertical e do equilíbrio, aqueles cuja ação se opõe à gravidade, em particular os da coluna vertebral, os do pescoço, dos ombros e os da bacia. Na contratura piramidal, a resistência às tentativas para reduzir a posição na qual os membros são mantidos por grupos musculares cujos movimentos são mais vigorosos, — flexores, nos membros superiores, extensores, nos inferiores, — essa resistência aumenta à medida que mais se modifica essa posição. Na contratura parquinsoniana, a resistência consiste em simples sacudidas, semelhantes entre si, não impedindo de colocar os membros em qualquer posição. A contratura piramidal é, pois, imune às posições invariáveis. A contratura parquinsoniana depende, em cada membro e em cada segmento deste, da posição dada a um outro segmento ou a um outro membro e da direção tomada pela cabeça, pelo olhar ou somente pela atenção (Froment). Tal contratura se modifica, portanto, pelas atitudes físicas ou mentais e se exacerba pela emoção. Pouco ou quase nada, é a contratura piramidal sensível às influências psíquicas; exalta-se, porém, pelas tentativas de movimento e pelo esforço muscular, enquanto que, de modo inverso, em acalmia, os impulsos motores con-

seguem sustar a contratura piramidal (cinesia paradoxal). O movimento em via de execução provoca, no caso da lesão piramidal, uma generalização do esforço ao ativar outros sistemas de contrações musculares ou sincinésias. Os movimentos executados pelo parquinsoniano tendem, muitas vezes, à imobilização, sobretudo ao se repetirem, numa atitude a eles relacionada.

Num caso, sincinésia; noutro, bloqueio postural; num caso, contratura motora; noutro, contratura de atitude; num caso, pouca ou nenhuma ligação tono-psíquica, noutro, o máximo dessas ligações⁽⁵⁾. Possivelmente, num caso, o tono deve ter por dominância o componente miofibrilar ou contrátil; noutro, sem componente plástico ou sarcoplásmico. Sem dúvida, é o que acontece, pelo menos de modo parcial. Todavia, contra a expectativa, a contratura piramidal se acompanha de resfriamento, ao passo que a parquinsoniana, de calor; e ambas apresentam o ritmo de PIPER, ou seja, o ritmo miofibrilar. Constitui, pois, uma nova prova de que a função se realiza sem estrita subordinação às diferenciações de seus fatores elementares.

A clínica e a anatomopatologia permitiram estabelecer outras distinções, especialmente no domínio das lesões que atingem o cérebro central, órgão das funções ditas extrapiramidais. Ainda uma vez, o interesse dessas funções reside em suas conexões estreitas com o psiquismo⁽⁶⁾. As desordens delas ocasionam a preponderância exclusiva e permanente de outras formas de tono que não o piramidal, ou de esforço, que não o parquinsoniano, ou de postura. O tono de sustentação, que acompanha a execução dos movimentos, enseja a contratura intencional. Aparece nos casos de lesões situadas em pontos mais elevados que as do parquinsonismo e comprometem as conexões do pálido com os centros que lhe estão super e subjacentes. Traduz-se, por ocasião de um movimento ou por vezes espontaneamente, por uma hipertonía difusa, por espas-

(5) Buscamos especificar essas conexões no livro *L'Enfant turbulent*, II Parte, e no trabalho "Syndromes d'insuffisance psychomotrice et types psychomoteurs", *Ann. Méd. Psychol.*, XIV série, 1932, t. I, p. 349-384.

(6) *Ibid.*

mões musculares, pela atetose. Se a lesão é ainda mais elevada e atinge os centros superiores do sistema extrapiramidal, — núcleos opto-estriados ou suas diversas conexões — a contratura torna-se menos maciça e mais móvel: sobre um fundo onde se combinam, de modo variável, a hipertonía e a astenia, produzem-se atitudes, bruscamente modificadas, e movimentos de coréia; desencadeiam-se automatismos subcorticais, tais como o riso e o choro espasmódicos, por supressão do controle que sobre eles exerciam os centros inibidores.

Aos dados da patologia, acrescentaram elementos decisivos as notáveis pesquisas experimentais das escolas inglesa e holandesa. Dessa maneira, estudou SHERRINGTON, sob o nome de rigidez decerebrada, as propriedades do tono plástico, ao isolar o núcleo de Deiters de suas conexões superiores, por uma secção acima dos núcleos do 8.º par craniano. Obtém-se a rigidez decerebrada graças à amputação dos tubérculos quadrigêmeos anteriores, do pedúnculo cerebral e da parte posterior das camas óticas. De outra parte, uma secção passando abaixo do núcleo de Deiters a transforma em paralisia flácida. Com a condição de que o núcleo de Deiters permaneça intato, ela persiste após a extirpação de todo o cerebelo, após destruição dos núcleos vermelhos, após secção sagital entre a ponte e o bulbo, após secção dos corpos restiformes e mesmo dos nervos do 8.º par craniano. Após secção dos nervos simpáticos, diminui a rigidez do lado da secção; é abolida, porém de modo somente provisório, após secção das raízes posteriores da medula, nas extremidades correspondentes a essas raízes: trata-se da operação batizada por SHERRINGTON de *deafferenciação*. A rigidez decerebrada é normalmente entretida por excitações periféricas; todavia, não é essencialmente de natureza reflexa. Exige apenas a integralidade do núcleo de Deiters e da região ventro-lateral da medula espinhal.

A rigidez decerebrada se traduz pela ação preponderante de todos os músculos extensores, isto é, pela extensão da nuca, do dorso, da cauda, dos quatro membros. Essa atitude é conhecida pelo nome de opistótono. O tono plástico domina: os músculos guardam as impressões por eles sofridas; apresentam a *shortening-reaction*, isto é, o encurtamento passivo do músculo desperta um movimento ativo de encurtamento e a *lengthening-reaction*, ou seja, sua resistência à extensão, cede

bruscamente pelo desaparecimento da tensão. A rigidez decerebrada não se acompanha de espasmos senão em seguida às irritações devidas a traumatismos ou à anoxemia operatória; contudo, pode-se provocar o choro. No animal decerebrado, está abolida a regulação térmica.

Nenhum desses fragmentos funcionais poderia ser assimilado, tal qual, a um aspecto normal da função, nem tampouco a uma etapa de seu desenvolvimento. São partes de um equilíbrio rompido. A ruína de sua contra-partida já lhes tiraria toda significação mesmo se não as deixasse, inteiramente livres, produzir efeitos absurdos. Na realidade, toda diferenciação arrasta uma outra, complementar. Tão logo se produza uma ação, uma contra-ação tende a restabelecer o estado anterior, a menos que não intervenha a ação inibidora de um centro superior. Tão logo se dê a diferenciação dum órgão de certa função, o da antagônica se diferencia conjuntamente. Análoga evolução se verifica no sentido vertical: todo advento de uma nova função provoca o remanejamento das funções anteriormente existentes. Um centro que se superpõe aos outros, para multiplicar os veículos de adaptação ao meio, para torná-la mais diversa, mais exteroceptiva, menos subordinada às condições do momento, mais objetiva, assume a total coordenação das relações com o ambiente e, no mesmo diapasão, os centros subordinados perdem a capacidade de reagir por eles mesmos, torna-se-lhes de agora em diante necessária a incitação do centro que os suplantou. Ocorrendo a suspensão da ação dêsse centro, produz-se-ão, mecânicamente, efeitos inoportunos, ou mesmo, jamais serão capazes de os produzir: por exemplo, no homem, os centros subcorticais do automatismo após lesão do feixe piramidal.

No indivíduo normal, através da crescente complicação das estruturas e das funções, a unidade do seu comportamento não se rompe. Por certo, adquire maior fragilidade ao se tornar mais complexa e corre mais o risco de se deslocar. Eis aí a razão de poder a patologia oferecer um meio de análise. Pelo menos na medida em que a atividade desfalecente deixar de ser compensada por outras formas de adaptação: reações, sem dúvida, deficientes, mas diferentes daquilo que constituiria a simples soma dos efeitos que, no antigo sistema, foram atribuídos às funções atualmente presentes. É pois sempre a rea-

ção de conjunto que dá às partes sua significação. O estudo analítico de uma função exige que a mesma seja sempre comparada ao estágio anterior de evolução no qual, estando seus órgãos ainda indiferenciados, sua unidade se basearia na unidade global de um comportamento muito mais simples, e nas manifestações mais totais de seu atual destino.

B) — OS CENTROS DO TONO

A crescente complexidade das interações resultantes dessas diferenciações elaboradas entre si encontra sua imagem no progressivo emaranhado das relações observáveis entre os centros reguladores do tono. Seu estudo se torna, com frequência, dos mais ambíguos. No fundamento, a estreita combinação dos fatores contrátil e plástico, motor e vegetativo, decorre mui claramente de sua coalescência num mesmo núcleo da medula — o núcleo intermediário médio (Langelaan). No mesencéfalo, ao mesmo tempo em que se diversificam consideravelmente os efeitos desses fatores, as conexões entre os dois domínios se tornam tão cerradas e tão difusas, embora sem dúvida minuciosamente diferenciadas, que ao mesmo grupo celular ou a grupos exatamente contíguos competirá provocar ao mesmo tempo manifestações motoras, secreções sudorais e lacrimais, contrações vesicais e pupilares, reações vaso-motoras. Tal foi o resultado, por exemplo, das pesquisas feitas no corpo de Luys.

Em outras ocasiões, ao contrário, um mesmo grupo de células parece concentrar incitações vindas das mais diversas regiões, em razão de funções relativamente simples e uniformes. Assim é o núcleo vermelho para o qual afluem fibras de origem cortical, estriada, talâmica, cerebelosa. As mudanças de postura parecem ligadas à sua ação. De um modo mais especial, parece ter uma influência moderadora ou inibidora sobre as mais fortes ações musculares, isto é, sobre a dos extensores. É uma influência exercida não somente por intermediário do núcleo vermelho como também diretamente pelo cerebelo e certas regiões do córtex pertencentes ao lobo temporal e ao lobo frontal. Ao *locus niger* atribui-se função semelhante, ou seja, a de presidir às atitudes que passam do repouso para o movimento; centro êsse que, além de sua ação

tonígena, é freqüentemente encarado como centro de vida vegetativa, pela natureza de suas conexões e pelo tipo de suas células.

Obtiveram-se ações combinadas de diferentes espécies por excitação de mesencéfalo em seus vários níveis e várias partes. Assim, pois, ações cruzadas, tais como a extensão do membro que corresponde ao lado excitado, com flexão contra-lateral e, no caso do aumento da intensidade da excitação haverá reação igual dos dois lados. Outra função subcortical é a distribuição dos movimentos no tempo e, em seguida, a regulação de sua sucessão, de seu tempo, de seu ritmo. Nada existe de característica mais indelével que o ritmo e o tempo próprios a cada indivíduo, nenhuma característica que tenha mais repercussão em seu tipo psicológico.

Particularidade importante constitui o número dos centros escalonados no mesencéfalo e até o córtex, cuja excitação provoca reações semelhantes. Por conseguinte, a identidade dos efeitos não deve nos levar à conclusão de uma inutilidade de órgãos estimuladores nem à identidade de reações. Pois elas só adquirem significação graças ao conjunto ao qual pertencem, isto é, graças a suas condições determinantes e a suas associações: condições proprioceptivas ou exteroceptivas, tôdas de espécies diferentes. Associações variáveis, segundo o estágio de onde parte a excitação e segundo as circunstâncias antigas ou atuais das quais os centros nervosos conservam o vestígio ou sofrem a impressão. O experimentador deve voltar sua atenção para os conjuntos cujas testemunhas são cada local ou cada modalidade de excitação e não para o efeito, sempre o mesmo, e destacado do conjunto.

C) — OS AUTOMATISMOS

Também o escalonamento dos automatismos no eixo cérebro-espinhal indica seu estado de estreita subordinação e de imperícia quase total, aos estágios inferiores; em seguida, o aparecimento gradual de sua significação funcional e autonomia cada vez maior dos estágios superiores. Após uma lesão transversa, porém sem secção total, da medula espinhal, as únicas reações possíveis de serem obtidas, numa excitação das

regiões subjacentes do corpo, consistem em um alongamento lento do membro inferior homolateral com retração simultânea do membro heterolateral. Tal movimento, a que corresponde? Ao automatismo da marcha? A um simples reflexo de defesa? Numa ou noutra hipótese, parece informe e destituído de eficácia.

No animal, o estado de rigidez decerebrada é já compatível com o aparecimento de automatismos reflexos, tais como a estação de pé, a marcha, a corrida. Só se produzem, porém, em resposta a excitações repetidas. Se as regiões subtalâmicas e mesencefálicas estão conservadas o animal pode, ao contrário, colocar-se de pé, espontaneamente, e resistir aos esforços para o derrubar.

A integridade do mesencéfalo, em seu conjunto, e ao mesmo tempo a supressão do controle nêle exercido pelo córtex cerebral, parecem necessários à evidência dos reflexos servicais e labirínticos — mecanismo da atividade proprioceptiva. Uns regulam as posições do corpo em relação ao próprio corpo, ou antes, em relação a sua extremidade cefálica. Os demais, as atitudes relacionadas com sua orientação ou com seus deslocamentos em face da gravidade. Obtém-se alguns por flexão ou extensão da nuca, por deslocamentos do queixo para a direita ou para a esquerda. Como ponto de partida, têm as articulações das vértebras cervicais superiores e, como consequência, modificar as relações tônicas entre os extensores e flexores dos membros, aí produzindo, para cada posição da cabeça, uma atitude determinada. No nascimento, essas reações já são obtidas com dificuldade. Supõem a abolição das funções piramidais (hemiplegia, diplegia, doença de Little, hidrocefalia etc.). Quanto aos reflexos labirínticos, sua origem é o aparelho otolítico, quando se trata dos que são estáticos, em relação com a posição da cabeça imóvel e destinados a manter o corpo numa atitude determinada. Procedem dos canais semicirculares, ao se tratar dos produzidos quando há deslocamento da cabeça. Os reflexos labirínticos diferem segundo o plano ocupado pela cabeça e a direção de seu movimento. Aquêles que têm raiz semicircular correspondem, habitualmente, às perdas de equilíbrio, ou às projeções no espaço.

No lactente, até três meses ou pouco mais, é possível consegui-los. No adulto, podem reaparecer em casos de sur-

prêsa. Em certas emoções, no medo em particular, indicamos seu papel, ao mesmo tempo, como efeito e como estimulantes.

Os automatismos da emoção, de considerável importância na vida psíquica, possuem seus centros nos núcleos que coroam o mesencéfalo — os subcorticais ou opto-estriados. Desvinculados do córtex a não ser por intermédio da cama ótica, os corpos estriados formam um sistema, senão autônomo, pelo menos inserido como derivação no sistema córtico-espinhal ao qual o desenvolvimento progressivo dos hemisférios termina por atribuir o papel, na espécie humana e talvez nos antropóides, de coordenador preponderante do comportamento. Dessa maneira, explicam-se os caracteres reconhecidos nas emoções, manifestações essencialmente proprioceptivas ou posturais, cujas incursões correm o risco de perturbar a atividade de relação. Ao excitar o núcleo caudado, Pagano obteve reações de cólera e de medo. Excitando o tálamo do qual o corpo estriado recebe suas fibras aferentes, BECHTEREW provocou choros emocionais e com Misslawsky pôde mostrar sua influência dos movimentos do estômago, intestinos, bexiga, coração, no sistema vaso-motor, nas secreções lacrimais, enfim, em todas as manifestações pertencentes de modo mais estreito às emoções.

Todavia, é a sensibilidade, sediada no tálamo, a função desta formação que representa também um papel básico na vida emocional e afetiva. Todas as fibras da sensibilidade afluem para a cama ótica. Para a sensibilidade exteroceptiva, ela constitui um patamar intercalado entre a periferia e o córtex. Nos casos, porém, de lesões que a comprometam, produzem-se na sensibilidade própria do corpo lacunas e ilusões, algias espontâneas ou reflexas, de tal forma que se pode concluir por sua persistência como centro, pelo menos primário, das sensibilidades íntero e exteroceptivas. Os eventuais distúrbios observáveis, simultaneamente, na percepção exteroceptiva, o são apenas na medida em que ela se subordina, estritamente, à sensibilidade proprioceptiva como, por exemplo, a estereognosia ou percepção tátil do relêvo o é para a sensibilidade articular. No macaco amputado da circunvolução parietal ascendente, região sensível do córtex onde se projetam as diferentes regiões do corpo, e mesmo após amputação total do lóbo parietal, centro de associações intersensoriais, MINKOWSKI observou a permanência da sensibilidade dolorosa quase intata. HEAD chega a admitir o tálamo como centro único e terminal

da sensibilidade orgânica ou sensibilidade do próprio corpo, parecendo-lhe também desnecessário que, para entrar no jogo das associações corticais, ela mesma possua no córtex sua área de projeção. Para melhor distingui-la da sensibilidade perceptiva ou "epicrítica", HEAD a designa sob o nome de sensibilidade protopática. Através desta palavra, quer exprimir ao mesmo tempo seu caráter primitivo, arcaico, e o quanto essa sensibilidade é repassada de afetividade.

Assim, pois, em razão da qualidade das sensibilidades, o tálamo — sede das mesmas — contribui intimamente para a vida emocional e afetiva. A semelhança dos centros subjacentes, continua a combinar intrinsecamente, entre si, as relações viscerais e tônicas, as sensibilidades postural e afetiva. Está, além disso, na confluência dos dois sistemas: o estriado, onde se desenvolvem os automatismos superiores e, de modo particular, os da emoção; o sistema cortical, transformado em órgão da atividade governada pelo conhecimento. Entre os dois, há como que um pedículo de sensibilidade afetiva e de reações vegetativas. Por certo, será por seu intermédio que se realizarão os diferentes graus de sua consonância. Equilíbrio variável segundo as circunstâncias, idades, sexo, indivíduos e que poderá sofrer bruscas rupturas, como bem o testemunha o espetáculo dos *raptus* emocionais.

D) — A CATATONIA E AS FUNÇÕES CÓRTICO-POSTURAIS

A catatonía ou conservação das atitudes constitui, enfim, no estado isolado, a forma cortical da atividade proprioceptiva. A experimentação e a análise de seus caracteres funcionais nenhuma dúvida deixam quanto a participação ativa do córtex em sua produção. Ao utilizar a bulbocapnina, substância que, em dose adequada, possui o poder de provocar a catatonía, SCHALTENBRAND de uma parte⁽⁷⁾, BARUK e JONG⁽⁸⁾ de ou-

(7) "Ueber die Bewegungsstörung bei akuter Bulbocapninvergiftung", *Arch. f. exp. Path. u. Pharmacol.*, Bd. CIII, H. 1-2, 1924.

(8) *La catatonie expérimentale par la bulbocapnine*, Paris, Masson, 1930.

tra, mostraram ser impossível obtê-la, nos animais de neopáldo, após resecção de seus hemisférios cerebrais, assim como dos animais sem neopáldo, tais como, peixes, répteis e batráquios. Em ambos os casos, a catatonía é substituída por um estado de inércia total e prolongada, entrecortada por intervalos de reações bruscas ou crises motoras cuja causa, muitas vezes, é uma excitação exterior. Além disso, é possível, com o aumento da dose de bulbo-capnina, o aparecimento dessas crises nos animais que conservam o córtex, pois nêles se opera uma espécie de decorticação funcional. Sua complexidade varia segundo o nível dos automatismos desencadeados. À medida que se eleva a dose de bulbo-capnina, sucedem-se estados de contratura interrompidos por saltos, corrida, agitação brutal; gestos ritmados, estereotipados e, no macaco, atitudes patéticas; depois, crises epiléticas; com freqüência, também, da rigidez decerebrada; por fim, distúrbios vegetativos: sialorréia, vômitos, dispnéia, que precedem, imediatamente, a morte. À amputação funcional segue-se, estágio por estágio, a agravação da intoxicação.

Um outro tóxico, a escopolamina, possibilita a diferenciação, embora em sentido inverso, entre a contratura catatônica por ela poupada e as contraturas subjacentes, como a posturo-reflexa, abolida por essa substância. Ao se observarem eventualmente sinais autênticos de catatonía na síndrome de Parkinson, devem-se atribuir à acrescida participação do córtex, seja por um mecanismo qualquer de excitação reflexa, seja em seguida a lesões associadas.

Reconhece-se, entretanto, a intervenção do córtex também pelos caracteres por assim dizer intrínsecos da contratura catatônica. Como mostrou SHERRINGTON, na rigidez decerebrada, a conservação das atitudes pode ser simples plasticidade. Na catatonía, é ativa. Em colaboração com CLAUDE, mostram BARUK e JONG⁽⁹⁾ que o eletromiograma do músculo apresenta a superposição ao ritmo de PIPER, ou ritmo do tono contrátil, ou de um outro ritmo, ou seja, do de um músculo em

(9) CLAUDE e BARUK, "La catatonie. Etude clinique et physiologie pathologique", *Presse médicale*, 26 de dezembro de 1928. "Les crises de catalepsie. Leur diagnostic avec le sommeil pathologique, leurs rapports avec l'hystérie et la catatonie", *Encéphale*, maio 1928.

estado de contração voluntária. No indivíduo normal, a execução de movimentos passivos revela esse ritmo de maneira apenas sensível. No catatônico, pelo contrário, provoca uma reação traduzível não somente pela manutenção do membro na posição imposta pelo movimento que lhe fôra imprimido, mas também, com freqüência, pelas contrações sobrevindas quer para antecipar esse movimento, quer para a êle se opor. Tais efeitos, BARUK e JONG os imputavam à ativação das células corticais pelo simples esboço do movimento que lhes corresponde, estando seu limiar de excitabilidade ou de descarga rebaixado pela bulbo-capnina.

Para que esta explicação puramente celular fôsse satisfatória, precisaríamos admitir uma ação bem eletiva da bulbo-capnina. Também se faria necessário especificar qual o sistema de células acionado; pois o movimento passivo, entregue a si mesmo, tanto poderia se reproduzir idêntico quanto fixar-se numa atitude. Aliás, aqui temos, com freqüência, um efeito associado à catatonía e que com ela se alterna. Tanto seu contraste quanto sua coexistência pretendem que as condições celulares das mesmas se subordinem às condições fundamentais. A catatonía não se produzirá sem um conjunto de causas impossíveis de reduzir-se a uma simples inervação local; implicam, ao mesmo tempo, a suspensão das ações intercorrentes ou combinadas que constituem o curso habitual da atividade normal. Um outro conjunto invocado para a explicação da catatonía é o das manifestações a ela freqüentemente associadas. Por fim, é bem significativo que possa aparecer, não somente nos estados patológicos tão diversos como as intoxicações acompanhadas ou não de confusão, as psicoses como a esquizofrenia, ou na paralisia geral, como também, de modo eventual, no estado hígido. Assim, procurar de que maneira casos tão diferentes podem ser identificados, não constituiria um processo para lhes situar o mecanismo e a significação psicológica?

O trabalho muscular do catatônico possui caracteres específicos. Registrado no ergógrafo, apresenta contrações de notável semelhança entre si. Sem lentidão ou diminuição anteriores, ao surgir a fadiga, elas se interrompem bruscamente. Ao recomençar, fazem-no de modo ainda uniforme. Seu nível relaciona-se às disponibilidades do sistema nervoso; porém,

uma vez estabelecido, seu regime permanece invariável. GREGOR e HÄNSEL, e depois ERMES, compararam ergogramas de catatônicos e de melancólicos: nestes, são fracas as contrações; assemelham-se às de um músculo a se debater contra a fadiga; têm como que impedida a sua execução (HEMMUNG). Já nos catatônicos, as contrações são mais intercaladas que no indivíduo normal, porém habitualmente elevadas; podem ser suspensas (SPERRUNG) porém não modificadas. AIELLO observou não se alterarem tais contrações nem por excitações sensoriais, nem por uma posição incômoda, nem por oscilações cíclicas ou irregulares que, de ordinário, traduzem uma curva de trabalho, certas regulações orgânicas de gasto energético, algumas interferências de origem interna ou externa ou ainda desfalecimentos ou impulsos ligados à representação do trabalho em via de se realizar. Impermeáveis a todo influxo, elas executam uma espécie de circuito fechado, à maneira de verdadeiras estereotipias. Constituem, desse modo, a imagem e os gestos aos quais muitas vezes acontece o catatônico entreter-se sem abatimento, e às próprias atitudes catatônicas cuja resistência à fadiga parece devida a uma inervação sempre idêntica a si mesma e imune às influências do meio orgânico ou psíquico.

No comportamento do catatônico, podem ser observados muitos traços semelhantes. A mão por eles estendida permanece fiel ao impulso inicial e inerte na mão que a aperta, sem corresponder nem tampouco se acomodar às pressões. Ao exporem a língua, por obediência automática (Befhelsautomatie), eles a mantêm projetada, a despeito das picadas de alfinete que lhe são aplicadas. Mas, sobretudo, suas pupilas podem conservar uma ponderável fixidez. Rigidez psíquica, antes que orgânica. Segundo LOWENSTEIN, traduz a rigidez e a imobilidade de sua vida afetiva: pois, às variações de nossa sensibilidade e de nosso humor, correspondem variações pupilares cujos termos extremos são a midríase da dor ou do medo e a miose da cólera. Para BLUMKE, tal rigidez significaria a ausência dos estímulos psíquicos que incessantemente afluem à consciência do indivíduo normal. FORSTER e SCHLESINGER admitiam ser a contínua mobilidade das pupilas, verificável no estado normal, causada não por pressões psíquicas mas sim pela acomodação real a objetos variáveis do campo visual. Essas explicações se harmonizam pelo menos num ponto: a ausência

de reações pupilares é indício de impermeabilidade às impressões ou aos estímulos provocadores da renovação habitual da corrente psíquica e denota a suspensão de seu livre fluxo.

Efetivamente, deve-se observar que os estados de hipertomia catatônica se acompanham de embotamento psíquico, tal como se o indivíduo se concentrasse totalmente na atitude mantida, havendo necessidade de o despertar, como de uma espécie de sono, a fim de conseguir fazê-lo reagir a outras impressões diferentes de suas próprias atitudes. Acontece até estender às suas exigências orgânicas a exclusão adotada diante de todo motivo de desvio psíquico ou sensorial. Só esvazia o reto ou a bexiga em largos intervalos ou os deixa exonerarem-se por repleção e em meio a espurcícia.

A comparação desses efeitos, aparentemente patológicos, com as manifestações semelhantes sobrevividas na vida normal, constitui tarefa fácil. Na criança, antes de tudo, entre o fim do 2.º ano e o 3.º⁽¹⁰⁾, isto é, no período antecedente àquele em que se produz a crise da personalidade⁽¹¹⁾, a conservação fortuita de uma atitude, passiva ou espontaneamente assumida, é observada com bastante frequência no decorrer de sua atividade inconsistente, fragmentária, intermitente e ofegante. Ao mesmo tempo, ela parece ausente e num estado que poderia intercalar-se, segundo BERTOLANI, entre o simples devaneio e a vertigem epilética. Até os 7 anos, distúrbios digestivos, a helmintíase e afecções febris podem fazer reaparecer essas atitudes catatônicas. Mas o próprio adulto, em certas circunstâncias oferece espetáculo semelhante. ASCHAFFENBURG lembra a atitude frequente do doente em presença do médico que lhe vem tomar o pulso ou auscultá-lo; conserva o braço suspenso, na posição em que o mantinha no momento de estender o punho ou de erguer a camisa. Talvez decorra do prestígio do médico; mais certo porém ser o resultado de uma concentração sobre si mesmo e da transferência de toda iniciativa para o médico; há uma total assimilação do sujeito por sua docilidade postural e a suspensão de toda ideação, na expectativa do veredito formulado por um outro.

(10) A. COLLIN, *Le développement de l'enfant. Son retard, sa précocité*, Paris, Doin, 1914.

(11) Ver III Parte.

O mesmo ocorre com o caso citado por BERTOLANI, da imobilidade que nos fixa na atitude do momento, ao surgir em nosso espírito, absorvido pela intensa ruminação de uma idéia, uma lembrança ou uma solução inesperadas. De súbito, o olhar se estabiliza e nada mais vê; desfaz-se toda noção do ambiente; abole-se por completo a sensibilidade a seus estímulos e apelos; o pensamento fica parado; e, muitas vezes, produzem-se impressões de evasão, de bem-estar inefável, de liberação, de repugnância a retomar o fio das reflexões, à semelhança de um instinto de resistência aos ensaios de diversão ou de revulsão, esboçados pelos circundantes. Trata-se de um estado que poderia ser contraposto ao da cataplexia do despertar, sobre o qual LHERMITE chamou a atenção, pela angústia que se apodera do adormecido quando, já consciente de estar desperto e pretendendo agir, percebe a própria impotência para erguer as pálpebras, abrir a boca ou movimentar os membros. Na cataplexia, o aparelho muscular, ainda absorvido pelo sono, fica impermeável às incitações dos sentidos e das intenções; os movimentos e as atitudes apropriadas se recusam às fantasias da consciência renascente. Na catatonia da surpresa, a atitude fixa a parada do espírito no instante singular, único de sua descoberta; ao se prolongar, ela suspende o curso de sua atividade e a substitui por uma espécie de contemplação beata e como que libertada das necessidades temporais. Quando a ação muscular, sob suas duas formas, a postural e a cinética, se recusa ao imperativo da atividade, daí resulta um estado de imperícia mental que pode vir acompanhada de mal-estar. Quando a postura se isola, se dissocia da atividade, suspende-lhe o curso e faz reinar a sensibilidade imediata, narcísica, exclusiva, total e definitiva ligada a essa mesma postura e que a entrem. De onde a ligação, ao mesmo tempo reflexa e obstinada do catatônico às suas atitudes. De onde também a pesquisa postural da imperturbável beatitude empreendida pelo faquir.

A função postural ou próprioflectiva encontra pois seu remate na atividade cortical, como o demonstra a catatonia, com os mesmos caracteres fisiológicos do movimento dito voluntário ou movimento de origem cortical. Na atividade cortical, corresponde à vigilância aí despertada pelo jogo das atitudes. Essa vigilância não somente os acompanha e os define gradualmente, como também contribui para que sejam assimi-

ladas pela consciência; porém, parece igualmente preveni-las e prepará-las, uma vez que pode haver discordância entre as contrações tônicas de um membro e o movimento que lhe foi imposto, quando não se trata do movimento esperado. A catatonia é a realização de atitudes voltadas unicamente para si mesmas e sem concomitante objetivo. São atitudes não comandadas nem pela situação exterior, nem pelas necessidades de ação, nem pelo fluxo dos estados de consciência, que, pelo contrário, ela interrompe, impede e resolve numa espécie de autocontemplação sem objeto. A catatonia é uma atividade córtico-postural desinserida. É observada nos estados de dissociação mental: nos crônicos como nos da esquizofrenia; nos passageiros como nos diferentes estados de estupor; nos fisiológicos como em certos estados de suspensão mental que podem destacar os incidentes do pensamento. E, de certo modo, também sua frequência é acentuada no período em que a criança, já sabendo reagir às situações envolventes, permanece, no entanto, como que dissociada e sem unidade íntima diante delas; enfim, no período em que o seu eu ainda não está bem identificado⁽¹²⁾.

Outras manifestações, tais como o negativismo e o maneirismo, coexistem amiúde com a catatonia, na esquizofrenia por exemplo, ou lhe sucede, de perto na criança. São outros tantos indícios de uma atividade em via de desagregação ou ainda mal unificada. No negativismo postural, é fácil reconhecer a exata contra-partida da docilidade catatônica; complica-se rapidamente com a oposição ativa. Quanto ao maneirismo, consiste ele numa série de variações sobre temas próprioflectivos. A idade em que o negativismo e o maneirismo se desenvolvem na criança é aquela em que esta se mostra atenta a se distinguir de seus companheiros, e o faz da maneira mais simples, isto é, opondo-se a eles; além disso, a preocupação com o desempenho de sua própria personagem ou com o de uma personagem imaginada absorve suas atitudes, fazendo desta forma passar para o primeiro plano as reações de presença. Fato idêntico se há de reproduzir no momento da puberdade, sob a impressão de estímulos análogos: o indivíduo tentará realçar sua pessoa, não mais, sem dúvida, para efetuar seu pró-

(12) Ver III Parte.

prio reconhecimento e plena apropriação — embora, de certa maneira, tenha de se familiarizar com as transformações desse período — mas, sobretudo, a fim de fazê-la conhecer e apreciar por outrem. É mediante as reações e os sentimentos de personalidade que o córtex se relaciona com a função postural.

Há alguma possibilidade de se pesquisar a região cortical onde a função postural se projeta e de onde se irradia? Tem sido amiúde oposta às funções piramidais, como dependente do sistema extrapiramidal cuja sede se encontra nos núcleos subcorticais e nos núcleos subjacentes. Ora, DONAGGIO assinalou a existência de fibras extrapiramidais em meio às fibras piramidais, a partir do córtex, as quais, aferentes ou eferentes, indicariam na circunvolução frontal ascendente, a coexistência de um centro extrapiramidal com o centro das funções piramidais. É verossímil que esta estreita intricação se relacione somente com a indispensável colaboração dos mecanismos extrapiramidais e dos mecanismos piramidais nas manifestações da função piramidal. Doutra parte, existem feixes muito importantes de fibras consideradas opostas ao feixe piramidal — órgão das funções córtico-cinéticas — funcionando como o órgão das funções córtico-posturais. Referimo-nos às fibras de origem frontal que atingem os núcleos da ponte e, por seu intermédio, conjugam a ação do córtex frontal com a do cerebelo.

A combinação dessa dupla conexão parece corresponder exatamente às necessidades e às manifestações da função córtico-postural. O cerebelo se desenvolve no circuito do sistema proprioceptivo; dêle recebe fibras aferentes e dá a idéia de ser o mais exato regulador de todas as ações tônicas cuja simultaneidade ou sucessão, nas diferentes partes do corpo, asseguram a coerência e o equilíbrio das atitudes. É pois indispensável ao jogo extremamente matizado das que correspondem não somente às necessidades de nossas relações dinâmicas com o mundo físico, como também às exigências de nossas relações psíquicas e do porte ou presença ordenados pelas situações, pela qualidade de nossos companheiros e pela personagem que nos representamos como sendo a nossa.

Que o sentimento de presença e as hesitações, as incertezas que a êle se ligam possam representar uma causa de assimetria, bem o revela essa forma de canhestria resultante da perturbação experimentada ao sentirmos pesar sobre nós o olhar

de outro ⁽¹³⁾. Doutra parte, as lesões corticais das circunvoluções frontais são capazes de provocar uma síndrome assinérgica, semelhante àquela decorrente de uma lesão do aparelho cerebeloso. Além disso, muitas outras razões devem fazer imputar ao lóbo frontal as reações relativas à manutenção da presença física e à expressão da personalidade psíquica. Em meio a outras, e em consequência de uma lesão frontal, temos a atonia da mímica, indiferente às diversas reações das circunstâncias exteriores e às disposições mentais; é a incapacidade do indivíduo a realizar-se, em face de cada situação, mediante evocação de lembranças oportunas ou por iniciativas apropriadas; é o esquecimento de sua personagem e das obrigações que definiam a vida social e moral; enfim, o súbito desprezo “daquilo que se deve” e o aprêço à “honra” e às aberrações de conduta. Eis, pois, distúrbios bem específicos contrastando vivamente com a plena conservação da lucidez intelectual.

O quadro das escalas, com a ajuda das quais se realiza a função postural, servirá melhor para definir o progresso dos estágios por que passa o desenvolvimento da criança, a partir dos primeiros meses até a idade em que o sistema das conexões córtico-posturais entra em atividade e seu comportamento passa a manifestar a preocupação de afirmar e de definir o seu eu. Mais adiante veremos ⁽¹⁴⁾ as etapas psicológicas dessa transformação.

E) — O LUGAR DAS EMOÇÕES ENTRE OS COMPORTAMENTOS AFETIVOS

As emoções procedem de um nível mais baixo (núcleos subcorticais) e de um estágio anterior (primeiro semestre de vida). Situa-las local e cronologicamente, não implica em limitá-las tão somente a um certo setor funcional e a um definido período de vida. Além de serem manifestações de todas as idades, não se produzem sem abalar o aparelho psicorgânico. Considerando-se os indivíduos e seu nível etário, o grau de

(13) Henri Wallon, “La Maladresse”, *Journal de Psychologie*, janeiro 1928, p. 61-78.

(14) Ver III Parte.

desenvolvimento ou de complexidade alcançado pelas emoções tende mesmo a modificá-las. Entretanto, sejam quais forem seus componentes, há persistência do caráter emocional se as manifestações atuais têm como foco, como centros reguladores, os centros das reações viscerais, tônicas, afetivas, cuja coordenação é precisamente o que ensejou as emoções. Pelo contrário, que alguns de seus componentes se tornem, por sua vez, reguladores e elas se não de reabsorver em outras formas de comportamento, nas quais subsistirão em estado de simples aparência, de acomodação, ou de estimulante afetivo. Desta maneira, devem ser distinguidas de certas manifestações quer infrapsíquicas, quer ultra-emocionais, que lhes foram assimiladas com demasiada freqüência.

Função essencialmente plástica e de expressão, as emoções constituem uma formação de origem postural e possuem como substância fundamental o tono muscular. Sua diversidade está ligada à hiper ou hipotensão do tono, ao seu livre fluxo em gestos e em ações ou a sua acumulação sem saída e a sua utilização no local por espasmos. A custa do tono que recebe seus estímulos de tôdas as superfícies de excitação: exteroceptiva, labiríntica, propioceptiva, interoceptiva, elas se vêem a todo instante subentendidas pela soma dos estímulos nascentes no organismo ou que a êle afluem. Explica-se dêste modo, por certo, a influência desproporcionada que sôbre elas pode exercer uma simples "alfinetadela". Mesmo deixando-se de considerar de que sensibilidade partiu essa singela excitação, seus efeitos podem ser multiplicados pelo estado de tensão tônica resultante das outras sensibilidades. Dessa forma, as disponibilidades emocionais estão a todo momento, por intermédio do tono, relacionadas com as diferentes sensibilidades, medindo e regulando, nos diferentes domínios de sua atividade, as reações do organismo. Todavia, se uma dessas regulações, a metabólica ou neurovegetativa, por exemplo, vier a predominar, a emoção dará logo lugar a manifestações de origem infrapsíquica em que alguns caracteres se opõem aos essenciais das emoções.

Tal situação se verifica nos estados ciclotímicos onde, por períodos alternantes, a atividade diminui enquanto a contração, a hipertonia, ganha os aparelhos postural e visceral; em seguida, dá-se o inverso, isto é, a atividade se torna profusa

e célere, ao passo que as atitudes psíquicas ou físicas perdem tôda espécie de persistência ou consistência, consumindo-se, imediatamente, em agitação. Num caso, viscosidade de comportamento, acumulação espasmódica do todo; noutro, labilidade de porte e de ação. A mudança entre os dois períodos se produz como que de modo automático e, com tôda a evidência, sem outra causa além de uma inversão na regulação neurovegetativa da atividade. A despeito do aspecto emocional assumido pelos paroxismos no período de depressão ou no de excitação, os mesmos não podem ser assimilados à verdadeira emoção. Ao queixar-se de insensibilidade afetiva ou de impotência emocional, o indivíduo se mostra um psicólogo mais percuciente que o observador disposto a qualificar seus ditos de paradoxais. Com efeito: êle demonstra já não estar, como o emotivo, em uníssono com o ambiente; já não sabe reagir com a vivacidade daquele aos incidentes da vida; torna-se, pelo contrário, prisioneiro de seu humor e por êste insensibilizado a interesses e afeições cuja legitimidade ou necessidade êle próprio reconhece. Não mais se encontra em condições de realizar emoções psicógenas. Ora, a significação da emoção é essencialmente psíquica; não pode ser explicada a não ser como um meio e de ação e um processo de comportamento. Constitui pois um contra-senso a pretensão de distinguir entre suas reações orgânicas a sensibilidade e os motivos que lhe são inerentes, para disso fazer um simples epifenômeno, uma repercussão secundária.

No outro pólo, as emoções tocam nas representações, que podem servir para definir seus motivos ou seu objeto. Quando porém, ao invés de serem produzidas pelos movimentos e exigências da emoção, as representações seguem seu próprio curso e se tornam reguladoras ou estimuladoras da atividade psíquica, abolem-se as reações sem as quais, aliás, não há emoções. Pode haver um encontro entre o espasmo e a imagem, mas deverá haver redução de um pelo outro.

Dois casos poderão surgir. Num, a ideação predominará sôbre a emotividade, despertando ressonâncias afetivas cada vez que se produzir: trata-se, então, de sentimentos. Em certo sentido, o termo emoção-sentimento constitui uma contradição. Os emotivos e os sentimentais representam dois tipos de indivíduos de temperamentos nitidamente distintos. O sen-

timental pertence ao tipo dos que ficam ao abrigo da tempestade emotiva, visto ser antes de tudo um ideativo cuja ideação liquida a todo instante a tensão emotiva.

A representação também pode ter um alvo ou um objetivo imposto à afetividade e sobre ela imperante. Abole a emoção na medida em que a transforma em paixão. O apaixonado, habitualmente, se mantém senhor de suas reações afetivas. Diante de impulsos emotivos, caminha para o raciocínio. Em geral, sabe utilizar as circunstâncias com tenacidade. Sua atividade é exercida no plano das realidades, utilizando-as, freqüentemente de maneira sagaz, para seus fins. Estes, todavia, se encontram fora da realidade, pelo menos da atual; tendem a substituí-la por algo que não passa de representação. A diferença entre o apaixonado e o sentimental, está na necessidade de transformar em fatos suas representações, em lugar de se restringir a experimentar sua nuança afetiva. Com o emotivo, a diferença é ainda maior pois neste ocorre o predomínio do ambiente ao qual não sabe fugir: suas reações, entretanto, são de ordem puramente subjetiva e tendem a sufocar a noção das realidades exteriores sob o fluxo das sensibilidades orgânicas. Tendo suas manifestações imediatas habitualmente contidas, a afetividade do apaixonado atinge a um grau de elevada tensão; daí podem resultar, por acidente, bruscas borrascas emotivas; mas seu resultado essencial é a exaltação das apetências do indivíduo. Seja lá qual fôr o objeto, este só se torna tal por uma transferência da excitabilidade psicorgânica manifestada nas emoções, sobre possibilidades imaginárias. Daí se segue obedecerem os motivos de uma conduta apaixonada — qualquer que seja seu objetivo, altruísta ou pessoal — a uma lógica toda subjetiva, contrastando singularmente com a lógica instrumental, cujo rigor objetivo pode ser maior. Dessa maneira, pelos desvios por ela impostos ao emprêgo do tono afetivo, a afetividade de representação e a ideação ocasionam manifestações ultra-emocionais.

Acomodadas entre essas manifestações e as reações de origem infrapsíquica, as emoções mantêm a capacidade de abalar o aparelho psicorgânico em toda a sua extensão. Mas com a condição de que este se subordine a essa função de expressão que a natureza das emoções imprime às manifestações corporais e por onde se estabelece a harmonia com o outro. De fina-

lidades essencialmente plásticas, nem por isto deixam de transbordar no aparelho cinético. Mas ao utilizá-lo em proveito de sua própria dramatização, o que aí fazem dominar são os simulacros passionais, as estereotípias, as litâneas, as ritmias contraditórias simultaneamente em certas cerimônias rituais e nos casos de excitação em que a parada de todas as manifestações intelectuais deixa emergir o desencadear da agitação emocional, denominado "patheticismus" pelos alemães.

Em todo arrebatamento emotivo, o indivíduo extravasa sua sensibilidade de uma maneira qualquer. As reações emotivas estabelecem entre ele e o outro uma espécie de ressonância de participação afetivas. Temos aí um traço de tal forma essencial à natureza da emoção que, ao se abolir, também ela se transforma. Assim ocorre nos casos em que as atitudes e a sensibilidade corporais se tornam, para si mesmas, objeto de atenção e de cultura, concentrando o indivíduo em si mesmo e fechando-o aos estímulos afetivos do ambiente. Apesar da intensidade de suas demonstrações passionais, não serão os histéricos, na realidade, indivíduos anemotivos? Sua consciência corporal assumiu como que uma individualização hipnotizante. Corresponde esta a uma etapa do desenvolvimento psíquico da criança cujas fases iremos agora estudar.

SEGUNDA PARTE

CONSCIÊNCIA E INDIVIDUALIZAÇÃO DO PRÓPRIO CORPO

INTRODUÇÃO

CONSCIÊNCIA CORPORAL E "CENESTESIA"

O estudo das etapas percorridas pela criança para realizar uma noção, suficientemente harmônica e unificada, do seu ser físico, ao mesmo tempo que sugere um problema específico de psicogênese, revela a complexidade real de uma noção aproveitada, correntemente, pela psicologia e psicopatologia sob o nome de cenestesia; tal noção constitui uma espécie de fator último ou elemento primitivo. A análise não a superaria e para explicar certas variações da consciência bastaria, tão-somente, opor-lhe variações correspondentes.

Com efeito, a necessidade, geralmente incontestada, de reconhecer nos fatos da vida psíquica correlações orgânicas, com freqüência, impõe a cenestesia ou sensibilidade do próprio corpo como substrato do sentimento de personalidade. Se porventura em dois momentos ou dois períodos de sua existência um indivíduo tiver dificuldade em reconhecer-se, atribui-se isto à alteração de sua cenestesia; sem dúvida, essa explicação simples contribui para que muitos, até recentemente, admitissem e mesmo fizessem surgir — graças ao auxílio dessa sugestão — os casos hoje em dia intangíveis, de dupla ou tríplice personalidade.

Nos delírios de influência, onde o doente diante de outrem tem a impressão de estar sem fronteiras e imagina, alternadamente, que seus atos, palavras, pensamentos são percebidos

ou lhe são impostos por outras pessoas; as ilusões tidas, em geral como fundamentais e de aparecimento muitas vezes tardio na evolução da psicose são as que, precisamente, parece ser possível lhes atribuir, como causa essencial e imediata, os distúrbios cenestésicos e sensoriais: voz no ventre, no peito, na cabeça e enredos nos ouvidos. Pseudo-alucinações cenestésicas ou auditivas.

Embora um distúrbio primitivo da sensibilidade devesse ter como característica principal uma localização ou sede, senão perfeitamente delimitada pelo menos bastante constante, tal porém, não se verifica; acontece, muito longe disso, que as mesmas vozes se situem com pequenas frações de intervalo, no ventre e em seguida na cabeça. O tom afirmativo de alguns ao dizer terem ouvido vozes — justamente pelos ouvidos, — esmaece diante do clínico, pois este conhece as hesitações, reticências e contradições da maior parte deles, ao se tentar fazê-los assimilar, realmente, essas vozes às vozes naturais, de sede auricular e de origem exterior. Todavia, essa necessidade, aparentemente tão imperiosa, de conferir ao distúrbio uma expressão espacial e de situá-lo — com um sucesso aliás muito variável, — no corpo ou no mundo exterior, não constitui a prova de que essas localizações e seu cortejo sensorial sejam um resultado ou um simples encontro, ao invés de serem uma causa ou um ponto de partida? A observação, escoimada do preconceito sensualista, nos oferece, de modo estrito, juntamente com a tendência a localizar os estados de consciência em alguma parte, a incapacidade para estabelecer a distinção do ativo e do passivo, do eu e do outro. Por conseguinte, distúrbios bem anteriores à pseudopercepção cenestésica.

Ainda por uma alteração da cenestesia explicam-se, habitualmente, as idéias de negação corporal, de absurdo e de imortalidade, sem que dessa alteração exista qualquer prova a não ser as próprias idéias. Além disso, é possível imaginar-se uma cenestesia equivalente? Essas idéias monstruosas não constituem a expressão, além de todo limite imaginável, da angústia desatinada e ilimitada que lhe é sempre contemporânea? ⁽¹⁾.

(1) Henri Wallon, *Psychologie pathologique*, Alcan, 1926, p. 58.

Amiúde, fala-se também, em abolição ou obtusão da cenesia ao se considerar os maus tratos ou mutilações eventualmente auto-infligidas pelo idiota ou pelo demente. Contudo sua pretensa insensibilidade seria apenas uma condição puramente negativa de não obstáculo e seria insuficiente para dar conta do prazer que têm em provocar sevícias em si mesmos. Para o idiota, o furor em se machucar ou em se morder coincide sempre, ao contrário, com uma atividade muito diferenciada, embora monótona, talvez apenas podendo ser regulada ou suscitada por nuances, muitas vezes finíssimas, de impressões cenesias ou sensoriais ⁽²⁾. O conflito representa o elemento tradutor dos golpes ou das carícias desferidas pelo idiota nêlo próprio persistindo no seu paroxismo, entre os dois sistemas de sensibilidade e de reações, sendo que no estado normal um reduz o outro: o sistema de relações com o exterior e os sistemas dos abalos íntimos. Ao se exasperar, sua concorrência faz que os espasmos, manifestação combinada das sensibilidades e das reações subjetivas, não mais se deixem reduzir a não ser pelas excitações periféricas, gradualmente mais intensas. Exceto na idiotia, é o que se observa nas crises emotivas nas quais a sensibilidade orgânica e afetiva tende a predominar sobre a outra ⁽³⁾. No auge da cólera ou do desespero vêem-se crianças e mesmo adultos se baterem, torcerem as mãos, se mordere, arrancarem os cabelos.

No que concerne ao demente, reações parciais, fantasias hipocondríacas mostram não ser sua insensibilidade cenesia a causa de suas automutilações. Seja qual fôr o motivo ocasional, o que parece favorecê-las é a dissolução dêsse conjunto coerente e coordenado que uma atividade adulta e normal se inclina a constituir e a reconstituir, sem cessar, a respeito não somente de seus alvos exteriores, mas também do ser íntimo, que os deve sustentar em todos os seus cometimentos. Ao poder de realização mental se substitui a dispersão dos automatismos e das sensibilidades. Dispersão tanto na duração como no espaço, que reproduz tudo aquilo que se pode observar em toda criança pequena, mas com as conseqüências muito mais

(2) Henri Wallon, *L'Enfant turbulent*, Alcan, 1925, p. 104 e seguintes.

(3) Ver I Parte.

graves provocadas pelas ocasiões, hábitos, mecanismos de atividade próprios da idade adulta. Ao invés da impressão sofrida ou da nascente fantasia suscitarem uma resposta onde se totalizem os interesses e as possibilidades do momento, produzem-se curto-circuitos, com frequência, barrocos. O sofrimento ressentido permanece como que estranho ao automatismo que lhe é a causa e não o impede de prosseguir, inclusive até à mutilação. Esse sofrimento, de modo indireto, pode contribuir para entretê-lo pelo abalo indiferenciado difundido em torno dêle.

Para representar os papéis que, tão facilmente, lhe são atribuídos, tais exemplos mostram dever ser a cenesia considerada de outra maneira, jamais porém como sensibilidade elementar e tósca. Entretanto, de fato, ela não é encarada como tal por aqueles que a utilizam. Sob o manto de um vocábulo cômodo para dar a ilusão de introduzir nos problemas da psicologia a consideração do organismo, a cenesia, com efeito não passa de simples reflexo das noções às quais supõe-se que ela sirva de apoio e, por conseguinte, a isso nada se poderia acrescentar. Ignorante dos estudos realizados em torno da sensibilidade íntero e proprioceptiva, da sensibilidade protopática, das relações da sensibilidade e dos estados afetivos, das diferenças de velocidade nervosa entre as diversas formas de sensibilidade ⁽⁴⁾, ela permanece, sob sua forma global, a consciência do corpo, isto é, uma simples especialização da consciência tal como a define a introspecção. Ela consiste na aplicação do sentido íntimo ao organismo, do qual seria a representação imediata. E essa representação seria a expressão de sua realidade essencial e eficiente.

Portanto, tal atitude consistiria sempre não somente em reduzir o domínio da psicologia ao da consciência, como também em pretender, por uma espécie de ilusão animista, explicar a consciência pela consciência, colocar a causa nos próprios efeitos. Pura inutilidade. Quaisquer que sejam os subterfúgios utilizados — deposição do todo em imagens particulares e de espécies diversas, depois, recomposição através de artifícios ou mecanismos variáveis — em definitivo, o resultado nada nos pode oferecer senão dados iniciais. Puro jôgo verbal,

(4) Sherrington, Head, H. Wallon, H. Piéron.

ou quando muito, análise conceitual, encerrada nela mesma e sem contato com as ações, encontros e conseqüências do real.

Buscou-se um recurso para se compreender a imobilidade da vida psíquica reduzida às apercepções, de certa forma estáticas, e à sua fragmentação em imagens, igualmente inertes; não obstante, êsse expediente amparado na afirmação do seu dinamismo global ou na sua divisão em dinamismos parciais, com tendência de natureza diversa, mostrou-se vão, fútil. Pois isso não representa nenhum acréscimo à sua definição mas sim uma advertência de que o tempo e o devir são noções necessárias à revelação do seu conteúdo. Êste, sem dúvida, existe em potência, ao invés de explicitamente apreensível logo de saída; nem por isso, porém, deixa de constituir um dado definitivo colhido de repente na medida, pelo menos, em que o devir invocado é específico, ou seja, o devir de alguma coisa. Colocar a explicação do efeito em si mesmo, sob uma forma progressiva não significa alterá-la em demasia.

Por certo, o estudo do psiquismo, entre outros fins, pode se propor o conhecimento da origem ou do papel daquilo que assume fórmula consciente e, dessa maneira, se oferece à introspecção. Para ela, entretanto, existe apenas fatos entre os fatos e não princípios de explicação. Em lugar, por conseguinte, de conceder às impressões e noções de consciência a capacidade de revelar a cada um aquilo que se passa, não somente em si mesmo, mas em outro, e de lhes atribuir assim uma significação estável e universal, o psicólogo não as encarará jamais no estado puro e por elas mesmas; há de interpretá-las em suas manifestações atuais, ou seja, no seu modo concreto de se manifestar, e em suas relações com as possibilidades que nesse momento lhes apontam o indivíduo ou as circunstâncias. Aí está o único método capaz de evitar as falsas assimilações, os anacronismos, e passível de descobrir sob os aspectos ou as fórmulas convencionais da vida psíquica os seus verdadeiros meios de realização.

A êsse respeito nada pode ser mais fértil em erros e ensinamentos do que a psicologia da criança. A confusão ou distinção entre etapas divisoras das formas de reação ou de pensamento da criança e aquelas que o adulto se atribui acarretaria conseqüências. De um lado, prolongaríamos as ilusões da psicologia introspectiva através da mais falaz das perspectivas.

De outro lado reconheceríamos, plano por plano, as funções que deveriam intervir sucessivamente e se integrar umas às outras para culminar nessas unidades superiores da vida consciente ou psíquica, cuja unidade atual somos muitas vezes tentados a tomar por uma simplicidade essencial e primitiva. Ao estudar a criança vale a pena portanto confrontar entre elas as manifestações de atividade, de modo a atribuir-lhes sua verdadeira significação, ao reconhecer de idade em idade suas possibilidades funcionais.

CAPÍTULO I

AS PREMISSAS PSICOFISIOLÓGICAS DA CONSCIÊNCIA CORPORAL

A noção do eu psíquico já com uma suficiente organização das reações simultâneas ou sucessivas e de seus motivos íntimos ou exteriores, implica a idéia de uma oposição, mais ou menos latente e virtual, de personalidades estranhas à sua própria personalidade. Da mesma forma, a noção do eu corporal não se limita à intuição, embora plenamente coordenada, dos órgãos e de sua atividade: exige uma distinção feita entre os elementos relacionados ao mundo exterior e os atribuídos ao próprio corpo; assim pois, estaria o eu corporal definido sob os seus diferentes aspectos. Por conseguinte, é condição indispensável e de reconhecida suficiência, que seja possível a ligação entre a atividade debruçada para o mundo exterior e a relacionada de modo, mais imediato, às necessidades e às atitudes do corpo. Ora, segundo as observações do anatomista C. VON MONAKOW, no nascimento, o estado do sistema nervoso a isso se opõe. Entre os dois, inexistente integração funcional; esta só aparecerá quando houver mielinização das fibras nervosas do sistema vestibular, do núcleo ventral, do corpo trapezóide, da oliva superior, dos núcleos motores. A soldadura começa a se fazer após o terceiro mês, continuando-se até o sexto e não se concluindo antes do duodécimo.

Existe, pois, para começar, dissociação entre os diferentes domínios funcionais: o interoceptivo, ou seja, o da sensibilidade visceral; o domínio próprioceptivo compreendendo as sensações ligadas ao equilíbrio, às atitudes, aos movimentos e o domínio exteroceptivo ou o da sensibilidade voltada para as

excitações de origem exterior. Entre suas manifestações, é considerável a diferença cronológica. As funções interoceptivas são as mais precoces, e as exteroceptivas as mais tardias.

A) — SENSIBILIDADE INTEROCEPTIVA

De todas as manifestações orgânicas, as que parecem ser mais concomitantes com o desenvolvimento psíquico da criança são as relacionadas com o tubo digestivo e a alimentação. À esse respeito, a função alimentar supera, de longe, a circulação e mesmo a respiração. Na realidade, desde o período fetal, o coração pulsa; no nascimento seu ritmo e o seu papel se modifica; no curso de sua existência essa atividade cardíaca sofre, perenemente, as influências das peripécias da vida orgânica e psíquica; repetidas vezes éle origina sensações violentas; entretanto, apesar de tudo isso, as suas funções não constituem, de modo direto, um motivo de atividade. As funções vaso-motoras, aplicam-se as mesmas observações.

Quanto à respiração, inicia-se ela com a vida extra-uterina, sendo seu o primeiro acontecimento. O reflexo do esfriamento periférico, tangível na primeira inspiração, é seguido, desde os primeiros minutos, por outros reflexos ou reações cujo ponto de partida ou sede se encontra na árvore respiratória: espirro, choro e mesmo bocejo, isto se, pelo menos de acôrdo com a opinião corrente, o bocejo fôr uma simples modificação respiratória. Já mostramos que éle se liga por intermédio da distensão, à sensibilidade articular e às reações tônicas, ou seja, ao domínio próprioceptivo ⁽¹⁾. As variações respiratórias ⁽²⁾ constituem o índice mais sensível das alternativas por que passa a atividade psíquica. Como a circulação, não obedecem a comandos puramente reflexos ou automáticos; tais variações encontram-se, ao mesmo tempo, sob a dependência direta da vontade. Se mantêm um lugar de primeiro plano nos automatismos da emoção: riso, soluços, suspiros, é delas também que surgem o canto e a palavra, sem dúvida atividades

(1) Ver I Parte.

(2) BENUSSI, *La Suggestione e l'ipnosi*, Bolonha, N. Zanichelli, 1923, p. 58 e seguintes.

plenas de automatismos mas de origem mental e permanentemente submetidas ao contróle mental. As impressões respiratórias penetram de várias maneiras na sensibilidade psíquica. A assimilação feita por FREUD da angústia como retórno das impressões que se ligaram à primeira inspiração do recém-nascido não tem, por certo, senão o valor de um mito; porém a verdade dêsse mito é a alteração respiratória que assinala todo acontecimento da vida ou da atividade psíquicas. Assim, pois, quando a respiração se torna, por si mesma, um motivo de atividade, essa ocupação precocíssima na criança pequena e, por vèzes, extremamente diversificada, corresponde menos aos apetites orgânicos ou afetivos que a uma ginástica especializada, que irá fornecer à linguagem os seus mecanismos sensório-motores.

Os primeiros reflexos alimentares aparecem pouco depois dos respiratórios. No curso do parto, enquanto apenas a cabeça do recém-nato estava exposta, PREYER obteve por excitação dos lábios, um reflexo de sucção. Deglutição e sucção se aproximam pela forma, pelo encadeamento, pela estreita e precisa coordenação de seus movimentos ao peristaltismo esofágico, gástrico, intestinal e não diferem d'ele senão pela sede periférica e por sua maior diferenciação. Todavia, aí está uma particularidade de grande consequência. A atividade bucal, cuja função é abrir e fechar o tubo digestivo, desenvolve e refina suas conexões, mecanismos e capacidades discriminativas. Torna-se uma espécie de intermediário entre as necessidades do organismo e o meio exterior. Nos primeiros tempos, o único reflexo de defesa alimentar é a regurgitação. Ao cabo de um mês, a reação torna-se preventiva e se transfere para diante da bôca. Sob a influência da saciedade, dum desconforto digestivo, a ponta da língua bate contra o mamilo ou a teta, os lábios recusam ou cospem. Após o segundo mês, pode a fome, fora de toda excitação local, provocar movimentos de sucção. Com a irrupção dentária aparece a tendência para morder. Na altura de um ano, ao surgir a soldadura de MONAKOW, a criança é capaz de, espontâneamente, pegar seu alimento.

Nas primeiras semanas de existência, ao mamar, fica toda absorvida pelos movimentos orais e faringeanos, pálpebras fechadas, punhos ligeiramente cerrados, antebraços fletidos. Du-

rante o segundo mês já abre largamente os olhos. Após o quarto, sorri para sua nutriz, vira a cabeça para uma pessoa próxima, interrompe a sucção por ocasião de um leve estímulo auditivo ou visual. Já podem as excitações exteroceptivas desviar sua atenção das funções interoceptivas. Entretanto, logo mais, vão servir como exteroceptivos os órgãos interoceptivos; o mundo exterior assumindo uma importância gradualmente maior para a criança, à medida que ligações se estabeleçam entre êsses dois domínios de sua atividade. Razão pela qual tudo aquilo que ela agarra leva à bôca — região do corpo cuja sensibilidade já está mais desperta —; ela aprende a distinguir as coisas entre si. W. STERN chamou a êste período de "espaço bucal". Por certo, não precisa considerá-lo no sentido de espaço homogêneo e por assim dizer independente das coisas, no qual aprendemos a distribuí-las e ordená-las, mas sim como um sistema de referências, o mais preciso de todos, permitindo a uma criança dessa idade atribuir as qualidades de volume e forma às coisas. Com efeito, a sensibilidade labial e lingual, tendo a função de regular a delicada modelação do mamilo e do jato lácteo, de medir o grau de sua pressão, de ligar a sequência das contrações, é, desde o nascimento, uma sensibilidade das mais diferenciadas e das mais minuciosamente coordenadas. Ao contróle por ela exercido sobre o automatismo não pode acrescentar funções de investigação enquanto, através de novas conexões, não fôr conduzida do sistema interoceptivo para o exteroceptivo.

Por volta de um ano a sensibilidade urinária, integrando-se no conjunto, possibilita à criança controlar suas micções. Sem dúvida, no homem, ela não a coloca, como por exemplo no cachorro, sob a estreita e visível dependência de certos fatores psíquicos tais como o olfato. A dependência parece mais sutil e menos exclusiva. Também parece intervir menos profundamente na sua vida afetiva. Além disso talvez exista aí apenas uma aparência, devida simplesmente à educação e ao pudor: o interesse secreto que o adulto pode tomar por suas funções urinárias, as satisfações ou o mal-estar causados, muitas vèzes, por elas exteriorizam-se com menos facilidade. Quanto ao mais, muito cedo se mistura na criança, por iniciação recíproca ou por descoberta pessoal, um certo complemento de curiosidade e de prazer sexuais; é, pois, incontestável

que a partir de então persistirá tal associação. Todavia, uma vez afastados êsses prazeres torna-se freqüente, na vida psíquica, a impaciência urinária em estado puro. Não se trata de fingimento, quando ela faz a criança espernear, nos momentos em que sofre um constrangimento que a impede de correr para a ocupação desejada; pois constitui o acompanhamento habitual do seu desejo, expectativa ou angústia.

Quanto ao interesse que a criança, com freqüência, revela pelo jato de sua urina, ou mesmo pela urina recolhida num vaso, tudo isso demonstra manifestações tradutoras sobretudo dêsses sentimentos elementares e confusos de potência funcional, de criação, de *appartenance* ⁽³⁾, da qual a infância, como além disso a involução senil e o simples estado de distração fornecem tantos exemplos por ocasião dos atos orgânicos, das funções naturais, das dejeções e resíduos corporais. Apagamento das distinções que se farão mais tarde no *sensorium commune*, ao serem abolidos, entre o próprio corpo e aquilo que a êle se prende por algum liame sensível, entre existência e ação, entre as diferentes formas de atividade orgânica, psíquica ou exterior. Porém, êsses diversos efeitos, ligados à sensibilidade urinária, são relativamente complexos, tardios e se estendem por diversos anos da primeira infância.

B) — SENSIBILIDADE PROPRIOCEPTIVA

A sensibilidade proprioceptiva contribui com uma parcela ponderável na formulação da noção do próprio corpo. Suas primeiras manifestações são contemporâneas do nascimento, chegando mesmo a remontar ao período fetal. Relaciona-se a um sistema de funções que acompanha o desenvolvimento da atividade motora desde o seu estado mais arcaico até as suas possibilidades atuais; correspondem, também, à solidariedade intersegmental do organismo no movimento e na estação de pé, à sua unidade, dinâmica na ação e estática em face das forças exteriores. Dessa maneira, gradualmente, se superpõem mecanismos, desde os mais rígidos na execução e nas condições até os mais diversificados e mais móveis, sendo que os últimos

(3) Lévy-Bruhl.

possuem a capacidade de sustar a ação daqueles que os precederam.

Por ocasião do nascimento, alguns dêsses sistemas já perderam tôda autonomia e não mais podem ser postos em ação, quer direta quer isoladamente. Sômente no decorrer dos primeiros meses e mesmo dos primeiros anos, aparecem outros. Consistem todos em sistemas sinérgicos de movimentos e atitudes, isto é, em sistemas constituídos de tal maneira que o deslocamento efetuado por uma parte do corpo e as resistências por êle encontradas provocam no resto do corpo as atitudes e os movimentos que melhor podem manter o equilíbrio geral e concorrer para a ação solicitada. Depende dêles a dupla condição do movimento assinalada por MONAKOW: unidade e coesão no espaço, justa distribuição e continuidade no tempo. Ela interessa, através da atividade muscular, o caráter da própria atividade psíquica ⁽⁴⁾.

Entre as sinergias que já perderam a autonomia no momento do nascimento, MAGNUS e KLEIJN souberam identificar aquelas por êles classificadas sob o nome de reflexos cervicais e de reflexos labirínticos. No animal, realçaram tais reflexos graças a uma secção no encéfalo, subtraindo-os, dessa forma, ao contrôlo dos centros onde se opera sua integração em ações de um tipo superior. Excepcionalmente, tais reflexos são encontrados no adulto, em casos de lesões que realizaram amputação semelhante dos centros superpostos aos de sua origem. Em geral, conseguem-no durante um certo período do desenvolvimento fetal.

Os reflexos cervicais têm seu ponto de partida na sensibilidade articular das vértebras cervicais, quando a rotação da cabeça modifica-lhes a posição recíproca. A sua consequência é colocar os segmentos subjacentes, sobretudo os membros superiores, numa atitude determinada; inversa para os dois braços e virada para trás se a cabeça girar em sentido contrário. Ligados a relações do organismo com êle próprio, são do tipo arcaico e destinados a serem absorvidos pelos sistemas de reações que, sobrepondo-se entre si, orientam-se progressivamente para o mundo exterior, de modo a responder com uma

(4) Henri Wallon, *L'Enfant turbulent*, p. II, cap. I, "Syndrome d'asynergie motrice et mentale".

apropriação crescente às suas excitações diferenciadas. Mostram, ao mesmo tempo que a origem intersegmentar da sensibilidade proprioceptiva, a preponderância assumida pelo segmento cefálico, cujos deslocamentos comandam os dos outros segmentos.

Os reflexos labirínticos representam ainda sistemas invariáveis de atitudes, sendo que cada um deles é provocado por uma excitação determinada. A sede porém dessas excitações é um órgão especial que se diferenciou no crânio, traduzindo essas excitações as mudanças de posições adotadas pelo organismo em relação à gravidade, e não mais em relação a ele mesmo.

C) — PRIMEIRAS REAÇÕES DO APARELHO EXTEROCEPTIVO

Outras sinergias, agora relacionadas com excitações vindas do mundo exterior e não mais do próprio organismo, ao invés de serem, desde o nascimento, desprovidas de sua individualidade fazem a sua aparição no curso das primeiras semanas ou nos primeiros meses. No 7.º dia os globos oculares não têm ainda os movimentos conjugados com os da cabeça⁽⁵⁾; no 12.º, abaixam-se mais rápidos que as pálpebras, e precisa-se esperar até a 10.ª semana para se observar um sincronismo perfeito; durante as duas primeiras semanas, seus deslocamentos são assimétricos e o estrabismo intermitente só desaparece completamente na vigência do 2.º ou 3.º mês; as pálpebras começam a se abrir simultaneamente no 11.º dia, porém, durante o primeiro mês, sua abertura pode ficar desigual; a prega da fronte que acompanha a elevação do olhar aparece apenas depois do 3.º mês, e uma coordenação perfeita entre os movimentos dos olhos, das pálpebras e da fronte, só se realiza no 9.º mês. Esses progressos constituem a condição necessária de uma prospecção mais exata, mais rápida, mais ampla, mais estável e melhor regulada.

(5) PREYER, *L'âme de l'enfant*, trad. Varigny, Paris, Alcan, 1887.

D) — O EQUILÍBRIO. SUAS CONEXÕES MOTORAS, SENSORIAIS, MENTAIS

Ao mesmo tempo que as sinergias parciais se constituem, as generalizadas, às quais o equilíbrio do corpo se reduz, vão se desenvolver, porém de modo ainda mais gradual. É ao cérebro que compete essa regulação. Nos primeiros dias e primeiras semanas, a criança, tendo a face contra o travesseiro, não consegue desviá-la para respirar⁽⁶⁾; não consegue se deslocar para o seio da nutriz a fim de que seus lábios alcancem o mamilo; enfim, não consegue que a cabeça execute os gestos de esquiva. Todavia, é somente entre o primeiro e o segundo mês que a criança começa a levantar a cabeça para o peito de sua mãe⁽⁷⁾; entre dois e três meses, estando em decúbito ventral, consegue erguê-la. Entre a 11.ª e a 15.ª semana, a cabeça, até então oscilante, começa a se fixar em posição firme, a princípio apenas por alguns instantes, depois, pouco a pouco, de modo durável (Ch. B.). Para algumas crianças, torna-se mesmo necessário esperar o 5.º ou o 6.º mês (Pr.). Entre 4 e 10 meses produzem-se, com êxito crescente, os esforços para se sentar, para modificar, virando-se, uma posição incômoda (Pr.). É grande essa margem de 6 meses; porém as funções de equilíbrio são aquelas cujo desenvolvimento, de um indivíduo para o outro, apresenta a mais variável rapidez; no filho de PREYER, foi incontestavelmente lento. Uma criança robusta, cujas funções cerebelosas não revelam atraso, aos 5 meses, sabe se apoiar sobre as duas mãos (Ch. B.); aos 5 ou 6 meses, manter-se-á sentada (HEYFELDER); passar da posição dorsal para a lateral, ou direita, e um pouco mais tarde da posição ventral para a dorsal ou reciprocamente (Ch. B.). A partir desse momento, entre 8 e 9 meses, anunciam-se as primeiras tentativas de locomoção. Os componentes iniciais são: virar-se, sentar-se, erguer-se nos pés, agarrando-se porém com as mãos. Em seguida, insensivelmente, tentativas para deslizar para trás, para andar de rastos e enfim para andar de "quatro".

(6) MARY GRAY BLANTON, *Psychol. Rev.*, XXIV, 6, 1917, p. 456-483.

(7) Charlotte BÜHLER, *Soziologische u. psychologische Studien über das erste Lebensjahr*, Jena, Fischer, 1927.

Então pode a criança começar a fazer ligações para ver aquilo que mais lhe convém. Entre 9 e 10 meses, a criança, amparada, consegue se manter de pé sozinha e ensaiar alguns passos. A marcha de pé, segundo as crianças, só é possível em datas variáveis, isto é, entre 10 a 18 meses. A rapidez desses progressos, dos processos de equilíbrio, da estabilidade, da velocidade, do ritmo apresentam grandes diferenças individuais. E essa diversidade se encontra em todos os domínios onde se faz presente a intervenção das funções de sinergia postural e motora, ou seja naquilo que serve de apoio, não somente à atividade motora mas também à atividade sensorial e psíquica.

A esse respeito, desde os primeiros esforços de equilíbrio impostos à criança, se anuncia a importância das aptidões sinérgicas. A psicóloga BÜHLER⁽⁸⁾ observou que, na altura da 10.^a semana, ao ser retirada da posição horizontal, onde todo o corpo repousava no leito, para ser colocada sentada ou quando somente sua cabeça fôr conservada firme, mesmo em posição confortável, seu olhar se torna vago e nada mais sabe ver. Enquanto a criança não domina seu equilíbrio, persiste essa impotência. 5 ou 6 semanas mais tarde, estando deitada, pode retirar a fralda colocada sobre sua face, será porém incapaz desse gesto se estiver sentada. Ainda aos 5 ou 6 meses, colocada em frente de uma outra criança, fará gestos para esta se estiver deitada mas, sentada, permanecerá insensível à sua presença.

Será, simplesmente, como supõe BÜHLER, incapacidade da criança para se dividir entre duas ocupações distintas? Entretanto, o equilíbrio é uma ocupação que acompanha, necessária e essencialmente, todas as outras. Ausente apenas no sono e também nos casos de decúbito com resolução muscular completa, situação na qual, o pensamento se dilui em devaneio. Na realidade, salvo desfalecimentos momentâneos, nada consegue interromper, totalmente, a atividade psíquica⁽⁹⁾. Ver-tigens de origem diversa, abolição do tono muscular, por exemplo sob a influência do medo; abalos labirínticos ou ainda obstáculos às reações de equilíbrio em seguida a circunstâncias

(8) *Loc. cit.*

(9) Henri Wallon, *Psychologie pathologique*, p. 85 e seguintes.

exteriores, tais como: supressão dos pontos de apoio, queda ou projeção no espaço, acidentes de montanha, de cavalo ou de automóvel: de violência igual ou mesmo muito superior, outros danos do organismo, súbitos, mas que não põem em jogo o equilíbrio, também não provocam essa brusca supressão de toda possibilidade motora e mental. Ao único sentimento habitual de sua insuficiência se liga um estado latente de angústia traduzido por fobias. A sua insuficiência efetiva, uma inaptidão de adaptação exata, regular e contínua aos objetos da atividade, expressa por falhas e erros no esforço sob todas as suas formas: motora, sensorial e mental⁽¹⁰⁾.

Fácilmente se compreende a dependência em que o equilíbrio mantém o movimento. Assegura-lhe a cada instante de sua execução o necessário ponto de apoio. A resistência desse ponto de apoio deve ser proporcional às resistências encontradas; sem o que, ele se desloca, se converte ou deixa o movimento sem força. Deve poder se estender aos novos segmentos do corpo e fixá-los na posição desejada, à medida que o movimento se pormenoriza, e se limita às extremidades dos membros; caso contrário, impede-o de ser preciso, livre, flexível e firme. Inversamente deve, se o movimento interessa a todo o corpo, como na corrida ou no salto, dar lugar a toda a seqüência de atitudes compensadoras e de movimentos que permitem readquirir o equilíbrio ao contato com o chão. Na realidade, mesmo sob seu aspecto rígido de ponto de apoio, o equilíbrio não passa de sistema de reações compensadoras, incessantemente modificável que, a todo momento, parece modelar o organismo segundo as forças opostas pelo mundo exterior e pelos objetos da atividade motora.

As numerosas sinergias acionadas pelos sentidos para se acomodarem aos seus objetos, as transformações e disposições sucessivas que delas exigem as necessidades de investigações constituem uma atividade, de fato, da mesma ordem. Coloca também em jogo atitudes e, nos aparelhos acomodadores, a função plástica dos músculos exatamente como fazem as atitudes dos músculos locomotores. Apesar da extrema diferenciação de seus órgãos e da individualização de seus centros, não é pois surpreendente que a atividade sensorial participe das

(10) Henri Wallon, *L'Enfant turbulent*, p. 11, cap. I.

mesmas causas de flexão ou de insuficiência que a função das atitudes e do equilíbrio. Disso constitui um exemplo a falta de segurança e de resistência na neurastenia, da mesma forma que a descontinuidade dessa ação sinérgica e dos seus desfalecimentos na criança assinérgica.

Entre a atividade psíquica, enfim, e as funções de acomodação muscular, a concordância é semelhante. São igualmente simultâneas as suas desordens. Mesmas irregularidades no ajustamento e no dispêndio do esforço. Mesmas paradas bruscas e mesmas falhas no rendimento. Mesma falta de coesão no espaço e no tempo. Ao que ROSSOLIMO chamou tono psíquico corresponde bem uma regulação orgânica. E esta, oriunda do próprio organismo, depende das funções proprioceptivas. Sem sua intervenção, não há unidade estável na ação e nas fórmulas que lhe correspondem ao físico ou ao moral: o sentimento imediato do próprio corpo e da personalidade.

As reações às impressões proprioceptivas revelam-se desde os primeiros momentos de vida. Segundo MAGNUS os primeiros movimentos de orientação dos olhos resultam das impressões produzidas no aparelho vestibular. Somente a capacidade desta é capaz de se igualar ao da fome do recém-nascido. Seus choros se acalmam se fôr balançado lateralmente ou balançado de cima para baixo, em posição vertical ou horizontal. Impressões ainda passivas. Muito cedo porém, na tepidez do banho ou liberado das fraldas, entrega-se a gesticulações e a sobressaltos, depois a explosões vocais e a balbucios cuja origem é, evidentemente, uma sensibilidade dessa maneira satisfeita e que se tornará a origem da alegria⁽¹¹⁾. Por volta do 5.º mês, essa exultação motora se produz a propósito de tudo aquilo que pode lhe parecer um sucesso: por exemplo, quando, pela primeira vez, consegue seguir, com os olhos, um objeto que se desloca.

Aos 7 meses, opera-se uma espécie de discriminação e de indicação referencial entre todos esses movimentos e suas sedes. A agitação cessa completamente a sua difusão e as diferentes partes do corpo aí não mais intervêm ao acaso ou por simples impulsividade motriz. A propósito do mesmo ato, a criança

usa alternativamente as duas mãos ou os dois pés, como se tivesse descoberto a bilateralidade e, complementarmente, a unidade do seu corpo, cujas várias partes são capazes, à vontade de executar o mesmo ato. Dessa forma, em diversos lances, passa sua perna de uma mão para a outra; leva a fralda à bôca alternadamente com a mão direita e com a mão esquerda; ou mesmo bate num objeto suspenso, ora com a mão direita ora com a esquerda (Ch. B.). Durante muitas semanas esses jogos se repetem e se diversificam. Durante algum tempo, estereotipia freqüente no idiota, tem a criança por ocupação olhar ora com um olho ora com o outro, interessada por certo pelas semelhanças e diferenças experimentadas simultaneamente no campo de suas impressões visuais e no de suas impressões musculares (9.º mês). A partir de então, bifurcam-se seus exercícios, uns se voltam para o reconhecimento do próprio corpo e outros para os efeitos exteriores de sua atividade.

(11) Ver I Parte.

CAPÍTULO II

DIFERENCIAÇÃO E PROGRESSO DAS REAÇÕES EXTEROCEPTIVAS

A sensibilidade exteroceptiva, única capaz de fornecer ao próprio corpo, à guisa de mundo exterior, o conjunto de impressões contrárias, começa por despertar efeitos desvinculados desse mundo exterior. Nas duas primeiras semanas, às excitações sensoriais ou periféricas correspondem: ou refluxos locais isolados e elementares, ou reações pertencentes não à vida de relação, mas exclusivamente à do organismo. Sem dúvida, a luz retém o olhar do recém-nascido; todavia, este parece só poder se desviar de uma mancha clara para uma outra no 14.º dia e apenas no 23.º acompanhará um objeto, em deslocamento lento; é preciso esperar um período bem posterior, a 8.ª semana, para que uma criança consiga seguir um objeto móvel com suficiente rapidez, precisão e uma fisionomia atenta ou satisfeita. O reflexo palpebral de proteção ocular ainda não se produz nas primeiras semanas, a menos que a claridade seja tão intensa ou que o dedo se ponha em contato com os cílios e a córnea. A reação ao ruído não é auditiva; limita-se ao sobressalto, pertencente ao domínio proprioceptivo.

De todas as sensibilidades periféricas, a do contato parece ser a mais precoce. Todavia ainda é obtusa e na criança ocupada em mamar não provoca reação alguma. De todas as sensibilidades de que, na realidade, ela se compõe, só manifesta as mais orgânicas e afetivas, excluindo as que estabelecem uma discriminação entre a qualidade das excitações e que são mais voltadas para o conhecimento do mundo exterior. Uma dessas últimas, a sensibilidade a uma picada, inexistente durante

os oito primeiros dias. As reações consecutivas a um contato não são orientadas; propagam-se de maneira difusa em abalos e em gestos sem objeto, em lugar de se localizar e de se dispor numa resposta adequada (Pr.). É na vida proprioceptiva e afetiva que encontram sua razão de ser, e não na atividade de relação⁽¹⁾. Por vezes produzem-se isoladas e a distância: contração do rosto responde a um simples toque no pé. Intensa ou insistente, a excitação chega a provocar a retirada da parte tocada, mas, habitualmente, com torsão do tronco e sacudidas generalizadas: a criança, por exemplo, cujo nariz se procura assoar (Ch. B.). Em todo o caso, os gestos de recusa precedem os de defesa e estes os que se orientam para a fonte de excitação e se ajustam à sua causa.

No 2.º mês inaugura-se um período onde a motilidade de tipo afetiva ensaia, progressivamente, uma atividade de aspecto mais sensorio-motor⁽²⁾. Ao tempo em que se constituem as sinergias sensoriais (desaparecimento do estrabismo intermitente) o rosto adquire os traços da atenção e da preparação às impressões exteriores: tensão da fronte, maior abertura dos olhos, fazer beijo, projeção da língua entre os lábios. Tais esforços entretanto são de curta duração; bruscamente tudo se apaga e, após ter fixado com intensidade e por alguns instantes um objeto, o olhar não se fixa e se desvia em soslaio sem fim. Todavia, a atitude se torna mais discriminativa em face das excitações exteriores. Os olhos se voltam diversas vezes para a mesma mancha luminosa, seguindo o objeto em movimento. No 57.º dia à aproximação do pai as pálpebras batem (Pr.); da 7.ª à 8.ª semana (SOTMANN), muitas vezes somente após o 3.º mês, elas batem mesmo à simples ameaça de um brusco contato. A criança começa a escutar, no início, apenas os sons emitidos por ela mesma⁽³⁾; por vezes, se põe a repetir alguns isolados. Tateia sobre os objetos e, ainda que, evidentemente como tais ainda não os identifique (Ch. B.), toca-os, entretanto, com as mãos, lábios, língua, de modo realmente ativo. Desde

(1) Sobre a importância dos efeitos sensoriais produzidos pela própria criança para a individualização de suas impressões sensoriais, consultar *L'Enfant turbulent*, p. 1, cap. II.

(2) Ver I Parte.

(3) Consultar em *L'Enfant turbulent* a sucessão dos estados emotivo e sensorio-motor, p. 1, cap. I e II.

o nascimento uma banal excitação da palma da mão provoca a flexão dos dedos; entre os 50.º e 60.º dia a mão percorre uma superfície, mesmo descontínua, sem, de fato, se fechar; e o gesto de apreender, ao se produzir, é autêntico, ativo. No 72.º dia êsse gesto pode resultar (G.-G. MYERS) de um contato sobre uma outra parte diferente da palma da mão: dorso ou dedos. Trata-se do início da apreensão e da atividade manual, de relevante importância no desenvolvimento psíquico. Todas essas reações são orientadas, buscam adaptação; tornam-se positivas e só regredem para a forma negativa ou orgânica do estágio precedente no caso da excitação ser violenta. Permanecem porém sem coesão e acantonadas cada uma no seu campo sensorial. É ainda o estágio onde uma dificuldade de equilíbrio abole a percepção.

No fim do 3.º mês começam a surgir as associações intersensoriais, ao mesmo tempo que se inicia a soldadura miélnica entre os domínios íntero e proprioceptivos de uma parte e o exteroceptivo de outra. É também o momento onde a criança começa a conseguir manter a cabeça erguida. O resultado primordial das associações intersensoriais é a individualização das fontes de excitação ao mesmo tempo que se unifica o campo da percepção. Cada impressão é superada pelo seu motivo, uma vez que êle pode ensejar ainda outras impressões. A criança começa a pesquisar com os olhos o vidro que tiniu. Cessada a excitação, ela se mostra curiosa de sua origem. Volta-se para o objeto do qual acaba de se afastar. Reage a um roçar na epiderme, a um sopro com movimentos que parecem materializar a causa em alguma parte do espaço. Pouco a pouco seus gestos de defesa se organizam para enfrentar, exatamente, a ameaça. Torna-se mais abstrata a orientação de sua atenção. Continua a olhar a direção em que o brinquedo ou a pessoa desapareceu. A reaparição de qualquer dos dois lhe provoca um jovial espanto. Com o olhar procura as pessoas do ambiente; segue, com fisionomia concentrada e interrogativa a pessoa que se afasta. Sua percepção torna-se menos simples e menos sucessiva. Ao que ela apreende, atual e imediatamente, se acrescenta o possível, o previsto e o esperado. Sua mímica corresponde a êsse progresso. Tem atitudes de espanto com a boca e os olhos abertos, a fronte rígida, os braços distendidos lateralmente ou o busto inclinado em direção ao foco de impressões que a absorvem.

Por uma espécie de efeito inverso e complementar, ao tempo em que reduz as impressões da mesma origem à sua fonte comum, a criança se torna mais capaz de se libertar das mesmas e distribuir em outros pontos seu interesse. Ao se familiarizar com aquilo que está em expectativa fica mais apta para se desligar do atual. Transição entre impressões da mesma raiz e de uma fonte para outra caminham *pari-passu*. Ao invés de impressões fragmentárias que a absorvem totalmente e cuja sucessão não possa ser senão uma espécie de fragmentação psíquica, opera-se com a unificação de seu campo perceptivo, a da sua continuidade mental. Durante a mamadura, sabe olhar uma pessoa a seu lado, sorrir à sua nutriz, interromper por um instante a alimentação para se interessar por uma excitação auditiva ou visual de fraca intensidade. Com efeito, a possibilidade dêsses progressos liga-se à maturação concomitante dos centros que governam o equilíbrio e as sinergias funcionais. Acontece ser do início dêsse período (101.º dia) que a criança consegue seguir com uma precisão mecânica o vaivém de um pêndulo.

Nas associações intersensoriais o papel da mão assume uma crescente importância. Por volta da 16.ª semana, a mão começa a atrair o olhar quando entra em contato com algum objeto; suas tentativas para atingi-lo são guiadas pelos olhos; o gesto de apreender não mais se subordina, estreitamente, a uma impressão tátil, dirige-se para objetos à distância pertencentes somente ao campo visual. Sua destreza realiza então consideráveis progressos tanto em suas condições motoras como nas sensoriais. Os dois braços, ao cabo de dois meses, ainda se agitam, simultaneamente e simetricamente; os punhos permanecem cerrados; aproximam-se e se afastam com frequência, não chegando a apreender ou a reter o objeto (Ch. B.). Dentro em pouco, porém, a criança não mais se cansa de apalpar, empunhar os objetos ao seu alcance, esfregá-los contra a língua, os lábios, os braços e as pernas, agitá-los, atraí-los, recusá-los, deixá-los cair e, enfim, experimentar através deles todos os efeitos possíveis no campo de todas as suas sensibilidades. Aprende a pegar na mamadeira com as mãos e chega a introduzir o bico da mesma na boca. No decurso do 5.º mês consegue apreendê-la, satisfatoriamente com uma só mão ou seja, por flexão bem ajustada dos dedos; ainda não faz senão um

uso rudimentar dos objetos apreendidos. Compraz-se em produzir ruído ao amassar papel ou em cortá-lo aos pedaços.

Ao cabo do 6.º mês, inicia-se um período marcado sobretudo, pelos progressos da atividade instrumental e da aptidão antecipadora em face da percepção das coisas. No momento de comer, de ser retirada do leito, vestir-se, sair a passeio, a simples expectativa de um desses atos já coloca a criança num estado de excitação jovial. O interesse por ela emprestado às coisas não é somente consecutivo à impressão exercida por essas mesmas coisas. Olha algumas que nada têm de particular, como se buscasse nelas descobrir algo de atraente. Adianta-se à excitação para suscitá-la.

Sem dúvida, ainda não sabe pressentir, de modo suficiente, um efeito rápido para ser capaz de seguir o seu curso. Na 30.ª semana deixa cair os objetos sem os acompanhar com o olhar, ainda que, poucos dias antes, tivesse seguido com os olhos o vôo de um pardal (Pr.). Consegue, na 34.ª semana, embora excepcionalmente, prestar alguma atenção à queda daqueles objetos. Duas semanas mais tarde começa a olhá-los, porém de modo alternado e com ar de interesse muito menos aceso que para os objetos de deslocamento lento como por exemplo, a fumaça. Na altura da 43.ª semana, ao mesmo tempo em que consegue segui-los com os olhos, revela uma fisionomia de espanto; na 47.ª semana, com a fisionomia divertida e muito atenta solta-os, deixando-os cair; êsse exercício foi repetido até oito vezes seguidas. Todavia, vindo a ação a se complicar, a capacidade e o interesse declinam conjuntamente e somente na 124.ª semana, ao se lançar uma bola, ela consegue segui-la com os olhos.

Os objetos introduzidos no circuito da ação diversificam-na, transformando-a. De simples excitação ao movimento podem se tornar instrumento ou alvo. Uma vez que dois objetos sejam simultaneamente capazes de absorver a criança, esta outra coisa não pode fazer senão combiná-las de uma maneira qualquer e transformá-las em um todo, único. Apresenta graus a lei dessas combinações. A princípio, entre o 7.º e o 8.º meses, há uma simples coalescência ou justaposição e seu contrário, a dilaceração. A criança aproxima, reúne em séries mais ou menos informes ou comprime, um contra o outro, os objetos por ela manipulados. Algumas semanas mais tarde busca introdu-

zi-los uns nos outros; é a fase da inclusão, à qual a caixa bem poderia servir de símbolo. Em seguida as combinações tornam-se mais específicas, inspiram-se na configuração dos objetos e pelas suas possibilidades de disposição. Finalmente tornam-se capazes de subordinação e de ajustamento a um resultado útil: emprega-se um objeto que, em caso de necessidade é modificado, de modo a servir de instrumento para se atingir um outro. Isso representa o que K. BÜHLER chama de "estado chimpanzé"; a criança por volta de um ano ao alcançar êsse estado, torna-se capaz de encontrar as mesmas soluções que os chimpanzés observados por KÖHLER. Dessa capacidade, ainda rudimentar, nascerão as primeiras técnicas do homem.

Sem dúvida, a simples aproximação das coisas, por evidente que pareça seu acôrdo mútuo, não explicaria, de modo automático, a descoberta que dela fez o homem, a criança ou o animal. Impõe-se a necessidade de admitir-se nêles o poder de intuição ou de imaginação que lhes permite realizar, efetiva ou mentalmente, êsse acôrdo. Da mesma forma, a reunião grosseira dos dados sensoriais é insuficiente para explicar o objeto, assim como a disposição recíproca dos objetos do espaço onde é possível ordená-los entre si. Contudo nosso pensamento, ao aplicar espontaneamente às coisas seus meios mais eficazes de intuição, de compreensão ou de conhecimento que também são os mais evoluídos e os mais recentes, consegue, naturalmente, que os tomemos como um ponto de partida necessário, como princípios sem história, visto serem isentos de antecedentes imagináveis. E o psicólogo, ao intentar compreender a gênese dos mesmos, mal se precavê contra a tentação de considerar como já realizado nos escalões inferiores aquilo que busca explicar, mas cuja não existência êle dificilmente concebe.

Observar uma criança voltada para uma fonte de excitações, para um motivo de movimentos e empenhada em experimentar suas diversas possibilidades, nos leva facilmente a crer que ela lhes reconhece por apoio um objeto. Todavia nos casos de agnosia ou de apraxia, as possibilidades sensório-motoras e o uso automático dos objetos estão conservados, embora não mais se possa realizar a noção do objeto, do qual de bom grado fariamos depender seu emprêgo e a percepção de suas qualidades. É preciso pois admitir que o sistema dos dados sensoriais ou motores correspondentes ao objeto não pode

fazê-lo perceber como objeto, a menos de integrá-lo num outro plano de vida psíquica, em uma ordem diferente de operações, onde intervém a atividade simbólica. Com mais forte razão, a noção de espaço não seria considerada como um dado primitivo. Diferentes casos de desorientação mostram que ela, na realidade, implica na superposição de diversos espaços que nos servem, alternativamente, para ordenar as coisas entre si, nossas ações entre as coisas, nossos símbolos e nossos pensamentos, sem mesmo percebermos o momento em que passamos de um para o outro. Ainda dessa maneira a noção do próprio corpo não seria o resultado de uma combinação automática entre as diversas sensibilidades que acabamos de encarar.

CAPÍTULO III

DIFERENCIAÇÃO E PROGRESSO DAS REAÇÕES RELATIVAS AO PRÓPRIO CORPO

As reações da criança em face de seu próprio corpo apresentam, no plano sensório-motor, etapas sucessivas, coincidentes com as de seu desenvolvimento exteroceptivo. Revela-as somente na época em que se inicia a criação de reações inter-sensoriais, ou seja, com a mielinização das ligações interoprioceptivas e exteroceptivas.

Num primeiro período, dos 3 aos 6 meses, parece surpreendê-la a entrada como que fortuita dos membros em seu campo perceptivo, suscitando um esforço visível de reconhecimento e de discriminação. Segundo GUILLAUME ⁽¹⁾, desde o fim da 12.^a semana, a criança seguiria com os olhos o deslocamento das mãos e somente no decorrer da 19.^a semana viria a se interessar pelos movimentos dos pés e dos artelhos. Este deslocamento de data, em si mesmo, nada tem de surpreendente. Observa-se, com frequência, esta defasagem entre a mão e o pé em suas relações com a atividade psíquica. Tendo menos ocasiões, mesmo na criança, de entrar no campo visual e não mantendo com o mundo exterior os contatos múltiplos e diversos da mão, os membros inferiores só poderão pertencer à esfera de sua vida psíquica de um modo muito mais tardio e incompleto. Aliás, este desnivelamento funcional tem um equi-

(1) P. GUILLAUME, *L'imitation chez l'enfant*, Paris, Alcan, 1925.

valente anatômico. Em relação ao feixe piramidal que transmite aos neurônios periféricos as incitações da motilidade voluntária oriundas do córtex cerebral, A. TOURNAY reconheceu que sua maturação funcional, isto é, o momento em que suas fibras se mielinizam, revela entre a mão e o pé uma diferença de, aproximadamente, três semanas⁽²⁾. Se a diferença é maior para as reações combinadas assinaladas por GUILLAUME que para os simples reflexos pesquisados por TOURNAY, isto sem dúvida se deve ao exagêro da crescente complexidade das conexões nervosas e por se tratar de funções mais elevadas onde o pé vai perdendo paulatinamente o interesse direto.

Aliás, não nos é possível afirmar, salvo se à observação se apresentarem marcas insofismáveis de interesse, que a criança, ao acompanhar sua mão com os olhos, esteja realizando um ato unissensorial, tal como ocorre quando segue com o olhar um corpo estranho. Na realidade, na observação pormenorizada de TOURNAY, é em data sensivelmente mais tardia, no 115.º dia, ou seja, na 17.ª semana, que a criança atenta de fato para sua mão direita, detendo-a diante dos olhos; contempla os dedos a se agitarem e recomeça diversas vezes por dia a fixá-la de modo mais ou menos prolongado e constante. Em relação à mão esquerda, continua até o 141.º dia a passá-la em seu campo visual sem despertar, em nenhum grau, essa manifesta concentração de interesse. Por conseguinte, relaciona-se, indiscutivelmente, a um atraso de maturação funcional essa diferença de vinte e seis dias entre as metades direita e esquerda do sistema nervoso.

Aliás, em data quase idêntica, observou GUILLAUME fato semelhante aos de TOURNAY. Ao fim do 4.º mês, isto é, por volta do 115.º ou 120º dia, a criança, no momento de apreender um objeto, fica parada diante da mão e a desloca na altura dos olhos. Os atos mais precoces da atenção parecem deveras contestáveis e, em todo caso, não são espontâneos: na 15.ª semana, quando postas as mãozinhas da criança sobre as teclas de um piano, sua atenção se volta para as mãos; o mesmo ocorre na 17.ª semana quando lhe são aparadas as unhas.

(2) A. TOURNAY, "L'asymétrie dans le développement sensitivo-moteur de l'enfant", *Journal de Psychologie*, 1924, XXI, p. 138-144.

Além das sensações de que é então sede, a mão constitui também objeto de aprêço para o adulto, podendo isto exercer uma espécie de indução na atenção da criança.

As datas indicadas por PREYER são igualmente concordes. Por volta da décima sétima semana, esforçando-se a criança desajeitadamente para apreender um objeto, êste passa a atrair sua atenção, graças ao contato, muito embora esta atenção se dirija sobretudo para a mão que se torna, assim, uma espécie de objeto privilegiado no desdobramento operado entre ela e o objeto. No ato de preensão, verificado na décima oitava semana, são exclusivamente os dedos que a criança contempla ou, em outras palavras, são unicamente as relações de suas sensações proprioceptivas e de suas sensações visuais que a absorvem. Na vigência da vigésima terceira semana, quando consegue, em meio a movimentos sem alvo, apreender uma das mãos com a outra, passa a olhar a primeira com ar de surpresa; a mão inerte há de reter mais sua atenção pois a sequência de sensações, aí, é menos prevista, sem dúvida, que na mão ativa. Na vigésima quarta semana, contempla alternadamente e durante alguns minutos a luva que tem nas mãos e os dedos que a estão segurando, indicando assim — a julgar-se por sua perplexidade — a diferenciação feita entre o que pode ou não ser a sede das sensações. Por fim, à 34.ª semana, isto é, com a diferença de tempo que constitui a regra entre os membros superiores e inferiores, encontrando-se a criança deitada de dorso, ser-lhe-á possível, com frequência, acompanhar suas perninhas erguidas verticalmente como se fôssem objetos estranhos.

Surpreendida, ou pelo menos atenta à aparição e aos deslocamentos dos membros no campo visual, mostra-se, portanto, incapaz de os prever, durante êste período. Não somente inexistente uma intuição primitiva e necessária do próprio corpo, sob todos os seus aspectos e em seu conjunto, como, de início, é de modo apenas muito parcial que se formam associações entre as diferentes impressões correspondentes a essa intuição. Na criança desta idade, o trabalho de harmonização entre as impressões oferecidas pela percepção externa e pela sensibilidade proprioceptiva é tanto mais gradual e esporádico por seu persistente estado de assinergia ainda a impedir a reunião instantânea, num só e mesmo equilíbrio, de tôdas as atitudes

e partes do corpo. Entretanto, os membros que entram em seu campo exteroceptivo já não se comportam como um objeto qualquer e indiferente. A criança sabe se sentir presente, ao mesmo tempo, na impressão visual e no membro em movimento, de onde a possibilidade e a necessidade de decifrar de como se correspondem as duas sensibilidades. Ao olhar a luva insensível, ela a distingue dos dedos que a seguram; olha a ação dos dedos. Semelhante desdobramento pode ser experimentado até mesmo entre os domínios cuja unidade pareceria primitiva e irreduzível, como é o caso das sensibilidades cuja sede são as mãos. O que a surpreende, na eventualidade de agarrar uma mão com a outra, não é nem a dualidade nem a semelhança, das quais, aliás, as impressões visuais ou motoras lhe dão uma intuição bem mais decisiva. Trata-se, pois, dos efeitos do contato, dupla e diferentemente sentidos nas duas mãos e das correspondências respectivas que descobre entre êsses efeitos.

O período seguinte vai de 6 a 12 meses, e mesmo além. Em face do mundo exterior, é por onde a criança começa a lhe reconhecer bastante realidade para dêle esperar certos efeitos e iniciar sua atividade instrumental. Diante do próprio corpo, entrega-se a uma atividade de certa forma complementar, cujo resultado é individualizar e, diante das sensibilidades orgânicas e subjetivas, fazer predominar a sensibilidade de relação. Adquirindo interesse em explorá-lo, em colocá-lo, de maneira repetida e diversa, em contato consigo mesmo, termina por fazê-lo produzir, por meio de gestos previstos, impressões também previstas. Assim, ao mesmo tempo que a surpresa, vão se extinguindo as primitivas reações difusas, cujo único efeito era a propagação no organismo, de ondas de sensibilidade puramente afetivas, tornando-o, em seguida, indisponível para uma resposta orientada para a fonte da excitação e adaptada a sua causa. As regiões do corpo nas quais são habituais os contatos recíprocos e, freqüentemente percorridas pelas mãos — instrumento privilegiado desta exploração — também constituem regiões onde a sensibilidade discriminativa reduziu, de modo soberano, a afetiva. Nos abalos afetivos, toda idéia nítida e, finalmente, toda a consciência, tendem a se diluir. A noção do próprio corpo não poderia, por conseguinte, dêles proceder

enquanto não fôssem êsses abalos submetidos ao contróle da ação exteroceptiva ⁽³⁾.

O gesto de segurar os pés com as mãos, de manusear os artelhos, trazendo-os à boca, é apontado por GUILLAUME desde o 6.º mês e, por PREYER, a partir da 35.ª semana. Por essa mesma época, a criança se toca, no banho, e apalpa o corpo de um lado e do outro; agita as pernas, mirando-as. A diferença entre a superfície sensível oferecida à sua atividade pelas diversas partes do corpo e os objetos exteriores é, por assim dizer, experimentada, sistematicamente, no curso de sua atividade lúdica. Em sua 41.ª semana, estando empenhada em bater, com força crescente, as duas mãos sobre a mesa, e em seguida com uma só mão, transfere bruscamente os golpes para sua boca; deixa durante alguns instantes a mão pousada contra os lábios, bate de novo com a mão direita sobre a mesa e depois na cabeça, ao nível da orelha. “Parecia — dizia PREYER — observar pela primeira vez que bater em si mesma não é o mesmo que bater num objeto exterior.” Com o tempo, parece também comparar os efeitos obtidos nas diferentes partes de seu corpo. Quando com um ano de idade, experimenta um grande prazer em chocar contra os dentes um objeto duro e depois em rangê-los. Com um ano e um mês, mostrando uma fisionomia espantada, bate ainda a cabeça, com freqüência, à guisa de experimentar sua dureza. No idiota, é um gesto muito duradouro, estereotipia que parece corresponder ao estágio onde se diferenciam a sensibilidade afetiva ou protopática e a sensibilidade discriminativa ou epicrítica. Por fases alternantes, simultaneamente com a excitação, crescem a violência, os gritos, a cólera do sujeito, como se a dor, assim provocada, servisse de estímulo ou de revulsivo ao paroxismo emotivo; em seguida sobrevém um período de acalmia durante o qual o golpe é desferido com uma espécie de interesse concentrado, exclusivo, meditativo, aparentando ter sido minuciosamente estudado em suas ressonâncias qualitativas ⁽⁴⁾.

Outro gesto descrito por PREYER numa criança de um ano e quatro meses também se encontra como estereotipia no

(3) Henri Wallon, *L'enfant turbulent*, p. 1, cap. II e I Parte dêste livro.

(4) Ver exemplos em *L'Enfant turbulent*, III Parte.

idiota; consiste em levar os dois polegares às regiões auriculares, mantendo habitualmente distendidos os dedos e as mãos. O filho de Preyer apóia e bate ambos os polegares acima das orelhas, com os olhos bem abertos, a fisionomia espantada, como se pusesse à prova a maneira pela qual a cabeça se mantém, resiste ao choque ou mesmo se ela é capaz de assumir e conservar uma certa posição, isto é, como se verificasse suas reações de equilíbrio, de orientação e, mais ou menos diretamente, suas funções labirínticas. Em outras crianças, a ponta dos polegares é levada, algumas vezes, ao trágus, o que nos poderia sugerir manobras para modificar, por uma obliteração ou por uma compressão variáveis do conduto auditivo, a audição endo-auricular; muito mais freqüente, porém, os polegares se apóiam na apófise mastóide. Com os olhos distantes, como que fixados no infinito, a criança assume então uma fisionomia tão profundamente atenta que, por esta atitude parece polarizar sua potência perceptiva sobre qualquer sensibilidade íntima: próprioceptiva, orgânica, auditiva ou mental. Seja como for, entre seus gestos ou atitudes e as sensibilidades por elas despertadas, exteriormente a si mesmas, em qualquer outro domínio somático ou funcional, a criança faz relações, estabelece sistemas que desligam da subjetividade inicial as duas sensibilidades conjugadas. Todavia, isto ainda não é o suficiente para que ela, sob cada um de seus aspectos, individualize as partes do corpo e as faça entrar na unidade de sua personalidade física.

Um outro período, que se sobrepõe ao precedente, mostra de como, no início, a criança identifica melhor os órgãos de outrem do que os seus próprios. E quando representa finalmente os seus, trata-os, a princípio, como coisas estranhas e depois, por uma espécie de animismo ingênuo, como personalidades anexas.

Ainda por volta do 12.º mês, GUILLAUME observou na criancinha que ensaia colocar seus próprios sapatinhos numa boneca, uma certa tendência a confundir a cabeça e os pés. Esta confusão deve-se, por certo, à dificuldade que para ela, assim como para o apráxico, apresentam o arranjo das vestimentas que possuem direito e avesso; e a consecutiva repercussão de suas vacilações no esforço de discernimento e de

reflexão que dela exige a outra parte dos objetos associados ao ato. Portanto, a única conclusão plausível é a de que ela ainda não estabelece, de modo automático, a distinção entre a cabeça e os pés. Na realidade, quando sua atenção não precisa se dividir, ela sabe perfeitamente tocar nos olhos de seu cavalo de pau, beijar-lhe a cabeça, bater-lhe nos lábios com a intenção de fazê-lo relinchar. Uma ou duas semanas mais tarde, ao procurar mamar, localiza exatamente o lugar do seio em outras pessoas que não sua mãe. Do complexo global que a fazia, até então, procurar exclusivamente a mãe destacou, por conseguinte, impressões particulares de lugar e forma, passíveis de transposições para outra pessoa qualquer. Justifica-se tal interpretação pelo fato de, na mesma época, designar com a mesma palavra os pontos avermelhados dos cotovelos paternos e os seios da mãe. Destacada a imagem do conjunto onde inicialmente ficava confundida, parece a mesma flutuar, de modo indistinto, sobre as coisas, sempre pronta a assimilar aquilo que com ela apresenta alguma analogia, mesmo parcial. O fato de não ser essa imagem reduzida pelas piores inverossimilhanças, é consequência de não saber ainda inserir-se entre os diferentes aspectos da realidade.

Com efeito, como toda aptidão em seus primórdios, o reconhecimento das formas corporais se exerce com atividade e intemperança tanto maiores por ainda não estar perfeitamente integrado no conjunto da atividade psíquica. De onde a descoberta, pela criança, de semelhanças que provocam a admiração do adulto sempre que este as considera justificadas. Uma das crianças de um ano de idade observadas por GUILLAUME designa espontaneamente, como "dadá", o desenho estilizado e pouco aparente de uma borboleta na cortina branca; aos dezesseis meses, abraça as cabeças dos pássaros esculpidas nos móveis. O filho de PREYER, de 55 semanas, olha com demorada atenção uma pessoa a comer, seguindo com os olhos todos os seus movimentos, estende as mãos para sua face; porém, dirigindo o olhar para suas próprias mãos segura, entretanto, as dos pais para movimentar suas articulações. Por conseguinte, é nas mãos do outro que fixa, de início, sua curiosidade.

Quando, finalmente, são os próprios órgãos que fornecem pretexto para suas reações, a criança os trata como se não fizessem parte de seu próprio corpo. Na 62.ª semana, faz o

gesto de arrancar os dedos, como o faria para objetos estranhos. Comprime uma das mãos com a outra a ponto de experimentar sofrimento. Ainda com 1 ano e 3 meses, morde um dedo e solta um grito de surpresa. Aos 19 meses, ao lhe dizerem, "Dá o sapato", ela apanha o sapato que perdera e o entrega. Diz-se, então: "Dá o pé", e ela agarra o pezinho com as mãos e tenta estendê-lo. Aí temos, sem dúvida, um caso de perseveração favorecido pela fórmula idêntica das duas ordens dadas consecutivamente. Contudo, a insistência com que a criança pretende destacar o pé do corpo indica, realmente, uma falta de coesão entre as impressões que dêste possui e o sentimento de sua própria atividade. Pouco importa que determinados atrasos observados no filho de Preyer possam fazer suspeitar um certo grau de assínergia e, por conseguinte, de insuficiência para tornar mutuamente solidárias as partes de seu corpo ou os momentos de sua atividade. A diversidade das crianças e de suas oscilações em torno do tipo normal constitui precisamente nosso melhor recurso para têrmos acesso ao jôgo complexo de seu desenvolvimento.

Reconhecidas e individualizadas, as partes do corpo não se integram desde logo pela criança em sua individualidade física. O filho de Preyer, com 1 ano e 11 meses, oferece várias vêzes, um biscoito a seu próprio pé, como oferecia também aos pais, e muito se divertia esperando que os artelhos o pegassem. Por certo, simples jôgo. Todavia, neste caso, como poderia haver jôgo se não houvesse uma ilusão possível? O interêsse emprestado ao jôgo serve mesmo de medida para a ilusão. E esta consiste, aqui, na independência e na autonomia vitais concedidas pela criança a seus próprios órgãos. Além disso, ela não está abolida inteiramente, pelo menos em certos adultos, a ponto de não serem êstes capazes de experimentar alegria ou mal-estar diante dos palhaços que, precisamente, a exploram, dando a impressão de agir como se as partes de seu corpo fôsses dotadas de atividade independente. Se essas regressões lúdicas são possíveis, isto se deve ao fato de se ter levantado a questão num momento qualquer do desenvolvimento psíquico. Cita SCUPIM o exemplo de outra criança que colocava as panturrilhas nuas no balcão para que elas vissem o mundo, da mesma maneira que alterava o lugar dos seixos de seu jardim para fazê-los ver coisas novas.

Assim, o animismo da criança pode levá-la a dar tratamento igual a seu próprio corpo e aos objetos exteriores. Solução mista, antes daquela que a fará rejeitar, definitivamente, para fora de sua própria sensibilidade, o mundo exterior e integrar substancialmente, a seu eu, seu corpo físico. De início, entretanto, sabe apenas justapor a si mesma, a individualização de seus próprios órgãos.

CAPÍTULO IV

O CORPO PRÓPRIO E SUA IMAGEM EXTEROCEPTIVA

A maneira de reagir da criança, ao ver sua imagem refletida no espelho, constitui a contra-prova a indicar, com perfeita nitidez, os graus por que ela passa antes de chegar a reduzir, numa intuição de conjunto, todos os elementos relacionados com sua personalidade física. As observações realizadas pelos diferentes autores são bastante concordantes para que se possa concluir por uma evolução constante. Trata-se de saber como a criança se torna capacitada a reconhecer como seu o aspecto exteroceptivo, traduzido pelo espelho da maneira mais completa e evidente. O problema comporta, aparentemente, dois tempos muito simples: perceber a imagem e relacioná-la a si própria. Na realidade, as etapas são outras e bem mais complexas. Põem em evidência mecanismos e condições que a análise da consciência, por si mesma, não permitiria suspeitar.

A) — ATITUDE DOS ANIMAIS DIANTE DO ESPELHO

Para remontarmos às origens desta evolução, o exemplo dos animais se nos afigura admissível. Com efeito, segundo a espécie encarada, oferece-nos etapas bem intervaladas. PREYER cita o caso de um pato da Turquia, sobrevivente de um casal habitualmente solitário, que, após a morte da fêmea, habituou-se a se encostar à janela do porão, dupla pelo interior, e que refletia os objetos, à semelhança de um espelho. Sem

dúvida, o reflexo de sua própria imagem devia suprir o vazio deixado a seu lado pela ausência da companheira. Por isto, sua impressão de se achar incompleto devia ficar atenuada. Pois reagia, certamente, à modalidade de intuição sincrética que mistura o indivíduo a seu ambiente, fazendo-o ressentir como uma amputação qualquer restrição deste ambiente. Assim procede o cão no momento em que, tendo saído a passeio com os donos, um dos dois se afasta; também a cadela privada de seus filhotes ou a galinha, de seus pintinhos. Trata-se de um estado de sensibilidade anterior àquela na qual a pessoa sabe dissociar-se da ambiência e, em meio às suas impressões, distinguir as relacionadas a ela mesma e as ligadas ao mundo exterior. Parece freqüente entre os animais, a julgar por seu comportamento. Em todo o caso, no exemplo do pato, é dispensável a suposição de que tivesse havido a formação explícita de uma imagem, com exata identificação, ou melhor, com substituição da imagem da companheira desaparecida e fidelidade a uma lembrança. Basta admitir-se que simples impressões visuais têm podido ocupar o lugar das que revelam uma presença real e reconhecer nos raios refletidos pela vidraça o mesmo poder dos espelhados por um corpo real. Sob a aparência de uma ilusão completa, simples mecanismos substitutivos, mais ou menos semelhantes aos reflexos condicionados. E já é bastante.

O gato que, segundo PREYER, se volta para detrás do espelho, é de interpretação muitíssimo duvidosa. Dir-se-ia que ele sofre a ilusão de uma confrontação; ao mesmo tempo, o sentimento de um obstáculo. Reação do mesmo nível é verificada entre os antropóides. Mas, encontrava-se ele ou não, pela primeira vez, diante de um espelho? Com dois cachorrinhos fox, que jamais haviam visto um espelho, registramos nítidas reações de esquiva. Colocada diante de um espelho preso à parede a uma altura de 1m.70, uma cadela dêle se mantém afastada, apesar das provocações feitas a sua imagem pois, sendo muito ciumenta, as mesmas deveriam atraí-la, sobretudo se pudesse supô-las dirigidas a outro cão. Sua cabeça se agita; parece buscar um derivativo à direita ou à esquerda. Ao ser agarrada e aproximada do espelho, estende as patas para se manter distante, desvia a cabeça, à semelhança de uma criança quando se tenta fazê-la comer à força; com as orelhas

derrubadas, reproduz a atitude do medo e seu coração fica palpitante. Olha de soslaio para outros objetos quaisquer e, assim que a soltam, precipita-se para a porta, com o rabo metido entre as pernas.

O outro cão se põe a esquadrihar o cômodo, como se pretendesse evitar o espelho. Ao ser trazido para perto dêste, vira a cabeça de lado, como para fixar outro objeto da sala. Parece procurar não ver sua imagem. Todavia, ao lhe ser acariciada a cabeça, gesto que percebe no espelho, encara-se de maneira demorada, sem excitação nem prazer ou receio aparente, mas como se as carícias dispensadas à sua imagem e experimentadas nêles mesmo, operassem uma espécie de identificação entre ela e êle. Sua atitude parece traduzir um estado de equilíbrio, de calma e de estabilidade. Se, por instantes, deseja corresponder às carícias, volta o focinho para a pessoa que as faz. Portanto, há um predomínio das impressões proprioceptivas, sendo as visuais uma espécie de complemento. Não representam um outro animal nem tampouco sua própria imagem. Envia-lhe ressonâncias do que está experimentando sem provocar nenhum sentimento de desdobramento.

De fato: a atitude dêsses dois cães diante do espelho é radicalmente diferente da por êles mesmos demonstrada quando colocados em face de uma vidraça, quando tudo que vêm por transparência os excita e os atrai no mais elevado grau, ainda que se dêem perfeitamente conta do obstáculo interposto. Da mesma forma, não permanecem indiferentes e neutros, diante do espelho, como diante de uma parede. Sem dúvida, porém, o que aí percebem os perturba e não demonstra nenhuma reação a ser despertada em seu comportamento habitual; não se deixa, por conseguinte, identificar a algo já conhecido e só eventualmente adquire sentido ao se fundir com certas impressões atuais. Impressões de carícias são passivamente aceitas. A imagem dos próprios movimentos provoca, ao contrário, a recusa do espelho. Por certo, a razão desta diferença revela que, para o animal em movimento, o que conta é a iniciativa, é a reação útil ou, em outras palavras, a necessidade de antecipar o estado atual, e não as impressões resultantes dos movimentos em si mesmos. Ora, no comportamento dêsses cães, fica bem claro que a imagem refletida não lhes dá nenhuma ilusão de realidade, nem de semelhança. Assim, pois,

sendo diferentes de suas impressões costumeiras, êsses animais não sabem combiná-las numa atividade complexa.

Em presença de um espelho, a reação dos macacos superiores é de nível bem mais elevado. Correriam, imediatamente, a mão por detrás, revelariam cólera por nada encontrar para segurar e, a partir dêsse momento, recusariam olhar para a superfície polida. Isto, à primeira vista pareceria um ato verdadeiro de conhecimento, jamais um experimento frustrado. O despeito se explica por uma expectativa decepcionada. O gesto imediato de verificação, por uma hipótese mais ou menos implícita. A exclusão imediatamente consecutiva e definitiva do espelho, seria à moda de conclusão prática, que nada tem de comum com o mecanismo da aprendizagem. Haveria, então, um dosdobramento, embora fugaz, entre a percepção e a adesão, isto é, o nascimento da representação em face do real. Segundo KÖHLER, os chimpanzés já seriam, assim, capazes de se reconhecer num retrato. Trata-se de um estágio que a criança não atinge de golpe. Se o adulto o supera é que, tendo reconhecido o real na imagem, sabe, no entanto, manter a distinção e dissociar, definitivamente, das coisas a sua representação.

B) — A CRIANÇA DIANTE DA IMAGEM ESPECULAR DO OUTREM. REALISMO DAS IMAGENS E ESTADO DE JUSTAPOSIÇÃO

Até o fim do 3.º mês, a criança permanece insensível às imagens que se formam no espelho. Com 10 semanas, SIGISMUND a viu sorrir, mas isto se deveu, por certo, ao brilho do espelho iluminado. PREYER, tamborilando no espelho, pôde atrair o olhar da criança mas, visivelmente, sem que esta percebesse nada do que aquêle refletia. Apenas GUILLAUME observou em suas crianças jogos de atitudes e caretas diante do espelho. São manifestações observadas, em geral, somente por volta do 15.º mês. Além disso, são inverossímeis numa idade em que as sinergias dos órgãos sensoriais ainda se encontram mal reguladas e coordenadas, onde o equilíbrio permanece tão precário que as percepções da criança se embaralham diante de qualquer atitude, sentada ou erguida, que apresente alguma dificuldade, mesmo pequena.

Segundo PREYER, é somente no decurso do 4.º mês que a imagem refletida pelo espelho parece provocar a fixação do olhar, sem contudo despertar, de início, algum interesse pela fisionomia (da 14.ª a 15.ª semana). Na 17.ª semana (113.º dia) a criança a encara como faria diante de um estranho visto pela primeira vez; após três dias, ela sorri. Exatamente na mesma idade, um dos filhos de GUILLAUME sorri e agita os braços diante da reprodução de uma figura de Fr. Hals em tamanho natural. Manifestação de interesse que já a revela sensível à representação duma fisionomia humana, não reproduzida, entretanto, quinze dias mais tarde. É, por conseguinte, uma manifestação muito intermitente, como sucede geralmente com as que, apenas recentemente possíveis, ainda se encontram muito próximas do limiar e só produzíveis nas mais favoráveis condições.

Torna-se necessário esperar o 6.º mês para que, à imagem refletida no espelho, venham se associar outras reações diferentes das manifestações puramente mímicas e afetivas. Frequentemente, de início, isto só ocorre sob o impacto de uma circunstância exterior. O filho de DARWIN sorri diante de sua imagem e da de seu pai, por êle avistadas no espelho. Sem embargo, ao ouvi-lo falar, às suas costas, vira-se, surpreendido. Portanto, ainda não sabia fazer coincidir, no tempo e no espaço, o aspecto da presença real do pai e o reflexo do mesmo no espelho. A primeira confrontação foi a consequência de um movimento suscitado por uma excitação auditiva acrescida, por acaso, à situação. Desde então, por simples transferência, a imagem do espelho adquire a capacidade de provocar a mesma reação para o objeto, sem que haja necessidade de uma excitação vinda diretamente do mesmo. Por intermédio de uma reação associada, efetua-se, pois, a descoberta da relação que os une. O gesto de atribuição redutor da imagem ao objeto, e que traduziu sua justaposição em identidade, não tivera como ponto de partida a intuição prévia dessa identidade. Ao contrário: tal intuição lhe é consecutiva. O gesto a preparou e lhe abriu o caminho.

Por conseguinte, esta intuição é inexplicável pelo puro mecanismo das circunstâncias. Sensivelmente na mesma época, os diferentes observadores notaram, pela primeira vez na criança, o gesto de se voltar para a pessoa por ela avistada no

espelho: na 24.ª semana para PREYER, aos 5 meses e 17 dias para GUILLAUME. Qualquer que tenha sido a ocasião inicial, operou-se, entretanto, num momento em que as associações intersensoriais se encontravam em pleno período de acabamento; neste caso, já é possível levantar-se a questão de uma dependência mútua ou comum entre certos grupos de impressões, apesar de suas diferenças de qualidade ou de sedes sensoriais e de sua diversidade de origem no espaço ou de ordem no tempo.

Com efeito, difícil seria explicar-se o simples fato de concorrência ou seja, de como uma reação cujo próprio motivo se aboliria diante de uma circunstância que, com frequência regular, o havia precedido, e viria a tornar-se, por sua vez, o motivo necessário dessa criação. Anterioridade no tempo alterada para anterioridade causal; desaparecimento do elo intermediário, a partir de então inútil; economia de tempo e de condições exteriores; redução de circuito, como ocorre constantemente na atividade de execução ou de acomodação automática às circunstâncias: em todos êsses fatos, aos quais HACHET-SOUPLET reduziu o mecanismo da aprendizagem, trata-se de uma via aberta pelas situações entre uma reação dada e o mais precoce de seus estímulos.

Já a coisa muda de figura ao se voltar da imagem para a pessoa. Trata-se aqui da verificação de uma relação, de um ato de conhecimento. Fisionomia de surpresa, diz DARWIN; fisionomia muito atenta, observa PREYER. Dêste modo, o comportamento da criança revela não estar esta entregue a uma disposição corriqueira, a uma prática de certa forma despercebida dela mesma; pelo contrário, realiza algo de novo, resolve uma dificuldade, integra numa espécie de unidade superior o que até então, para ela, ainda não apresentava ligação determinada. Enquanto não existir entre as impressões outra ligação além da sensibilidade experimentada por ela, ou reações que se encadeiem, nada permitirá isolá-las dentre tudo aquilo que, simultaneamente, faz parte do momento em que elas se produzem, nem tampouco associá-las segundo relações particulares. Desde que, ao contrário, exista realmente a observação de uma relação, isto já constitui a prova do exercício da aptidão para se distinguir, na massa e no fluxo da experiência sensível e imediata, elementos dotados de características especí-

ficas para os individualizar e unir num plano superior da atividade psíquica. Por este exemplo, é possível a representação da natureza dessas associações intersensoriais elaboradas durante este período da infância. Não se trata de simples justaposição ou coalescência mecânica; aos dados brutos da experiência sobrepõem novas formas de identificação e de integração mentais.

Não haveria, portanto, necessidade de supor que a criança teria sabido, desde logo, realizar quais as relações do objeto e de sua imagem, do corpo que fala ou que age e de seu duplo visual. Decorrida uma semana após ter visto o pai refletido no espelho, o filho de PREYER experimenta pegar com a mão a sua própria imagem também refletida. Enquanto o filho de DARWIN, por volta da 27.^a semana, divertia-se procurando descobrir o seu no espelho, a fim de dirigir imediatamente o olhar para ele; no 7.^o mês, fica embaraçado ao vê-lo por detrás de um vidro sem aço. Embora capazes de perceber entre a imagem e o modelo uma relação de semelhança e de concomitância, não sabem ainda apreender as verdadeiras relações de subordinação. E por não saber reduzi-las uma a outra, reconduzindo-as a uma espécie de identidade virtual, continuam a atribuir aos dois como que uma realidade independente. Daí esta dupla consequência: ilusão de poder agarrar a própria imagem e surpresa pelo fato desta parecer superposta à pessoa. No primeiro caso, talvez se queira apontar uma insuficiência de percepção, uma insuficiente discriminação entre o que é volume no espaço e a imagem surgida na superfície brilhante do espelho. Todavia, a insuficiência não é de ordem sensorial, pois a criança jamais acontece tomar a imagem pela pessoa. Quanto à visão através de um vidro, não ficam suprimidos nem os planos nem o volume.

A ilusão consiste, essencialmente, numa modalidade de realismo espacial a evitar a reabsorção exata na realidade única do objeto, daquelas imagens dotadas de localizações diversas. Relacionar por um gesto de atribuição a imagem do espelho à pessoa ainda não significa fundi-la na existência dessa pessoa, a ponto de ver nisso uma simples aparência. O gesto de atribuição não leva à transposição da simples justaposição. Daí resulta a impotência simultânea da criança tanto para tratar sua própria imagem como uma simples aparência, como para conceber a coincidência súbita da imagem no vidro e da ima-

gem no espaço. K. BÜHLER observa que, a criança se mostra sensível desde o fim do 1.^o ano à semelhança existente entre a imagem no espelho e a pessoa, embora surpreendida pelo desdobramento: todavia, se faz preponderar a pessoa sobre a imagem é porque da primeira é que partem os sons. Simples preponderância atribuída a um complexo sensorial em face de outro, porém não verdadeira redução de um a outro. O que falta é a capacidade de elevar a representação das coisas a um plano superior, onde sua existência já não estaria substancialmente ligada à das imagens encontradas no espaço sensório-motor, mas resultaria da ordem a ser estabelecida entre essas imagens em torno de seu centro ideal.

C) — A CRIANÇA DIANTE DE SUA PRÓPRIA IMAGEM ESPECULAR. DO SIMBOLISMO PROGRESSIVO DAS IMAGENS E DE SUA REDUÇÃO AO REAL APARECIMENTO DO ESPAÇO SUPRA-SENSORIAL

Nada mostraria melhor a dificuldade das reduções a serem efetuadas e, por conseguinte, seus riscos e modos de dissolução sob a influência da doença, que os sucessivos comportamentos da criança em presença de sua imagem no espelho. DARWIN notou que, no 8.^o mês, ela manifesta sua surpresa através de "ah!", a cada vez que seu olhar encontra a própria imagem, para a qual, segundo observou PREYER, estende a mão, cheia de ardor, na 35.^a semana, espantando-se ao encontrar a superfície lisa e dura do espelho. A ilusão de realidade parece, pois, completa, enquanto já há várias semanas ela se volta para o objeto percebido no espelho. A realidade atribuída à imagem é completa a ponto de, entre a 41.^a semana e a 44.^a, o filho de PREYER rir e estender os braços para ela todas as vezes que a vê, e de o filho de DARWIN, na 35.^a semana, olhar para a imagem no espelho sempre que a chamam pelo nome. Por conseguinte, já não é ao seu eu proprioceptivo que, pelo menos de maneira passageira ou intermitente, aplica seu nome ao ouvi-lo pronunciar; é à imagem exteroceptiva que lhe oferece o espelho.

Desta maneira, parece não experimentar nem desconforto nem incoerência ao perceber diante de si seu eu exteroceptivo,

como um complemento e uma figuração natural de seu eu exterior e ativo. Nada há de surpreendente nisto. Ausência de conflito entre duas imagens visuais, como para a pessoa próxima, avistada simultaneamente no espelho e a seu lado. Nenhuma escolha ou redução a ser feita. E, doutra parte, que imagem exteroceptiva poderia ter de si mesma, a não ser a fornecida pelos olhos do corpo, isto é, aquela, necessariamente exterior àquele que a percebe? Sem dúvida, pode ter uma visão direta de seu próprio corpo, embora apenas de certos fragmentos nunca reunidos. Esta visão parcelar pode, por certo, combinar-se com seus gestos e com sua atividade, fornecendo-lhe pontos de reparo ou objetivos, como acontece aliás com tudo aquilo que, pertencendo ao mundo exterior, se acha incorporado na esfera de seus movimentos. É-lhe possível mesmo, ao se combinar com a sensibilidade íntero e proprioceptiva, formar complexos mais constantes e mais habituais, que os obtidos com o auxílio de impressões vindas de objetos estranhos. Enquanto porém aí permanece confundida, não se tendo ainda distinguido, não é capaz de oferecer uma imagem homogênea e coerente dos órgãos e, com ainda maior razão, do corpo total.

Entre a experiência imediata e a representação das coisas, torna-se necessária a intervenção de uma dissociação que possibilite o destaque da existência e das qualidades inerentes ao objeto das impressões e ações onde, inicialmente, o mesmo se implicou, atribuindo-lhe entre outros caracteres essenciais, os da exterioridade. Só existe representação possível através dêste recurso. Na medida em que funciona, a do próprio corpo deve responder a esta condição. Só pode se formar exteriorizando-se.

O conhecimento adquirido pela criança de sua imagem ao espelho é, sem dúvida, um processo mais ou menos episódico entre os que lhe servem para fazê-la entrar, gradualmente, tanto a si mesma quanto a seus elementos mais imediatos, no número das pessoas e das coisas cujos traços e identidade soube fixar progressivamente, de modo a finalmente apreender-se como um corpo entre outros corpos, como um ser entre outros seres. É através de mil pontos de referência, utilizando analogias e assimilação com o que já sabe perceber e representar distintamente, que a criança chega a individualizar e a discernir

os diferentes aspectos sob os quais lhe é permitido adquirir uma representação de si mesma. Consiste, pois, todo êste trabalho, em proporcionar-se imagens próprias e análogas às que pode formar no exterior de si mesma e, aliás, impossíveis de serem formadas de outra maneira.

Êste primeiro estado no conhecimento de si e do próprio corpo é inevitável. De modo ocasional, pode-se ainda observá-lo no adulto: no sonho, por exemplo, onde não é excepcional que a imagem visual do sonhador dêle se destaque, para lhe oferecer o espetáculo das peripécias de que se julga vítima; também em certos estados hipnagógicos, nos quais o sujeito se vê precedido ou acompanhado por seu duplo visual; surge em determinados poetas, no decorrer do enlêvo poético; nos moribundos, nos afogados, segundo depoimentos de testemunhas e, de uma maneira mais geral, cada vez que imagens absorvem totalmente a consciência ou a cada vez que a dissolução de suas funções redutoras e abstratas permite a irrupção das imagens. Pois pertencer ao espaço faz parte da natureza das imagens.

Nelas, o espaço existe como uma qualidade, necessariamente unida às suas demais qualidades, mais ou menos contingentes. Não se trata, entre elas, de uma ordem de justaposição, de coincidência ou de exclusão recíproca, mas sim de uma espécie de transposição mental, supondo-se um nível já evoluído de atividade intelectual. A existência simultânea de um mesmo indivíduo em dois lugares diferentes parecendo-nos uma impossibilidade lógica e um desafio às leis da existência, constitui, entretanto, uma eventualidade aceita comumente pelos primitivos e testemunhada por numerosos depoimentos recolhidos por LÉVY-BRUHL⁽¹⁾.

(1) Eis um traço que freqüentemente observei no meu cão. Acontece que, estando ao meu lado, ao ouvir bruscamente, alguém dizer: "Teu dono! Onde está teu dono?" êle corre para a sala onde sabe poder me encontrar habitualmente; quando levado a passeio e seguro por mim mesmo (sensações proprioceptivas de minha presença), acredita reconhecer-me de repente num homem sentado ao volante de um automóvel (sensibilidade visual). Êstes exemplos poderiam ser contestados: nada prova que o animal acredite na presença simultânea de seu dono em dois lugares distintos, "que êle largue a presa para agarrar a sombra", em outras palavras, que a imagem de uma situação

Talvez existir em alguma parte constitua uma exigência do ser, porém para que seja inconcebível que ele possa existir ao mesmo tempo noutro lugar seria preciso que aos espaços percebidos nos objetos se sobrepusse uma espécie de espaço redutor, proibindo-lhes a coexistência no mesmo ser, embora distintos entre si. A criança admitirá com ainda maior facilidade estar simultaneamente no espaço que se incorpora às impressões proprioceptivas naquele que anima sua imagem exteroceptiva, porquanto esses dois espaços não são imediata-

costumeira ou espicaçada pelo seu desejo (o de passear de carro, por exemplo), não seja capaz de substituir totalmente a situação atual. Mas será que as mesmas restrições serão feitas quando reações inteiramente semelhantes se encontram nas criancinhas? E além disso, o dono do cão pode lhe recordar sua presença real, de maneira até brutal, sem conseguir destruir tôdas as vezes a ilusão.

Aliás, suas atitudes muito freqüentes de perplexidade mostram perfeitamente que a sensibilidade do cão é capaz de se dividir entre duas situações que a solicitem simultaneamente. Por conseguinte, não é surpreendente que ele possa reagir ao mesmo tempo a duas situações localmente distintas em cada uma das quais estaria implicada a presença de seu dono. Pois o próprio caráter local dessas situações não passa de uma qualidade implicada na pessoa do dono.

Outras vezes, a noção de lugar parece predominar sobre a noção de pessoa. Durante uma breve ausência de minha cadela, pude lhe retirar um filhote de sete dias de idade. (Ela está perfeitamente habituada ao desaparecimento dos outros que lhe haviam sido retirados 48 horas após o nascimento). Acompanha-me cheia de ansiedade com os olhos presos ao cachorrinho. Quando me aproximo do canil, ela ali introduz sôfregamente a cabeça para verificar se o animalzinho ali está. Outro exemplo: quando está próxima a hora de parir, ela se mostra inquieta e rabugenta, troca de canil sem relutância e, uma vez instalada, não aceita mais nenhuma aproximação; o cão hesita em passar diante dela para chegar ao seu lugar, situado quase em frente, a cerca de dois ou três metros. Acompanho-o até lá; ele entretanto não se decide a entrar enquanto eu não introduzo meu braço na casinha para lhe mostrar que ela está vazia. Poder-se-á alegar que a preponderância do olfato sobre a vista poderá facilmente transmitir ao cão um sentimento de presença multi-local? Uma sensação não é jamais percebida isoladamente, faz sempre parte de conjuntos que a controlam, pois ela é antes de tudo utilitária. Entretanto, mesmo se considerada válida, esta explicação viria confirmar a existência do fato que estou aqui apontando.

mente comparáveis e a nítida intuição de sua exterioridade recíproca, não sendo um dado imediato da experiência sensível, exigiria entre eles uma aparência de denominador comum.

Para que consiga de maneira satisfatória unir seu próprio eu no espaço, será preciso situar o eu exteroceptivo de modo a tornar a percepção essencialmente irrealizável. Pois tão logo a veja, sua imagem deixa de coincidir no espaço com seu próprio corpo e deve considerá-la sem realidade; e logo que supõe a realidade de seu aspecto exteroceptivo, ela o deve encarar como inacessível a seus próprios sentidos. Necessidade dupla: admissão de imagens com aparência de realidade; afirmação de imagens que se furtam à percepção. O dilema levantado se coloca nestas proposições: imagens sensíveis porém não reais; imagens reais porém subtraídas ao conhecimento sensorial. Por mais simples que o caso possa afigurar-se ao adulto, implica em não prender a noção de existência indistintamente a toda impressão sensível; em não ser ela simples e absoluta; em não poder ser transferida mediante operações do espírito. Implica substituições de imagens e de pontos de vista que supõem a capacidade de evoluir acima do atual sensorio-motor; de evocar, ao encontro das impressões atuais, sistemas puramente virtuais de representações; ou antes, a de subordinar os dados da experiência imediata à representação pura; e de multiplicar, por intermédio das representações, o jogo cada vez mais diferenciado das distinções e das equivalências. É o prelúdio da atividade simbólica, segundo a qual o espírito consegue transmutar os dados da sensibilidade em universo.

Não obstante, comporta graus em número considerável. Provavelmente, o primeiro passo será dado por volta de um ano, quando, por exemplo, a filhinha de Guillaume, ao passar diante de um espelho, leva, rapidamente, a mão ao chapéu de palha que compunha seu penteado, desde pela manhã. A imagem no espelho inexistente por si mesma; é um sistema de referências, apto a orientar os gestos para particularidades do próprio corpo das quais fornece indicações. Ao se esvaziar de existência, torna-se puramente simbólica. Assim vem a ser pelo fato de agora poder ser considerada como exterior ao sistema de imagens com o qual a criança identifica seu corpo e seu eu. Todavia, não pode ser exterior em relação a um outro conjunto possuidor de qualidades próprias de extensão e de

volume, salvo no caso em que ambos tenham sido sobrepujados por um espaço mais abstrato, ou antes, pelo poder de redistribuição e de ordenação dos diferentes conteúdos da experiência, segundo as relações de espaço não sensoriais. E isto se vê bem ilustrado pela inaptidão a realizar relações no espaço, observada no comprometimento da função simbólica da agnosia, apraxia e afasia.

Esta capacidade de estabelecer distinções e relações no espaço se torna o ponto de partida para exercícios espontâneos semelhantes a uma verdadeira aprendizagem. Representa para esta uma condição e não uma consequência. Entre os 12 e os 15 meses (PREYER, GUILLAUME) a criança se entretém a executar, diante do espelho, gestos que desde algum tempo constituem seu repertório; realiza-os, entretanto, com muito mais dificuldade e incorreção. O movimento é semelhante, o ato é diferente. Sua regulação é alterada. Ao invés, como no automatismo, de reações encadeadas entre si por seus estímulos específicos e incorporados, por assim dizer, às condições internas ou externas que as despertam, trata-se de ações muito mais mediatas que devem obedecer às direções muito mais abstratas das representações e dos símbolos. A criança parece prosseguir em todos os domínios o inventário das alterações impostas a sua atividade ou aos seus conhecimentos pela nova aptidão. Durante a 60.^a semana, convidada a mostrar a mãe, começa por designá-la no espelho e depois, rindo, vira-se para ela (Pr.). Verifica-se, facilmente, não mais existir no seu comportamento, nenhuma semelhança entre este gesto e o do 6.^o mês. Quando então se voltava do espelho para a pessoa cuja imagem vira nele refletida, tomava conhecimento de uma relação, de uma dependência, sem porém, distinguir-lhe os termos. O contrário acontece ao ir primeiro buscar a presença da mãe no espelho pois, neste caso, joga com a dualidade, reconhecida agora, da imagem e da pessoa. De modo malicioso, finge conceder a preponderância à imagem, precisamente porque acaba de nela reconhecer claramente a irrealidade e o caráter puramente simbólico.

Embora a distinção já pareça confirmada por numerosas experiências, eis que se produzem certos gestos a exigirem um reexame e para os quais, entretanto, é outra a significação. Relacionam-se a outras descobertas e a outros progressos feitos

pela criança no domínio de sua atividade. Na 57.^a semana, o filho de PREYER, com um espelho diante do rosto, nêle se olha e em seguida passa a mão por detrás, com a intenção de agarrar aquele cuja imagem está vendo; finalmente, com o espelho entre as mãos, vira-o e o contempla nos dois lados. Após alguns minutos, recolocado o espelho diante dêle, reproduz a mesma manobra. No dia seguinte, porém, desvia-se obstinadamente dêle. Na semana ulterior, mesmo jôgo com uma fotografia em baixo do vidro, cujo pequeno formato torna improvável que êle realmente a confunda com uma imagem especular. De maneira categórica, esta conduta se assemelha à do chimpanzé, em idênticas circunstâncias. Tal fato ocorre, precisamente, na idade qualificada por K. BÜHLER de "idade do chimpanzé", devido à exata semelhança observada então entre as soluções instrumentais da criança e as do chimpanzé ao procurarem superar o obstáculo interposto à satisfação de seus desejos. É o marco zero do período instrumental da criança. O motivo essencial de sua conduta foi o espelho e não sua imagem. A mão passada por trás e toda ação consecutiva tiveram antes por objeto a verificação da causa da ilusão e não esta própria. Por fim, o rancor contra o espelho e, por extensão, contra a fotografia colocada sob o vidro, confirma, da maneira a mais explícita, que êste se tornou o responsável.

De modo ainda mais evidente, decorridas algumas semanas, a criança parece esquecer a significação puramente simbólica da imagem, emprestando-lhe existência. Esta, porém, já não é sua própria existência, indivisa entre sua imagem exteroceptiva e sua intuição proprioceptiva; é uma existência distinta da sua. Aprende a opor-se a outros seres; ingressa no período animista; a princípio, tudo constitui motivo para suscitar — em relação à sua — outras existências. Assim, na 61.^a semana, o filho de PREYER apalpa, bate, lambe sua imagem no espelho e brinca com ela como se fôsse um companheiro. Outra criança, de vinte meses, citada por PREYER, tendo dado boa-noite à mãe, dirige-se para o espelho a fim de abraçar sua própria imagem. Ainda aos 31 meses, brinca com ela, não como com uma parte de si mesma, mas como um êmulo ou com um duplo. Diverte-se até o limiar da extravagância. Parece comprazer-se em imitar ou em exceder-se a si mesma e representa simultaneamente dois personagens num pa-

pel forçosamente único. Conforme vimos, é sensivelmente na mesma idade, um ano e meio, que as diferentes partes do corpo propiciam jogos animistas.

CONCLUSÃO

Com notável concordância, sucedem-se as etapas através das quais se delimita e se organiza a noção do próprio corpo, quer na natureza das manifestações, quer na sua sucessão em todas as crianças.

Sem dúvida, ainda se podem produzir, em épocas por vezes bem posteriores, manifestações dependentes de um tipo já superado. Este fato, assinalado primeiro por W. STERN, longe de contradizer a lei das etapas sucessivas, confirma-a, pelo contrário. Mostra-as repetindo-se, necessariamente, em cada espécie de manifestações, qualquer que seja a data, mais ou menos tardia, de sua aparição. Por exemplo: somente aos quatro anos, o filho de Preyer se dispõe a prestar atenção a sua sombra e, ao fazê-lo, fica a princípio atemorizado. Uma garotinha um pouco mais velha, de quatro anos e meio, ao pisar em minha sombra, pretendia estar andando em cima de mim. Desta maneira e com muita frequência, o jogo se segue a uma ilusão ou a uma dificuldade primitivamente reais, como se representasse para a criança um meio de se familiarizar com as mesmas. Travessura e susto se põem, portanto, de acordo para mostrar que, tão logo individualizada, a sombra começa por parecer à criança animada de uma vida que a faz duvidar de que ela realmente lhe pertença ou que a leva a identificá-la a outra pessoa quando pertence a outrem. Quanto à individualização tardia, é, sem dúvida, uma consequência da ordem verificada na delimitação do atribuído pelo indivíduo como parte de si mesmo, em oposição àquilo que lhe é estranho ou contingente. A primeira imposição à sua atenção vem do que constitui a sede mais freqüente ou o mais ativo instrumento de sua atividade. Desprovida de utilidade prática, a sombra só ingressa tardiamente em seu campo perceptivo.

A noção do próprio corpo não se constitui como um compartimento estanque. Para cada uma de suas etapas, depende dos processos gerais da psicogênese: constitui um caso parti-

cular. Antecede, porém, às outras na época de sua formação pois nenhuma como ela se acha mais imediatamente na confluência das necessidades interoceptivas e das relações com o mundo exterior, nem é mais indispensável aos progressos ulteriores da consciência. Cede o primeiro plano logo que, por sua parte, tornou possíveis outras elaborações.

Por certo, só poderá completar-se, graças à influência destas. Particularmente, no período seguinte, irá integrar-se mais ou menos estreitamente à noção que vai desenvolver na criança a consciência de sua personalidade moral em face de outrem. Também não deixa de ser mais ou menos à imagem das representações através das quais aprende com o adulto a definir suas relações com o meio social e físico. Fica assim modelada pelas condições de vida e de pensamento em que a colocam as técnicas da existência, as formas de linguagem, os costumes, as crenças, conhecimentos etc., característicos de sua época. Tais variações parecem limitadas tão somente pela diversidade possível das civilizações. Na realidade, a noção de corpo próprio não deve ser, de fato, rigorosamente a mesma para o pensamento fetichista e para o pensamento físico. Diverge, porém, de grupo para grupo, sendo semelhante para os indivíduos de um mesmo grupo. Ao contrário: da criança para o adulto, esta noção difere no interior de um mesmo grupo apesar da influência envolvente e constante do adulto sobre a criança. Se o pensamento desta não pode ser imediatamente conforme ao daquele, isto, evidentemente, se deve ao fato de seu aparelho mental não possuir a necessária maturação. Há, pois, em toda noção intelectual, duas espécies de condições: umas psicossociais, outras psicobiológicas.

Estas últimas constituíram a preocupação deste estudo. Assistir em seus pormenores ao escalonamento gradual dos progressos possibilitados sucessivamente por essas condições, significa constatar o quanto as noções constitutivas da consciência — por conseguinte, aquelas que ela mais facilmente apreende — estão longe de ser primitivas, apesar de sua aparente simplicidade. Não poderiam servir, portanto, para explicar a vida psíquica ou suas desordens. Entretanto, tem-se partido dela para imaginar, sob o nome de cenestesia, essa intuição bruta do corpo que seria para o corpo o que a percepção é para o mundo exterior. Ambas seriam desde logo distintas entre

si, como o são seus domínios para o adulto. Porém, enquanto já não tem mais curso, para a percepção, a hipótese sensuálistica que a reduzia a combinações de imagens e estas às sensações como a seu protótipo, a cenestesia permanece, para os que a utilizam, como a simples soma das imagens que de si mesmos forneceriam os órgãos e as funções.

Tratar-se-ia de explicar um distúrbio no qual a consciência do corpo parece interessada, de maneira mais ou menos explícita, imputando-lhe a causa, sem outra informação, a uma alteração das imagens normais ou à produção de imagens anormais, tais como as alucinações. Mesmo se a descrevesse exatamente, esta explicação não seria satisfatória, pois, mesmo submetidas a fragmentações, distinções e recombinações, as imagens não podem superar a imagem, resultado já diferenciado e não elemento da vida psíquica. Todavia, há, com frequência, nesta colocação do distúrbio mental em imagens, uma inversão daquilo que uma observação fiel e sem prevenções permite constatar.

Ao contrário, esclarece-se à luz das etapas de onde as formações da consciência do adulto só finalmente puderam surgir, embora sua atual simplicidade as faça, indevidamente, passar por primitivas. Antes que se realize esta aparente simplicidade, o desenvolvimento da criança aponta os graus da experiência imediata, as impressões indiferenciadas, dispersas e momentâneas da sensibilidade bruta que se deveriam dissociar, fixar-se em imagens, a princípio concretas e como coextensivas com seu objeto, e em seguida proporcionar as transmutações simbólicas da representação pura e estável. Ao se produzir uma flexão na atividade que, a todo instante, opera essas reduções e esta integração, ao sobrevir uma alteração passageira ou durável das funções ou estruturas de que resulta, teríamos, então, as formas de atividade que permaneceriam subjacentes, tendendo a reproduzir seus efeitos. Estes, por certo, já não são rigorosamente idênticos ao que foram na criança. Sua integração e, em seguida, sua oposição à consciência do adulto as fazem, necessariamente, ser e parecer diferentes. Seu mecanismo se reduz, porém, ao das manifestações que, na criança, corresponderam sucessivamente às etapas de sua evolução. Entre a clínica e a psicogênese, as aproximações podem ser plenas de significação.

TERCEIRA PARTE

A CONSCIÊNCIA DE SI

CAPÍTULO I

AS PREMISSAS PSICOFISIOLÓGICAS ATÉ OS SEIS MESES

A consciência de si não é essencial e primitiva, como postulam os que dela fazem o instrumento da psicologia. Constitui um produto já diferenciado da atividade psíquica. Somente a partir dos três anos, a criança começa a se conduzir e a se conhecer como um sujeito distinto do outrem. E para chegar a se analisar, a buscar fórmulas graças às quais tentará exprimir sua individualidade subjetiva, faz-se-lhe mister passar por uma evolução que a levará até a adolescência ou à idade adulta e cujos graus e formas variam, consideravelmente, de pessoa para pessoa.

Ao contrário, até os três anos, a evolução da consciência apresenta uma ponderável constância, sem dúvida por estar sob a dependência quase exclusiva das condições e transformações biológicas, características da infância. De um autor para outro, e quaisquer que sejam suas concepções particulares, é manifesta a concordância dos relatórios a respeito das modalidades de reação e das idades. Não basta, porém, fixar a sucessão das etapas. Dependem elas dos mecanismos psíquicos, os quais, para cada um, correspondem às possibilidades atuais do sujeito e evidenciam as discriminações e as transposições graduais sobre as quais se baseia a oposição do eu a tudo aquilo que não seja ele mesmo. Lenta e complexa sucessão, como aliás se verifica no caso de outras atitudes mentais tidas, de bom grado, como impostas imediatamente pela natureza das coisas, ou como necessárias ao exercício mesmo do pensamento.

Ao estudar a maneira segundo a qual a criança termina por formar a noção de seu corpo e por dela apropriar-se ⁽¹⁾,

(1) Ver II Parte.

indicamos em que série de operações repousava sua aptidão para delas extrair os diferentes aspectos, integrando-os na unidade de sua pessoa. Na realidade, começa por justapô-los, ao invés de os fazer, por assim dizer, mutuamente simbolizar. E antes mesmo de saber justapô-los, é-lhe indispensável aprender a identificá-los em meio à massa confusa de impressões que, a cada instante, fazem parte de sua sensibilidade concreta e global. O mesmo acontece com sua individualidade psíquica. Encontra-se, de início, como que dissolvida através de uma sequência de situações dominadas exclusivamente por suas necessidades orgânicas pois, neste momento, só pode reagir às circunstâncias a estas relacionadas. Em seguida, ao experimentar sua dependência em face dos circundantes, outra coisa não sabe fazer, inicialmente, senão revelar-se um simples parceiro dos mesmos. Pouco a pouco, entretanto, mercê de um longo trabalho de identificação e de assimilação, aprende a decifrar em suas impressões o mundo que a ela se opõe e, simultaneamente, a atribuir-se como seu o que vai torná-la capaz de opor a outrem as exigências de sua pessoa.

Antes dos três meses, a atividade exteroceptiva da criança, isto é, aquela cujos motivos são fornecidos por suas percepções do mundo exterior, ainda é muito subordinada. Esta atividade parece, de início, reagir não às percepções, mas sim às impressões do inacabado correspondentes aos instantes em que lhe vem a faltar algo pertencente ao seu bem-estar ou ao seu ser atuais. Pelo menos nos primeiros dias, seria prematuro atribuir-lhe nem que fôsse um simples sentimento de presença. Pois, neste momento, ela está absorvida pela sensibilidade interoceptiva e, em menor grau, pela sensibilidade proprioceptiva, ou seja, pelas funções alimentares e pelas posições, mais ou menos confortáveis dos membros ou do corpo. São os únicos focos em redor dos quais podem se aglutinar as mais diversas impressões. E as únicas capazes de provocar reações são essas impressões que se tornam significativas para o seu bem-estar digestivo ou postural.

Partindo da concepção sensualista cuja perspectiva exclusiva é a percepção objetiva e o conhecimento, como se se tratasse da função inicial e essencial do psiquismo, tem-se discutido a respeito da prioridade das impressões visuais ou das im-

pressões auditivas no recém-nascido. Em favor, por exemplo, das impressões visuais considerou-se que a mielinização das fibras acústicas é a mais tardia das mielinizações sensoriais. Pouco importa, porém, que tal retardamento da mielinização signifique ou não, na espécie, o uso mais tardio da audição diferenciada. Trata-se de interpretar diretamente o comportamento da criança.

As observações de GUILLAUME⁽²⁾, registrando desde o terceiro dia a expressão específica de surpresa e de atenção da criança diante das pessoas; depois, sua atenção grave, seu sorriso fugidio, seus gestos agitados de inclinação para elas entre o 9.º e o 11.º dias; enfim, a diferença de suas atitudes nos braços da mãe, do pai ou da ama, no 16.º dia, não implicam, como consequência necessária, a existência de percepção visual, coisa aliás, inverossímil. Pois, durante muitas semanas ainda, é fácil comprovar ser a criança incapaz de mostrar outra coisa além de simples reflexos ligados a variações luminosas, a movimentos e deslocamentos de objetos. Durante várias semanas, apresenta ainda uma falta de coordenação entre os movimentos dos globos oculares ou das pálpebras, tornando-se difícil a acomodação do olhar. E não será antes de 3 meses que aparecerá a coordenação entre os movimentos da cabeça e os dos olhos, imprescindíveis à fixação e à prospecção. Porém o bem-estar do recém-nascido pode certamente depender dos braços que o acolhem: os do pai ou os da mãe. Suas manifestações variáveis de calma ou de excitação parecem antes relacionadas com a proximidade, com a tepidez ou com o odor dos seios, com a maneira de ser carregada, enfim, com ainda outros componentes de sua atmosfera sensitiva, eventualmente omitidos por nós.

De fato, as primeiras excitações exteroceptivas capazes de suscitar na criança reações significativas parecem ser as auditivas. Ch. BÜHLER⁽³⁾ verifica estar a voz humana, nas três primeiras semanas, ligada ao desejo de mamar, cujas manifes-

(2) P. GUILLAUME, *L'imitation chez l'enfant*, Paris, Alcan, 1925.

(3) Charlotte BÜHLER, *Soziologische u. psychologische Studien über das erste Lebensjahr*, Jena, Fischer, 1927.

tações provoca. Se a voz deixa de se fazer ouvida, o lactente grita, como que frustrado em sua expectativa de conforto alimentar. A mesma associação, porém menos forte, seguramente em razão de uma concomitância menos freqüente, existe entre o desejo de mamar e um ruído de passos ou de um abrir e fechar de portas. Inexiste ainda a intuição seletiva entre os sons humanos e os ruídos materiais. Em torno das necessidades interoceptivas existe um puro agrupamento de reflexos condicionados. As impressões auditivas são as que melhor respondem à passividade do lactente. Ao contrário, a visão é um ato por excelência ativo e investigador. E, por certo, será seu papel ulterior de prospecção diferenciada que, acarretando uma extensa complicação de seus aparelhos, retardará o momento de seu funcionamento eficaz.

Desprovido de iniciativa e limitado a suas funções íntero e proprioceptivas, o lactente reage apenas às excitações reveladoras daquilo que é suscetível de as influenciar. Desta maneira, mantém-se, a princípio, sem reações em face das coisas e mesmo diante de outras crianças. Sensibiliza-se somente na presença de adultos. Na realidade, esta aparente discriminação é apenas uma limitação. As excitações pregoeiras, em geral da satisfação de suas necessidades, são as únicas a despertarem o aparelho sensório-motor da criança. A tudo o mais permanece estranha. As relações de sua vida psíquica com os estímulos exógenos se reduzem exatamente ao jôgo dos reflexos condicionados ou à lei de recorrência, isto é, ao poder que, uma simples anterioridade de tempo de tornar uma circunstância qualquer capaz de suscitar, no futuro, a ação que lhe foi numerosas vezes consecutiva.

No decurso do segundo mês, a criança ainda não é sensível à presença das pessoas, a não ser na medida em que sente, diretamente, alguma conseqüência desta presença. Só chora quando se afastam as que dela cuidavam. Seu regresso as acalma. Aparenta sempre ignorar a presença de outras crianças, chegando mesmo a ficar indiferente aos gritos mais estridentes; isto acontece, sem dúvida, porque disto jamais resultam alterações em sua própria situação. Não obstante, a voz humana que até agora suscitara apenas reflexos alimentares, também começa a provocar o sorriso, ou seja, uma reação puramente mímica. Dêste modo, desponta a função mímica, cujo papel

será capital nas reações da criança diante de seu ambiente e no sentimento que estas lhe darão de sua própria pessoa ⁽⁴⁾.

Entre dois e três meses, o olhar lançado sobre ela adquire a capacidade de fazê-la sorrir. Ao mesmo tempo, por-se-á a responder com gritos aos do vizinho, mas somente aos de um vizinho mais velho (Cr. B.). Aqui ainda, no domínio das manifestações mímicas, sua permeabilidade começa por ser exclusiva. Só ultrapassam o limiar as excitações — nem sempre as mais intensas — que parecem extrair sua força e sua ressonância afetivas de uma fórmula expressiva, sem dúvida melhor organizada ou mais imperiosa. Em face dos adultos, sua sensibilidade dá um passo à frente. As excitações deles provenientes já não têm necessidade de se ligarem atualmente a seu bem-estar ou aos apetites para provocar reações de sua parte. Assumem uma espécie de autonomia significativa. Chora se alguém deixa o quarto ou se afasta sem se ter dirigido a ela, como se pudesse, por antecipação, vincular a uma presença a expectativa de uma mudança em seu próprio estado. Pode, pois, sentir-se frustrada, não somente do que estava experimentando como também daquilo que estava prestes a experimentar. Fica atenta ao ouvir falar e se volta para aquele que fala. Torna-se, por conseguinte, capaz de dissociar em seus complexos sensitivos percepções auditivas, de para elas se orientar, isolando-as ao procurá-las. Antecipação e orientação que já a mostram prestes a identificar, como tais, certas categorias de excitações.

Este progresso não desliza sem um despertar paralelo da atividade visual, o sentido que, a seguir, deverá tornar-se o mais preciso instrumento de discriminação objetiva. Aos dois meses e cinco dias, 0;2(5) ⁽⁵⁾, a criança reconhece o pai a uma distância de 2 metros, ao vê-lo num lugar habitual, mas não o reconhecerá se o encontrar num jardim público (G.). Nessa altura, ainda não o dissociou completamente das situações ou conjuntos em que o percebeu. Aos 0;2(22), estenderia os braços exclusivamente para sua mãe, seu pai, sua ama.

(4) Ver I Parte.

(5) Utilizaremos aqui o processo de anotação proposto por Stern: o algarismo que indica o número de anos vivido aparece separado por ; o do número de meses, e do número de dias a mais colocados entre ().

Aos 0;2(17), faz movimentos de sucção, quando colocada em posição mais conveniente no colo da mãe, mas não tentará pegar no seio a não ser no momento em que o perceber. Desta maneira, a ação só se resolveria quando a impressão visual completasse a situação. A reação deixa de ser puramente global; permanecerá em parte suspensa, por um lapso de tempo relativo à falta do pormenor perceptivo — condição que evitará erros à reação. A visão entrará nos complexos ativos da criança, e desta forma, em sua percepção discriminativa, como garantia contra o erro.

Aos três meses, descortina-se uma nova fase, já prevista no mês anterior. As relações da criança com os circundantes assumirão um caráter de objetividade muito mais nítida. Dependerão dos progressos realizados pela atividade motora e apresentarão dois tempos. No primeiro tempo, sua condição é o melhor equilíbrio e a aparição das sinergias que permitem estabilizar a cabeça e o olhar, ou combinar seus deslocamentos de maneira a manter o objeto no campo visual, quer permaneçam imóveis tanto o objeto como o sujeito, quer um dos dois, ou mesmo ambos, se desloquem. Em seguida, ao cabo do segundo semestre, começa a se manifestar a atividade de preensão, diversificando as relações da criança com o ambiente, ao mesmo tempo na forma e no objeto. Todavia, o fato de maior relevância é, a partir do sexto mês, o desenvolvimento de uma sociabilidade muito mais ativa e mais extensiva, embora sempre dominada, com notável vigor, pela situação recíproca dos companheiros em confronto.

A ascendente importância assumida pela visão no comportamento da criança pode se medir primeiro pela frequência com a qual ela se detém a fixar o que o olhar fortuitamente encontrou. Em geral, são as partes mais móveis, as partes periféricas das pessoas que a cercam: mãos, pés, ou boca, porém ainda não diretamente a própria pessoa, pois a criança sabe ligar-se apenas ao que ingressa em seu campo visual, sem ser capaz de reunir os fragmentos entre si, nem de os integrar no conjunto de onde procedem. A vista se torna igualmente apta a suscitar reações interoceptivas. Aos 0;3(24), vendo uma pessoa estranha dar o seio ao lactente, ela reclama o seio de sua mãe (G.). A ação desencadeada se produz em sua forma primitiva, limitando-se ainda a obedecer a um novo

excitante, sem ser por ele modificada, como acontecerá um pouco mais tarde. Entretanto, o fato da vista se tornar uma fonte de reações empresta a estas uma maior polivalência. Agora, uma pessoa qualquer, ao entrar no quarto da criança, é por ela saudada aos gritos e estes já não ficam reservados para as que a ela estão ligadas através das sensibilidades íntero e proprioceptivas. Por certo, ela ainda se mostra indiferente à presença de outra criança; entretanto, se desta se aproxima e se os olhares de ambas se cruzam, fixa-a amigavelmente (Ch. B.). É-lhe possível, a uma distância de 16 metros, reconhecer a existência de pessoas entre objetos diversos, não sabendo, porém, distingui-las entre si (G.). Só haverá reação diferenciada diante da mãe no caso dela se apresentar sob seu aspecto habitual. Embora mais independente, a percepção visual permanece, portanto, global. O mesmo quanto à audição. Tudo que é voz: canto, repreensão, adulação, tem como efeito uniforme o fazê-la rir.

Entre 4 e 5 meses, surgem os primeiros gestos de preensão. A criança consegue estender a mão para a barba, 0;4(8), para as vestes, 0;4(19-21), das pessoas que a cercam. Mas sua atenção é muito mais freqüente que as tentativas de preensão, absorvendo-se, por exemplo, a contemplar o gesto das marionetes executado à sua frente. Ao lhe ser apresentado um objeto, limita-se, muitas vezes, a fixá-lo ou a fazer gestos dirigidos para si mesma, como o de chupar o polegar ou agarrar os próprios dedos. Somente em 10% dos casos, faz a criança o movimento de pegar o objeto e em 0,08 chega a manipulá-lo e a levá-lo à boca. Na maioria das vezes, estende a mão para outra criança e não para um objeto. Mas as crianças desta idade, quando reunidas, têm por costume permanecer estranhas umas às outras. Há, quando muito, encontros de olhares e de sorrisos.

Porém a atividade sensorial assume, em breve, um grau crescente de autonomia e de diferenciação. Vendo outra mamar, a criança já não se volta para sua mãe mas sim para a nutriz estranha, pretendendo agarrar-lhe o seio com ambas as mãos (G.). Ao invés de constituir simplesmente ocasião para uma reação análoga, a vista fornece pois um objetivo ao ato. Já não se limita a induzir a reação alimentar sob sua forma primitiva. Provoca a atividade da criança no mundo exterior,

para alvos estranhos e para novas adaptações. Opõe ao simples irromper de sua sensibilidade orgânica e de seus automatismos uma realidade fora de si mesma. Ao mesmo tempo, as impressões auditivas também se dissociam dos complexos com que se achavam combinadas. Seus efeitos são menos absolutos e indiferenciados, e mais relacionados com as contingências. Uma voz que se cala já não faz necessariamente chorar a criança. Palavras irritadas começam a provocar seu choro. A excitação causada por uma voz se acalma ao ver a pessoa, isto é, a impaciência pela presença assim anunciada cede diante da presença constatada. A vista tende assim a se tornar, dentre todos os sentidos, a garantia mais segura de uma presença, o sinal mais decisivo da realidade externa.

Até os 6 meses, os progressos não mudam de natureza. A reação da criança à presença de um objeto é ainda, em 50% dos casos, uma simples fixação sem gestos. Em companhia de seus pequenos vizinhos, revela uma espécie de indiferença. Uma criança de 0;5(9), colocada ao lado de outra de 0;5(19) não lhe dá a menor atenção, nem mesmo quando sua própria mão a vem tocar. Outra, de 0;5(17), impassível olha para uma da mesma idade que está a chorar, com a mesma placidez com que olha para uma campainha a tocar. Todavia, se já suprimiu o contágio dos gritos, a vista ainda não suscita nenhuma tentativa de aproximação. Assim pois, uma garotinha de 0;5(8), após ter permanecido sem um só olhar para um garoto de 0;5(9) que estava a chorar, segue-o com os olhos assim que o levam e começa por sua vez a gritar. BÜHLER, a quem devemos estas observações, pergunta se a garotinha só viu o companheiro no instante em que este fôra retirado e levanta a hipótese de que ele até então só havia ocupado a periferia do campo visual da garôta. É mais provável que, no início da percepção exteroceptiva, assim como no início da percepção interoceptiva, as reações do inacabado sejam as primeiras a transporem o limiar da sensibilidade e a despertarem reações afetivas ou motoras.

Observa-se, contudo, um certo progresso com relação ao mês anterior. Ao acontecer olhar para outra, a criança se fixa em sua fisionomia ou em seu conjunto e não mais apenas em suas pernas ou braços em movimento. Já demonstra uma evidente satisfação ao encontrar o olhar da outra.

CAPÍTULO II

SOCIABILIDADE SINCRÉTICA

Com o segundo semestre, surge o período onde as reações em face do outrem atingem seu grau máximo de frequência. De 50% no 6.º mês, a simples fixação sem gestos das pessoas cai para 25% no 7.º, enquanto que os gestos dirigidos para a companheira sobem a 41% e os gestos sobre si mesmo a 28%. Entre o 7.º e o 12.º mês os movimentos dirigidos para outrem são quatro vezes mais frequentes que no primeiro semestre e ultrapassam de um terço a frequência que terão no segundo ano. Trata-se de um período de sociabilidade verdadeiramente incontinente em que, tendo desaparecido o medo que era habitual aos 6 meses, diante de estranhos a criança passa a se relacionar com qualquer pessoa. A respeito das coisas, ao contrário, a menos que não lhe sejam diretamente oferecidas, a atitude contemplativa guarda uma preponderância mantida até os 12 meses (Ch. B.).

Os gestos de apreensão, ao se multiplicarem, contribuem para essa efusão contínua da criança sobre outra. Porém diferenciam-se com gestos amenos e gestos competitivos, sob influências psíquicas tradutoras já de relações interindividuais de proteção ou de rivalidade. Igualmente as reações vocais do lambdacismo que se exacerbam a partir do 8.º mês indicam, sem dúvida, a manifestação de uma nova função, revelável em razão do seu exercício. Ao mesmo tempo porém essas reações se matizam, diferentemente, segundo a situação psicológica e parecem pretender significá-la. A mímica torna-se expressiva. Os olhos se procuram, os olhares trocados são inteligentes. Enfim o sorriso, a princípio despertado pela voz humana, termina por se afirmar como um reflexo exclusivo de sociabilidade.

Já não é apenas provocado pela voz, mas também pelo encontro do olhar com o do adulto ou duma outra criança. Na criança mantida isolada, sem contato humano o sorriso não despontará, mesmo que diante dela se desenrolem cenas que a distraiam, como por exemplo, um gatinho (Ch. B.).

A sensibilidade social da criança representa portanto elemento essencial dessa idade. Nos primeiros meses pareceria implicada pelas suas necessidades orgânicas. Durante o segundo semestre, dela se desembaraça como de algo específico. Já munida de vários meios de expressão, essa sensibilidade sobrepõe as relações sensorio-motoras da criança com os objetos do mundo físico. É fator ao qual torna-se necessário conceder um lugar especial na sequência de sua evolução. Suas manifestações são no início, como nos primórdios do comportamento íntero-proprioceptivo, exclusivas e rigorosamente determinadas pela situação. Um exame dos diferentes aspectos dessa sensibilidade social mostrará melhor a natureza da mesma.

As atitudes recíprocas das crianças deram lugar a um estudo deveras interessante de CH. BÜHLER (obra citada). No consultório para lactentes, enquanto as mães aguardavam o atendimento, ela pegava as crianças e as colocava duas a duas, face a face, observando cada um dos seus gestos. Dessa maneira recolheu numerosos exemplos, de grande utilidade. A própria psicóloga constatou não dependerem as reações de cada criança somente da idade, isto é, de suas aptidões brutas, mas serem também determinadas pelas do seu companheiro, ou seja, resultarem de uma relação em que cada uma parecia perder a autonomia e receber seu papel da estrutura ou situação da qual participava.

Essa estreita subordinação das atitudes individuais à fórmula do grupo pareceu-lhe comparável à observada por SCHJELDERUP EBBE entre os galos. Os mais jovens sofrem maus tratos por parte dos mais velhos e se deixam expulsar sem revolta nem inquietação aparente, como se pudessem se furtar à impressão de uma inelutável dependência. Mais adiante RÉVÉSZ⁽¹⁾ descreveu coisa análoga entre os macacos.

(1) G. RÉVÉSZ, *Zeitschrift f. Psych.*, CXVIII, 1-3, p. 142-162, 1930.

O animal mais forte é temido por todos os outros, a ponto destes se mostrarem insensíveis a qualquer atrativo oferecido, ainda mesmo que ele se encontre ocupado com uma presa na outra extremidade da jaula. Sua atenção, temerosa, se divide entre o despota e o atrativo. Um outro, em sua ausência, toma-lhe imediatamente o lugar, mas quando ele volta, retorna ao grupo dos animais domesticados. Acontece que um mais jovem conserva privilégios, até o dia em que estes não são mais tolerados pelo tirano, e do qual recebe um castigo severo. Sem dúvida a supremacia do mais velho ou do mais forte sobre os demais é conquistada uma vez por todas, porém o é pelo emprego da força, e tal explicação parece suficiente. Com as crianças isso se passa doutro modo, conforme observações de BÜHLER.

Sendo duas crianças colocadas lado a lado, provavelmente entre ambas haverá ausência completa de relações, isso acontecendo, justamente quando a diferença das idades for considerável. A mais velha não revelará interesse pela mais jovem, mesmo que fosse para exercer sobre ela seu despotismo. E por sua vez a mais jovem já nem sabe admirar a mais velha. As duas atividades permanecem sem ressonância mútua. Debaixo dos gestos aparentes, a primeira condição para o estabelecimento de relações entre as jovens crianças, muito jovens, é pois a existência de um mínimo de acordo entre as suas maneiras de reagir. Acordos cujos componentes são, talvez, difíceis de serem apreendidos. Todavia, é fácil imaginar-se, que na idade onde duas atividades são apenas complementares, que elas não possam realizar um conjunto psicodinâmico quando são heterogêneas demais, ou em outras palavras, que não possam se encadear entre si por estímulos recíprocos, pelo menos de uma certa concordância de interesse, de expressão, de ritmos e de gestos.

A diferença das idades não pode ser, com efeito, compensada senão no momento em que a criança se capacita a conquistar sua personalidade em face das circundantes e das situações das quais participa, isto é, por volta dos três anos. Nesse momento mostrar-se-á capaz de intenso interesse pelos mais jovens. Tomada de surpresa por essa novidade, revelará com frequência, uma solicitude trepidante ou ficará absorta diante dos lactentes. Aparentará exaltação por saber opor a

existência dêles à sua própria que aprende então a decifrar; provoca idêntica exaltação a oposição que faz entre a canhestria dêles e as forças de que percebe poder dispor e usar à vontade. Antes dos três anos, relações entre crianças de idades diferentes só se estabelecem por intermédio de adultos ou de crianças mais velhas.

Nos limites da idade onde podem se produzir reações recíprocas, existe obediência a condições bem determinadas. Antes dos seis meses, o período de acomodação sensorial não tendo ainda cedido lugar ao da apreensão, a criança representa, quase exclusivamente, o papel de expectador. Se por acaso toca no vizinho, habitualmente não parece disso se dar conta; porém um gesto recíproco do seu vizinho ajuda-la-á a dêle tomar consciência: 0;5(1) toca no pé de 0;7(5) que responde batendo no pé de 0;5(7) com o seu brinquedo. Além disso, desde essa idade podem se produzir gestos de aproximação e de troca: 0;5(17) pega no brinquedo e o estende para 0;6(28), e em seguida o pega de novo. Dessa maneira a contemplação deseja apenas exteriorizar-se. Revela ser tôda impregnada de um sentimento de presença. Trata-se antes de comunhão ou participação que de pura contemplação.

A atitude inversa e complementar consiste em se oferecer como espetáculo. É obra do mais idoso: 0;7(17), olhada pela 0;5(28) agita o chocalho intensamente, feliz com o efeito produzido. A criança de 0;8(10) tendo pegado o brinquedo depois de tê-lo disputado a 0;7(10) o agita tôda triunfante diante dêle. Para aquêle a quem a idade confere iniciativa é dinamogênico o sentimento de presença. Porém entre o espectador e o executante, o ato por assim dizer se torna indiviso; 0;6(26) não podendo possuir o brinquedo, segue atentamente os jogos de 0;7(2), com quem está o mesmo. Os papéis se distribuem segundo a lei da idade, porém os dois parceiros são igualmente cativados pela situação, nascida de sua vizinhança recíproca. São por ela confundidas entre si: o que se está exibindo fica como que excitado pela expectativa do outro, cujos olhos estão prêso a êle.

Com crianças em geral mais velhas e cujas manifestações devem ser de um grau mais evoluído, a situação, conquanto ainda indivisa suscita gestos nos dois parceiros: o de 0;10(26) tendo feito diversas tentativas vãs para arrebatá-lo o brinquedo

do companheiro de 1;1(3) agita seu cavalinho como se fôsse um chocalho e parece espantado por não ouvi-lo produzir nenhum som. A de 0;8(7) não podendo arrebatá-lo o chocalho de 0;6 acaba por levar à boca os dedos como para mostrar-lhe o que deve ser feito. O ato relacionado à situação resultante do contato estabelecido, ao mesmo tempo, entre as duas crianças e com o brinquedo assume aqui uma espécie de autonomia e, para se executar, pode substituir por um objeto qualquer aquêle de que teria necessidade, ou mesmo dispensar qualquer objeto, limitando-se apenas a um simulacro. Embora já tendo tomado forma e realidade, ela ainda não se subordina, estritamente, às suas condições objetivas ou espaciais. Além do mais, permanece como que flutuante entre o que pode e o que não pode efetivamente executar. A individualização do gesto desperta por uma situação precede a dos companheiros.

Um pouco mais tarde, são êles que parecem se individualizar, ou melhor, são antes seus pontos de vista recíprocos. De um modo geral estão ou de acôrdo, ou em conflito. Essas duas situações contrárias comportam porém gradações. O acôrdo pode se apresentar sob os aspectos de uma concessão, da compaixão, do desinteresse. O detentor do brinquedo pode abandoná-lo diante das investidas e das solicitações do seu parceiro; pode ser como que conquistado pelo desejo manifestado pelo outro: 1;2(29), em presença de 1;2(9) que está ansioso pelo carrinho com que êle está brincando, entrega-o ao companheiro e lhe estende sucessivamente todos os brinquedos ao seu alcance, após os ter apresentado ao adulto presente. Dessa maneira, dominada pela situação afetiva que a une ao seu favorecido leva-o a participar, gradualmente, de tudo aquilo que a envolve, objetos e testemunhas. O gesto ultrapassa, ao mesmo tempo, o cobiçador e o objeto cobiçado. A relação nascida do contato entre as duas crianças se traduz por si mesma; reina indivisa nas suas relações de momento e confunde, sob a confusão de seus efeitos, a ocasião inicial. Enfim o brinquedo será oferecido e mesmo imposto ao vizinho pela criança que não mais o quer. A participação pode, assim, lentamente mudar de sinal, de receptiva tornar-se-á ativa, de cortês passará a autoritária.

A oposição também possui suas nuances e seus graus. Traduz-se, por vêzes, em despotismo ou em rivalidade. Se-

gundo BÜHLER, essa rivalidade não se manifesta jamais entre duas crianças cuja diferença de idade ultrapasse dois meses e meio, isto é, que tem como limite jamais atingido o têrço de um ano. Para o despotismo, ao contrário, na metade dos casos, a diferença ultrapassaria três meses. É atitude do mais velho, salvo em 3 das 24 observações. Em dois casos se tratava de garotinhas que dominavam seu parceiro, embora este fôsse mais velho, e no terceiro, circunstâncias puramente fortuitas favoreceriam uma criança seis meses mais jovem que o companheiro. Dessa maneira, quase sem exceção, as condições de idade predominam sobre as disposições individuais.

A rivalidade pode ser competição de divertimento. Porém ora se liga deveras a um objeto; ora este é apenas um pretexto. Entre duas crianças a disputarem um brinquedo determinado e duas outras que disputam cada coisa que uma delas tenha nas mãos, observam-se todos os intermediários. O mesmo par com frequência transpõe muito depressa a relação psicológica nascida do próprio par absorvendo, gradativamente, toda a situação. Em geral, a rivalidade também é direta e imediata. As duas crianças procuram se dominar mutuamente e se bater, seja por brincadeira, seja com animosidade. Um sorriso de triunfo marcará talvez a satisfação por ter superado o adversário, porém a partir apenas, de oito meses.

O despotismo é o sentimento de superioridade buscando se exercer sob sua forma pura. Ainda é em essência participação, pois se baseia, não mais precisamente na derrota do adversário, porém no sentimento que tem este de sua derrota. Será incompleto se não houver assentimento reconhecido ou suposto por parte do vencido. De fato, é primitiva essa tósca necessidade de dominação. Numa mesma situação sentimental, isso reside na falta de autonomia, diante do outro, na confusão inicial de si com o outro. Verificado o acôrdo ou o conflito dessa assimilação sentimental, nem por isso a situação se torna muito mais complicada. Além disso o despotismo não implica necessariamente maus tratos ou hostilidade. Uma criança por simples divertimento e provocação toma, dá e torna a tomar um brinquedo daquela que se compraz em sentir sob a sua dominação. O despotismo com frequência ainda é mais bonachão. Exige tão-somente demonstrações de assentimento ou de admiração. Ao se exhibir, a criança não mais se contenta em

ser apenas contemplada: sua atividade necessita do acompanhamento de uma outra atividade que a aprove ou que se ponha a seu serviço. O déspota não poderia ser um tirano sem a docilidade do outrem; dela é ávido e dependente.

Existe a contra-partida do despotismo. É provável constituir uma verdadeira estupidez essa suposta submissão; o companheiro suporta tudo; sem reação, deixa-se despojar ou bater. Ou então produz-se a angústia: gritos e espasmos, perdendo o despotismo seus direitos. A angústia pode mesmo ser antecipada, por exemplo em crianças aterrorizadas pelo fato de se verem separadas da mãe ou surpreendidas pela novidade do meio. Retesadas e aos gritos permanecem alheias a toda participação, e a toda situação psicológica. Outras revelam atitudes defensivas, de esquiva, não se deixando absorver nem pelo objeto nem pelo companheiro, desviando-se obstinadamente de tudo aquilo que não lhes desperta interesse.

Também pode ocorrer serem as relações invertidas em favor do mais jovem, em razão de sua exuberância motora e dos gestos sob os quais ele não cessa de subjugar seu companheiro. Igualmente o são devido a uma excessiva sociabilidade do mais velho, que se comporta com relação ao mais jovem, como diante do adulto, numa tentativa de aprovação, multiplicando os sorrisos, os gestos conciliatórios, atenciosos e submissos. Dessa forma não pode deixar de suscitar a atitude inversa e complementar em seu antagonista, isto é, a da superioridade exigente ou condescendente. Lógico, por assim dizer, automática das situações afetivas. Acôrdo ou reciprocidade das atitudes afetivas sem outra razão de existência além desse acôrdo ou dessa reciprocidade.

CAPÍTULO III

SINCRETISMO DIFERENCIADO

I — O CIÚME

O estado de combinação com outrem, expresso por uma situação efetiva, explica manifestações de aparência muito complexa e não obstante de aparição precoce, tais como o ciúme e a simpatia. Não implicam, como aliás em geral se admite, naquele que os apresenta, a noção anterior de personalidades nitidamente distintas da sua. Ao contrário, ao se produzirem, há regressão para um estágio de relativa indiferenciação. Explicam-se a partir do binômio contemplação-ostentação. Houve porém progresso. Os dois pólos da situação, ao invés de ainda serem simplesmente complementares e situados em dois indivíduos distintos, integram-se no mesmo. A contemplação se acrescenta o sentimento ou a necessidade de ser aquele que age ou aquele que se exhibe. Ainda participação porém contrastante, prenunciadora do momento da individualização. Solicitado entre dois pólos cuja aproximação em sua própria sensibilidade faz surgir a oposição, o indivíduo está bem próximo de sentir a necessidade de se concentrar em um e de cristalizar em torno do outrem, um personagem diferente de si mesmo.

O mecanismo dessa etapa, marcante da transição entre a sujeição total às relações resultantes da situação afetiva e a discriminação nítida das pessoas em foco, pode se tornar evidente pelo exemplo oferecido pelos meus dois cãesinhos. Um dos dois, ao ver acariciar sua companheira, esboça gestos e mímicas de contentamento semelhantes aos que faria no caso de ser ele o acariciado. Não mais se encontrando no estágio de

contemplação pura, significa pois ter evoluído para o lado da simpatia. A cachorrinha mimada, de bom grado fixa os olhos no cachorro, mostrando-se tanto mais feliz por ter uma testemunha para sua satisfação. Ao seu prazer associa o de estar sendo contemplada. Se ao inverso, o cão é acariciado diante dela, gostaria de contemplar sua contemplação pelas carícias a ele dispensadas. Até há pouco despreocupada ao receber essas carícias, entretanto agrada-lhe agora estar no lugar do cão e se atira sobre ele. Acha-se tomada pelos dois pólos da situação. Incapaz de se associar, em surdina, à parte do outro, sente-se frustrada. Torna-se ciumenta.

Na criança as primeiras reações de ciúme, em geral, se observam, aos 9 meses. GUILLAUME registrou-as aos 0;7(19). Nos primórdios, são muito uniformes. A criança grita, chora, se agita, puxa a orelha, ao ver um adulto se aproximar de outra criança, pegá-la e dar-lhe o seio (Ch. B.). De modo mais raro, tem ciúme de um adulto 0;9(28) por exemplo, quando sua mãe finge abraçar seu pai; ou à de 0;10(13) ao vê-la colocar a cabeça no ombro do pai, ela tenta se interpor entre os dois. Pode ser, eventualmente, ciumenta de um objeto: a de 0;9(21) pega e atira longe a boneca acariciada pelos pais. Nesses três casos, citados por GUILLAUME, é possível que a cena representada em sua intenção a tenha sensibilizado. Pois evidentemente, o lugar que pretende assumir é o daquilo que mais se assemelha, isto é, o de outras crianças que lhe estão próximas, quer pela idade, quer pela condição.

O ciúme adquire, com o decorrer do tempo, formas e motivos correspondentes aos progressos da idade. Com 1;9, uma garotinha não quer mais que se confeccione um vestido para sua boneca (G.): analogia de situação já menos imediata e mais complexa. Aos 2;1, com frequência, acontece que ao invés de buscar substituí-la fica arrufada e carrancuda: fato novo e de grande importância. No conflito entre a contemplação e o desejo de ação, esta irá, decididamente ser inibida, recalcada, surgindo a angústia. Entre a rivalidade ativa e a ruminação dolorosa, quem predomina é a segunda. Acantonando-se em sua atitude de espectador, o autêntico ciumento se nutre de espetáculos mortificantes com uma avidez áspera. Sua própria existência é invadida, tumultuada pelos êxitos do próximo; não mais sabe desvencilhar-se da imagem dele man-

tendo-a confundida com a própria substância; sendo que o revelado por essa imagem o faz sentir-se como que despojado de uma parte essencial de si mesmo. Portanto, persistência de uma confusão entre si e o outro que a rivalidade não consegue diluir e substituir.

Sem dúvida ocorre que de uma contemplação, de uma ruminação muito tempo contidas irrompe um gesto para afastar ou castigar um rival. Porém, com muita frequência, ainda se verifica permanecer o ciúme fiel a si mesmo. Se por acaso culmina num ato, este será ora um suicídio parcial, frequentemente seguido de suicídio total, pelo fato do ciumento não encontrar saída para a angústia senão aniquilando aquilo que sente como devendo ser seu sem conseguir e, por vezes, sem mesmo desejar efetiva ou exclusivamente apropriar-se daquilo, aniquilando-se em seguida a si mesmo. Ora complacente para com sua angústia, ele a alimentará com torturas infligidas à parte de si mesmo colocada no objeto cobiçado. Para se infligir um auto-sofrimento tornar-se-á o carrasco do ser amado.

"A crueldade não é senão uma simpatia sofredora", disse STENDHAL no *L'Amour*. O sadismo é a procura do sofrimento em outrem sendo porém um sofrimento experimentado também por seu causador, até as raízes do prazer e da dor⁽¹⁾. Fala-se em prazer, apenas na decorrência dessa confusão existente entre si e o outro que constitui o fundo do quadro do ciúme. O espectador, de passivo, torna-se nesse momento ativo, sem deixar de ser espectador. Contempla no objeto a impressão por ele próprio nele produzida e exaspera sua sensibilidade pessoal através dos sofrimentos provocados no outro⁽²⁾.

No ciúme genuíno prepondera o masoquismo. Para alguns Otelos quantos *Cocus magnifiques* confidenciais! Contempladores ávidos de tudo que parece lhes demonstrar terem outros se apropriado do ente no qual, prazerosamente, depositaram o mais íntimo do seu ser, procuram apenas — graças às suspeitas, vigilâncias, visões hipotéticas ou reais, estimular a ansiedade, e por intermédio desta, com frequência, o prazer sexual. Assim se explicam muitos dos "triângulos amorosos".

(1) Henri Wallon, *L'Enfant turbulent*, p. 276 e seguintes.

(2) Henri Wallon, *L'Enfant turbulent*, p. 276 e seguintes.

Dessa forma o ciúme, sob suas diversas complicações, constitui, essencialmente, uma regressão a um estágio no qual o participante de uma situação afetiva resente as atitudes complementares da mesma. Sem ainda saber isolar suficientemente a que lhe é inerente, deixa-se dominar, interiormente, pela que o despoja, disso experimentando uma ansiedade da qual, com frequência, ele se faz, mais ou menos, cúmplice. É o sentimento de uma rivalidade naquele que só reage como espectador, possuído pela ação do rival. Trata-se, pois, de uma simpatia sofredora e passiva.

CAPÍTULO IV

SINCRETISMO DIFERENCIADO

II — A SIMPATIA

Ampla é o campo de manifestações da simpatia; mister se faz distingui-la, ao mesmo tempo, do mimetismo afetivo do qual procede e, conforme mostrou W. STERN, do altruísmo que, em parte, dela procede. Já o indivíduo, assim, não sofre pura e simplesmente o contágio das emoções, expressas no seu ambiente. Se porventura sofre o império da emoção, tal não acontece sem uma certa redução de seus efeitos, mostrando-o como que dividido entre a emoção e sua própria situação, onde nada a justifica. Diante da emoção o indivíduo se revela, ao mesmo tempo, incapaz de se opor como se ela fôsse estranha a ele e de a realizar integralmente. Além disso, não reage sempre de modo exatamente similar, por vezes, porém, também de maneira complementar. Participa simultaneamente de duas situações, sem ainda poder dissociar os dois pontos de vista. Eis porque a simpatia se distingue do altruísmo. Pois neste é a existência ou a personalidade do grupo que lhe confere uma razão de agir e muitas vezes o levar ao próprio sacrifício, tendo dêste plena consciência. O altruísmo implica uma individualização de si e do próximo capaz de permitir discernir, confrontar, combinar entre si os respectivos interesses.

Observar o eclodir da simpatia na criança indica o controle das fontes que a fizeram surgir. Ilusão freqüente representa a procura dos princípios da existência da vida psíquica na análise das suas mais evoluídas e mais recentes manifestações. Dar-se-ia a inversão do problema ao se querer reconstruí-

-la com os elementos que dela são o produto, os quais entretanto, em suas origens, ainda não estão diferenciados. Seria o mesmo que recompor o embrião com os tecidos do adulto. Em geral, é comum considerar-se que para simpatizar, basta a própria pessoa ter passado por uma série de experiências subjetivas, reconhecer os sinais das mesmas nos outros e se colocar em harmonia, ao reviver suas próprias impressões. Se a experiência íntima constituir o fato primitivo, se a transferência de si para o outro ou *emfühlung* lhe fôr secundária, e se houver como intermediário uma prévia constatação dos indícios reveladores das disposições psíquicas, será completamente incompreensível a rápida e luxuriante expansão da simpatia entre um e dois anos.

A) — MIMETISMO AFETIVO E SOCIABILIDADE

Alguns autores cuidadosos em não invocarem como causas primárias na explicação psicológica a consciência ou outras intuições, mais ou menos elementares e obscuras do mesmo tipo, nem por isso deixaram de cometer o erro de colocar as origens da simpatia entre as atividades que lhe são posteriores. Por exemplo GUILLAUME, ao estudar a imitação, sustentou que, longe de poder contribuir para despertá-la, a própria simpatia, ela mesma, é o simples resíduo de ações passadas, cujo completo ressurgir estaria, atualmente, inibido. Tal tese se inspirou, talvez, naquela pela qual DARWIN tentou, reduzir a expressão das emoções ao vestígio de movimentos, outrora úteis, tornados entretanto supérfluos nas atuais condições de existência. Faltaria porém provar a existência anterior desses movimentos ou ações. E veremos que na criança ela é inadmissível na idade em que se produzem as primeiras manifestações de simpatia.

No entanto, de modo inverso, se coloca a psicóloga BÜHLER ao sugerir que a simpatia se relaciona aos mecanismos muito precoces e contemporâneos das primeiras manifestações através dos quais, já de muito longe se anuncia. Observando que, a partir de 2 meses, o lactente começa a responder por gritos aos do seu vizinho, por um sorriso ao da mãe, lembra BÜHLER as associações condicionais produzidas sob a influência das necessidades próprio ou íntero-ceptivas, a estabelecida,

por exemplo, entre o ato de mamar e a voz humana. Em ambos os casos tratar-se-ia de reflexos condicionados. A única distinção residiria no fato de que no caso de concordância mímica, as associações seriam adequadas e inadequadas no caso das reações de origem íntero ou proprioceptivo. Diferente o resultado não seria também diferente a origem? Como se explicar condicionalmente os gritos causados num lactente pelos de um outro não obstante estarem os dois completamente sem condições recíprocas de modificar a situação? Na realidade as associações ditas inadequadas são, perfeitamente, adequadas às situações já comuns à criança. E as reações chamadas adequadas deveriam ser antes qualificadas de consoantes. Não foram ligadas entre si pelo encontro de determinadas circunstâncias com a satisfação de uma necessidade. Por possuírem uma espécie de concordância dinâmica suscitam-se uma à outra. O fato é tanto mais verossímil quanto precisa existir entre as duas crianças uma certa concordância de idade, a fim de que se realize o efeito.

Embora apreciável a tentação de reduzir ao menor número possível de fatos elementares e específicos a explicação das coisas, parece, entretanto, inevitável incluir em meio a esses fatos o caráter contagioso das manifestações afetivas. Isso é observado, precocemente, na criança, sem possibilidade de descobrir-lhe um mecanismo, de certa forma, extrínseco e contingente. Nos animais, pode ser de verificação freqüente. KÖHLER⁽¹⁾ apreciou a excitação alegre de um chimpanzé propagar-se em gestos idênticos a todos os macacos presentes. O medo de um carneiro desencadeia pânico no rebanho inteiro. O pio de um pássaro repercute, como onda crescente, no viveiro.

Não são simples descargas brutas tôdas essas manifestações. São organizadas. Possuem, no sistema nervoso, centros especializados. Correspondem pois a uma função. Esta porém não possui nenhum interesse para as relações do indivíduo com o mundo físico; bem ao contrário: com freqüência, compromete tais relações⁽²⁾. Como a plumagem ou o canto do

(1) *L'intelligence des singes supérieurs*, trad. GUILLAUME, Alcan.

(2) Para a exposição destas idéias, aqui sucintamente resumidas.

macho, de um lado, como a linguagem articulada de outro, não implicaria a existência de parceiros eventuais? Situada entre os dois, seu efeito seria provocar reações no outro. Nesse estágio essa função ainda faz parte das maneiras de ser do indivíduo assim como os atributos sexuais; todavia, essas maneiras de ser já perderam seu caráter permanente e variam segundo as circunstâncias e disposições íntimas. A elas entretanto continua a função tão estreitamente ligada que não pode ser utilizada de modo objetivo e independente como a linguagem. Inapta a se modificar sem que todo o comportamento do sujeito se modifique, simultaneamente incapaz de exprimir realidades exteriores, ainda total e global em cada uma dessas manifestações, que outro efeito poderia ter senão o de provocar reações análogas, em outrem? Incapaz de propor objetos variados à atividade do próximo como faz a palavra, limitar-se-ia a assegurar a harmonia das reações e dos impulsos entre os membros do grupo. Essa necessidade elementar, porém capital, o teria feito desenvolver-se e a seus meios de expressão.

De fato, fica realmente evidente comprovar-se que o cuidado em realçar e cultivar as manifestações afetivas é maior à medida que se trate de sociedades onde o estado ainda rudimentar da técnica exija dos indivíduos mais união dos esforços físicos e que a indigência dos motivos intelectuais faça ainda mais indispensável a ação das relações afetivas. Nada de importante se realiza sem cerimônias que disfarçam cada um dos atributos ou de máscaras apropriadas a emprestar um aspecto impressionante à fisionomia e que, submetendo todos aos mesmos gestos e aos mesmos ritmos, os façam participar dos mesmos arrebatamentos afetivos, da mesma exaltação emocional. Dessa maneira prossegue, de certa forma artificialmente, o desenvolvimento e a diversificação dos recursos oferecidos pela mímica para dar a todos, conforme as circunstâncias, a mesma figura, as mesmas atitudes e, portanto, as mesmas reações.

Não nos surpreende se dessa cultura sistemática resultem, de um povo para o outro, certas diferenças e por conseguinte um certo grau de incompreensão mútua ou mesmo certas incompatibilidades de humor. De modo inverso DARWIN verificou que a simpatia da criança vai aos elementos do seu grupo e não ao homem em geral. Dessa diversidade tira-se a conclusão de não serem as manifestações mímicas baseadas na fun-

ção primitiva e natural e equivaleria a concluir-se da diversidade das línguas, que a função da linguagem não possui na espécie humana fundamento biológico.

B) — PLASTICIDADE POSTURAL E FORMULAÇÃO MENTAL

Por certo, a mímica e suas manifestações podem buscar acessórios no mundo exterior, podem mesmo nêles desenvolver ações dramáticas e cenas figuradas; seu fim e seu objeto não pertencem ao mundo exterior; estão nelas mesmas. Aproximam-se mais da representação que da ação. Todavia é uma representação ainda fundida ao seu objeto, êste sendo o sujeito, que percebe nela suas próprias disposições, e percebendo por seu intermédio, os outros em si mesmo e êle próprio nos outros. Antes de ser uma representação, é uma formulação correspondente a uma determinada situação. Consiste em atitudes apropriadas e se resolve nos estados diferenciados de tensão, de que são feitos essas atitudes. Libera-se não por atos de alvo externo ou por automatismos utilitários, porém com gestos plásticos, por ritmos, por contorsões ou espasmos. Procede imediatamente das funções posturais exercidas por elas mesmas⁽³⁾. A mímica não é senão a função postural apropriada às necessidades das relações afetivas entre indivíduos.

A função postural é função de acomodação. Acomoda o organismo às reações ordenadas pelas circunstâncias; acomoda os órgãos sensoriais aos objetos que passam no campo da percepção. O espetáculo dessa dupla acomodação vê-se bem no gato, prestes a saltar sobre o pássaro do qual êle espia os movimentos, ou trepado no muro, ao aproximar-se o cão que êle está espreitando. Essa expectativa desenvolve uma sensibilidade, diversa em ambos os casos, visto como se resolve no automatismo do ataque ou da fuga, podendo também, ocasionar reações de uma outra natureza: contrações circulatórias, respiratórias, vocais, eriçamentos de pêlos, frêmitos, que parecem próprios, sobretudo, a levá-la ao paroxismo e dotados de uma grande força de expressão. Assim pois o comportamento se

bifurca. Diante de uma ação imediatamente útil, é a mímica que pode predominar. Não pode porém se constituir como sistema de reações, a não ser que tenha também sua utilidade. A única aparência é que embora provocando a sensibilidade que a alimenta — sensibilidade postural, afetiva, emotiva — ela exerce uma ação sobre outrem, ação de intimidação, de atração ou não. Graças à influência do próximo, ela se desenvolve e continua a reagir como que de maneira reflexa; sob a influência de outrem faz surgir os estados afetivos, ou sejam as premissas da consciência. Através de suas reações mímicas realiza pois a criança, com a aprendizagem de sua própria sensibilidade, a aprendizagem do meio vigente que as estimula conferindo-lhe sua impressão. Pela mímica, ao adquirir a intuição de suas próprias disposições, começa por se confundir com o ambiente.

Não obstante, a acomodação algo automático e global, resultante da mímica já constituída, vem se acrescer, um pouco mais tarde, uma acomodação mais autônoma e mais diferenciada. Repetidas vêzes ocorre que o garotinho se absorve em olhar aquilo que o interessa como se nisso estivesse incorporado. O filho de PREYER, por exemplo, permanece como hipnotizado à vista de um pássaro pipilando diante dêle, e imita-lhe o pio no instante em que o levantar do vôo da ave interrompe sua contemplação. Dir-se-ia tratar-se de uma impregnação postural resolvida num gesto de imitação. Do mesmo mecanismo parecem resultar diferentes fatos de experiência corrente lembrados por GUILLAUME⁽⁴⁾. Ao seguir o esforço de um atleta, cada um dos assistentes sente a contração dos próprios músculos, modificação na respiração, e a críspação da fisionomia. Acontece até aparar em si mesmo o golpe desferido no outro, de se apalpar no lugar onde o outro fôra machucado e, perdendo o equilíbrio, executa, em si mesmo, um movimento compensador. A cena contemplada abole a distinção entre o si e o outro, pois, a tendência primitiva é imitá-la, nem sempre em gestos mas em atitudes, é vivê-la subjetivamente. Entretanto, para GUILLAUME, essas atitudes constituem a forma reprimida de gestos já conhecidos e anteriormente executados. A imitação não poderia ser de origem íntima; só pode utilizar movimentos familiares e modelos exteriores.

(3) H. W., *ibid.*

(4) *L'imitation chez l'enfant*, Alcan, 1925.

Muitos fatos porém demonstram o contrário. A reprodução literal, traço por traço, gesto por gesto, é uma operação difícil, relativamente rara e tardia. Na criança em particular, a imitação irrompe de sua pasticidade interna, por vezes após um tempo mais ou menos longo e silencioso. Não significa pois a simples e direta réplica do modelo. A criança fascinada pelas cambalhotas de um palhaço, somente depois de dois ou três dias de hesitação, arriscará reproduzi-las. A modelagem de suas aptidões, iniciada com a atenção dispensada às evoluções do palhaço, as quais parecem se gravar nos seus músculos, tornar-se-ia suficiente graças a uma acomodação gradual do seu aparelho motor. Realiza-se sem gestos, numa espécie de recolhimento. Efetua-se tal acomodação naquilo que precede o movimento, nas atitudes silenciosas que a preparam. Nem por isso se trata de um poder oculto, mas sim de uma pré-formação motora, sem a existência da qual muitos fatos de aprendizagem motora seriam inexplicáveis. O movimento é então o desabrochador de uma espécie de formulação íntima.

C) — DO MIMETISMO AFETIVO ÀS MANIFESTAÇÕES DE SIMPATIA

Entre tôdas as formas de reações que unem a criança ao outro, as correspondentes à simpatia propriamente dita representam um certo nível no seu desenvolvimento. Por sua vez este nível sucede ao do simples mimetismo afetivo. Se desde o terceiro mês, sob determinadas condições, ainda muito exclusivas, o choro induz ao choro, o sorriso ao sorriso, o mimetismo afetivo pertence ao segundo semestre, isto é a idade na qual se iniciam, também, as manifestações das emoções diferenciadas ⁽⁵⁾.

STERN observou que dos 6 aos 8 meses a criança acolhe a mãe, abrindo-lhe os braços, sejam quais forem as circunstâncias; sua fisionomia, nos últimos meses do primeiro ano, reflete atitudes diversas da pessoa que ela olha, podendo assumir alternadamente, uma expressão amistosa, sorridente, hostil ou

(5) Ver I Parte.

severa. SULLY notou que aos 0;9(12) a criança chora quando a mãe chora. Seria prematura concluir haver simpatia nesse contágio mímico. Não obstante não se pode negar despertar êsse contágio sentimentos que lhe são correspondentes. São experimentados porém por êles mesmos e, como as emoções, absorvem totalmente o sujeito, sem ainda implicar no tipo de desdobramento já esboçado na simpatia pela diversidade das situações e das pessoas.

No segundo ano, tem início êsse desdobramento. Revela numerosos graus, supondo ainda a simpatia, uma confusão parcial de si com o outro. Todavia, tal não existiria não houvesse já a manifestação do sentimento de uma certa diferença. Sem dúvida, inexistiu um banal acaso no sincronismo comprovado entre as primeiras interpelações sobre lugar e as indagações sobre simpatia ⁽⁶⁾. Sob um duplo aspecto, é a criança empenhada em aprender a dissociar, a destacar de si mesma o que a sua percepção une à sua vida, a fim de distribuí-lo, fora dela no espaço e de se lhe opor como uma existência singular. Desde o aparecimento da simpatia, algo de mais objetivo, manifesta-se em suas condições. Embora a participação afetiva ainda pareça total e provoque reações a ela relacionadas, não se trata, contudo, de uma aceitação cega da emoção. Mesmo se o espectador ainda vier a assumir o papel do interessado, as duas atitudes, entretanto, se processam agora de modo frontal e o sujeito já sabe, mais ou menos, dirigir-se de uma para a outra.

Nos primórdios a simpatia pode se manifestar nos dois sentidos contrários, isto é, no centrífugo e no centrípeto. No primeiro caso, a criança transfere o objeto habitual de seus próprios desejos ou de seus temores para aquele que suscitou sua compaixão. Aos 1;2 ouvindo uma outra criança chorar diz à mãe: "Mamã; Mamã" e, por uma confusão de pessoa própria a êsse estágio, substitui-se a ela, belisca sua própria roupa à altura do seio e faz menção de oferecê-lo à criança. Três meses mais tarde, nas mesmas circunstâncias, sendo a confusão agora mais tênue, ensaia desabotoar a blusa de sua mãe, dizendo-lhe: "Nenem chora. Dodói mamar" (G.).

(6) H. W., "L'interrogation chez l'enfant", *Journal de Psychologie*, XXI, 1-3, 1924, p. 176.

Na forma centrípeta reage ao que interessa ou ameaça o outro como se se tratasse d'ele mesmo. Aos 1;2 chora se alguém se aproxima de um objeto do qual tem medo, afastando-se do mesmo. Aos 1;2(25) diz "chega", afastando-se ao ver o pai entregar-se a abluções feias. Com 1;4(22) mostra o pé, dizendo, em tom lamentoso, "dodói", ao ouvir alguém referir-se a uma dor no pé. Por volta de um ano, chorando refugia-se nos braços da aia, quando fazem menção de lhe bater. "Estranha simpatia essa, diz-nos GUILLAUME, do ser que não sendo ameaçado pede proteção à vítima". Ao inverso, nada há de estranho, se considerarmos verdadeiro que na simpatia a situação permanece mais ou menos indivisível entre o espectador e o interessado. Quando muito poder-se-ia alegar que a criança ao reagir tão completamente por sua própria conta, encontra-se mais próxima da participação afetiva que da verdadeira simpatia.

O sentimento global da situação começa a preponderar com tamanha autenticidade sobre a distinção entre as pessoas que, na época em que ocorre à criança a idéia de a reconhecer, essa situação dá margem — como toda função recentemente aparecida — a folgedos em que parece exercer-se sem outro objetivo a não ser o de experimentar a si mesma. Durante um certo tempo, o grande divertimento será o entregar-se a ações alternantes: dar e receber um tapa, ocultar o rosto e descobrir o de outrem, perseguir e ser perseguida, enfim dirigir-se, alternadamente, para um e para outro pólo de uma mesma situação como que para descobrir seus aspectos opostos ou complementares e viver cada uma das emoções que lhes correspondem. Através dessa alternância, aprende a se desembrasar das situações que sucessivamente a absorviam, a dissolver-lhes a ambivalência primitiva, a conhecer as relações dos parceiros, a reciprocidade de sua ação, a medir as conseqüências opostas e por isso, numa certa medida, a familiarizar-se com a responsabilidade de seus próprios atos. São exercícios graças aos quais a criança se prepara para a escolha entre as duas direções e para excluir a direção complementar, dessa forma, estabilizando-se na sua. Na realidade essa escolha comporta, para a criança, incertezas e desfalecimentos a ponto de, ainda durante muito tempo, ocorrer o retorno eventual a esse gênero de recreio.

D) — SIMPATIA E REPRESENTAÇÃO

Ao se manifestar a propósito de imagens, a simpatia parece algo de mais surpreendente. Além disso, seus primórdios são um pouco mais tardios. Aos 1;5 o filho de PREYER, vendo-o recortar no papel figuras de crianças, chora copiosamente, temendo que uma canhestria no recorte venha a separar a cabeça do corpo. Por uma espécie de transferência animista, ao ver um biscoito se partir em dois, suspira: "Arme Wieback" e murmura "Arme Holz" ao ver rachar lenha para o fogo. Simpatia ainda confusa e mal diferenciada. BALDWIN cita o caso de uma criança de 1;10 chorando diante da imagem de um homem a soluçar com o rosto escondido nas mãos. PERES conheceu uma outra de 2;2 que abraçava o pescoço e a nuca de um manequim de modista depois de tê-lo recoberto com uma fazenda. De novo PREYER assistiu seu filho de 2;3 chorar ao se amputar realmente um dos membros de um boneco cortado no papel. Diante de uma gravura de álbum representando dois flamingos a agarrarem pelo bico, um, o nariz, e outro o couro cabeludo dum homem calvo, vimos uma criança de cerca de três anos a protestar, chorando e cobrindo de beijos o crânio do infeliz personagem. Entre esses exemplos intervalados de mais de um ano, há diferenças de grau, especificação crescente da circunstância a despertar a simpatia, num conjunto de complexidade ascendente.

Motivo freqüente de espanto constitui o poder de ilusão que uma gravura é capaz de exercer numa criança. Excelentes psicólogos como W. STERN se comprazem em enumerar as diferenças que distinguem a imagem da realidade e por conseguinte as dificuldades experimentadas pela criança para reconhecer a mensagem dessa gravura. Freqüentes diferenças de dimensão, de coloração, e sobretudo de projeção dos volumes no plano, necessidade de perspectiva para compreendê-la. A experiência porém revela que, dessa maneira, o problema é levantado de modo inverso e colocado em termos mais realistas que psicológicos; seria partir da percepção evoluída e técnica do adulto para representar aquela muito mais fugaz, global e mais afetiva da criança. Sem dúvida a idade na qual esta sabe decifrar uma perspectiva é relativamente tardia. Provavelmente também, à medida em que essa criança se torna mais

perspicaz e mais discriminativa, sua percepção revela-se mais refratária à ilusão. Nessa ocasião, comprova-se a oposição existente entre a representação diferenciada e a intuição afetiva.

O que a criança, a princípio, assimila não é o semelhante mas sim a espécie de existência comum recebida de suas próprias disposições; e, por vêzes, aquilo que outra razão não tem de estar unido senão o fato de ter sido percebido, simultaneamente, por ela, no momento do desejo ou da emoção. A criança, ainda incapaz de desdobramento mental e de comparação, associa tão-somente a coisa por ela destacada de um mesmo conjunto perceptivo e não liga dois objetos, primitivamente distintos. Pouco importa a natureza do fetiche que trará para a criança a presença de uma pessoa ou de um objeto, contanto que tenha pertencido, de um modo qualquer, à sua presença real. Dessa maneira de resíduos os mais inexpressivos compõe-se a sua mais autêntica representação. Até mesmo com muita freqüência, a simultaneidade da presença real não lhe é indispensável. Entre a realidade e o simples objeto de seus pensamentos ou de seus desejos, sendo a distinção muito menos nítida que no adulto, a idéia ou a imagem que absorvem seu espírito podem, deveras, adotar como equivalente material a primeira coisa encontrada. De modo inverso, é indiferente qual possa ser a ocasião de evocar a imagem de uma realidade que a interessa ⁽⁷⁾. De um bastão de madeira fará um cavalo, de um trapo uma boneca.

Em relação às analogias, a coisa torna-se fácil visto como a criança aí não sabe se deter, trazendo em mente apenas a última imagem evocada; esta obedece mais aos volteios da fantasia ou das costumeiras associações do que as determinações objetivas. A isso acrescenta-se sua impotência em representar nada que não seja concreto. Num simples retângulo verá uma casa, num círculo sua mãe. Ao se tornar mais exigente quanto à semelhança, ao surgirem a comparação, a escolha e a rejeição daquilo que lhe parece não estar suficientemente de acôrdo com seu conhecimento do modelo, aí, então, terá ela também a noção nítida, insofismável de serem o objeto e a

(7) Haverá necessidade de salientar aqui que essas mesmas disposições podem se encontrar eventualmente no adulto e que elas desempenham um certo papel em psicopatologia?

imagem duas coisas diferentes. Discernir a semelhança significa o reconhecimento da não-identidade. A ilusão desaparece com os progressos da percepção plástica. O despertar da simpatia por meio de imagens supõe uma participação afetiva a excluir, na mesma proporção, a objetividade da visão.

E) — SIMPATIA E LINGUAGEM

Também a linguagem revela, de fato, os graus vencidos pela criança: no comêço uma espécie de confusão entre seu ponto de vista e o do outro, depois seu desdobramento com participação dos dois na simpatia e, enfim adoção exclusiva de seu próprio ponto de vista. Simples palavras constituem as suas primeiras frases, cuja significação é ambivalente ou polivalente pois podem, igualmente, segundo o caso, relacionar-se a outrem, ou mesmo a quaisquer outros objetos diferentes dela própria. Aos 0;9(15) uma garotinha diz “mão-mão”, ao mesmo tempo, a fim de ser pegada pela mão e designar uma outra por ela reconhecida numa fotografia (G.). Uma criança de 1;3 emprega “Pipi” ao ter necessidades orgânicas, ao ver levantar o vestido de uma garotinha, e a mesma palavra diz à irmã aos 1;0(18) ao ver a água escorrer de uma vasilha. Essa aparência metafórica é indício de uma confusão inicial entre o eu, o outro e mesmo os efeitos resultantes de objetos inanimados, pois a distinção entre o animado e o inanimado, não se faz na criança como no adulto. “Mamã” a 1;3 significa o desejo pessoal de mamar, solicitude para com outro lactente que, talvez, deseje querer mamar, o convite dirigido à mãe para dar o seio à criança que chora. Emprega-se “dodói” aos 1;2(13) quando a criança se machucou diante da perna quebrada da sua boneca, aos 1;2(25) a propósito de uma cadeira que lhe parece desmontada, aos 1;3(8) à vista de uma espinha no lábio de sua mãe, e no sentido de ralar, de bater, ou ainda ao ouvir falar de alguém com o pé doente, embora designando o seu próprio.

Sob esta grande diversidade de sentido, subsiste uma mesma intuição fundamental. A criança que a experimenta não consegue ainda extrair dela aplicações diferentes segundo os objetos e as circunstâncias, pois não se encontra ainda em

condições de utilizar as distinções ou categorias já familiares ao pensamento do adulto. Com efeito o primitivo não é, como em geral se imagina, a percepção imediata da realidade objetiva e, nessa realidade, a do particular, do individual. Ao contrário, no início é algo de muito difuso onde a criança, gradualmente aprenderá a delimitar, a coordenar as diferenças de concepções, as específicas e as individuais. Trata-se de um modo de ressentir as coisas primeiro subjetivamente, no qual a sensibilidade é por tal forma misturada ao seu objeto que apenas sobrenadam a nuance qualitativa das relações aí traduzidas e a espécie de forma ou de estrutura a elas correspondentes. Dessa maneira explica-se a confusão do teu e do meu, do sujeito e do objeto, da ação sofrida e da ação exercida, sem falar da confusão entre o retrato e a pessoa etc.

Contudo, em suas origens, não bastaria o estado da linguagem para explicar a polivalência de seu emprêgo? Sem flexões e sem partículas de ligação, reduzida ainda a êsse agramatismo extremo no qual uma única palavra indeclinável deve exprimir tôda uma frase, ela opõe sua uniformidade às intenções porventura existentes no pensamento da criança. Porém esta na sua própria ação distingue mal as intenções de seu objeto, as conseqüências dos motivos, sua sensibilidade e a de outrem, o agente e o paciente, o centrífugo e o centrípeto. Há como que uma difusão de sua pessoa em tôdas as imagens sôbre as quais ocorre a ação. A ambivalência de sua linguagem, longe de a embarçar, de lançá-la na dúvida e na incerteza, convém à dinâmica do seu pensamento, o qual na sua própria ação, muitas vezes muda instantaneamente de papel, sem mesmo disso a criança se aperceber. Os diálogos entre-tidos consigo mesma correspondem aos jogos alternantes; ambos são um sinal da época em que ela descobre, nas situações experimentadas, a dualidade das atitudes complementares ou antagônicas.

Aos 2;3, durante o jôgo, chega a dizer, "Preste atenção", ou "obrigado", quando por exemplo, triunfa ao abrir, sôzinha, uma porta gradeada. Dessa maneira, facilmente se desdobra naquele que corre e no que prevê o risco, como agente e beneficiário de um sucesso. Aos 2;4 lembra-se, a si mesmo, a proibição de tocar em tal ou qual objeto. Tendo sido rapidamente reprimido o hábito de, por brincadeira, bater nos pais,

ao surgir-lhe, de nôvo, o desejo de o fazer dizia com ênfase: "Nicht lagen (Schlagen). Axel brav" ⁽⁸⁾. O desejo e a proibição permanecem dissociados. Passa explicitamente de um para a outra, como se ficasse dividida entre as duas posições, ainda não sendo porém, capaz de reduzi-las à unidade de uma ordem íntima. A garotinha de STERN repete à sua boneca as observações que lhe são dirigidas. O filho de PREYER, ao quebrar um eventual objeto, repreende a sua própria mão dizendo, "oi" ou "oui" por "pfoui" equivalente de "fi". A frágil distinção entre o teu e o meu, permite à criança lançar a um ser, mais ou menos fictício, a responsabilidade que lhe pesa, e mudar sua atitude de acusado para a de acusador. Por fim KÖHLER ⁽⁹⁾ assinala, por volta do 2;5, em sua aluna, o hábito de dialogar, à noite no leito, consigo mesma, indicando as entonações variadas, a intervenção alternada das personagens entre as quais ela sabe tão-somente distribuir-se. Situações cuja expressão se revela à medida que o indivíduo se torna mais capaz de discernir as personagens; todavia ainda não sabe subordinar suas atitudes à de sua própria personagem nem assimilá-las mentalmente quando a sua é a de um simples espectador.

Na realidade, êsses diálogos consigo mesma desaparecem bruscamente, na época em que, ao se modificar a atitude da criança a respeito do outro, surgir a da necessidade de afirmar e ensaiar os direitos e o poder de sua jovem personalidade. Por essa ocasião, também ela dominará, definitivamente, o emprêgo correto dos pronomes pessoais. O emprêgo do "eu", até então fôra intermitente, ocasional ou ligado a certas circunstâncias. Em geral fala na terceira pessoa ao se designar, a si mesma, com seu próprio nome. Por certo, reiteradas vezes, imita o modo dos pais lhe falarem, em razão, aliás, dessa "convergência" que W. STERN assinalou entre a linguagem dos pais e a dos filhos. Não obstante, aparecendo o momento em que êsse falar e êsse ouvir falar não mais se harmonizem com o sentimento adquirido pela criança de sua autonomia

(8) PREYER, *L'âme de l'enfant*, trad. VARIGNY, Paris, Alcan, 1887.

(9) Elsa KÖHLER, *Die Persönlichkeit des dreijährigen Kindes*, Leipzig, 1926.

peçoal, então de modo rápido ela mesma se livrará daquele modismo e não mais o tolerará por parte de outrem. O período da terceira pessoa é também o da segunda: não sabe converter em "eu" os "tu" que lhe são dirigidos e que constituem os primórdios de seus diálogos consigo mesma. A causa disso é sempre sua impotência em integrar as situações das quais ela participa no sentimento soberano de sua identidade pessoal. Houvesse necessidade de mais uma prova para demonstrar que o emprego do "eu" é comandado ou retardado, não pelos hábitos do ambiente, mas pelo advento ou não-advento de um certo estágio psíquico, bastaria tão-somente, lembrar a inaptidão persistente de alguns retardados no emprego do "eu", não obstante as condições ambientais serem as mesmas tanto para eles como para as demais crianças ⁽¹⁰⁾.

(10) Henri Wallon, "Forme écholalique du langage chez un imbécile épileptique. Trouble de la personnalité par arrêt du développement psychique", *Journal de Psychologie*, 1911, p. 436-444.

CAPÍTULO V

ESTÁGIO DAS PERSONALIDADES PERMUTÁVEIS

Alguns exemplos mostrarão o estado de dispersão anterior ao instante no qual a criança saberá identificar, solidariamente, sua personalidade e a do outro, desvincilhando-as das situações particulares onde são, a cada vez, confundidas. Enquanto não for capaz de reduzir a algo permanente os diferentes aspectos que lhes advém das circunstâncias, superando-os, as situações em meio às quais sua vida se difunde a manterão também difundida ou como que dividida. Entre elas não sabe realizar coerência, nem por conseguinte em sua própria conduta ou no conhecimento das pessoas. Sob o signo de situações ou de circunstâncias análogas, a criança se vê tentada a confundir sujeitos diferentes e, inversamente, a dissociar o mesmo em tantas personagens quantas ela viu nas diversas condições. A própria criança nem sempre está segura de sua identidade ou, pelo menos, não chega a fazê-la preponderar sobre as alterações de suas relações com o ambiente.

Aos 2;7, a pupila de KÖHLER tendo comido os doces da irmãzinha, radiante de alegria, conta a façanha ao pai, assim que este chega. Repreendida, só parece aborrecida com isto um quarto de hora mais tarde. Vendo então repelidas suas tentativas de carinho, soluçando, promete jamais voltar a ser travessa. Obtido assim o perdão, estava a exhibir seus talentozinhos quando sua mãe regressou. Precipitou-se, então, para ela, para lhe narrar sua gulodice, com alegria idêntica à que havia demonstrado anteriormente ao contá-la ao pai. Desta maneira, as situações sucessivas se justapõem sem que a criança seja capaz de

estabelecer sua interdependência, nem integrá-las no sentimento de sua responsabilidade pessoal. Toda entregue à alegria de ter comido doces, é ainda tão pouco capaz de se distinguir de outrem, que não sabe deixar de, consecutivamente, associar o pai e a mãe a essa mesma alegria, como se não houvesse o interlúdio do arrependimento. Reação de circunstância e estritamente relacionada ao descontentamento do pai, o arrependimento consistiu apenas numa simples inversão de humor. Da mesma forma, não houve modificação do sentimento específico de alegria ligado à gulodice, nem conseguiu fazer a criança realizar a oposição de sentimentos que podia existir a este respeito entre ela e os pais. A situação apontou suas atitudes. Incapaz, porém, de sobrepujar cada situação atual, ela é também incapaz de se dissociar, ao mesmo tempo, suficientemente, para dissociar a outrem e situar, em suas relações recíprocas, diante de sua própria personalidade, a do outro; de regular, por conseguinte, sua conduta por aquilo que sabe ou presume saber do outro.

Nessa idade, a criança pode ser muito sensível às modificações de atitudes ou aos incidentes ocorridos em seu ambiente; pode reagir com apurado discernimento qualitativo. Jamais, porém, deixará de ser um simples comparsa de situações às quais se une de um modo, por assim dizer, indiviso. Vimos um cachorrinho, jamais repreendido, refugiar-se todo contrito em seu canil, ao ver alguém cometer uma tolice ou ao ouvir reprimendas. Vimos uma criança de 2;6 que tivera um copo nas mãos, mas que já não o tinha há muito tempo, olhar, consternada, para as mãos pondo-se em posição defensiva, ao ruído de um copo que se partia no chão. Sentimento difuso de culpabilidade relacionado com a situação e não com uma culpabilidade pessoal.

Assim como ainda não consegue dissociar-se das situações de que participa, a criança subordina mais ou menos a identidade das pessoas às circunstâncias em que a ela se manifestam. "Então, você é Elsa?", pergunta à mãe a pupila de KÖHLER (2;9), ao ouvi-la cantar como sua governanta. Certamente, já existe uma interrogação e até mesmo uma negação implícita. A criança, porém, nem por isto, tem menos necessidade de resolver um conflito sobre a identidade de duas pessoas nas quais descobre uma particularidade comum. O pormenor ainda é inseparável do conjunto.

Ao invés de fusão entre as pessoas, pode também produzir-se o desdobramento da mesma. A mesma criança, aos 2;10, estando no campo há muitas semanas, vê subitamente, ao lado da mãe, o pai recém-chegado de Viena. Como lhe indagassem se não o reconhecia, ela murmurou: "Meu outro papai está em Viena". Quando lhe afirmaram que era o mesmo papai de Viena, perguntou: "Então, você veio de trem?". Assim, precisou pois invocar a lembrança de sua própria viagem e da mudança daí resultante em sua situação pessoal para que lhe fôsse possível superpor os dois papais e, através desse recurso, resolver a incompatibilidade das situações onde eles lhe apareciam atualmente e no passado. A personalidade permanece como que aderente à situação e as circunstâncias de lugar se incorporam a ela da mesma forma que seus demais aspectos ou qualidades.

A influência de uma situação antiga ou nova na personalidade da própria criança pode ser bastante forte para levá-la à adoção de diferentes maneiras de ser ou de uma outra identidade. Regressando à cidade, a pupila de KÖHLER, com três anos de idade, ao se referir aos companheiros de férias, retoma o sotaque do lugar onde as havia passado. A substituição da personalidade atual por outra modelada pelo meio, e hoje, incidentalmente, evocada, constitui uma verdadeira ecmnésia de atitude. É uma recordação integral de todo um comportamento contemporâneo dessa lembrança. O inverso disto se verifica com o filho de STERN que, um pouco antes dos três anos, ao nascer sua irmãzinha, assume uma nova personalidade. Durante vários dias, representou o papel da irmã mais velha, atribuindo-se o seu nome e dando-lhe outro. O lugar que ocupava na família fazia de tal forma parte de sua identidade pessoal que renunciou a tudo de vez, em favor do recém-nascido e, tendo-se tornado o mais velho dos dois, assumiu também globalmente a personalidade da irmã mais velha.

Sob a aparência de paradoxo, o ser concreto parece apagar-se aqui diante de uma relação, isto é, diante de uma coisa abstrata. A experiência, porém, mostra que, como ocorre também com o animal, a percepção das relações predomina sobre a qualidade absoluta das coisas. A relação só é abstrata quando formulada por si mesma e independentemente das coisas. Em outras palavras, constitui a expressão mais global de um con-

junto. A individualização das partes virá a seguir; não será, pois, surpreendente que a criança, primeiro, só possa se perceber na estrutura familiar, uma vez que esta estrutura se lhe tenha tornado, pelo menos, perceptível e real. Assim, vai se processando desta maneira o crescimento intelectual da criança. Sua percepção progride, não do pormenor para o conjunto, mas sim por graus, através de conjuntos cada vez mais compreensíveis; cada novo conjunto a ela se impondo como unidade intuitiva e como dado imediato. O conjunto se amplia, porém, à custa da adição de conjuntos menores. É somente com o decorrer do tempo que se poderá operar a dissociação do conjunto em suas partes.

Ao invés de se substituírem entre si, as personalidades também podem atingir uma atitude complexa, indicando a participação simultânea da criança em diversos papéis componentes da situação. Desta maneira, diante de uma gravura de álbum mostrando um macaco a fazer trejeitos para um explorador indignado, uma criança de três anos assume ao mesmo tempo a atitude das duas personagens: com a mão direita no nariz e a cabeça abaixada, à maneira do macaco, os supercílios contraídos e o outro braço cruzado no peito, como o explorador. Caso análogo representa a criança que, ao mesmo tempo, representa o cocheiro e o cavalo, fustigando as pernas para se excitar a correr ou então o caso da doente, citado por JANET ⁽¹⁾, que se acreditava concebida pela Virgem; imitava, porém, alternadamente e mesmo simultaneamente, os gritos e os gestos da parturiente e os do recém-nascido. Ainda aqui, a situação predomina sobre a individualidade das personagens. Existem apenas a ela relacionados e não distintos uns dos outros.

A confusão do indivíduo com o ambiente pode, enfim, assumir uma última forma, ou seja, a do transitivismo, a prece-der imediatamente o instante em que a criança irá distribuir, sem erro, entre ela e o outro, os estados ou atos percebidos. Já se verifica oposição diante de personalidades diferentes da sua. Acontece-lhe porém atribuir a estas o que é exclusivamente seu. Uma velha epilética do hospício, por exemplo, se condoía da vizinha pela crise que ela própria tivera na noite

anterior. E de um modo mais geral, essa tendência do doente, inquieto por sua saúde, a descobrir indícios de doença na fisionomia das pessoas sadias; ou o relutante em confessar a proximidade da velhice que fica a apontar os cabelos brancos dos parentes; ou ainda, o portador de um furúnculo a esquadri- nhar a pele do vizinho ao menor sinal de acne. Simpatia reversa, a substituir a própria pessoa pela do outro, como objeto de piedade. Gesto de defesa ou de desvio, contra uma preocupação íntima. Artifício inconsciente para prevenir uma observação humilhante por parte do próximo. Retorno, também, porém sob a influência de uma angústia mais ou menos latente, ao estado de relativa indivisão, no qual o indivíduo sofre suas representações sob sua forma mais total, sem ainda conseguir subordinar-lhe o aspecto exteroceptivo ou proprioceptivo ou este àquele, segundo deva aí reconhecer-se a si mesmo ou a outrem. Colocado entre sua representação e as atitudes nê- le suscitadas, conforme siga estas ou aquelas teremos: ou o aspecto exteroceptivo, sensorial, espacial ⁽²⁾, tendente a buscar um apoio objetivo ou, em outros termos, o domínio do transitivis- mo; ou, ao contrário, as reações subjetivas, em um de seus dife- rentes níveis: participação emotiva, mimetismo afetivo ou simpatia.

Não será graças ao transitivismo que se explicará uma cena como a narrada por KÖHLER? A pequena A (2;9), estava sentada entre a governanta e sua amiguinha H... tendo um montículo de musgo entre ambas, para brincarem. Depois de alguns momentos A. parece inquieta e atormentada por algum desejo; de repente, bate e empurra a H... — “Que é que você está fazendo?” — “H... me bateu, ela é ruim”, responde a criança. — “Não, H... é boazinha, está sentada quietinha junto de você. Apanhou musgo para vocês brincarem. Vá be- i- já-la, você lhe bateu.” O olhar de A. se torna vago, como diante de uma revelação, diz um “sim” prolongado e, de bom grado, faz o que lhe ordenam, já tranqüilizada. Sem dúvida, o golpe desferido sob uma impressão surda de angústia, de rancor ou de zanga, tão bem se confunde com essa impressão que a criança o transforma, sem malícia, em motivo da zanga e o atri- bui à companheira. Situação única, como sempre, tendo como

(1) *De l'angoisse à l'extase*, t. I, Paris, Alcan.

(2) Ver Parte II, cap. IV, § C.

ponto de partida um sentimento que implica a existência de outro; indivisão, por conseguinte, do sentimento e do gesto daí resultante; distribuição posterior do sentimento e do gesto entre ela mesma e a companheira: esta sucessão está longe de ser excepcional.

A criança, também provavelmente, terá representado a agressão como vinda de sua amiguinha com tanto maior facilidade quanto mais aliava ter sido sua angústia e, tendo sido desde então reduzida a sua tensão afetiva, suas disposições atuais não mais correspondem de modo suficientemente íntimo ao golpe por ela desferido.

Por outro lado, imagem e afetividade variam na razão inversa uma da outra ⁽³⁾, deixando a queda da tensão afetiva que a imagem passe para o primeiro plano. Ora, a imagem é a natureza espacial ⁽⁴⁾. Só pode ser figurada no espaço, ou seja, fora do indivíduo, no outro. Temos visto, com efeito, a dificuldade que tem a criança em fazer coincidir sua imagem exteroceptiva, a qual escapa normalmente à sua própria percepção, com a intuição proprioceptiva que tem de seu corpo e de sua atividade. É uma etapa não transposta por ela, a menos que se encontre na idade capaz de superar o espaço dessas percepções, e de suas imagens para ordená-las como simples símbolos numa espécie de espaço ideal num espaço de ultra-percepção ⁽⁵⁾, no qual as imagens têm apenas uma existência virtual. O mesmo acontece com sua imagem exteroceptiva, com a qual deve revestir idealmente seu ser proprioceptivo, pois para lhe ser efetivamente visível, ela teria de ser exterior.

No caso de perecimento da atividade psíquica do adulto, a redução mental, difícil de ser obtida, favorece o aparecimento do transitivismo, tanto nêle como na criança.

(3) I Parte.

(4) II Parte, cap. IV, § C.

(5) H. W., "La mentalité primitive et celle de l'enfant", *Revue Philosophique*, julho-agosto 1928, p. 61-78. "De l'expérience concrète à la notion de causalité et à la représentation-symbole", *Journal de Psychologie*, XXIX, 1-2, 1932, p. 112-145.

CAPITULO VI

A CRISE DA PERSONALIDADE (3 ANOS). AFIRMAÇÃO DO EU E OBJETIVIDADE

Por volta dos três anos, opera-se uma reviravolta assaz violenta, nos modos da criança e em suas relações com o ambiente. Por exemplo: na garotinha estudada pela psicóloga KÖHLER, o desaparecimento dos diálogos consigo mesma. Ao invés de se identificar ora com um, ora com outro personagem, emprestando-lhes de modo alternado, seus órgãos e seu pensamento — como também imaginam fazer determinados delirantes, muito embora a despeito de si mesmos — ela adota uma concepção exclusiva e unilateral, a sua, ou seja, a de uma personalidade particular e constante, possuindo perspectiva própria e distribuindo os outros em relação a si. Não pode fazê-lo, porém, senão ao deixar de se confundir com o conteúdo de sua percepção, de se apresentar como que flutuante e dispersa entre as diferentes partes que aí se encontram misturadas, renunciando a sua ubiqüidade, retirando-se daquilo que não é ela mesma, dissociando a experiência vivida segundo a categoria do eu e do não-eu. Progresso a indicar uma espécie de desdobramento em face da intuição concreta. Às impressões de toda origem, que essa intuição faz coexistir numa espécie de implicação mútua e consubstancial, é preciso saber superpor sistemas de agrupamento que a superem e que distribuam o seu conteúdo conforme as direções do pensamento; torna-se necessário que, redistribuída em séries apropriadas, a experiência imediata e atual possa ser ligada aos seres ou às leis que lhe servirão de apoio ou de explicação. Todavia, na medida em que esses seres

ultrapassem a experiência concreta e momentânea, será preciso que a criança se torne capaz de os apreender como simples fontes de possibilidades, isto é, no plano do virtual, ao qual só acede de maneira muito progressiva.

A distinção entre o eu e o não-eu é apenas uma das primeiras etapas desta caminhada. Entretanto, não se produz isoladamente. Ao tempo em que a transpõe, a criança vai revelando uma maior objetividade em suas relações e em seus motivos de ação. Já não reage tão-somente às impressões presentes, mas também às imagens guardadas do passado, às representações por ela formadas. As razões de ser ciumenta, desconfiada, reconhecida, são bem determinadas, mais consistentes, mais duráveis; seus objetos são mais individuais. Adquiriu a aptidão de reagir a termo. Isto significa que ela já não pertence ao plano do concreto e do atual, mas que começa a emigrar para um plano onde o real se reduz às noções estáveis e mais ou menos capazes de resistir às flutuações momentâneas da sensibilidade ou das disposições subjetivas.

Certas manifestações já antigas mudam de caráter. Desde os 2;4, o filho de PREYER repetia freqüentemente "laïne" (*allein*), agitando-se para empreender tôdas as tarefas sem o auxílio de ninguém. Porém somente a partir dos 3 anos consegue realmente agir e se safar sozinho das dificuldades. Esforça-se para empurrar, arrastar, subir, molhar-se, gritando o tempo todo, com veemência: "Posso sozinho".

Modifica-se igualmente uma reação cujas origens são muito primitivas ⁽¹⁾ e que um adulto em plena posse de si mesmo consegue, muitas vezes, inibir: por exemplo, as alterações de atitude produzidas em geral pela impressão de estar sendo olhado, sob a influência daquilo por nós qualificado de sentimento de presença. Por uma espécie de contágio elementaríssimo, parece que o indivíduo, ao sentir a atenção nêle fixada, passa a se observar a si mesmo. Quando empenhado numa ação qualquer, tanto esta como seu objeto se vêem bruscamente suplantados pela intuição puramente subjetiva, descoberta em sua própria personagem. Tudo se passa como se fôsse uma inquietação, uma obsessão da atitude a adotar. Tra-

(1) Ver I Parte.

ta-se da necessidade de se adaptar à presença do outro, superposta ao ato em via de execução e que, em geral, substitui por certos reflexos mímicos, ou mesmo por espasmos emotivos — com tremores, rubor ou palidez e suores — o desenvolvimento correto dos automatismos necessários. Disto podem resultar canhestras, obnubilação, assínergia motora ou mental ⁽²⁾. Seja qual fôr o exagêro que um sentimento exacerbado de sua própria personalidade e das relações a serem sustentadas diante de outrem possam emprestar a essas reações, encontrar-se-á seu ponto de partida não numa evolução apuradíssima da consciência, mas sim em reflexos arcaicos.

Com efeito, na vigência de determinadas lesões cerebrais, tais reflexos reaparecem de modo incoercível, a ponto de parecerem subtrair ao contrôlo dos centros superiores os centros das manifestações e da sensibilidade afetivas. Um hemiplégico, citado por DOUGLAS DAVIDSON, ao se sentir olhado, não podia conter um riso convulsivo e uma agitação desordenada dos quatro membros. Uma encefálica de PILTZ, diante do olhar ou do interrogatório de alguém, era tomada de choros ou de risos espasmódicos. Um piloto de provas de automóveis que, no exercício de sua profissão atingia freqüentemente velocidades de 140 quilômetros por hora, sem jamais ter sido acidentado, ao se sentir olhado, revelava um violento mal-estar, irritação, angústia, uma espécie de constrangimento interior que lhe subia até o pescoço; desencadeavam-se, nesse momento, tiques mioclônicos da cabeça e do braço direito, cuja primeira aparição datava de convulsões sobrevividas na idade de 2;6 (observação de TINEL e de MICHON). Ficar a olhar certos paráliticos gerais sem dizer uma palavra é o bastante para dêles extrair tôda uma série de fisionomias interrogativas, aprovativas, satisfeitas, inquietas e como que um esforço tateante no sentido de acomodar suas atitudes às do outro. Existem idiotas que, diante de um olhar, reagem com atitudes defensivas, através da fuga ou com berros ⁽³⁾.

Observa-se com freqüência, simultaneamente a esta propensão às manifestações afetivas, uma inibição da atividade

(2) H. W., "La maladresse", *Journal de Psychologie*, janeiro 1928, p. 61-78.

(3) H. W., *L'Enfant turbulent*, I Parte, cap. I.

objetiva. É bem conhecido o exemplo desses doentes obstinadamente calados diante do mais hábil interrogatório mas cujas respostas irrompem assim que o médico lhes vira as costas. Comprova-se a mesma coisa entre os animais; os macacos de GUILLAUME e MEYERSON, por exemplo, fazem desaparecer a presa, sem que seja possível saber como, pois o fazem no momento em que o olhar do observador deles se aparta⁽⁴⁾. Na criança, verificam-se efeitos semelhantes. PREYER observou que aos 2;1 seu filho cessava de repetir corretamente uma palavra nova, se a tanto fôsse expressamente solicitado.

As reações de presença, porém, se transformam com as etapas do crescimento. Antes dos 3 anos são, por assim dizer, tôscas e não diferenciadas. A inibição e os reflexos de defesa são, nessa idade, antes a consequência de uma compleição nervosa ou de um estado físico defeituoso. O efeito habitualmente verificado é, ao contrário, uma influência dinamogênica excitante para a atividade da criança. Solicita amiúde a atenção de alguém quando acredita estar a realizar um lance difícil. Bebe melhor sua sopa quando julga que seu coelhinho de cartolina o está olhando (E. K.).

Depois dos três anos, esta ação tende a se diversificar e a se relacionar com as circunstâncias e as pessoas. Surge então a "vergonha". STERN, com muita propriedade, a distingue do medo. A criança "envergonhada" esconde o rosto no peito da mãe, mas olha de bom grado à socapa. Trata-se de uma reação igualmente diferente do pudor, uma vez que a vergonha de estar nu não aparece antes dos 5 ou 6 anos. A explicação fornecida por STERN parece de um intelectualismo exagerado. Nisto ele vê o medo de ser julgado por outro, numa época em que a presença do outro tende a tornar a criança consciente de atividades até há pouco nela desenvolvidas sem que soubesse ainda identificá-las e diante das quais, agora, se sente obrigada a fazer uma escolha. Na realidade, a "dúvida" liga-se, repetidas vezes, à vergonha; todavia, tal ligação não é obrigatória. Pode multiplicar suas formas e seus motivos, à medida que a criança vai diferenciando suas relações com o meio; nem

(4) "Recherches sur l'usage de l'instrument chez les singes", I, *Journal de Psychologie*, março-abril 1930, p. 178-236.

por isto deixa de se apresentar como a simples expansão psíquica de reações muito primitivas e, por assim dizer, instintivas.

O desdobramento efetuado entre sua personalidade e a dos outros, incita a criança a experimentar o poder da sua, utilizando para tanto tôdas as circunstâncias favoráveis. Com as pessoas passíveis de caírem sob seu domínio, sobretudo os parentes, mostra-se exigente, ciumenta, e pretende tornar-se o objeto exclusivo de sua solicitude. Até mesmo consegue cometer erros ou faltas, de modo intencional, a fim de ser repreendida e para obter que os demais nela fixem a atenção. Para triunfar diante de alguma oposição, é capaz de duplicidade. Há uma perda imediata da simplicidade de suas reações. A intenção nascente sabe se mascarar. A situação presente, que parece querer confirmar com seu gesto, a criança opõe mentalmente uma outra. Aprende a subordinar o provável ao possível. Esta descoberta — recente para ela — do contraste eventual, observável entre os dois, leva-a a se divertir com isto. Diverte-se constantemente "fazendo de conta", só pelo prazer de o fazer. Assume uma fisionomia amistosa ao abordar outras crianças, para se apoderar bruscamente de seus brinquedos.

Durante este período de crise, parece a todo instante movida por uma comparação latente entre ela e os outros. Não mais se aproxima, como antes, de qualquer criança, mas somente daquelas de quem acredita poder usufruir alguma vantagem. Sente-se facilmente frustrada por elas e revela amiúde idéias de prejuízo. Vendo-as revelar uma superioridade qualquer, empenha-se em destruir-lhe os efeitos. Obstina-se em perturbar a atividade lúdica das crianças mais hábeis que ela (E. K.). Ao se desfazer de um brinquedo, explica ao seu beneficiado que não mais o deseja. Servindo-se desta maneira do outro para se livrar de um objeto que já não lhe interessa, a criança também faz questão de impedir que essa outra se prevaleça do mesmo. A partir desse momento, impõe-se entre ela e os outros, uma divisão na qual busca um sentimento de superioridade.

Contudo, deve reconhecer ao mesmo tempo e implicitamente os direitos do outro. O objeto de que busca se apoderar nem sempre vem satisfazer um desejo; é muitas vezes desti-

nado a atentar contra a propriedade do outro. Acontece-lhe dêle se desfazer tão depressa o obtenha. E vice-versa: pode renunciar ao que deseja quando sabe pertencer o objeto cobido a alguém que não quer lesar. Compreende que dar algo implica uma renúncia pessoal. Apesar de um possível arrependimento posterior, a criança está perfeitamente consciente de que a ruptura da transação não depende somente dela. O desdobramento efetuado entre ela e o outro, entre seus direitos e os do outro, tornam-lhe acessível a noção de transação e, ao mesmo tempo, independente dela e dos outros a existência do objeto sobre o qual recai essa transação. Já não seria capaz de encontrar esta fórmula, ingênua ou engenhosa, que JULES RENARD anotou em seu diário: "Eu bem que te daria meu brinquedo. — diz a criança. — Mas não posso, êle é meu."

A criança já não confunde com sua própria existência as coisas que penetram em seu círculo, nem confunde o que a toca com sua própria pessoa, mesmo que se trate de outra pessoa; deixou igualmente de confundir o "eu" e o "meu". A apropriação de um objeto por ela ou por quem quer que seja tornou-se um mero acidente na existência dêsse objeto. Esta existência não está toda implicada na percepção ou na alegria atual dela extraída pela criança. Encontra-se virtualmente em todas as possibilidades nas quais seu pensamento o coloca como apoio, sem mesmo ter necessidade de as imaginar. Esta existência mudou de plano, ou antes, pertence ao mesmo tempo àquele da experiência atual e subjetiva e ao das representações objetivas ⁽⁵⁾.

Sem dúvida, essas distinções todas ainda não são bem explícitas para uma criança de 3 anos; esta, porém, já começa a se conduzir de acordo com as mesmas. Tais distinções surgem provocadas pelas que interessam de maneira mais imediata às suas relações de todos os instantes, isto é, pelas relativas ao relacionamento de sua própria pessoa com os circundantes. E terão de prosseguir durante vários anos ainda.

Mas em cada etapa marcarão apenas um limite superior. Pois as formas de atividade já superada não são abolidas; mais

ou menos modificadas ou contrariadas pelos progressos realizados, elas nem por isto perdem a capacidade de se repetir na ocasião oportuna. O retorno aos estados cada vez menos diferenciados da consciência pessoal pode se processar: para uma confusão relativa entre si com o outro, para o mimetismo afetivo, para a subjetividade total do raptus emocional que pode, aliás, ser favorecido pela doença, pela fadiga, por uma simples distração, e mesmo por uma espécie de arrebatamento ou de abandono progressivos que dão preponderância às intuições e às sensibilidades elementares da vida afetiva.

(5) H. W., *Journal de Psychologie*, XXIX, 1-2, 1932, p. 112-145.

CONCLUSÃO

Aos três anos, termina uma idade que, sem dúvida, é dentre todas a mais rebelde às interpretações encontradas pelo adulto empenhado na análise introspectiva ou mesmo no conhecimento objetivo de sua própria atividade psíquica. Atualmente, todos os psicólogos estão acordes quanto ao princípio de que a diferença existente entre a criança e o adulto não é exclusivamente quantitativa; o crescimento físico não é uma simples adição de centímetros mas supõe alterações de proporções e de equilíbrio entre as partes. Isto é ainda mais verdadeiro quanto ao desenvolvimento psíquico: não se trata aí de uma simples adição de noções ou de aptidões; o desenvolvimento psíquico leva a criança a atravessar períodos dotados de traços dominantes e peculiares a cada um deles, realizando um certo equilíbrio ou sistema específico. Sem dúvida, ainda não se estabeleceu um acordo quanto à natureza profunda dessas diferenças entre períodos.

Para alguns psicólogos ⁽¹⁾, seria suficiente comprovar as diferenças qualitativas do conteúdo mental de cada idade, como se este conteúdo obedecesse mais a uma lógica interna e universal que às influências do meio. Para estes, a ação do meio seria puramente abstrata. A passagem do pensamento infantil para o adulto seria uma transição gradual de um pensamento absolutamente individual e voltado exclusivamente para si mesmo para um pensamento que, ao se socializar, aprenderia a limitar suas concepções na medida em que fôsse percebendo que elas são inconciliáveis com os pontos de vista do outro,

(1) Piaget e sua escola.

obrigando-se a não utilizar a não ser aqueles que o pensamento do outro pudesse usar ao mesmo tempo. É a tese do "Contrato Social" transposta para a psicologia. No início, o indivíduo conhece apenas os seus direitos, aliás ilimitados, e confundidos com tudo aquilo que se encontre ao seu alcance. Em seguida, ao se incorporar à sociedade, os únicos direitos conservados são os comuns a todos. É este também o critério kantiano dos princípios morais, passíveis de universalização, sem que suas aplicações se contradigam, nem se destruam reciprocamente.

Para outros, não existe conteúdo mental que possa ser encarado como rigorosamente específico de uma idade determinada. As explicações formuladas pela criança a respeito da natureza das coisas dependem em grande parte de seu ambiente. Quando não são evidentemente idênticas às de seu ambiente e recebidas já inteiramente elaboradas, suas idéias constituem pelo menos o resultado de um esforço de assimilação das técnicas utilizadas ao seu redor e que representam o objeto necessário de sua atividade: técnica da linguagem falada por aqueles de quem depende, técnica incluída nos objetos modelados caídos entre suas mãos e mesmo técnica intelectual dos pensamentos e atos, cujos efeitos a criança está exposta a sentir a cada instante e a cujo espetáculo visivelmente se liga, com atenção quase mimética. Não podendo sua atividade própria se manifestar e se exercer a não ser a propósito dessas técnicas, delas recebe necessariamente os seus temas. A diferença existente entre o seu pensamento e o do adulto indica com exatidão a distância entre suas possibilidades respectivas.

Como é óbvio, existem maneiras de raciocinar que lhe permanecem estranhas, e pode haver, pelo contrário, certos tipos de idéias ou de explicações que, pertencendo a um plano em que sua inteligência atualmente é capaz de se mover, são de confronto mais ou menos provável. Sem embargo, não são de modo algum necessárias, como demonstra a comparação de crianças da mesma idade pertencentes a ambientes bastante diferentes. Por conseguinte, o importante é procurar, sob as manifestações, a estrutura psíquica que, de um lado, as torna possíveis, e doutro lado, exclui a possibilidade de manifestações mais evoluídas. A este respeito, o estudo da criança antes dos três anos é um dos mais elucidativos pois ainda estão

ausentes as noções sem as quais — segundo se admite habitualmente — a psicologia careceria de objeto e seria mesmo inconcebível.

A própria psicologia, de bom grado, ao se identificar com o estudo do indivíduo, de súbito assimila êste ao sujeito e, ao invés de procurar oferecer do mesmo uma definição correspondente a todos os fatos em questão, ela considera apenas um dentre êles: o sentimento que teria a pessoa de sua irredutível identidade. Ora, trata-se de uma noção tardia e frágil. Não é antes dos três anos que ela se desprende das situações que a sensibilidade leva a criança a viver, e cujos termos embora de origem afetiva ou sensorial, são todos solidários do mesmo conjunto e fazem parte, indistintamente, daquilo que ela resente. Para diferenciar seu conteúdo, ser-lhe-á necessário dispor de quadros onde possa distribuí-lo. De início, porém, faltam-lhe êstes quadros. Por conseguinte, deverá transferir os elementos qualitativos de suas experiências concretas para um plano superior de sua atividade psíquica, a fim de chegar a ordená-las rigorosamente entre si.

Das diversidades locais, por exemplo, que representam uma simples qualidade de suas diversas experiências, deverá chegar à conclusão da existência de incompatibilidades locais, ou seja, da impossibilidade para o mesmo objeto de possuir, ao mesmo tempo, diversas características locais e a mesma característica local, simultaneamente, para os vários objetos ⁽²⁾. Entretanto, isto supõe ter o local deixado de ser exclusivamente o local sensível e que, acima dos lugares percebidos, haja uma espécie de intuição abstrata, a permitir reduzi-los e coordená-los entre si. Esta, aliás, é uma condição prévia para a identificação de cada qualidade particular, pois elas não podem ser distinguidas dos conjuntos sensíveis onde se produzem, salvo se cada uma fôr reduzida a uma série ou a uma escala ideal que a transforme num meio de determinação e de classificação. Graças somente à ajuda dêsses quadros, poderá o objeto se destacar do sujeito, permitindo-lhe perceber sua própria identidade.

(2) H. W., "De l'expérience concrète à la notion de causalité et à la représentation-symbole", *Journal de Psychologie*, XXIX, 1-2, p. 112-145.

Pelo menos o corpo, pela sua própria configuração, deveria servir de sustentáculo à individualidade de cada um. Opõe ao ambiente uma superfície capaz de filtrar os diversos estímulos, por meio de aparelhos sensoriais diferenciados. E sua sensibilidade exteroceptiva possui qualidades específicas, órgãos e centros especializados que a distinguem das sensibilidades próprio e interoceptivas. O estudo, porém, do garoto mostra ao contrário, que a noção do próprio corpo também não constitui um dado inicial da sensibilidade; exige a redução recíproca de diversos sistemas de imagens e, por conseguinte, uma atividade que os supere ao mesmo tempo a todos, para fazê-los simbolizar entre si. A nenhum dêles compete oferecer uma representação, de certa forma absoluta, da realidade, quer externa, quer interna, uma vez que são apenas agentes subordinados do comportamento em curso de atividade. Desta maneira, as excitações de origem exteroceptiva, por exemplo, só podem suscitar, no lactente, reações relativas a suas necessidades alimentares e posturais. Permanecendo insensível àquelas que não lhes dizem respeito, não lhe é possível ter uma representação, por menos coerente que seja, dos objetos circundantes. Mas, reciprocamente, não sabe estabelecer uma delimitação entre as exigências do corpo e as circunstâncias exteriores a êle relacionadas. Sendo os primeiros sistemas de reações organizados sob a influência do ambiente, as emoções só tendem a realizar por meio de manifestações consonantes e contagiosas uma fusão de sensibilidade entre o indivíduo e seu ambiente. Realmente, podem ser apreciadas como a origem da consciência, porquanto, pelo jogo de atitudes determinadas, exprimem e fixam para o próprio sujeito certas disposições específicas de sua sensibilidade. Não são porém o ponto de partida de sua consciência pessoal senão através do grupo, onde começam por fundi-lo, e do qual êle receberá as fórmulas diferenciadas de ação e os instrumentos intelectuais sem os quais lhe seria impossível operar as distinções e as classificações necessárias ao conhecimento das coisas e de si mesmo.

Para cada uma dessas etapas, existe, em meio a tôdas as observações, qualquer que seja a origem das mesmas, um sincronismo rigoroso, inexplicável se elas fôssem dependentes de circunstâncias exteriores e mais ou menos contingentes. Outras funções, como a linguagem, embora ligada à existência e à

maturação dos centros cerebrais — sem os quais não se desenvolveria — só se realizam, entretanto, em datas muito mais variáveis, segundo os sujeitos. Por certo, isto se deve à sua dependência diante dos estímulos exteriores; dependência esta, íntima, múltipla, diversa, pondo em jôgo, por conseguinte, não somente o ambiente como também reações em face dêste ambiente e que podem ser específicas para cada criança. A linguagem implica conexões intelectuais superpostas às sensorio-motoras, ou seja, um sistema complexo, variável intensamente de sujeito para sujeito. Por analogia, as etapas da personalidade parecem depender de condições cerebrais sensivelmente mais autônomas e mais simples.

Cada uma dessas etapas apresenta uma enorme coerência, ao mesmo tempo em sua estrutura própria e em suas relações com a estrutura evolutiva do indivíduo. As duas concepções são inseparáveis. O ajustamento dos meios às necessidades de cada período é dominado pela apropriação gradual de cada período ao subsequente e pela harmonia de todos ao devir do indivíduo, integrado por seu turno em sistemas cada vez mais amplos. Entre o tubo digestivo, de movimentos orais tão exatamente diferenciados, e o mamilo, há o equivalente das relações existentes entre o feto e a placenta; mais tarde, individualizando-se o ser gradualmente, surge o mesmo equivalente entre ele e os outros seres de seu ambiente que lhe são necessários por intermédio de suas mútuas reações afetivas.

No decurso de cada etapa, alteram-se as relações, e não devemos descurar a descoberta de sua unidade, apesar de sua complexidade crescente. Todavia, por que motivo e de que maneira ocorre esta sucessão da união orgânica para o feto, da união parasitária para o lactente e, mais tarde, da união gregária, sem falar nas subseqüentes? Durante o império de cada uma, há transformação manifesta ou latente. Sob a influência das possibilidades realizadas pelas seguintes, o equilíbrio se modifica e sua estrutura marcará o advento de um novo período. O presente estudo cuidou de apreender os sinais e o sentido das alterações preparadoras de uma etapa desses períodos, isto é, daquela que se inicia com as primeiras reações da personalidade.

ÍNDICE

Prólogo	5
Introdução — <i>O Problema do Caráter</i>	11

PRIMEIRA PARTE

O COMPORTAMENTO EMOCIONAL

Capítulo I — <i>As Premissas Psicofisiológicas da Vida Afetiva</i>	23
A. — As reações de origem interoceptiva	30
B. — As reações de origem proprioceptiva	36
C. — As reações de origem exteroceptiva	41
Capítulo II — <i>As Formas da Atividade de Relação. Automa-</i> <i>tismo e Representação</i>	48
Capítulo III — <i>Natureza das Emoções</i>	55
A. — O paradoxo das emoções	55
B. — A emoção primitiva. O riso e o choro	62
C. — O antagonismo das sensibilidades afetiva e per-	
ceptiva	67
D. — Significação psicobiológica das emoções	70
Capítulo IV — <i>As Emoções no Comportamento Humano</i> ...	75
A. — Antagonismo das emoções e do automatismo ...	75
B. — Antagonismo das emoções e da representação ...	78
C. — Passagem da emoção à atividade de relação e	
inversamente	81
D. — Consciência sincrética e reflexos condicionais na	
emoção	83
E. — A ação de tipo emocional	85
F. — A ação sobre outrem	87
Capítulo V — <i>A Expressão das Emoções e seus Fins Sociais</i>	89
Capítulo VI — <i>As Origens e as Formas da Emoção na Criança</i>	95
A. — Tono, espasmo e movimento	97
B. — Tono, sensibilidade afetiva e atividade de relação	100
C. — Tono e tipos de comportamento afetivo	105
Capítulo VII — <i>Estímulos Orgânicos e Diversidade das</i> <i>Emoções</i>	110
A. — Carícias e prazer	110
B. — Movimento e alegria	111
C. — Sensibilidade e reações de presença	111
D. — Excesso de estímulos e cólera	114
E. — Incertezas posturais e medo	117
F. — Emoções de desdobramento especular	123
Capítulo VIII — <i>Psiquismo e Tono</i>	125
A. — Os aspectos patológicos e experimentais do tono	127

B. — Os centros do tono	137
C. — Os automatismos	138
D. — A catatonía e as funções córtico-posturais	141
E. — O lugar das emoções entre os comportamentos afetivos	149

SEGUNDA PARTE

CONSCIÊNCIA E INDIVIDUALIZAÇÃO DO PRÓPRIO CORPO

Introdução — <i>Consciência Corporal e "Cenestesia"</i>	154
Capítulo I — <i>As Premissas Psicofisiológicas da Consciência Corporal</i>	160
A. — Sensibilidade interoceptiva	161
B. — Sensibilidade propioceptiva	164
C. — Primeiras reações do aparelho exteroceptivo	166
D. — O equilíbrio. Suas conexões motoras, sensoriais, mentais	167
Capítulo II — <i>Diferenciação e Progresso das Reações Exteroceptivas</i>	172
Capítulo III — <i>Diferenciação e Progresso das Reações Relativas ao Próprio Corpo</i>	179
Capítulo IV — <i>O Corpo Próprio e sua Imagem Exteroceptiva</i>	188
A. — Atitude dos animais diante do espelho	188
B. — A criança diante da imagem especular do outrem. Realismo das imagens e estágio de justaposição	191
C. — A criança diante de sua própria imagem especular. Do simbolismo progressivo das imagens e de sua redução ao real. Aparecimento do espaço supra-sensorial	195
Conclusão	202

TERCEIRA PARTE

A CONSCIÊNCIA DE SI

Capítulo I — <i>As Premissas Psicofisiológicas até os seis Meses</i>	205
Capítulo II — <i>Sociabilidade Sincrética</i>	213
Capítulo III — <i>Sincretismo Diferenciado: I. O Ciúme</i>	220
Capítulo IV — <i>Sincretismo Diferenciado: II. A Simpatia</i> ..	224
A. — Mimetismo afetivo e sociabilidade	225
B. — Plasticidade postural e formulação mental	228
C. — Do mimetismo afetivo às manifestações de simpatia ..	230
D. — Simpatia e representação	233
E. — Simpatia e linguagem	235
Capítulo V — <i>Estágio das Personalidades Permutáveis</i> ...	239
Capítulo VI — <i>A Crise de Personalidade (3 Anos). Afirmação do Eu e Objetividade</i>	245
CONCLUSÃO	252

Este livro foi composto e impresso na
EDITORA PENSAMENTO S/A.
Rua Domingos Paiva, 60 - São PAULO